

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/GO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SANDRA CÉLIA COELHO GOMES DA SILVA S. DE OLIVEIRA

**ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: REPRODUÇÃO SOCIAL DA  
FAMÍLIA E IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININA**

GOIÂNIA

2014

SANDRA CÉLIA COELHO GOMES DA SILVA S. DE OLIVEIRA

**ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: REPRODUÇÃO SOCIAL DA  
FAMÍLIA E IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Ciências da Religião.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Carolina Teles Lemos

GOIÂNIA  
2014

Dados Internacionais de Catalogação da Publicação (CIP)  
(Sistema de Bibliotecas PUC Goiás)

O48r Oliveira, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva S. de.  
Romaria do Bom Jesus da Lapa [manuscrito] : reprodução social da família e identidade de gênero feminina / Sandra Célia Coelho Gomes da Silva S. de Oliveira. – Goiânia, 2014.  
245 f. : il.; 30 cm.

Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião, 2014.

“Orientadora: Profa. Dra. Carolina Teles Lemos”.

Bibliografia.

1. Família. 3. Mulheres e religião. I. Título.

CDU 2-45(043)

TESE DO DOUTORADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO DEFENDIDA EM  
05 DE AGOSTO DE 2014 E APROVADA COM A NOTA 9,5 PELA BANCA  
EXAMINADORA

1. Dra. Carolina Teles Lemos /PUC Goiás (Presidente) ctt

2. Dr. Eduardo Gusmão de Quadros /PUC Goiás (Membro) Eduardo Gusmão de Quadros

3. Dra. Irene Dias de Oliveira /PUC Goiás (Membro) Irene Dias de Oliveira

4. Dra. Sueli Ribeiro Mota Souza /UNEB (Membro) Sueli Ribeiro Mota Souza

5. Dr. Paulo Cezar Martins /UNEB (Membro) Paulo Cezar Martins

*Dedico este trabalho aos meus pais: Allan Kardec Gomes da Silva (in memoriam) e Célia Coelho e a todas as mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa que participaram da pesquisa, dando-me força e apoio durante toda a minha peregrinação acadêmica. Sem vocês, romeiras, nada disso seria possível.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por me ter concedido, por meio de Sua bondade, o potencial de concretizar mais uma conquista em minha vida e colocar em meu caminho pessoas que me auxiliaram e apoiaram nesta jornada, estando dessa maneira ao meu lado constantemente.

Ao Senhor Bom Jesus da Lapa, por ser o meu objeto de estudo, que me iluminou nesta caminhada, fazendo com que eu pudesse entender o lugar da mulher no espaço da Romaria de Bom Jesus da Lapa.

À Professora Doutora Carolina Teles Lemos meu agradecimento especial, por suas observações, empenho e dedicação com que me orientou, tornando possível a realização desta Tese.

À coordenação e aos professores do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Aos colegas de curso, pela oportunidade em partilhar a convivência e dividir momentos tão preciosos das nossas vidas.

Aos colegas e amigos do curso: Rose, Margareth, José Alves, José Reinaldo, Clóvis, Danielle, Raimundo pelos esclarecimentos e contribuições de informações sem as quais a realização deste trabalho se tornaria mais árdua.

Ao casal amigo e irmão Antônio e Marta, que me acolheram durante esta caminhada.

Aos Colegas pesquisadores do Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação, Religião, Cultura e Saúde (GEPERCS). Especialmente, ao Prof. Paulo César Borges Martins e Krzysztof Dworak.

À minha família (meus irmãos, sobrinhos, primos e tios), que direta ou indiretamente colaborou comigo.

A minha prima Rosany, meu agradecimento especial, pelo apoio, dedicação e companheirismo que teve durante toda a caminhada.

A Dona Odezina, Dona Duzinha, Dona Lôra, romeiras fervorosas do Bom Jesus da Lapa, pelo apoio e dedicação em horas tão necessárias para mim, dando todos os seus relatos sobre sua vivência na romaria.

Às minhas amigas Maria Lúcia, Isabel Conceição e Cynara Adriana, eternas companheiras de luta, que tanto me auxiliaram nessa caminhada.

A Deusinha, amiga e irmã que encontrei aqui em Goiânia, que me acolheu e ajudou a superar a ausência da família.

À Professora Belma Gumes, que, com toda dedicação e profissionalismo, fez as revisões ortográficas deste trabalho.

A Norival Filho, que não mediu esforços para me auxiliar na formatação e diagramação desta tese.

Ao Pe Roque Silva (Reitor do Santuário de Bom Jesus da Lapa), ao Pe Cassimiro (administrador do Santuário de Bom Jesus da Lapa), à Irmã Helena, Irmã Lúcia (Central de Atendimento aos Romeiros), ao Irmão Ivanor (Rádio Bom Jesus). Sem o apoio e ajuda de vocês, em acreditar na seriedade e no comprometimento acadêmico deste estudo, nada disso seria possível.

À Direção na pessoa do Prof. Marcius de Almeida Gomes e do Prof. Osaná Macedo Reis, aos servidores, técnicos, professores e alunos do Departamento de Educação, Campus XII, Guanambi, e do Departamento de Ciências Humanas e Tecnológicas – Campus XVII, de Bom Jesus da Lapa, pelo apoio e compreensão nesse momento tão especial da minha carreira acadêmica.

Às romeiras do Brasil, especialmente às mulheres Romeiras do Bom Jesus da Lapa que participaram desta pesquisa, pela contribuição e enriquecimento dado a este trabalho, meu muito obrigada. Rogo ao Bom Jesus da Lapa que as fortaleça a cada dia em sua fé, para que possam continuar participando da Romaria do Bom Jesus da Lapa.

Meus agradecimentos se estendem também a todos/as que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção deste trabalho.

## Às Instituições:

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PPG) da Universidade do Estado da Bahia e Departamento de Educação – Campus XII, de Guanambi, por conceder a Bolsa de Apoio à Formação Docente (BOLSA PAC.)

Pontifícia Universidade Católica do Estado de Goiás – PUC / Programa de Pós- Graduação *Stricto Sensu* em Ciências da Religião.

Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias – Campus XVII – Da Universidade do Estado da Bahia.

Ao Santuário de Bom Jesus da Lapa.



## ***Romaria***

A Milton Campos

Os romeiros sobem a ladeira  
cheia de espinhos, cheia de pedras,  
sobem a ladeira que leva a Deus  
e vão deixando culpas no caminho

Os sinos tocam, chamam os romeiros  
Vinde lavar vossos pecados  
Já estamos, puro sino, obrigados  
Mas trazemos flores, prendas e rezas

No alto do morro chega a procissão  
Um leproso de opa empunha o estandarte  
as coxas das romeiras brincam no vento  
Os homens cantam, cantam sem parar.

Jesus no lenho expira magoado  
Faz tanto calor, há tanto algazarra  
Nos olhos do santo há sangue que escorre  
Ninguém não percebe, o dia é de festa

No adro da igreja há pinga, café  
imagens, fenômenos, baralhos, ciganos  
e um sol imenso que lambuza de ouro  
o pó das feridas e o pó das muletas

Meu Bom Jesus que tudo podes,  
humildemente te peço uma graça  
Sarai-me, Senhor, e não desta lepra,  
do amor que eu tenho e que ninguém me tem

Senhor, meu amo, dai-me dinheiro  
muito dinheiro, para eu comprar  
aquilo que é caro mas é gostoso  
e que na minha terra ninguém possui

Jesus meu Deus pregado na Cruz,  
me dá coragem pra eu matar  
um que me amola de dia e de noite  
e diz gracinhas a minha mulher .

Jesus, Jesus piedade de mim  
Ladrão eu sou mas não sou ruim não  
Por que me perseguem não posso dizer  
não quero ser preso, Jesus ó meu santo

Os romeiros pedem com os olhos

pedem com a boca, pedem com as mãos  
Jesus, já cansado de tanto pedido  
dorme sonhando com outra humanidade

Carlos Drummond de Andrade.

## RESUMO

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho Gomes da Silva S. de. Romaria do Bom Jesus da Lapa: reprodução social da família e identidade de gênero feminina. Goiânia: PUC/G, 2014.

Esta tese tem por objeto de estudo a mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa, enfatizando as relações de gênero, analisando o espaço da romaria como reprodução social do ideário de família patriarcal e de identidade de gênero feminina. O cenário da Pesquisa é a Romaria do Bom Jesus da Lapa, que se realiza há 323 anos, naquela cidade, localizada na região Oeste da Bahia. Os sujeitos da pesquisa são mulheres romeiras que se enquadram na faixa etária entre 50 e 70 anos de idade e participam, há mais de cinco anos consecutivos, da Romaria do Bom Jesus da Lapa, pertencentes a cinco Estados brasileiros (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo e Goiás) que registram um maior índice de participação nesse evento religioso. Utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, qualitativa, de campo e documental e na coleta de dados; aplicamos como técnica a observação participante e a entrevista semiestruturada. Esta tese tem por objetivo geral analisar como se articulam, no espaço do catolicismo popular, e mais particularmente no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, as mudanças socioculturais em curso na sociedade, as relações de gênero e a própria dinâmica do catolicismo. Dar-se-á ênfase aos impactos de tal articulação nas concepções e relações de gênero, ao interno da própria romaria e para além dela, nas relações cotidianas das mulheres em questão; à forma de inserção das mulheres nesse contexto, como as mulheres romeiras se situam (posicionam) em relação às mudanças socioculturais em curso, como as mulheres romeiras percebem o espaço da romaria, em relação ao seu cotidiano doméstico; ao desafio que se coloca aos referidos sujeitos, no sentido de que elas em alguns momentos se aproximam ou se distanciam da identidade de gênero oriunda da sociedade patriarcal, onde a submissão da mulher ao homem é uma característica determinante. A partir das falas das romeiras entrevistadas e dos aportes teóricos utilizados, concluímos que a Romaria do Bom Jesus da Lapa é um espaço de reprodução social da família e a identidade de gênero feminina, observando-se um contraste na resignificação do papel e no perfil da mulher romeira do Bom Jesus da Lapa, alternando entre a permanência e a transformação da identidade de gênero oriunda do patriarcalismo.

Palavras-chave: Romaria, Bom Jesus da Lapa, reprodução social, família, identidade de gênero feminina.

## ABSTRACT

OLIVEIRA, Sandra Coelho Celia Gomes da Silva S. de Pilgrimage of Bom Jesus da Lapa: the social reproduction of the family and identity of the female gender. Goiania: PUC / G, 2014.

This thesis is a study about women in the Pilgrimage of Bom Jesus da Lapa, emphasizing gender relations, analyzing the space of the pilgrimage as a social reproduction of the ideology of the patriarchal family and of the female gender identity. The research environment is the Pilgrimage of Bom Jesus da Lapa, which has been held for 323 years in that city, located in the western region of Bahia. The subjects in the research are pilgrim women who fall in an age group of between 50 and 70 years-old and have been participating in the Pilgrimage for more than five consecutive years; they are from five Brazilian states (Bahia, Minas Gerais, São Paulo, Espírito Santo and Goiás) that report a higher rate of participation in this religious event. We utilized as our research methodology the bibliographical, qualitative, fieldwork and documentary research, and the collection of data; our technique was participant observation and semi-structured interviews. This thesis has as its general objective to analyze how to articulate, within the area of popular Catholicism, and more particularly in the Pilgrimage of Bom Jesus da Lapa, socio-cultural changes occurring in society, gender relations and the dynamics of Catholicism. Emphasis will be given to the impacts of such articulation on the conceptualization of gender relations, to the core of the pilgrimage itself and beyond, to the everyday relationships of the women concerned; to the form of the inclusion of women in this context, how the pilgrim women are situated (are positioned), in relation to socio-cultural changes in progress, how pilgrim women understand the space of the pilgrimage, in relation to their daily domestic life, to the challenges faced by these subjects, in the sense that, at times, they approach or move away from gender identity, derived from patriarchal society, where the submission of women to men is a key feature. Based on the results of the interviews of the pilgrim women and on the theoretical framework as references, we concluded that the Pilgrimage of Bom Jesus da Lapa is a space for the social reproduction of the family and of the female gender identity, where a contrast is observed in the reframing of the role of and in the profile of the pilgrim women of Bom Jesus da Lapa, alternating between permanence and transformation of the gender identity arising from patriarchy.

Keywords: Pilgrimage, Bom Jesus da Lapa, social reproduction, family, female gender identity.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<u>FIGURA Nº 1: Romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa</u> .....	29
<u>FIGURA Nº 2: Mapa do Brasil/localização Bom Jesus da Lapa</u> .....	31
<u>FIGURA Nº 3: Santuário de Bom Jesus da Lapa</u> .....	31
<u>FIGURA Nº 4: Parte interna da gruta do Bom Jesus da Lapa</u> .....	33
<u>FIGURA Nº 5: Subida ao morro do Bom Jesus da Lapa</u> .....	35
<u>FIGURA Nº 6: Procissão do Bom Jesus da Lapa</u> .....	38
<u>FIGURA Nº 7: Pedra do sino</u> .....	56
<u>FIGURA Nº 8: Velas, fitinhas e terço</u> .....	59
<u>FIGURA Nº 9: A festa de encerramento da Romaria do Bom Jesus da Lapa</u> .....	61
<u>FIGURA Nº 10: Romeiras do Bom Jesus da Lapa</u> .....	79
<u>FIGURA Nº 11: Romeiras do Bom Jesus da Lapa rezando</u> .....	83
<u>FIGURA Nº 12: Expressão de fé/ romeira beijando a imagem do Bom Jesus</u> .....	85
<u>FIGURA Nº 13: A participação da mulher na romaria</u> .....	95
<u>FIGURA Nº 14: Romeira pagando promessa</u> .....	102
<u>FIGURA Nº 15: Fé e devoção da mulher romeira</u> .....	106
<u>FIGURA Nº 16: Caminhão pau de arara</u> .....	120
<u>FIGURA Nº 17: Mulher romeira preparando comida</u> .....	127
<u>FIGURA Nº 18: Reunião com as coordenadoras de romaria</u> .....	129
<u>FIGURA Nº 19: Mulher romeira confessando-se</u> .....	130
<u>FIGURA Nº 20: Família nuclear/família espiritual</u> .....	153
<u>FIGURA Nº 21: Quatro gerações da família nuclear</u> .....	158
<u>FIGURA Nº 22: Oratório familiar</u> .....	160
<u>FIGURA Nº 23: Participação da Família na Romaria do Bom Jesus da Lapa</u> .....	163
<u>FIGURA Nº 24: Família nuclear extensa</u> .....	165
<u>FIGURA Nº 25: Rancharia – alojamento dos romeiros</u> .....	168
<u>FIGURA Nº 26: Casas de famílias que hospedam romeiros</u> .....	170
<u>FIGURA Nº 27: Romeiras cuidando dos afazeres domésticos</u> .....	174
<u>FIGURA Nº 28: Filha e mãe pagando promessa</u> .....	183
<u>FIGURA Nº 29: Homens descansando dentro da gruta de Bom Jesus</u> .....	191
<u>FIGURA Nº 30: Mãe e filho participando da romaria do Bom Jesus da Lapa</u> .....	195
<u>FIGURA Nº 31: Família espiritual/mulheres participando sozinhas da romaria do Bom Jesus da Lapa</u> .....	199

## LISTA DE ANEXOS

<u>ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética</u> .....	230
<u>ANEXO B – Roteiro de Entrevista</u> .....	232
<u>ANEXO C – Relatório dos trabalhos realizados no atendimento aos coordenadores de romaria 2010.</u> .....	234
<u>ANEXO D – Relatório dos trabalhos realizados no atendimento aos coordenadores de romaria 2011.</u> .....	236
<u>ANEXO E – Relatório dos trabalhos realizados no atendimento aos coordenadores de romaria 2012</u> .....	241

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

RB – Romeira da Bahia

RMG – Romeira de Minas Gerais

RMSP – Romeira de São Paulo

RES – Romeira do Espírito Santo

RGO – Romeira de Goiás

CRMG – Coordenadora de Romaria de Minas Gerais

CRB – Coordenadora de Romaria da Bahia

## SUMÁRIO

<b>RESUMO.....</b>	<b>9</b>
<b>ABSTRACT.....</b>	<b>10</b>
<b>LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....</b>	<b>11</b>
<b>LISTA DE ANEXOS.....</b>	<b>12</b>
<b>LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>17</b>
<b>1 O ESPAÇO DA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: PRÁTICA DE DEVOÇÃO DO CATOLICISMO POPULAR.....</b>	<b>26</b>
1.1 A ROMARIA DE BOM JESUS DA LAPA.....	28
1.1.1 Situando a romaria no espaço geográfico.....	30
1.1.2 As modalidades de romaria em Bom Jesus da Lapa.....	36
1.1.3 O surgimento do centro de peregrinação no alto Sertão da Bahia.....	40
1.1.4 Participação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa: prática da fé e/ou turismo religioso.....	42
1.1.5 Bom Jesus da Lapa na perspectiva dos/as romeiros/as.....	45
1.2 SITUANDO A ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA NO ÂMBITO DO CATOLICISMO POPULAR.....	48
1.2.1 O catolicismo popular como expressão cultural.....	48
1.2.2 Os mitos, ritos e símbolos presentes na Romaria do Bom Jesus da Lapa.....	54
1.2.3 Da reza à festa: é tempo de romaria.....	60
1.3 A PEREGRINAÇÃO COMO UM FATO OBSERVÁVEL.....	69
1.3.1 A romaria como espaço de encontro com o sagrado.....	70
1.3.2 A romaria como espaço inter-relacional.....	73
1.3.3 A romaria do Bom Jesus da Lapa como um espaço do encontro com a diversidade religiosa.....	75
<b>2 A MULHER NO ESPAÇO DA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININA.....</b>	<b>78</b>



2.1	A MULHER ROMEIRA DO BOM JESUS DA LAPA.....	79
2.2	A ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA A PARTIR DA QUESTÃO DE GÊNERO.....	85
2.2.1	O sistema patriarcal: fundamento das sociedades ocidentais.....	87
2.2.2	A questão de gênero e a identidade de gênero na sociedade patriarcal.....	92
2.2.3	Contextualizando a Romaria do Bom Jesus da Lapa com a questão de gênero.....	94
2.2.4	A Romaria do Bom Jesus da Lapa: Prática da fé popular das mulheres romeiras.....	102
2.2.5	A Romaria do Bom Jesus da Lapa como fator de transformação da mulher.....	107
2.2.6	O perfil das mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa.....	110
2.3	A ROMARIA: DA PREPARAÇÃO À VIAGEM.....	114
2.3.1	Motivação das mulheres romeiras para visitar o Bom Jesus.....	115
2.3.2	Organização da Romaria: momento de fé e alegria.....	117
2.3.3	A viagem para Bom Jesus da Lapa: espaço de partilha e sociabilidade.....	119
2.4	A DIVISÃO DE PAPÉIS NO COTIDIANO DA MULHER NA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA.....	123
2.4.1	O cotidiano da mulher romeira no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa.....	125
2.4.2	Coordenadora de Romaria: o empoderamento da mulher.....	131
2.5	A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA PERPETUAÇÃO DA TRADIÇÃO DA ROMARIA DE BOM JESUS DA LAPA.....	140
2.5.1	Aspectos geracionais da perpetuação da tradição na Romaria do Bom Jesus da Lapa.....	140
2.5.2	Sonhos e perspectivas do futuro da mulher na Romaria de Bom Jesus da Lapa.....	142
<b>3</b>	<b>A FAMÍLIA NA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA.....</b>	<b>145</b>
3.1	A FAMÍLIA NA ROMARIA: PONTOS E CONTRAPONTOS.....	147
3.1.1	Religião e família na atualidade.....	154

3.1.2	Bom Jesus da Lapa, o protetor das famílias: a religião na família.....	157
3.2	A ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: EXEMPLO DE UMA GRANDE FAMÍLIA.....	162
3.2.1	Perfil das famílias que participam da romaria do Bom Jesus da Lapa.....	165
3.2.2	A família como elemento de motivação da participação da mulher na romaria.....	175
3.2.3	A romaria como espaço educativo para a família.....	179
3.3	OS ESPAÇOS OCUPADOS PELA MULHER NA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: DA FAMÍLIA (PRIVADO) À ROMARIA (PÚBLICO).....	185
3.3.1	O papel da mulher romeira do Bom Jesus da Lapa na família.....	189
3.3.2	A relação da mulher com a família, em sua participação na romaria de Bom Jesus da Lapa.....	193
3.3.3	A romaria do Bom Jesus da Lapa como fator emancipatório da mulher dentro e fora da família.....	197
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>204</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>209</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>230</b>

## INTRODUÇÃO

*“A igreja da Lapa,  
foi feita de pedra e luz.  
Vamos todos visitar  
Meu Senhor Bom Jesus!”<sup>1</sup>*

O estudo das romarias como fenômeno religioso, presente na sociedade brasileira, apresenta-se como uma rica possibilidade de investigação, não só no que concerne à pesquisa etnográfica, antropológica, mas como um conjunto plural que compreende as transformações socioeconômicas e culturais. As possibilidades de permanências e transformações que surgem a partir de tensões e contradições na concepção desse fenômeno religioso; as persistências culturais relacionadas à dimensão ritual, proporcionando o ressignificar de tradições e as apropriações do fenômeno por diversos agentes situados dentro e fora do campo religioso são aspectos que garantem reflexões, análises e discussões promissoras.

As pessoas que participam da romaria são denominadas de romeiros ou peregrinos. Adotaremos aqui somente o termo romeiro, referindo-nos à pessoa que, imbuída pela fé e devoção, caminha ao encontro do sagrado, movendo-se e fazendo mover a história. O simples fato de ir ao encontro do sagrado contribui para abrir novas possibilidades e horizontes de vida, frente a tantas dificuldades vivenciadas no percurso entre a casa e o Santuário. No caminho, um passo após o outro, num cotidiano que não poupa sofrimento, mas que também reforça a fé. Muitas possibilidades se abrem quando o romeiro se coloca em marcha, rompendo no curso da história.

Temos por pressuposto que a romaria não deve ser considerada uma “sobrevivência” do catolicismo popular e sim uma de suas múltiplas formas de manifestação. Esse evento religioso tem sido visto como um espaço onde competem discursos seculares a partir da heterogeneidade essencial de que se revestem em contextos culturais específicos. No Brasil, essas manifestações religiosas se fazem presentes na atualidade, acontecendo em Santuários e centros de devoção, tais como: Aparecida do Norte (SP), Trindade (GO), Pe Cícero (CE), Círio de Nazaré (PA), Senhor Bom Jesus da Lapa (BA) e tantos outros. Percebe-se que a romaria é uma gigantesca congregação de fiéis, em que se destaca uma forte presença das mulheres, sendo a maioria delas idosas. Partindo desse pressuposto, consideramos

---

<sup>1</sup> Estrofe do Hino dos romeiros de Bom Jesus da Lapa.

a romaria como uma prática que engloba a dinâmica do catolicismo popular, que, sem perder a sua especificidade, se ressignifica ao longo dos tempos.

As históricas peregrinações a lugares sagrados constitui um fator essencial para a formação e crescimento urbano dos lugares conhecidos como cidades-santuários. O cenário ilustrado nesta tese é a cidade de Bom Jesus da Lapa, que se situa na região do Médio São Francisco, no Oeste da Bahia, distando aproximadamente 796 quilômetros da capital baiana. A cidade surgiu e cresceu a partir do fluxo de romeiros que visitam periodicamente a gruta do Bom Jesus, os quais contribuíram, com suas práticas devocionais, para a consolidação de um fenômeno religioso expressivo, no alto sertão baiano. Fatores como: o turismo, o comércio religioso, a romaria e sua localização geográfica são elementos responsáveis por transformar aquela cidade em um importante centro regional de devotos, a partir do fluxo de romeiros. Pode-se identificar três grandes romarias em Bom Jesus da Lapa: a da Terra e das Águas; a do Bom Jesus da Lapa e a da Soledade, que acontecem anualmente no período compreendido de julho a setembro. Cada uma dessas romarias tem características próprias e fiéis específicos. As novenas começam no dia 28 de julho e têm seu ápice no dia 6 de agosto, consagrado ao padroeiro (Bom Jesus da Lapa). Neste ano, a festa completa 323 anos de realização, sendo reafirmada e ressignificada cada vez mais pela fé do povo. Enfim, a Lapa é considerada a 'capital baiana da fé'.

A Romaria de Bom Jesus da Lapa tem despertado o interesse dos pesquisadores por retratar a fé do sertanejo em sua essência mística e litúrgica. As festas do Bom Jesus, como uma manifestação da tradição cultural, mantêm-se praticamente inalteradas na sua forma ritual. As visitas que ali acontecem todos os anos não apresentam riscos às suas características originais. Contudo, existem transformações bastante visíveis, como é o caso do papel desempenhado pela mulher nesse contexto. Isso aguçou nosso interesse em pesquisar como se dá a participação das mulheres na Romaria do Bom Jesus da Lapa, uma das grandes manifestações religiosas de nosso País.

O que nos levou a este estudo foi uma inquietação pessoal que surgiu durante a pesquisa de campo para o mestrado<sup>2</sup>, no qual analisamos a *Romaria*:

---

<sup>2</sup> OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de: *Romarias: um espaço de interação entre a tradição e a modernidade*, 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia - GO.

*como espaço de interação entre a tradição e a modernidade.* Naquela ocasião, foi possível percebermos que as mulheres fazem do espaço da Romaria uma extensão do lar, dividindo seu cotidiano entre as atividades religiosas e as domésticas. Isso nos despertou o interesse de continuar estudando o tema no âmbito da academia. Esta tese, portanto, é fruto de uma paixão advinda das observações feitas sobre a originalidade e simplicidade da fé daquelas mulheres que, na aparente fragilidade de suas várias formas de manifestações religiosas, lutam pela sobrevivência e pela manutenção da tradição, através de uma identidade de gênero feminina, que em alguns momentos se aproxima e em outros se distancia do sistema patriarcal, base de nossa sociedade atual. Tais fatos constituíram, portanto, as razões que nos levaram a dar continuidade ao estudo da Romaria de Bom Jesus da Lapa, fazendo um recorte sobre as questões de gênero visto que, naquele espaço, é perceptível uma presença majoritária de mulheres.

Uma vez decidido o tema a ser pesquisado, elaboramos o projeto que foi apreciado pela nossa orientadora, professora Dra. Carolina Teles Lemos. Após os ajustes necessários, encaminhamos o projeto ao Comitê de Ética da PUC-Goiás, encontrando-se disponível na Plataforma Brasil, cujo parecer de aprovação consta no ANEXO A, na parte de anexos, desta tese. A princípio apresentamos como tema a Romaria do Bom Jesus da Lapa: um espaço de (re)construção da identidade de gênero feminina. Após o tratamento dos dados da pesquisa e da análise desses dados, percebemos, pelos depoimentos das mulheres romeiras entrevistadas, que, naquele espaço, não existiam elementos de reconstrução da identidade de gênero feminina e sim de manutenção da identidade de gênero feminina. Em decorrência disso tivemos que alterar o título do trabalho para a Romaria do Bom Jesus da Lapa: um espaço de manutenção da identidade de gênero feminina.

Após a elaboração textual, cruzando os dados da pesquisa de campo com os fichamentos elaborados durante a pesquisa bibliográfica e documental, submetemos nossa proposta à apreciação da banca de qualificação. A partir das oportunas contribuições dos examinadores, procurando acatar o máximo possível as sugestões dadas, chegamos à conclusão, com a assistência de nossa orientadora, de que, naquele espaço, em alguns momentos, havia uma manutenção da identidade de gênero e em outros momentos essa questão não era visível. Em razão disso, finalmente definimos pelo seguinte título: A Romaria do Bom Jesus da Lapa: reprodução social da família e identidade de gênero feminina.

Considerando as constantes transformações na sociedade contemporânea que têm afetado o comportamento do homem e da mulher, envolvendo questões de ordem sociocultural, nas relações de gênero, principalmente no que se refere ao lugar que a mulher ocupa na família e na sociedade, definimos o seguinte objeto de estudo: O lugar da mulher na romaria do Bom Jesus da Lapa, a partir da perspectiva das relações de gênero, aqui entendido como um construto sociocultural que se ressignifica ao longo do tempo. Temos por objetivo geral analisar como se articulam, no espaço do catolicismo popular, e, mais especificamente, no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, as mudanças socioculturais em curso na sociedade, as relações de gênero e a própria dinâmica do catolicismo popular. Enfatizaremos os impactos de tal articulação nas concepções e relações de gênero, ao interno da própria romaria e para além dela, nas relações cotidianas das mulheres em questão. Como objetivos específicos, buscamos analisar como as mulheres romeiras se posicionam em relação às mudanças socioculturais em curso; como se dá a percepção do espaço da romaria pelas mulheres romeiras, em relação ao seu cotidiano doméstico (mundo da casa, relação com os filhos e com os maridos, quando houver) e se elas estabelecem alguma relação entre uma possível reconstrução ou manutenção de suas identidades de gênero e o fato de serem romeiras.

No espaço das romarias as mulheres realizam as mais diversas funções, como: mães, esposas, donas de casa, vendedoras, coordenadoras de romarias, missionárias, ministras da eucaristia, dentre outras. Enfim, desempenham funções ligadas à casa, ao trabalho e ao Santuário. Tanto as funções realizadas pelas mulheres, como os espaços por elas ocupados, no acontecer da romaria, evidenciam uma identidade de gênero feminina, com traços característicos que se aproximam ou se distanciam do patriarcado, em que às mulheres cabe um lugar subordinado, no que tange às tomadas de decisões e na ocupação de espaços, cujo *status* é melhor reconhecido nas hierarquias de gênero. No entanto, o simples fato de as mulheres saírem de casa, realizarem atividades significativas, no decorrer da romaria, e ocuparem espaços de reconhecimento social (ainda que subordinadas aos homens), pode trazer para essas mulheres informações que as levem a questionar o lugar e os significados conferidos a esse lugar por elas ocupado na romaria e em suas vidas particulares. A tomada de consciência desses significados

pode refletir-se na identidade de gênero dessas mulheres e nas relações de gênero tanto ao interno da romaria quanto nas relações cotidianas para além dela.

Nossa sociedade passa por intensas mudanças socioculturais, neste mundo cada vez mais globalizado, em que também se globalizam estilos, usos e costumes de vida, afetando também a religião. Dentro dessa perspectiva, percebemos algumas modificações nas formas de ser homem ou mulher e nos papéis que desempenham nesse contexto de mudanças. Esses aspectos emergem no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, cujas alterações surgem lentamente, à medida que o tempo passa. No entanto, os papéis desempenhados pelas mulheres na romaria, mesmo com as transformações ocorridas, mantiveram-se praticamente inalterados. Apenas em alguns casos sofreram adaptações. Todas essas questões referentes à identidade de gênero feminina foram por nós constatadas através de observações realizadas durante nossa pesquisa para o mestrado, quando então percebemos que a maioria das pessoas que frequentam a romaria do Bom Jesus da Lapa são mulheres e são idosas.

Considerando, portanto, que a sociedade atual passa por significativas mudanças socioculturais, dentre as quais aquelas ligadas às identidades de gênero femininas, defendemos a seguinte hipótese: as relações entre o homem e a mulher nesse contexto são imbricadas pelos aspectos culturais próprios de uma sociedade patriarcal, onde o papel da mulher ainda é considerado inferior ao do homem. Entende-se que o papel da mulher tenha se alterado na sociedade brasileira e que, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, a participação da mulher se dá de forma diversificada, apresentando alguns traços que em alguns casos se aproximam e em outros se distanciam do patriarcalismo. Na permeação entre o espaço privado (a família) e o espaço público (igreja), elas exercem suas atividades através das quais se sentem emancipadas, o que as leva a se distanciarem do patriarcalismo e até mesmo, em certos casos, a questionarem-no.

Para comprovação dessa hipótese, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, qualitativa, de campo e documental. Na pesquisa bibliográfica, visitamos diversos autores que abordam os temas referentes à romaria, catolicismo popular, gênero e família. Devido a nossa tese se situar no âmbito das Ciências da Religião, as reflexões sobre a Romaria de Bom Jesus da Lapa, a partir dos dados coletados em nossa pesquisa empírica, são de cunho socioantropológico, com um recorte para as relações de identidade de gênero feminina, buscando analisar o

conjunto da romaria, dos sujeitos dela participantes, ou seja, as mulheres, no contexto da casa, do trabalho e do santuário, bem como toda sua dinâmica nesse espaço. Na pesquisa documental, fizemos uso de documentos que subsidiaram o nosso critério de escolha dos sujeitos da pesquisa, e, através da pesquisa qualitativa de campo, foi possível chegarmos a uma compreensão satisfatória sobre as relações de gênero, no âmbito da referida romaria. Adotamos como técnica para a coleta de dados a observação participante e a entrevista semiestruturada (ANEXO B). Esse recurso metodológico foi escolhido por melhor subsidiar o nosso objeto em estudo.

Na análise de dados da pesquisa de campo, constatamos que a participação das mulheres na Romaria se dá sob duas modalidades: a de romeiras (que denominaremos de romeiras comuns) e a de coordenadoras de romarias, que realizam atividades diversas que atendem à especificidade da função que ocupam, no período em que estão em Bom Jesus da Lapa. Na análise sobre a identidade de gênero, tomando por base a categoria "patriarcal", situaremos as mulheres romeiras em quatro subcategorias: 1) romeira comum mais próxima do patriarcado; 2) romeira comum mais distante, que questiona o patriarcado; 3) coordenadora de romaria mais próxima do patriarcado; e 4) coordenadora de romaria mais distante, que questiona o patriarcado.

Como critério na definição do campo investigativo para a coleta de dados, optamos pela cidade de Bom Jesus da Lapa, no período da Romaria (julho/agosto) de 2012. Os sujeitos da pesquisa foram escolhidos através da análise do relatório dos trabalhos realizados no atendimento aos coordenadores de romaria (ANEXOS: C, D e E), relatório que consta no livro de registro de romarias do Santuário de Bom Jesus da Lapa, onde verificamos que os Estados da Bahia (BA), Minas Gerais (MG), Espírito Santo (ES), São Paulo (SP) e Goiás (GO) são os que mais fornecem participantes à romaria. Identificadas durante a romaria do Bom Jesus da Lapa, escolhemos duas mulheres de cada um desses Estados, num total de 10 entrevistadas, que vêm participando daquela romaria há pelo menos cinco anos ininterruptos, além de se situarem na faixa etária entre 50 e 70 anos. Isso no primeiro momento, para uma análise prévia. Num segundo momento, foram definidos os dois Estados que mais têm incidência de romeiras que frequentam a Romaria. Nesse caso, o Estado de Minas Gerais, mais especificamente a região



Norte, e o Estado da Bahia, na região do Sul, foram os que mais registraram presença na romaria.

Entrevistamos uma mulher coordenadora de romaria e uma romeira de cada Estado. Como forma de identificar essas mulheres, no decorrer do estudo, utilizaremos siglas concernentes à categoria e ao Estado a que pertencem, tais como: Coordenadora de Romaria do Estado de Minas Gerais (CRMG), Coordenadora de Romaria do Estado da Bahia (CRB), e com as romeiras utilizamos: Romeira do Estado de Minas Gerais (RMG), Romeira do Estado da Bahia (RMB). Esse mesmo critério foi usado para com as demais romeiras dos outros Estados que constam desta pesquisa. Ainda como critério de escolha, consideramos duas variáveis: idade e tempo, bem como a disponibilidade e interesse das romeiras em contribuir com esta pesquisa.

Com relação ao tempo de participação, ressaltamos o período de cinco anos, que permite verificar possíveis mudanças entre as entrevistadas, concernentes aos aspectos que se mantiveram e foram constituídos, no decorrer do tempo, sobre o lugar que elas ocupam na romaria do Bom Jesus da Lapa, bem como aqueles aspectos que se mantiveram e se mantêm, dada a força da tradição, no que se refere à presença da mulher na romaria do Bom Jesus da Lapa e para além dela. Quanto à idade, limitamo-nos a entrevistar mulheres entre 50 e 70 anos, por entendermos que a experiência de vida delas possa refletir-se na sua identidade de gênero, no tocante ao espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa.

Para alcançar a originalidade das falas das romeiras entrevistadas, tivemos o cuidado de escolher o procedimento mais adequado a fim de decodificar o material, sem perder de vista os objetivos desta pesquisa. Começamos pela transcrição, uma primeira versão escrita da fala do entrevistado. Os passos dados no tratamento dos dados utilizados nesta pesquisa se encontram a seguir relacionados:

- 1) Leitura da entrevista num contexto geral, possibilitando uma visão do todo e do seu teor;
- 2) Tratamento dos dados e levantamento das palavras-chave;
- 3) Identificação da ocorrência de palavras repetidas e contagem delas, para definição da estrutura da tese (capítulos e subcapítulos);
- 4) Aprofundamento do estudo com análise dos dados (ideias e palavras repetidas);

- 5) Análise, sob aporte metodológico e teórico, das palavras-chave, encontradas a partir das entrevistas;
- 6) Contextualização entre as falas dos entrevistados e os teóricos estudados, pontuando aproximações e distanciamento.

Em todas as proposições desta pesquisa, atentamos para o fato de não deixar dados relevantes de fora, bem como não agregar informações excedentes, que viessem a saturar o texto. Devido à flexibilidade metodológica que existe de uma instituição a outra, consideramos oportuno pontuar que procuramos enquadrar toda a estrutura desta tese em conformidade com as normas técnicas constantes no modelo adotado pela PUC-Goiás, que compõem a obra *Trabalhos Acadêmicos: Modelos, Normas e Conteúdos*, de autoria de Ivoni Richter Reimer, edição 2012, com publicação da Oikos Editora.

Tendo como aporte teórico os estudiosos da ciência da religião, da sociologia, da antropologia, da história, da geografia, dentre outras disciplinas afins, realizamos a análise dos dados, através do detalhamento das entrevistas de campo, buscando compreender a romaria do Bom Jesus da Lapa como espaço da identidade de gênero feminino, focando o lugar que a mulher ocupa na Romaria do Bom Jesus da Lapa. As conclusões provisórias foram construídas a partir da análise dos dados coletados e nas fontes documentais, fazendo um entrelaçamento com o pensamento dos autores, por nós evidenciados, quando de nossa pesquisa bibliográfica, buscando, assim, afirmar a importância da interdisciplinaridade, para a compreensão do fenômeno em estudo. A nossa tese está estruturada da seguinte forma: introdução, três capítulos e a conclusão.

O primeiro capítulo, intitulado “O espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa: prática de devoção do catolicismo popular”, tem como objetivo apresentar o universo da pesquisa e a origem da Romaria do Bom Jesus da Lapa, situando-a como uma das manifestações do catolicismo popular, enfatizando a peregrinação<sup>3</sup> como um fato observável. O segundo capítulo, que tem por título: “A mulher no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa: identidade de gênero feminina”, tem por objetivo específico apresentar as romeiras, evidenciando a relação de gênero existente no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, apresentando ainda o lugar

---

<sup>3</sup> A peregrinação pressupõe a realidade do caminho e a decisão de percorrê-lo, mas é por sua vez um “deslocamento no espaço e no tempo, progressão dentro de si mesmo, o itinerário do peregrino é uma metáfora da vida profana e o que dá sentido a essa vida” (AMEIGEIRAS, 2000, p.124 -125).

da mulher naquele evento religioso. Nesse capítulo enfatizaremos três aspectos da mulher naquela romaria: o perfil das mulheres, a preparação e o cotidiano. Por fim, o terceiro capítulo, intitulado: “A família na romaria do Bom Jesus da Lapa”, busca apresentar o perfil da família na romaria de Bom Jesus da Lapa, descrevendo a romaria como uma grande família, bem como os diversos papéis desempenhados pela mulher no espaço da romaria, no âmbito da família e para além dela.

Estudar as romarias possibilita uma análise que incorpora, além do religioso, o aspecto cultural, marcado por tensões e contradições vivenciadas pelos agentes envolvidos, neste caso, os romeiros. As ressignificações desse evento religioso, adaptadas ao novo, possibilitaram às romeiras do Bom Jesus da Lapa uma nova forma de relacionamento. No caso de romeiras e coordenadoras de romaria, mesmo com suas especificidades de papéis desempenhados neste contexto, num dado momento tais papéis se confundem. As mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa tem a fé como elemento primordial de participação na romaria, assim como a viagem, a permanência e principalmente a transferência de sua casa e do cotidiano de sua família para aquele espaço, fazendo com que se perceba a identidade de gênero feminina que em alguns momentos se aproxima, ou se distancia da sociedade patriarcal, determinando o lugar da mulher na romaria do Bom Jesus da Lapa.

Por termos conhecimento da dimensão, profundidade e especificidade e ainda de poucos estudos do nosso objeto de pesquisa, reconhecemos que ele possa apresentar abstrações e incompletudes, mas nossa intenção é provocar e instigar reflexões sobre a temática proposta. Dessa forma, esperamos contribuir com a reflexão e os debates conceituais sobre a identidade de gênero feminina, na romaria do Bom Jesus da Lapa, apontando alguns desafios para futuras pesquisas.

## 1 O ESPAÇO DA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: PRÁTICA DE DEVOÇÃO DO CATOLICISMO POPULAR

*“[...] Já vai saindo a romaria de paz  
Já vai saindo a romaria do amor  
Senhor Bom Jesus da Lapa  
Ele é o nosso Salvador”<sup>4</sup>*

Originárias de Portugal, as romarias foram introduzidas no Brasil pelos portugueses à época da colonização, tendo por finalidade exprimir a fé do povo e reverenciar o santo cultuado. Naquele tempo, tinha-se como prática o ato de pedir uma graça fazendo uma promessa ao santo. Quando a promessa era atendida, o devoto ia até o santo para agradecer o benefício recebido. Ou seja, tratava-se de um pacto celebrado entre os devotos e o santo. Dessa forma visitava-se o santo “tanto para pedir favores como para agradecer benefícios recebidos mediante sua proteção” (AZZI, 1978, p. 54). Originárias, portanto, da época da colonização, perdurando até os dias atuais, as romarias mantêm uma tradição. Os principais santuários<sup>5</sup> de peregrinação religiosa em nosso país datam de longos períodos, desde a colonização. O Santuário de Bom Jesus da Lapa tem 323 anos de existência.

Oliveira (2008) define “romaria” como peregrinação de caráter religioso que reforça o ato de peregrinar, ou seja, andar por terras distantes, ir a lugares santos ou de devoção. Segundo Scarano (2004), a palavra romaria está relacionada ao catolicismo e correlacionada a Roma, centro da Igreja, local de peregrinação desde os primórdios, quando os cristãos para lá se dirigiam em busca de perdão para os pecados cometidos, ou em busca de graças. Com efeito, na língua portuguesa ‘romaria’ significa, literalmente, *ida a Roma*. É sinônimo de *peregrinação*, indicando a migração religiosa, não obrigatória, de pessoas para um lugar sagrado, de elevada importância, por motivos religiosos, de início, à Terra Santa; e com o passar de séculos, a outros lugares considerados santos, em reverência a um santo ou a uma santa, incluindo principalmente o túmulo dos Apóstolos Pedro e Paulo, em Roma (POEL, 2013, p. 916). Pierre Sanchis (2006) nos brinda com uma definição que mais se aproxima daquilo que acontece com a romaria do Bom Jesus da Lapa, ao definir

---

<sup>4</sup> A estrofe é do bendito cantado pelos romeiros, quando se dirigem a Bom Jesus da Lapa.

<sup>5</sup> Segundo Frozoni (2012), foram encontrados vinte e oito Santuários dedicados ao Bom Jesus, espalhados pelo território brasileiro, nos estados de Minas Gerais, Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Paraíba, Ceará e Bahia.

romaria como um caminhar muitas vezes penoso, doloroso até, em condições voluntariamente precárias, por isso demorada, mas cheia de encantos. Para o autor, a romaria é uma manifestação religiosa complexa, cultural e popular, ao encontro e à presença do santo, tendo como seu ápice a chegada a um Santuário.

Embora a romaria possa também ser entendida como peregrinação, optamos pelo uso do termo romaria, definindo aquele que dela participa não como peregrino, mas como romeiro. Com efeito, em nosso universo de pesquisa, as mulheres se autodenominam romeiras, como se vê nas falas a seguir:

Me considero uma romeira fervorosa. Porque a minha fé me leva aí eu me considero ser uma romeira. Eu não sou uma romeira igual às outras, Olha, alguns são diferentes, porque muitos vão pela fé, mas você sabe que tem os que vão, porque gostam só de passear. Mas eu vou pela minha fé, eu vou porque eu gosto de ir, pela minha fé e pelo Bom Jesus (RMG1).  
Considero uma romeira. Porque a fé move montanhas, eu sou uma romeira diferente, às vezes a gente pensa de um jeito e o outro pensa de outro, porque cada qual tem sua fé, sempre eu disse que ninguém troque a sua fé por outra fé porque a fé a gente tem que ter em Jesus Cristo porque tudo é dirigido por ele, a fé e o amor, se você ama, você vence e, se você não tem amor (RB1).

Além de se definirem como romeiras, essas mulheres explicam o porquê disso e se diferenciam, segundo elas, umas das outras, devido à sua fé, que elas enaltecem, como motivo de sua ida ao Santuário, algo que se repete todos os anos, perpetuando, assim, aquela prática devocional. Embora seja uma prática muito antiga, a romaria se faz presente na atualidade. Esse fenômeno tem grande expressão social, pois contribui para alterar os diversos contextos sociais em diversos aspectos, tais como: econômico, social, político e principalmente o cultural. Esses aspectos influenciam direta e indiretamente o desenvolvimento socioeconômico dos locais denominados sagrados.

Na contemporaneidade, as romarias movimentam milhares de pessoas (sendo a maioria mulheres), a cada ano, e, no caso do alto Sertão<sup>6</sup> da Bahia, essa questão não é diferente, pois a Romaria do Bom Jesus da Lapa leva milhares de

---

<sup>6</sup> Segundo Janaina Amado (1995), Sertão é também uma referência institucionalizada sobre espaço no Brasil: O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) designa oficialmente uma das subáreas nordestinas, árida e pobre, situada a oeste das duas outras, a saber: 'agreste' e 'zona da mata'. "De forma simplificada, pode-se afirmar, portanto que, às vésperas da independência, 'sertão ou certão, usada tanto no singular como no plural, constituía no Brasil noção difundida, carregada de significados. De modo geral, denotava 'terras sem fé', lei ou rei', áreas extensas afastadas do litoral, de natureza ainda indomada, habitada por índios 'selvagens' e animais bravios, sobre as quais as autoridades portuguesas, leigas ou religiosas, detinham pouca informação e controle insuficiente" (AMADO, 1995, p. 148).

devotos de várias partes do Brasil e de outras partes do mundo a peregrinarem por aquela região tão castigada pela seca.

As explanações a serem desenvolvidas nesta tese enfatizam a importância de investigar o catolicismo popular, através da Romaria do Bom Jesus da Lapa como espaço<sup>7</sup> de reprodução social da família e identidade de gênero feminina. Portanto, a temática proposta para este capítulo é a apresentação do espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, com sua dinâmica e estruturação, partindo das falas das mulheres romeiras entrevistadas, bem como dos conceitos de romaria, religião, cultura e catolicismo popular, que subsidiarão os demais capítulos.

### 1.1 A ROMARIA DE BOM JESUS DA LAPA

Consoante Micek (2006), a Romaria do Bom Jesus da Lapa é um fenômeno religioso que, além de reunir grande contingente de fiéis, apresenta um alcance espacial ilimitado no território brasileiro: os romeiros que participam do evento religioso se deslocam de vários municípios baianos e de outros Estados, sendo que a maioria deles vem de Minas Gerais, especialmente do Norte de Minas, e do Sul da Bahia. Enfim, na Romaria de Bom Jesus da Lapa, há uma interação entre diversos grupos de pessoas que dividem seu tempo entre as atividades religiosas e o cuidado com a família.

A figura abaixo demonstra uma multidão flutuante de romeiros e romeiras. São pessoas que vão àquela cidade por motivos turísticos e comerciais, ou como devotos/as do Bom Jesus, que se distinguem por suas particularidades. Caracterizam-se pelo chapéu<sup>8</sup> de palha revestido rusticamente de tecido branco e fitas coloridas. A mais comum é a de cor verde (conforme apresentado na figura nº

<sup>7</sup>O conceito de espaço mencionado neste estudo tem como parâmetro uma visão interdisciplinar. Na área de Geografia recorremos a Milton Santos (2004), fazendo um recorte para as ciências da religião. No que diz respeito ao Espaço Sagrado, temos a visão de Eliade (1972), que será desenvolvida no decorrer da análise. O espaço pode ser entendido como meio de se estabelecer sistema de conexões com as coisas e os objetos e suas inter-relações. Segundo Santos (2004, p. 63), “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório de sistema de objetos e sistema de ações, não consideradas isoladamente, mas com o quadro único no qual a história se dá”.

<sup>8</sup> O chapéu branco é um traço característico do romeiro e faz parte do seu perfil. Para alguns a fita verde é a “esperança que Deus deixou no mundo”, o forro branco, que cobre o chapéu, significa que “tudo que é do Bom Jesus é branco, a roupa dele é branca”. Para outros, prevalece o argumento da tradição: “Toda a vida, desde o começo do mundo, quem vem pra Lapa vem com o chapéu forrado” (STEIL, 1996, p.69). Sinal de diferenciação entre os romeiros dos outros visitantes. Não só na Lapa os romeiros têm como característica o uso do chapéu, na Romaria do Pe Cícero o chapéu também é utilizado, tanto é que tem a missa dos chapéus (FROZONI, 2012).

1), simbolizando a esperança. São pessoas bastante humildes que denotam pobreza indisfarçável. São, na sua maioria, mulheres, conforme já mencionado. Essas pessoas têm as seguintes características: são pequenos lavradores, chegando a um percentual de mais de 50%; outros são vaqueiros, pescadores, motoristas, donas de casa, caminhoneiros, pequenos comerciantes e aposentados. Em sua grande maioria, são pessoas que sofrem por ter pouca assistência médica e difíceis condições de vida.



FIGURA Nº1: Romeiros e romeiras do Bom Jesus da Lapa. - Fonte: A autora

Na observação de Castro (2004) e demonstrada pela ilustração acima, gente de vários lugares, de diversas raças, que geralmente pertencem às classes mais populares, se dirige anualmente a Bom Jesus da Lapa, em busca de paz, curas, pagamento de promessas e outros. Vindo das mais variadas formas, como em caminhões, ônibus, bicicletas e até mesmo a pé, essas pessoas transformam a cidade num verdadeiro canteiro religioso, de admiração em todo o mundo. Esse povo que vem a Bom Jesus da Lapa, não vem apenas pedir. Vem agradecer, reafirmar o seu compromisso com o sagrado: “Então a gente tem aquela fé no Bom Jesus e vem na romaria, a gente agradece e busca uma bênção pra passar um ano” (RES).

Numa perspectiva socioantropológica, a romaria torna-se objeto de estudo de suma importância dada sua relevância social na atualidade, principalmente como uma das principais manifestações do catolicismo popular, no campo religioso brasileiro. Ilustrando esse contexto, temos o Tricentenário da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Essa romaria expressa a fé do povo, sendo a maioria mulheres e idosas,

conforme dados da central de atendimento aos romeiros do Santuário de Bom Jesus da Lapa (apresentados através do relatório, nos anexos B, C e D). Na prática devocional ao Bom Jesus da Lapa, também e sobretudo na visita ao referido Santuário, as romeiras fazem seus pedidos e agradecem pelas graças alcançadas.

Para as romeiras de Bom Jesus da Lapa, a romaria<sup>9</sup> tem um significado todo especial, pois vão ali em busca de uma bênção para passar o ano ou a vida toda. Daí a importância de irem àquele Santuário todos os anos. É como se fosse um compromisso firmado com o santo. Uma romeira do Espírito Santo ilustra isso:

Fui criada dentro duma doutrina já, assim, estudando que até Nossa Senhora fez romaria para o templo de São. Então a gente tem aquela fé que, na romaria, a gente busca uma bênção pra passar um ano ou a vida toda com aquela bênção de Deus, desde pequena ando em romaria para Bom Jesus da Lapa, até hoje e vou continuar enquanto o Bom Jesus me der vida e saúde (RES2).

Dentro dessa perspectiva, apresentaremos a Lapa do Bom Jesus<sup>10</sup>, fazendo um breve recorte da sua memória e história, aprofundando um pouco mais as reflexões e análises, situando a romaria no espaço geográfico, com todas as suas características e especificidades.

### 1.1.1 Situando a romaria no espaço geográfico

A história de Bom Jesus da Lapa está diretamente ligada ao Santuário e à Romaria, fator principal que desencadeia o desenvolvimento local. Segundo Lucas Kocik (1987, p. 25), “o nome da Lapa procede da língua latina, mãe da portuguesa, deriva-se da palavra ‘lápiz’ que significa pedra”. É considerada como a “Meca dos sertanejos”, no livro *Os Sertões*, de Euclides da Cunha (1985, p. 375). Bom Jesus da Lapa é o mais celebrado dos santuários sertanejos de peregrinação popular, o que

<sup>9</sup> Segundo comentário de Frozoni (2012, p. 59-60), a respeito dos relatos de Steil sobre a romaria do Bom Jesus da Lapa, pequena porção dos romeiros diz estar “pagando uma promessa. A grande maioria relaciona a romaria a um voto para com o Bom Jesus. Ao que nos parece, para os romeiros a promessa seria um compromisso de curta duração. Ao contrário, assumir um voto para com o santo traz para o romeiro uma responsabilidade de longa duração, que se renova a cada ano, a cada romaria. É uma relação de amizade, confiança, gratuidade e carinho que dura para a vida inteira. Às vezes, este compromisso ultrapassa os limites da própria vida do romeiro: não é raro encontrar romeiros e peregrinos que “herdaram” os votos de seus pais, maridos ou esposas já falecidos, e se mantêm firmes no mesmo propósito assumidos por seus familiares”.

<sup>10</sup> Denominação carinhosa que as mulheres romeiras dão à cidade de Bom Jesus da Lapa.



transforma a cidade em um berço cultural baiano, também referendado como uma das sete maravilhas do Brasil.

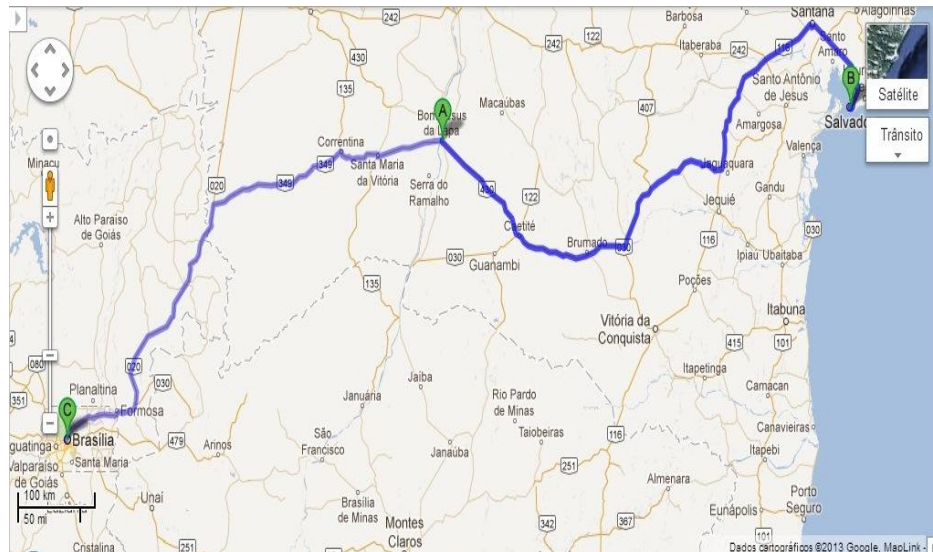


FIGURA Nº 2: Mapa do Brasil/localização Bom Jesus da Lapa – Fonte: Google.mapa

Segundo dados do IBGE (2010), expressos através do mapa acima, a cidade de Bom Jesus da Lapa está localizada no Centro-Oeste do Estado da Bahia, a 796 km da capital, Salvador, em direção ao oeste, e a 625 km de Brasília, dentro do polígono da seca. A população local está em torno de 63.480 habitantes, muitos dos quais vivem ao pé do morro. A origem da romaria se confunde, em grande parte, com o surgimento da cidade, razão de o nome e o desenvolvimento até hoje estarem relacionados à organização e ao crescimento do culto.



FIGURA Nº 3: Santuário de Bom Jesus da Lapa – Fonte: Acervo do Santuário de Bom Jesus da Lapa

O Santuário de Bom Jesus da Lapa está situado no Médio Vale do São Francisco, onde a terra é arenosa, com uma vegetação baixa e rala, características

da caatinga e do cerrado. O clima é tropical, quente e seco. No período da estiagem, entre abril e outubro, toda a paisagem se reveste de uma coloração cinza-claro, dando um aspecto de tristeza. A bacia hidrográfica da região, no entanto, é formada por muitos rios permanentes que correm em meio ao sertão, banhando cidades, vilas e povoados que se formaram às suas margens.

O vale do São Francisco teve uma grande importância econômica no século XVII, durante o ciclo do ouro, ocupando uma posição estratégica na ligação entre o litoral e o interior do país, quando grande número de pessoas das Províncias de beira-mar se transportava com seus escravos para Minas. Essa migração foi tão intensa que chegou a ameaçar o povoamento do litoral, levando as autoridades a proibirem as comunicações da Bahia para Minas e a considerar contrabando o movimento de gado. Mas as leis não foram respeitadas, porque na Bahia estava o alimento com boi e nas Minas Gerais a riqueza com ouro (STEIL, 1996).

O Santuário se traduz em termos econômicos para a cidade, que vive basicamente do fluxo anual de romeiros. A romaria não apenas colocou Bom Jesus da Lapa como uma das principais cidades religiosas do Brasil, como também constitui a base da sua economia (STEIL, 1996). A cidade vive em torno do santuário, que, de certa forma, é responsável pela sua diferenciação em relação aos demais municípios da região.

A cidade de Bom Jesus da Lapa começou sua existência à sombra do Santuário do Bom Jesus. Na data em que o Monge Francisco Mendonça Marchegou àquele lugar, havia entre o morro e o rio São Francisco apenas algumas palhoças de índios Tapuias. Mas, com o tempo, foram agregando-se devotos que resolveram fazer sua moradia perto do lugar, onde se achava a imagem do Bom Jesus. O Monge construiu, junto ao Santuário, um hospital e um asilo para os pobres e doentes, dos quais cuidava. Assim começou a crescer, ao lado da lapa do Bom Jesus, um povoado, que assumiu o nome de *Bom Jesus da Lapa*.

Graças às constantes peregrinações que se transformaram em grandes e permanentes romarias de fiéis ao Santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa, o povoado foi se desenvolvendo, transformando-se em vila em 1870, atingindo a categoria de cidade em 1923 e chegando a ser município em 1953. Ainda hoje a crença católica é muito forte na cidade e isso se reflete nas inúmeras igrejas espalhadas por todos os bairros. Por isso ela é considerada “Capital Baiana da Fé”.

Bom Jesus da Lapa se destaca não só por ser centro turístico, comercial, ou mesmo industrial. Sendo um lugar não avantajado no sertão baiano e um tanto descuidado, é conhecido, entretanto, no Brasil inteiro, pela manifestação religiosa que ali acontece, sobretudo as romarias. Portanto, sua visibilidade nacional se deve ao Santuário que abriga sua milagrosa imagem agasalhada na gruta, que se tornou famosa graças às romarias que acontecem todos os anos, sendo visitada por milhares de romeiros oriundos de diversos estados do País, sobretudo Goiás, Minas Gerais, Espírito Santo e São Paulo, além do próprio estado da Bahia. A gruta do Bom Jesus da Lapa é formada por rochas calcárias, que, em conjunto com as estalactites, compõem um visual único, natural, muito bonito de se ver, conforme demonstra a figura abaixo

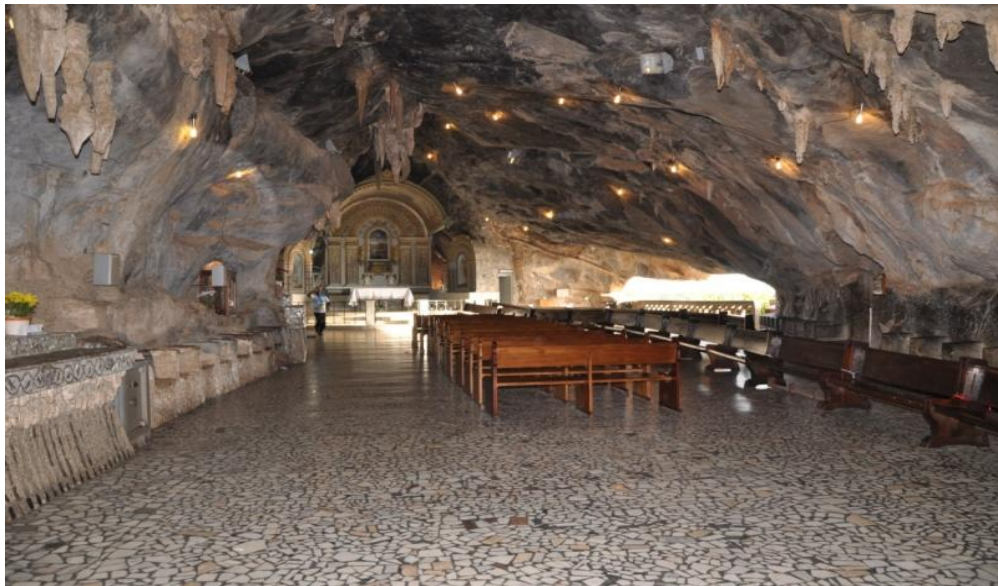


FIGURA Nº 4: Parte interna da gruta do Bom Jesus da Lapa - Fonte: A autora

Falar do santuário e não citar a gruta próxima a ele, seria cometer um grande erro. A gruta se destaca por toda a riqueza mítica que esconde em seu interior. Trata-se de um lugar que impressiona quem o visita pelas pedras e estalactites multiformes que se precipitam desde o teto, deixando uma sensação de estar num lugar de refúgio, de paz, certamente, para muitos, de se estar realmente num lugar sagrado. A Gruta do Bom Jesus da Lapa está localizada numa caverna natural de acesso à esplanada e funciona como a matriz e catedral da cidade, onde são celebradas as missas e os sacramentos fora do período mais intenso da romaria. Formada pela infiltração das águas da chuva que durante milênios foram penetrando pela rocha porosa, formando as estalactites, essa gruta teria sido descoberta no

século XVII por um vaqueiro ou pelo Monge Francisco de Mendonça Mar, de acordo com duas versões mais recorrentes sobre as origens do santuário. (STEIL, 1996).

No interior da gruta se encontra a imagem do Cristo crucificado, principal objeto do culto da romaria. Nos dias de romaria forma-se uma extensa fila de devotos que passam diante da imagem para rezar, deixando ali sua oferta em dinheiro ou apresentando, por escrito, ao santo, seus pedidos ou os de parentes e vizinhos que lhes confiaram tal missão, quando partiram em romaria. Mas, o seu momento apoteótico é a procissão, quando a imagem do Bom Jesus sai pelas ruas da cidade, acompanhada pela multidão.

Entranhada no morro, além da Gruta do Bom Jesus, existe a gruta de Nossa Senhora da Soledade, que com outras pequenas grutas formam um conjunto, constituindo-se locais de concentração em massa de romeiros e turistas que ali vão frequentemente, no período, ou não, de romarias. Ali, durante o período de romaria, são celebradas diversas missas todos os dias, em todos os turnos. É comum encontrar, logo à porta, do lado de fora, inúmeras barraquinhas, com diversos artigos religiosos, sobretudo terços, imagens, fitinhas, camisetas com estampas que evidenciam a piedade dos romeiros, com destaque para os DVDs que contam a história do Bom Jesus, tudo isso responsável por sustentar a economia informal de muitas pessoas que sobrevivem graças a esse tipo de comércio.

Outro evento turístico de significativa repercussão são as subidas ao morro da Lapa. Há dois caminhos e ambos dão acesso ao topo do morro, onde se encontra o cruzeiro e estátuas de tamanho natural relatando a última estação da Via Crúcis. Mas esse trajeto é aconselhável apenas a pessoas que tenham boas condições físicas, pois o caminho do morro é extenso e um pouco cansativo devido às pedras irregulares e lisas. A figura a seguir mostra os romeiros subindo o morro. Trata-se também de uma forma de pagar promessas. Nesse sentido, a subida ao morro é um dos elementos importantes da peregrinação, pois ir a Bom Jesus e não subir o morro, não tem nenhum significado para essas pessoas.





FIGURA Nº 5: Subida ao morro do Bom Jesus da Lapa - Fonte: Acervo Santuário Bom Jesus da Lapa

O grande diferencial entre Bom Jesus da Lapa e as outras cidades da região certamente é esse morro<sup>11</sup> em estilo gótico com suas grutas que lhe conferem um clima místico e ímpar. A cidade de Bom Jesus da Lapa abriga ainda outros pontos turísticos importantes, com destaque para a Praça Marechal Deodoro da Fonseca (praça da antiga Prefeitura Municipal) e o rio São Francisco, com o tradicional passeio de lancha, passando debaixo da ponte Gercino Coelho, pela Barrinha (lado oposto do rio), onde se pode descer e saborear um delicioso peixe frito. Ali é possível ter uma vista deslumbrante e panorâmica do Rio São Francisco, podendo-se também tomar banho às suas margens. A programação noturna da cidade é muito animada, principalmente no período de romaria, que vai de julho a setembro. Há muitos restaurantes, bares, lanchonetes, pizzarias, parque de diversão, barracquinhas que vendem diversos tipos de coisas e geralmente são realizados shows de pequeno porte, com artistas locais ou da região circunvizinha.

É importante ressaltar que o Santuário do Bom Jesus da Lapa desempenha um importante trabalho social para a sociedade lapense e região, desenvolvendo campanhas educativas e trabalhos sociais que ajudam centenas de pessoas carentes através do Asilo, do Centro Comunitário, da Escola da Fé, dentre outros. O dinheiro arrecadado, através da campanha dos romeiros, tem como objetivo cooperar com a realização dessas atividades, que envolve melhorias na

---

<sup>11</sup> O morro da Lapa é maciço calcário com uma estrutura singular e extraordinária. Segundo opinião baseada nas ciências naturais, o Rio São Francisco foi, há centenas de milhares de anos, um mar interior, cujas águas esculpiram as formas góticas, piramidais, que hoje todos admiramos (MICEK, 2006, p. 11).

infraestrutura do Santuário, visando a um melhor acolhimento do romeiro. Preocupado em resgatar a cultura local, o Santuário criou, em 2012, o Museu Memorial Pe. Lucas Kocik, que retrata a história do primeiro peregrino, Francisco de Mendonça Mar, e do Santuário do Bom Jesus da Lapa.

O fenômeno geográfico e cultural constituído pelas grutas que formam o conjunto arquitetônico do Santuário de Bom Jesus da Lapa, incrustadas no coração do morro, adquiriu dimensão sociológica e religiosa por relacionar-se àqueles que a ele se encaminham e nele projetam toda a sua mística, daí, Bom Jesus da Lapa possuir um significado todo especial para as mulheres romeiras entrevistadas, como é o caso da romeira do Estado de Minas Gerais, que assim exclama: “Ah! eu vejo a romaria como uma coisa perto de Deus, assim o povo gosta, nem sei como explicar, é maravilhoso demais!” (RMG2).

De acordo com Micek (2006), em 1991, o Santuário de Bom Jesus da Lapa celebrou o seu jubileu de 300 anos de romaria. Atualmente, graças às boas condições das estradas, a Romaria estende-se o ano inteiro, embora o maior movimento se concentre de julho a outubro. Nesse período, há um esquema especial de atendimento aos romeiros com diversas celebrações eucarísticas, palestras, confissões, dentre outros eventos. No tempo de maior afluência de romeiros, chegam a trabalhar vários sacerdotes, de diversas regiões do país, para atender à demanda dos fiéis. A seguir, as principais Romarias realizadas no Santuário de Bom Jesus da Lapa.

### 1.1.2 As modalidades de romaria em Bom Jesus da Lapa

Responsáveis por movimentar a economia e o turismo<sup>12</sup> local, as romarias que acontecem todos os anos na cidade de Bom Jesus da Lapa, reunindo milhares de romeiros e turistas vindos de diversos lugares do País e até mesmo do exterior, realizam-se sob diversas modalidades, com destaque para as três principais: Romaria da Terra e das Águas, Romaria do Bom Jesus da Lapa e Romaria de Nossa Senhora da Soledade.

---

<sup>12</sup> Na concepção de Fernandes (2007, p.1071), “a indústria do turismo movimenta cifras altíssimas e inclui a religião como fator catalisador da própria expansão e fortalecedor da lógica do mercado que supõe bens e produtos a serem oferecidos para consumo”.

**Romaria: da Terra e das Águas.** Esta romaria acontece em nível nacional e não está vinculada necessariamente aos santuários de romarias tradicionais, embora haja casos como o de Bom Jesus da Lapa, em que ela faz parte do calendário de festas daquele santuário. Organizada pela Comissão Pastoral da Terra (CPT), de acordo com a socióloga Maria de Fátima Yasbeck Asfora (2006), a primeira romaria aconteceu em julho de 1978, na Região Nordeste, em Bom Jesus da Lapa, “representada pelo evento Missão da Terra”. Seu início se deu no período de grande pressão dos latifundiários, quando as perseguições, ameaças e mortes eram frequentes. O evento contou sempre com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT), que teve como motivação inicial organizar os pequenos lavradores frente aos desafios, ameaças e pressões dos latifundiários. Atualmente, além do tradicional apoio da CPT, sua realização conta com o apoio conjunto das dioceses de Barra, Barreiras, Bom Jesus da Lapa, arquidiocese de Vitória da Conquista e Santuário do Bom Jesus.<sup>13</sup>

**Romaria de Bom Jesus da Lapa.** Realizada todos os anos, desde tempos remotos, a festa do Bom Jesus da Lapa é celebrada no dia em que se comemora a transfiguração do Senhor Jesus, no dia 06 de agosto. Considerada uma das três maiores romarias do Brasil, a festa da Romaria do Bom Jesus da Lapa reuniu em agosto de 2013, em torno de 350 mil romeiros que para ali peregrinaram para cultuar o Senhor Bom Jesus da Lapa. Conforme informações obtidas no próprio site do santuário,<sup>14</sup> é antecipada pela Novena preparatória, que se realiza na esplanada do Santuário. Nas celebrações eucarísticas, o Santuário conta com 28 padres vindos de outras paróquias, para atendimento dos devotos, contando ainda com uma equipe e uma estrutura muito bem preparada, com mão de obra qualificada, contratada especialmente para oferecer um melhor atendimento aos romeiros, envolvendo os demais segmentos da sociedade lapense, como: Polícia Militar, Detran e Prefeitura Municipal, através das suas secretarias de assistência social, infraestrutura, turismo dentre outras.

O Santuário disponibiliza um trabalho intensivo através da central de atendimento aos romeiros, prestando acolhimento e assistindo-os em suas necessidades imediatas, desde o desaparecimento de pessoas à condução de

---

<sup>13</sup> Fonte: <http://www.cptnacional.org.br/index.php/64-uncategorised/1623-romaria-da-terra-e-das-aguas-em-bom-jesus-da-lapa-ba-comeca-nesta-sexta>. Acesso em: 18/12/2013.

<sup>14</sup> Fonte: <http://www.bomjesusdalapa.org.br/site/noticias/1-bom-jesus-da-lapa/692-350-mil-devotos-passara-pelo-santuario-entre-os-dias-05-e-06-de-agosto.html>. Acesso em 18/12/2013.

peessoas idosas e portadoras de necessidades especiais aos alojamentos, além de assistência à saúde, fornecido por um ambulatório próprio, que funciona durante 24 horas, composto por uma equipe de saúde formada por médicos, enfermeiros e técnicos que dão primeiros socorros e fazem atendimentos emergenciais.

A principal festa do Santuário, que é a do Bom Jesus, é transmitida pela web TV Bom Jesus (site: [www.tvbomjesus.com](http://www.tvbomjesus.com)) e também pela TV Aparecida. O ápice da romaria é marcado pela procissão, quando há um grande conglomerado de fiéis que acompanham o Bom Jesus da Lapa pelas ruas da cidade, recebendo suas bênçãos, conforme figura abaixo:



FIGURA nº 6: Procissão do Bom Jesus da Lapa - Fonte: A autora

**Romaria de Nossa Senhora da Soledade.** Fruto da devoção particular de Francisco Mendonça Mar, a festa de Nossa Senhora da Soledade é comemorada anualmente no dia 15 de setembro. Conta-se que o fundador do Santuário, Pe. Francisco, ao peregrinar até aquele local para fazer penitência, levava consigo, além da imagem do Bom Jesus (evento esse considerado o mito de fundação daquele Santuário), levava também uma pequena imagem de Nossa Senhora das Dores, que, por ser conhecida também como Nossa Senhora da Soledade, se encaixou no gosto da piedade popular, com esse nome. Assim como se comemora o dia do filho, 'nosso Bom Jesus', também se comemora o dia de sua mãe, Nossa Senhora da Soledade. A festa dura sete dias (por isso é chamada de 'setenário') com missas celebradas sempre às 6:30 h e 19:30 h, cujo ápice se dá no dia 15 de setembro, com a realização de uma grande procissão lotando as ruas do Bom Jesus da Lapa.



Existe outra Romaria que está se consolidando em Bom Jesus da Lapa, que é a de 12 de outubro, em homenagem a Nossa Senhora Aparecida. Trata-se de uma extensão da programação feita pelo Santuário de Aparecida, para aquele espaço. Os participantes dessa romaria são pessoas, na sua maioria mulheres, devotas dessa Santa, que, pelo fato de a localização geográfica do Santuário de Aparecida estar muito distante, somado às condições financeiras, preferem dirigir-se à Lapa do Bom Jesus para participar da novena e da festa. Outras romarias mais recentes fazem parte da programação litúrgica do Santuário, ganhando destaque ano a ano. Dentre elas temos: Festa do Bom Jesus dos Navegantes (janeiro), Romaria da Semana Santa (período da Semana Santa), Romaria da Infância e da Adolescência Missionária (junho), Romaria dos Quilombolas (junho), Romaria dos Missionários Redentoristas Leigos (julho), Romaria da Pastoral da Criança (agosto), Tríduo e festa do Pe Francisco da Soledade (outubro), Romaria dos Agentes de Saúde e Endemias (outubro), Romaria da Renovação Carismática Católica (outubro), Romaria da Legião de Maria (outubro), Romaria da Juventude (outubro), Novenário e Festa da Imaculada Conceição (dezembro), Tríduo e Festa de Santa Luzia (dezembro), Romaria do Natal (Dezembro).

Não poderíamos deixar de mencionar, ainda, que, no ano de 2009, no mês de novembro, aconteceu no Santuário do Bom Jesus da Lapa a I Romaria das Mulheres. Tal evento se insere na programação das romarias do Santuário, ocupando um espaço importante, que é o de refletir sobre as questões da mulher na perspectiva da justiça social e conferir maior visibilidade às demandas de gênero na região. Essa romaria é fruto dos movimentos sociais e lideranças de mulheres da região.

Participam dessa romaria mulheres romeiras institucionalizadas ou não, assim como lideranças da região que discutem a temática, tais como: Associação de Mulheres, cooperativas, representantes dos setores públicos, da Secretaria de Políticas para Mulheres da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, movimentos sociais, Comunidades Eclesiais de Bases (CEBS), sindicatos, representantes de mulheres quilombolas e indígenas e outros. Podemos perceber que a cada ano essa Romaria vem atraindo um número cada vez maior de pessoas não só mulheres, como também de homens, daquela região, bem como de outras partes do país.

Assim como Francisco de Mendonça Mar, há três séculos, peregrinou para aquele local sagrado do sertão, ressequido e castigado pela seca, mas abençoado

por Deus, observa-se cada vez mais nos últimos anos que ainda se mantém viva e ressignificada a tradição dessas pessoas de, anualmente, irem à Lapa do Bom Jesus. Assim como diz o cantor e compositor Edgar Mão Branca, na sua música 'Romeiro de Todo Ano': "Eu sou romeiro de todo ano, minha promessa eu pago ao pé da cruz, eu sou romeiro, eu vim longe, eu sou valido pelo Bom Jesus". Não é sem razão que Bom Jesus da Lapa é intitulada a cidade das romarias, lugar de peregrinação que atrai milhares de romeiros durante todo o ano. Pontuaremos, a seguir, como surgiu o maior centro de peregrinação do alto sertão baiano.

### 1.1.3 O surgimento do centro de peregrinação no alto Sertão da Bahia

Várias são as versões sobre a origem da romaria do Bom Jesus da Lapa. Em nossa pesquisa, amparamo-nos em Francisco Micek, autor do livro *Bom Jesus da Lapa*, publicado em 2006, no qual há um relato sobre a fundação do Santuário do Bom Jesus da Lapa. Segundo o autor, em 1657 nasceu Francisco Mendonça Mar, em Lisboa - Portugal. Filho de família católica, desde cedo, aprendeu com o pai a arte de ourives e também a pictórica. Com 22 anos, juntamente com seus escravos, chegou a Salvador, onde se dedicou às profissões de ourives e de pintor. Em 1688 foi encarregado de pintar o palácio do Governador Geral do Brasil, mas, após concluir o trabalho, foi injustamente caluniado e preso com seus escravos.

Conforme conta Micek (2006), na quaresma do ano de 1689, ao ouvir a pregação do Pe. Antônio Vieira, Francisco foi tocado pelas palavras do Evangelho contrárias às vaidades deste mundo. Isso o levou a distribuir seus bens aos pobres e a libertar seus escravos, passando a viver como peregrino, imitando o Bom Jesus. Levando uma imagem do Cristo Crucificado e uma de Nossa Senhora da Soledade, caminhou, desde 1689, ano em que passou por tal experiência, cerca de 1.200 km, até que, em 1691, avistou um morro e penetrou em uma gruta. Ali encontrou o lugar ideal para colocar as imagens que trazia consigo. Aquelas imagens sacralizaram o lugar, tornando-se sinais da presença de Deus, com destaque para a imagem do Cristo Crucificado.

Naquela gruta, às margens do rio São Francisco, Francisco Mendonça Mar começou uma vida solitária de eremita. No decorrer dos anos, os fiéis, atraídos pelo "monge da gruta", como ficou conhecido, começaram a visitar aquele lugar, começando ali a romaria do Bom Jesus e da Mãe da Soledade. Dedicado à oração e

à penitência, o monge logo percebeu que o amor a Deus não pode ser isolado da vida; então começou a trabalhar em favor dos mais necessitados, trazendo para junto de si pobres, doentes, infelizes e aleijados, a fim de servi-los com amor (MICEK, 2006).

Onze anos depois, em 1702, de acordo com Micek (2006), Francisco foi chamado a Salvador para preparar-se para o sacerdócio. Estudou durante três anos e, em 1705, foi ordenado padre e passou a ser chamado de Francisco da Soledade. Após a ordenação, voltou à Lapa, onde viveu até sua morte, em 1722. Fundou um hospital-asilo ao lado do morro. Entregou seu espírito a Deus no mesmo santuário, sempre com humildade e bondade. Faleceu com sessenta e cinco anos de idade. Foi sepultado ao lado da imagem do Bom Jesus, na gruta onde sempre estivera.

Após a morte daquele padre, conforme Turíbio Vilanova Segura (1987), os mineiros passavam ali, muito doentes; com orações e remédios caseiros recebiam seus cuidados até a obtenção da cura. E foi chegando gente, fazendo promessas ao Bom Jesus e recebendo milagres. A notícia se espalhou, por toda parte, e a cada dia que passava mais e mais pessoas apareciam e mais milagres aconteciam. Conforme o autor, o padre Francisco foi chamado por Deus para cumprir uma grande missão: iniciar o Santuário do Bom Jesus da Lapa para o bem do povo sofredor da região mais pobre do Brasil, castigados pelo sol, seca e miséria.

Micek (2006) retrata um pouco da história do Santuário: A obra iniciada por Francisco Mendonça teve continuidade ao longo dos séculos. Em 1903 houve um incêndio na gruta e o fogo destruiu até a imagem trazida por Francisco. Naquele mesmo ano foi esculpida a atual imagem do Bom Jesus. Com o incêndio a gruta ficou maior e mais arejada já que se romperam algumas rochas. No início do século XX, padres agostinianos trabalharam durante 15 anos em prol do Santuário. Além de todo o trabalho de restauração e crescimento das instalações do Santuário, realizaram-se obras externas, como a construção de capelas, igrejas e centros comunitários na cidade e na região. Em 1962, Bom Jesus da Lapa tornou-se bispado. O primeiro bispo foi D. José Nicomedes Grossi (1963-1990), substituído por D. Francisco Batistela.

Essa prática de piedade popular que se iniciou com o Pe. Francisco Mendonça Mar, continua nessa terra há mais de 300 anos, revitalizada pela fé e devoção de pessoas que visitam continuamente o Bom Jesus da Lapa. Cada ano o Santuário recebe um número sempre maior de visitantes e a fama do lugar se

espalhou não apenas pelo Brasil, mas também no mundo. Os missionários do Santíssimo Redentor (redentoristas) estão atuando na Lapa desde 1956. Nos primeiros 20 anos, trabalhavam os confrades da vice-província do Recife e, a partir de 1973, a vice-província da Bahia assumiu a responsabilidade pelo Santuário. Diante desse aspecto foi se consolidando cada vez mais a Romaria do Bom Jesus da Lapa e apontando tipos diferenciados de participação dos fiéis, conforme discorreremos abaixo.

#### 1.1.4 Participação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa: prática da fé ou turismo religioso

As mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa têm a fé como elemento primordial não só para a participação na romaria, como também para a superação das suas dificuldades, que vão desde juntar o dinheiro para pagar as despesas da romaria, à superação dos problemas de saúde, que muitas vezes inviabilizam a sua participação. Somente a fé no Bom Jesus é capaz de suprir e de resolver essas questões. A fé é que as motiva a participar da romaria do Bom Jesus da Lapa e de outras romarias. Constatamos, em nossa pesquisa de campo, que existem mulheres que participam somente da Romaria do Bom Jesus da Lapa e mulheres que participam também de outras romarias.

Aquelas que afirmam participar somente da Romaria do Bom Jesus da Lapa o fazem por fidelidade ao Bom Jesus, pois têm nele o único protetor de suas vidas. Apesar de admitir que tem vontade de participar de romaria para outros lugares, como Aparecida do Norte e Brotas, a Coordenadora de Romaria da Bahia diz: “Eu só faço romaria pra cá” (CRB1). Conforme relata a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais, “eu faço romaria só para Lapa, mais venho várias vezes, geralmente no mês de janeiro, julho, outubro, setembro, agora tem um grupo me pedindo para vim em dezembro” (CRMG2).

A Coordenadora de Romaria de Minas Gerais declara que vai à Lapa e a Aparecida, com o mesmo grupo. “São duas romarias que eu faço, uma em agosto outra em outubro. Na Aparecida tem mais de 33 anos, porque era meu marido que fazia, aí ele deixou de fazer e eu continuei” (CRMG1). Como se vê nas falas das romeiras a seguir, elas são unânimes em reconhecer que o sentido da romaria é o

mesmo, mudando-se apenas o local, o que mostra, de certo modo, a unidade litúrgica e devocional em torno da romaria, não importando qual santo seja cultuado:

Eu vou pra Lapa, vou pra Aparecida, vou pra Trindade, vou pra São Geraldo. Tem diferença de cidade, porque cada cidade tem um modo, tem um ritmo, mas aquela celebração que a gente vai, a celebração é uma só. A fé que a gente tem, é aquela fé. Aquilo que a pessoa que está lá celebrando, transmite para você. O que você tem guardado no seu coração, e o que você escuta do missionário que está lá celebrando aquela fé (RMG1).

Vou pra cidade de Brotas e para Mangabeira e aqui para Lapa. A diferença que aqui é mais novo, a diferença que eu acho é isso, mas o movimento da romaria eu não acho diferente não. E o grupo é sempre o mesmo, não viajo com outros grupos, esse mesmo acho que nunca foi em Mangabeira, cada lugar tem uma pessoa que representa, que leva o povo de Brotas, sai a lotação, tem outro que vai para uma cidadezinha pequena, Mangabeira, que chama, aí o povo faz a lotação pra ir pra lá e aí a gente vai (RB1).

Tanto a romeira da Bahia como a romeira de Minas Gerais relatam que o movimento da romaria é o mesmo, o que diferencia é a cidade. A romeira da Bahia ressalta que Bom Jesus da Lapa é mais novo do que Brotas e Mangabeira. Quanto à fé, a romeira de Minas Gerais a define como aquilo que você tem guardado no seu coração e você vai escutando o missionário celebrando aquela fé. Enfatizamos que, no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, as mulheres têm prioritariamente a fé e a devoção como elementos de participação, ou seja, toda uma concepção sagrada. Após realizarem essas atividades, algumas delas, se sobrar tempo, aproveitam, para fazer outras coisas relacionadas ao lazer, o que mostra certa emancipação da mulher romeira, no que se refere ao espaço tradicionalmente destinado a elas: o privado, que se traduz em suas lides cotidianas no lar, como mãe, esposa e dona de casa dedicada em tempo integral.

No espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, conforme nos foi possível observar, há uma interação do sagrado com o profano, pois a mulher romeira tanto realiza sua atividade religiosa, como também aproveita um pouco de sua estada na cidade para seu lazer, ou seja, fazer um turismo, pois Bom Jesus da Lapa oferece várias belezas naturais, como a visita ao morro e um passeio pelo Rio São Francisco. Portanto, existem dois tipos de participação da mulher na romaria de Bom Jesus da Lapa, envolvendo atividades religiosas e turísticas. Isso, contudo, não

pode ser confundido com turismo religioso<sup>15</sup>, uma outra modalidade de participação, sem vínculo necessário com a crença religiosa.

Os visitantes dos lugares sagrados o fazem com ou sem compromisso com a fé. No caso das romarias, existem aquelas pessoas que vão aos santuários por devoção ao santo e aquelas outras que o fazem motivadas pela simples curiosidade, considerando o local apenas como um ponto turístico qualquer. Steil (1998) tem feito uso do termo 'turismo religioso' (geralmente confundido com romaria e peregrinação), para distinguir duas modalidades distintas de participação nas romarias: como romeiro ou como turista. O turista religioso prioriza o aspecto social da festa, não o religioso. A exemplo do que ocorre com o Natal, a motivação de participação se dá mais como uma mescla de espiritualidade e consumismo, desvinculando-se da prática tradicional. Segundo Steil (2013, p. 23), existe uma diferença entre os romeiros-turistas e os romeiros tradicionais:

Não apenas por sua aparência, seu modo de vestir, sua postura, sua ideologia religiosa, sua visão de mundo, mas sobretudo pelas estruturas de significados dentro dos quais se insere sua experiência. Para esta nova categoria de romeiros, a romaria em si, com suas expressões cúlticas, seu misticismo, sua religiosidade se torna uma curiosidade ou um aspecto pitoresco a ser observado (STEIL, 2013, p. 23)

A Coordenadora de Romaria de Minas Gerais enfatiza que “o que ela faz não é turismo e sim romaria, pois turismo é diversão, aqui não, é só oração, turismo tem conforto, na romaria tem sofrimento, pois só assim as pessoas alcançam as suas graças” (CRMG). Muito embora algumas mulheres possam aproveitar um tempinho para outras atividades, elas não se desviam do foco central, que é a romaria, com

---

<sup>15</sup> Em Bom Jesus da Lapa, detectamos dois tipos de participação dos fiéis, que são a romaria e o turismo religioso, ressaltando que a cidade de Bom Jesus da Lapa foi incluída no roteiro turístico religioso brasileiro pelo Ministério do Turismo. Segundo Steil (2003), a relação entre “peregrinação e o turismo é um destes objetos que hoje percebo como um ponto de interseção nodal, onde se pode verificar a tensão entre múltiplos significados que são postos em risco nos locais de peregrinação e de turismo religioso”. O autor aponta o turismo e a peregrinação como categorias que estão sendo ressignificadas ao longo do tempo. Contudo, não se pode estabelecer uma linha divisória entre o que é turismo religioso e o que é a romaria, pois há uma mescla de suas motivações e comportamentos, em que se misturam atos religiosos e turísticos na mente de uma mesma pessoa. Alves (2013) destaca que, de acordo com a Organização Mundial do Turismo (OMT), as viagens a centros de peregrinação ocupam 40% das viagens internacionais, uma vez que muitos lugares de peregrinação têm se tornado herança secular do turismo, aproximando religião e turismo e vice-versa (ALVES, 2013, p. 39).

O autor menciona que no Brasil existem milhares de pessoas que realizam viagens a lugares diversificados de peregrinações religiosas, motivadas por questões e dificuldades apresentadas no seu cotidiano, tais como: desemprego e problemas de saúde. “É nesse momento que as viagens de peregrinação, associadas ao turismo (lazer), surgem como alternativa para a quebra do cotidiano, constituindo um momento múltiplo de oração, confraternização e ressocialização” (ALVES, 2013, p. 40).

todos os atos de piedade que dela fazem parte, inclusive no sentido da prática do sacrifício como pressuposto para se alcançar a graça de Deus, por intermédio do Bom Jesus. Portanto, as mulheres religiosas turistas<sup>16</sup>, por nós denominadas de romeiras do Bom Jesus da Lapa, têm as concepções sagradas como principal fator de deslocamento para aquele espaço, mesmo que, em dados momentos, possam praticar um passeio pelos pontos turísticos da cidade, sem, contudo, perder o vínculo religioso. Dando continuidade às reflexões propostas para este capítulo, analisaremos a seguir como os romeiros enxergam Bom Jesus da Lapa.

#### 1.1.5 Bom Jesus da Lapa na perspectiva dos/as romeiros/as

A realidade de um lugar depende do olho de quem vê. Uma cidade como Bom Jesus da Lapa pode ser vista apenas sob a perspectiva socioeconômica em que a romaria significa somente uma oportunidade de se ganhar dinheiro com o comércio, com a hotelaria, com o turismo em geral. Por outro lado, pode ser vista como um espaço sagrado capaz de proporcionar um encontro do ser humano com a divindade. Portanto, a perspectiva de um pode não coincidir com a perspectiva de outro, e nesse caso, a impressão que a cidade causa nas pessoas vai depender da visão de mundo de cada um, se religiosa ou se apenas econômica.

Bom Jesus da Lapa compõe um cenário onde convivem dois elementos distintos, que são os moradores e os romeiros. Observamos essa questão do distanciamento entre eles bem presente, por ser uma cidade que está em via de desenvolvimento, em meio ao sertão ressequido, onde se encontra um Santuário de Oração, lugar sacralizado pela fé do povo simples que o frequenta, chamado de romeiro. Alguns visitantes, bem como os moradores da Lapa fazem questão de mostrar seu distanciamento em relação aos romeiros, como afirma Steil (1996, p. 76):

A Lapa dos romeiros é o inverso da Lapa dos moradores. O romeiro faz sua peregrinação para a Lapa, como uma jornada em direção a um mundo de significados [...]. Os lapenses por sua vez habitam a cidade como o seu mundo secular e histórico, onde criam seus filhos e tiram seu sustento, é o espaço cotidiano (STEIL, 1996, p.76).

---

<sup>16</sup> “A classificação de viajantes e turistas de um lado e peregrinos de outro, com base em motivações divergentes, é recorrente na literatura, embora muitos estudos observem que os peregrinos, ao se deslocar para um centro de devoção, possam ser atraídos ao mesmo tempo por motivações de diferentes ordens” (STEIL, 2009, p. 79-80).

Esse autor distingue e diferencia o comportamento dos moradores de Bom Jesus da Lapa, em relação à Romaria que acontece naquela cidade. Enquanto para os romeiros a Lapa representa um destino em sua peregrinação, um lugar sagrado, onde se estabelece a relação com o transcendente, para os moradores que ali residem, a cidade é um espaço onde podem desenvolver suas atividades cotidianas, sobretudo aquelas econômicas, para garantir o sustento da família. Para os moradores, a Romaria é vista mais como uma oportunidade esperada de trabalho do que de prática da piedade (mesmo que não se descarte a fé dos moradores no Bom Jesus).

Para aqueles que habitam a cidade da Lapa como o seu mundo secular e que retiram seu sustento das atividades relacionadas com empreendimentos turísticos e comerciais desenvolvidos em torno da romaria, as "mudanças que vêm ocorrendo na mentalidade dos romeiros por força da época", como se expressava um morador, são vistas com muita simpatia. A afirmação de uma romaria ideal, que se institui a partir de regras de diferenciação e externalidade em relação ao misticismo religioso, é a principal fonte de legitimação do discurso e das práticas dos moradores (STEIL, 2003, p. 05-06).

Essa questão é bem visível na fala das romeiras entrevistadas, que evidenciam a forma diferenciada com que veem a cidade de Bom Jesus da Lapa. Conforme relata uma Romeira da Bahia, "a Lapa é a casa de Deus e a porta do céu, é aqui quando a gente chega, entrou naquela gruta, que é sagrada, problemas fica prá trás. A gente esquece da cidade onde mora, esquece de problemas que tem por lá" (RB3). Os romeiros têm uma relação com a cidade de Bom Jesus da Lapa, diferenciada da que tem os moradores, por compreenderem que aquele local é permeado de sacralidade, um lugar de verdadeiro encontro com Deus, mediatizado pelo santo do lugar, um representante terreno da própria divindade.

De acordo com Terrin (2003, p. 262), "toda peregrinação, de fato, cria a identidade do romeiro e estabelece as suas coordenadas históricas e antropológicas além das religiosas". Os relatos das mulheres romeiras entrevistadas confirmam a asserção do referido autor, pois elas veem a cidade de Bom Jesus como local sagrado e espaço de oração, onde a sede de Deus é saciada na figura do santo, corporificado na imagem, que, no caso do Santuário da Lapa, são as imagens do Bom Jesus e de Nossa Senhora da Soledade. Conforme se verifica na romaria do Bom Jesus da Lapa, existem dois legados deixados por Francisco de Mendonça Mar, que entram em disputa, constituindo dois focos distintos de interesses: um



profano, voltado às necessidades essencialmente empíricas, e outro sagrado, voltado para as necessidades espirituais.

Podemos ver nesses posicionamentos a disputa por dois legados deixados pelo monge fundador do santuário: o espiritual e o material. Se entre os moradores prevalece a reivindicação do legado material, para o clero trata-se de salvar a "religiosidade e a fé dos romeiros" sem perder a hegemonia sobre os negócios e a arrecadação financeira que a romaria realiza (STEIL, 2003, p. 05).

As explicações pontuadas acima nos levam à constatação de que, de fato, a Lapa dos romeiros não é a mesma Lapa dos moradores. Cada um direciona o olhar de acordo com a visão que tem daquele lugar, embora ali haja predominância do catolicismo popular. Mesmo que as necessidades dos romeiros sejam empíricas (saúde, moradia, emprego), a solução de tais necessidades está ligada ao transcendente (ao santo), exigindo como pressuposto a fé que tem no Bom Jesus, incorporado na sua imagem. Para situarmos a romaria do Bom Jesus da Lapa como parte do catolicismo popular, é necessária, antes de tudo, a compreensão de que essa expressão religiosa determina a cultura de um povo<sup>17</sup> e que o próprio catolicismo popular é a forma cultural que o povo tem de praticar a religião e expressar a sua fé. Para uma melhor compreensão do que acontece no Santuário do Bom Jesus da Lapa, sobretudo no que concerne à participação da mulher naquela romaria, veremos, a seguir, a contextualização daquela prática da piedade do povo com o catolicismo popular.

## 1.2 SITUANDO A ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA NO ÂMBITO DO CATOLICISMO POPULAR

Na concepção Gramsciana, a religião<sup>18</sup> não é um conjunto ideológico homogêneo, mas concretamente subdividido em outras religiões. Ou seja, há uma heterogeneidade de expressões da crença religiosa dentro da própria religião,

<sup>17</sup> Ressaltamos a presença do povo sertanejo, na sua maioria mulheres que participam da romaria de Bom Jesus da Lapa. De acordo com Ribeiro (2011), o sertanejo "conformou, também, um tipo particular de população com uma subcultura própria, a sertaneja, marcada por sua especialização ao pastoreio, por sua dispersão espacial e por traços característicos identificáveis no modo de vida, na organização da família, na estruturação do poder, na vestimenta típica, nos folguedos estacionais, na dieta, na culinária, na visão de mundo e numa religiosidade propensa ao messianismo" (RIBEIRO, 2011, p. 340)

<sup>18</sup> Para Durkheim (1989, p. 59), a religião se define como sendo um "sistema solidário de crenças e de práticas relativas a entidades sagradas, ou seja, separadas, interditas, crenças e práticas que unem em uma mesma comunidade moral, chamada igreja, todos os aderentes".

ligadas, sobretudo, à assimetria sociocultural, própria da divisão de classes. Para Gramsci (1981, p. 144), “toda religião principalmente a católica, é na realidade uma multidão de religiões distintas, frequentemente contraditórias”. O autor afirma haver, nessa religião específica, “um catolicismo de camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais, também variado e desconexo”.

Sendo a romaria uma das manifestações do catolicismo popular, sendo este a expressão cultural da fé do povo, e a questão da identidade de gênero feminina, que analisamos nesta tese, entendida dentro do parâmetro da nossa cultura, para melhor situarmos a romaria do Bom Jesus da Lapa nesse contexto, veremos a seguir o conceito de cultura, cultura popular e como o catolicismo popular encontra-se vinculado a ela, para então podermos adentrar o conceito próprio de catolicismo popular, apresentando os ritos, símbolos e mitos como elementos constituintes desse catolicismo.

### 1.2.1 O catolicismo popular como expressão cultural

A religião é um dos principais elementos que compõem a cultura de um povo. Dentro de uma mesma religião, por questões culturais, a prática e a expressão da fé num determinado mito fundante variam de pessoa a pessoa, devido principalmente a questões ligadas às diferenças de classe próprias de cada sociedade. A assimetria sociocultural é um fator decisivo para a prática de uma mesma crença religiosa, porém, de forma diferente, dentro de uma determinada religião. Analisamos aqui o Catolicismo<sup>19</sup> Popular como uma expressão da cultura de um povo, mais especificamente, do povo brasileiro, no qual se enquadra a Romaria do Bom Jesus da Lapa. Essa cultura é dita como sendo “popular”. Por sua vez, o conceito de cultura popular é precedido do conceito de cultura.

Num sentido genérico, a cultura é a forma com que a sociedade se organiza. Pode-se entender a cultura como resultado dos significados e sentidos conferidos pelas pessoas às estruturas sociais. Giddens (2010, p. 22) diz que, “quando os

---

<sup>19</sup> A romaria é considerada uma das formas de manifestação do catolicismo popular, pois “os católicos, dramáticos e encenificadores, precisam deslocar o sagrado continuamente e precisam deslocar-se a ele. Precisam tornar dramas e memórias de dramas uma coisa e outra. Eis que temos então na tradição católica: romaria (peregrinação) - deslocar-se em busca do sagrado; procissão - deslocar-se com o sagrado; missa - colocar dramaticamente diante do sagrado” (BRANDÃO, 1998, p. 87).

sociólogos falam do conceito de cultura, referem-se a esses aspectos das sociedades humanas que são aprendidos e não herdados”. Sendo assim, cultura é entendida como uma ocupação essencial do homem, ao mesmo tempo um processo coletivo e histórico que conduz à sua autorealização, à sua humanização.

Pierre Sanchis (2006) afirma que a cultura é o jeito de ser da gente; é relativamente diferente de grupo para grupo. Para o autor, a cultura é permeada de possibilidades humanas. Ela confere e escolhe os diversos sentidos dos seus elementos, pois o mundo humano é permeado de valores pontuados por símbolos. O lugar desses elementos na hierarquia de valores, bem como a significação de cada um deles, é o resultado final da cultura dos grupos, que poderão ser diferentes, dentro das várias estruturas. Em perspectiva semelhante à de Sanchis, Cristian Parker (1996) vê a cultura como um conjunto de práticas coletivas significativas, baseadas nos processos de trabalho, em função da satisfação da vasta gama de necessidades humanas que se institucionalizam; nas estruturas de signos e de símbolos, que são transmitidas por uma série de veículos de comunicação e internalizadas em hábitos, costumes, formas de ser, de pensar e de sentir.

O conceito de cultura de Clifford Geertz (1989, p. 103) abre espaço para a consideração da religião como um elemento essencial da cultura. Para ele, cultura é um padrão de significados historicamente transmitidos “incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas, por meio das quais os homens se comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e sua atividade em relação à vida”. Dentro de uma sociedade, sobretudo em nossa cultura ocidental, existe uma assimetria muito grande entre as pessoas, devido à divisão de classes sociais próprias do sistema capitalista. Isso leva necessariamente à classificação da cultura em cultura erudita (ou de elite), cultura popular, cultura de massas, etc. Gilberto Velho (2003, p. 64) pontua que “a noção de cultura popular remete à dicotomia elites e classes e/ou camadas populares”. Para o autor, é clara a existência de dois níveis de cultura dentro de uma sociedade, resultante dessa visão dualista. Tais níveis estão “relacionados não só à desigualdade econômica e política como, de um modo geral, a visões de mundo e experiências sociais peculiares”.

De acordo com Galilea (1978, p. 46), com essa classificação da cultura, temos “de um lado, uma cultura dominante, elitista, liberal-iluminista. De outro, uma cultura popular, dominada e marginalizada [...] muito religiosa, mas de uma religiosidade em processo de desintegração”, devido principalmente ao descaso das

elites católicas e até mesmo pessoas do clero, que não têm qualquer interesse pela religiosidade do povo. Para esse autor, a cultura popular “se manteve pelo seu próprio dinamismo religioso e de identidade cultural”. Peter Burke (1989, p.100) define a cultura popular de forma negativa, “como uma cultura não-oficial, a cultura da não-elite, das ‘classes subalternas’”, evidenciando a polarização entre cultura popular e cultura de elite. Segundo Parker (1995, p. 272), do ponto de vista da classe dominante, a cultura popular é considerada como ingênua, supersticiosa e mágica, razão pela qual é facilmente manipulável.

Considerando a complexidade de conceituação do termo, Vanucchi (2006, p. 98) traça uma trajetória do que costumeiramente se apreende do que seja cultura popular. Para ele existem pessoas que se satisfazem em conceituar cultura popular como tudo aquilo que “não se enquadra na cultura erudita, acadêmica, científica”. Para outros, esse tipo de cultura nada mais é que um “conjunto de conhecimentos e práticas vivenciados pelo povo”, abrindo-se a possibilidade de até mesmo as elites vivenciá-los. Existem aqueles que consideram cultura popular simplesmente como “o que é espontâneo, livre de cânones e de leis, tais como danças, crenças, ditos tradicionais”. Outros ainda a entendem como “tudo o que acontece no país por tradição e que merece ser mantido e preservado imutável”. Por fim, existem aqueles que denominam de cultura popular “tudo o que é do saber do povo, de produção anônima ou coletiva”. Vanucchi (2006, p. 99) considera vagas e imprecisas essas conceituações, preferindo defini-la de forma mais objetiva e abrangente, como “uma cultura no tempo e no espaço de vida das classes subalternas do Brasil, marcadas pela opressão de toda sorte e, ao mesmo passo, bombardeadas pela cultura burguesa, tanto pelos meios de comunicação de massa, como pela influência da própria escola”.

Seja qual for o conceito, uma coisa é certa: a cultura popular não é algo estanque, parada no tempo. Consoante Schmidt (2001, p. 39), a exemplo de qualquer fenômeno social, “a cultura popular é uma realidade viva, dinâmica e em constante transformação, que é feita e refeita a todo instante graças à criatividade do povo”. Isso nos ajuda a entendermos a dinamicidade do catolicismo popular, sobretudo no que se refere à romaria do Bom Jesus da Lapa, como um elemento ao mesmo tempo cultural e religioso.

Há uma intrínseca relação entre o catolicismo popular, aqui entendido como uma “síntese simbólica da vida do povo” (MANZATTO, 1994, p. 327), e a cultura

popular, de tal modo que não se consegue traçar uma linha divisória entre essas duas categorias. Na verdade, como afirma João de Deus Góis (2004, p. 11), há uma simbiose entre cultura popular e catolicismo popular, de tal forma intensa que não dá para distinguir o que é cultura do que é religião. Esse autor considera que o catolicismo popular se expressa “mediante elementos culturais, e as culturas populares, por meio de elementos religiosos”. Nesse sentido, o profano e o sagrado, o concreto e o abstrato se unem, tornando-se uma só realidade. Esse imbricamento de religião e cultura se dá de tal forma, que Brandão (2005, p. 31) chega a afirmar estarem presentes no catolicismo popular “tanto crenças populares e alguns costumes patrimoniais como sistemas sociais de trocas de atos, de símbolos e de significados que, em seu todo, recobrem quase tudo aquilo de que uma pessoa necessita para sentir-se de uma religião e servir-se de seus bens e serviços”.

Essa compreensão da relação mantida entre catolicismo popular e cultura popular nos leva a conceituar o catolicismo popular como um elemento próprio da cultura de um povo. Por Catolicismo popular entende-se “uma forma do povo simples resistir à dominação sociocultural que lhe é imposta”, tratando-se de uma apropriação que o povo “faz do cristianismo que lhe é apresentado pelos poderes dominantes para, na criatividade, transformá-lo, de maneira original, em força de resistência e de combate”, acreditando-se que Deus esteja do lado dos dominados (MANZATTO, 1994, p. 327). Segundo Süß (1979, p. 28), “não se pode entender o catolicismo popular se não se vê a sua relação dialética com o catolicismo oficial”. Nesse sentido, Pedro Ribeiro de Oliveira (1985, p. 135) define o catolicismo popular

Como um conjunto de representações e práticas religiosas, autoproduzidas pelas classes subalternas, usando o Código do Catolicismo Oficial. Isso significa que o Catolicismo Popular incorpora elementos do Catolicismo Oficial – os significantes – mas lhes dá uma significação própria que pode inclusive opor-se à significação que lhes é atribuída pelos especialistas. O resultado é que o mesmo código religioso católico é diferentemente interpretado pelas diferentes classes sociais de maneira que, sob uma unidade formal, escondem-se, de fato, diversas representações e práticas religiosas (OLIVEIRA, 1985, p. 135).

De fato, no universo católico, pode-se falar em dois tipos de catolicismo: o catolicismo romano, instituído pela Igreja oficial, e o catolicismo do povo simples, que traz traços característicos do seu cotidiano. Percebe-se haver certa aproximação identitária entre eles no que concerne ao culto e aos dogmas. Os dois existem em paralelo e não se constituem em uma contramão. Longe de formar uma

oposição, eles se misturam e se complementam, dentro do contexto cultural, formando um tipo característico de catolicismo popular brasileiro.

De acordo com Valla (2001, p. 10), quando nos referimos ao catolicismo popular, estamos afirmando-o como um “intricado sistema de práticas, significados rituais e personagens que transitam por este universo religioso e que ultrapassam as fronteiras institucionais da igreja e ortodoxia católica”. Quanto às principais características do catolicismo popular, na visão de Hoornaert (1976), destacamos que é vivido pelos pobres em geral, ou seja, pelo povo. Esse catolicismo tem uma cultura própria, original, construída e reconstruída no contexto em que se insere. Dentro do catolicismo popular, o leigo ocupa papel central; o especialista, papel secundário; o sacramental não é tão relevante quanto o vocacional; verifica-se uma manipulação do sagrado, com finalidades pragmáticas; enfim, nota-se o caráter protetor da religiosidade popular. Daí muitos autores definirem a Romaria do Bom Jesus da Lapa como sendo a Romaria dos pobres.

A exemplo de toda a religiosidade popular da América Latina, colonizada pelos países ibéricos, o catolicismo popular brasileiro é fruto do encontro de três raças, três culturas, três religiões. A formação étnica do povo brasileiro está pautada no africano, no europeu e no indígena, existindo uma fusão de culturas que afirma a especificidade do catolicismo popular brasileiro. A influência dos portugueses que aqui chegaram fez com que o Brasil se tornasse um país rico em diversidades de devoções populares, o que ainda hoje confirma “a existência de duas faces na religião: Uma oficial, executada pela instituição, e a outra, feita pelo povo, que, de forma espontânea e livre, realiza sua devoção (SANTANA, 2009, p. 61-62). Steil (2001, p. 15) afirma que “somos herdeiros de tradições ibéricas que ainda hoje têm forte influência sobre o nosso modo de ser e de pensar, nossas crenças e esperanças, nossos hábitos e formas de relacionamentos”. É nesse emaranhado conjunto de crenças, ritos, mitos e simbologias que constitui o catolicismo popular, herdados dos índios, africanos e europeus que se encontra inserida a Romaria de Bom Jesus da Lapa, um exemplo de manifestação religiosa popular que perdura com toda força no país na atualidade.

Oliveira (1985) afirma que no catolicismo popular não encontramos um culto especial para Deus, exceto quando ele é representado como o Divino Pai Eterno. Deus é todo-poderoso e tudo o que existe é obra sua. Os santos, que são tão fortes no catolicismo popular, têm poder por estarem perto de Deus. Eles são o elemento

central. A devoção daquelas mulheres simples da romaria marca a relação de intimidade que elas têm com o Bom Jesus da Lapa. Isso enaltece a Romaria como uma das manifestações do catolicismo popular, não se fazendo necessária uma liderança institucionalizada, para que exista como manifestação religiosa.

Para o catolicismo popular, Jesus é o protótipo dos santos: bom e justo, ele sofre sem ter pecado e por esse sofrimento ganha a misericórdia divina para com os homens. Sua representação popular é, portanto, a representação do sofredor: o crucificado, o Senhor morto, o Jesus da Paixão, o Bom Jesus (da Lapa). Um traço característico do catolicismo popular são os Santuários. É neles que fica a imagem do santo mais forte, que exige a peregrinação anual de multidões de fiéis devotos, que, no caso que estamos a analisar, é a imagem do Bom Jesus, considerado mais um santo na perspectiva do povo do que um Deus, para a perspectiva teológica.

Essa questão é percebida na Romaria do Bom Jesus da Lapa, em que os fiéis visitam a gruta do Bom Jesus, para pedir e agradecer, considerando-o como um santo em especial, assim como existe o menino Jesus. É importante destacar aqui que, através de expressões religiosas, como a romaria do Bom Jesus da Lapa, o catolicismo popular desempenha um importante papel na manutenção das expressões culturais. A Romaria do Bom Jesus da Lapa é, portanto, uma das expressões do catolicismo popular que mais e tão bem retrata a cultura daquele povo do sertão, reafirmando a identidade de gênero feminina, como um dado cultural e religioso ao mesmo tempo.

### 1.2.2 Os mitos, ritos e símbolos presentes na Romaria do Bom Jesus da Lapa

Em todas as religiões estão presentes três elementos que as constituem: o rito, o mito e o símbolo. São as diversas linguagens da experiência religiosa, para a qual todas convergem em aspectos que fundamentam o fenômeno religioso. Na Romaria do Bom Jesus da Lapa essas três categorias estão presentes. Para se analisar uma religião ou mesmo expressões dessa religião, como é o caso da Romaria do Bom Jesus da Lapa, passa-se necessariamente por esses três elementos que compõem o universo religioso. A compreensão da atuação das mulheres romeiras naquela Romaria resultaria vazia se não passasse antes por uma interpretação dessas três categorias que se apresentam em relação dialética. Assim entendido, desde uma perspectiva histórico-religiosa, veremos, a seguir, os seus

significados, não nos ocupando em descrevê-los mais profundamente, dada a complexidade e diferenciação na sua interpretação. Ater-nos-emos, aqui, ao mínimo necessário para condução de nossa análise sobre a atuação das mulheres romeiras comuns e coordenadoras de romaria, no nosso universo de pesquisa, recorrendo, naturalmente, a alguns autores que se tornaram clássicos, para os pesquisadores atuais, sobre o fenômeno religioso.

Na contemporaneidade, há uma tendência em refutar a religião por sua irracionalidade, por fundamentar-se no abstrato. Conseqüentemente, o mito também é negado, por ser considerado irracional. Junito de Souza Brandão (1986, p. 36) assim considera o mito: “o mito não pode ser lógico: ao revés, é ilógico e irracional. Abre-se como uma janela para todos os ventos, presta-se a todas as interpretações”. Conforme J. Simões Jorge (1998, p. 43), no domínio popular, o mito remete à fantasia, à criação da imaginação, a uma ilusão. Porém, esta concepção não é acatada pelos autênticos mitologistas.

Quando se fala em mito, no meio acadêmico, é inevitável que nos defrontemos com Mircea Eliade. Para ele, qualquer mito contém uma história sagrada, relatando um acontecimento que teve lugar “no tempo primordial, o tempo fabuloso do ‘princípio’” (ELIADE, 1972, p. 11), a exemplo do que descrevemos neste capítulo, ao fazer um relato de como se deu o início da devoção popular ao Bom Jesus. Longe de ser uma “fábula”, uma “invenção”, uma “ficção”, em seu sentido arcaico, “o mito designa, ao contrário, uma ‘história verdadeira’ e, ademais, extremamente preciosa por seu caráter sagrado, exemplar e significativo” (ELIADE, p. 7). Esse renomado autor afirma que “o mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir, uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição” (ELIADE, 1972, p. 11).

Na prática de fé das pessoas que se aproximam do sagrado, como se vê na Romaria de Bom Jesus da Lapa, em que as mulheres romeiras comuns e coordenadoras de romaria fazem com que todo o seu agir seja pleno de significação, seguindo uma tradição que passa de pai para filho, o mito se torna um modelo exemplar por relatar as façanhas dos “Entes Sobrenaturais e a manifestação de seus poderes sagrados” (ELIADE, 1972, p. 12). Dessa forma, o mito cumpre com sua função social, que “consiste em revelar os modelos exemplares de todos os ritos e atividades humanas significativas: tanto a alimentação ou o casamento, quanto o



trabalho, a educação, a arte ou a sabedoria” (ELIADE, 1972, p. 13). Ou seja, em todas as ocasiões, em qualquer atividade humana, em todas as formas de agir das pessoas, o mito certamente irá afetar aquele que o tem como exemplo a ser seguido

Isso não acontece com eventos meramente históricos, que, mesmo que sejam comemorados, como é o caso do sete de setembro, no Brasil, não se repetem, ou se reatualizam. Aqui Eliade (1972, p. 17-18) chama a atenção para a atitude do homem das sociedades arcaicas, que corresponde à doromeiro nos dias de hoje: é essencial que se conheçam os mitos, pois eles relatam uma explicação do Mundo e da maneira de o homem existir no Mundo. Mas, não só isso: “ao lembrar os mitos e reatualizá-los, ele é capaz de repetir o que os Deuses, os Heróis ou os Ancestrais fizeram *ab origine*”. Assim, osromeiros do Bom Jesus da Lapa perpetuam os mitos da Romaria, que se tornam conhecidos pelo ensinamento de seus ancestrais. Mas para a perpetuação do mito, é necessário que este seja ritualizado.

Mas, antes de passarmos ao rito, finalizamos descrevendo, a partir de Eliade (1972, p. 21-22), cinco propriedades que compõem a estrutura do mito: a) o mito compõe a História dos feitos dos Entes Sobrenaturais; b) trata-se de História a um tempo verdadeira (refere-se a realidades) e sagrada (é obra dos Entes Sobrenaturais); c) o mito remete à “criação”, relata o surgimento de alguma coisa, ou como foram estabelecidos “um padrão de comportamento, uma instituição, ou mesmo um modo de trabalhar, sendo, em razão disso, paradigmas para todos os atos humanos significativos; d) conhece-se a origem das coisas, pelo mito, que possibilita seu domínio e manipulação. Tal conhecimento não se dá de forma externa ou abstrata, mas por meio da vivência de forma ritual, seja narrando o mito cerimonialmente, ou praticando o ritual que o justifica; e) de um modo ou de outro, o mito é vivido por estar impregnado “pelo poder sagrado e exaltante dos eventos lembrados ou reatualizados”.

Na lembrança ou reatualização dos mitos, conta-se com um elemento muito importante, que é o rito.<sup>20</sup> O mito e o rito conectam-se, criando uma retroalimentação mútua. O valor do mito é periodicamente confirmado pelos rituais.

---

<sup>20</sup> Na compreensão de Croatto (2004), os ritos possuem como aspectos principais envolverem-se por vezes com o tempo. Implicam a continuidade que se observa também no simples costume. Os ritos podem ser classificados em: rito de controle e rito comemorativo. O aspecto principal do rito é a repetição. Mantêm a mensagem duradoura e válida. Caracteriza-se, na existência do rito, ser universal. Há muitos ritos litúrgicos e cada um deles possui uma especificidade, de acordo com cultura em que se inserem.

De acordo com Junito de Souza Brandão (1986, p. 39), o rito é a maneira com que o homem “se incorpora ao mito, beneficiando-se de todas as formas e energias que jorraram nas origens”. É condição básica do rito tornar o mito uma práxis. Como práxis do mito, o rito “é ação que viabiliza, efetiva, concretiza a reflexão, na qual a ação se embalsama”. Ou seja, o “rito é o mito em ação”. Enquanto “o mito rememora, o rito comemora”. A ação ritual tem como função reatualizar o mito, fazendo com que se perpetue, ao ser passado de geração a geração, sempre promovendo o encontro do fiel com o sagrado. Tanto o símbolo como o mito, para se perpetuarem, necessitam de ritualização. “Os rituais são importantes ainda, porque as pessoas sabem que podem agir sobre o mundo, criando e alterando os rituais enquanto instrumentos de sua ação” (STEIL, 1996, p. 115).

A religião se destaca pelos rituais que realiza, denominados de litúrgicos. Segundo Croatto (2004, p. 329), “os ritos têm uma repercussão social enorme, seja pelo elemento gestual, que é mais visível, seja pela organização que implicam (preparação, atores, lugar, objetos ou utensílios usados na sua realização etc)”. Com relação ao símbolo, o rito é seu equivalente gestual, ou seja, o rito é um símbolo em ação. Em Bom Jesus da Lapa, por exemplo, um dos ritos bem visíveis dentro da romaria é o da visita ao cruzeiro. Lá, existe uma pedra chamada de pedra do sino. Aquela pedra tem uma grande simbologia para os romeiros que, quando em visita ao Bom Jesus da Lapa, cumprem o ritual de bater nessa pedra.

Na figura abaixo, percebemos a mulher romeira batendo na pedra. Esse ato é envolvido por um grande mito: se a batida fizer barulho, é sinal de que eles estarão de volta; caso contrário, alguns afirmam que a pessoa morre.



FIGURA Nº 7: Pedra do sino - Fonte: Acervo do Santuário de Bom Jesus da Lapa

Todas as mulheres entrevistadas seguem um ritual, ao frequentarem a romaria. Relatam que a primeira coisa que fazem ao chegar a Bom Jesus da Lapa é ir à gruta agradecer ao Bom Jesus pela viagem e pedir proteção e em alguns casos pagam suas promessas. Assim, diz uma romeira do Espírito Santo: “Quando chego, deixo minhas coisas no hotel e corro logo para a gruta, vou agradecer ao Bom Jesus pela viagem e pagar minhas promessas, só depois eu volto para descansar” (RES1). Na romaria do Bom Jesus, são apontados diversos ritos, como: a novena, os sermões, o ofício de Nossa Senhora, a procissão, a bênção dos objetos, a despedida. Também podemos observar outros rituais, tais como: ritual do casamento, do batismo, dentre outros. A prática dos romeiros sempre envolve ritual e isso se confirma na fala da RMG1: “Quando estou na Lapa, rezo o tempo todo. Vou lá na gruta, assisto à missa, volto para o hotel, descanso, torno a voltar para a missa”. Para Steil (1996, p. 114):

Os rituais, ao mesmo tempo que demarcam fronteiras culturais entre os grupos que disputam os sentidos do sagrado no contexto religioso do santuário de Bom Jesus da Lapa, também compensam as deficiências de comunicação e integração. Especialmente aqueles que congregam as diversas categorias de pessoas presentes no santuário possibilitam que as diferentes experiências religiosas, trazidas para a romaria pelos romeiros tradicionais, pelos padres, pelos moradores, possam interagir, ligando os indivíduos e os grupos entre si. (STEIL, 1996, p. 114-115).

Outro ritual é o aceno que fazem ao Bom Jesus, dele se despedindo. Quando já dentro do ônibus, ao passarem frente ao santuário, os homens tiram o chapéu e acenam. As mulheres se despedem acenando com as mãos. Na vida prática dos fiéis romeiros, o rito (ou ritual) é a forma pela qual se vive o mito. Pelo rito há uma suspensão, mesmo que momentânea, do mundo profano, para entrar na presença do sagrado. É um sair do “Chronos” (tempo cronológico) para entrar no “kairós” (tempo de Deus).

Joseph Campbell (2006, p. 82) considera que um ritual “é uma organização de símbolos mitológicos”. Leach (*apud* FERRETI, 1995, p. 20) descreve o ritual como “um arranjo de símbolos, uma representação da estrutura social e uma teatralização do mito”. Portanto, em sua sistematização, o ritual conta necessariamente com os símbolos, que tornam visível o invisível: o mito. O símbolo é a expressão do mito que se dá por meio da ritualização. Croatto (2001) entende que toda expressão religiosa é simbólica, não existindo, portanto, religião sem símbolo. No que concerne

ao símbolo, Croatto (2004, p. 86-87) afirma que duas coisas têm que ser levadas em consideração quando se procura defini-lo.

Em primeiro lugar, “que o ‘segundo sentido’ não está objetivado nas coisas, mas é uma *experiência humana* e singular em cada ser humano”,[...] e em segundo lugar, “as coisas não são simbólicas em si mesmas, e nem sempre chegam a sê-lo. São constituídas simbolicamente por algum tipo de *experiência humana* (CROATTO, 2004, p.86 -87).

O autor completa que “todas as coisas podem ser elevadas à dimensão de símbolos, sejam eles profanos ou religiosos” (CROATTO, 2004, p.87). Para ele,

O símbolo, é então “um elemento desse mundo fenomênico”, pode ser uma coisa ou uma pessoa ou até mesmo um acontecimento, “que foi ‘transignificado’, enquanto significa algo *além* de seu próprio sentido primário” (CROATTO, 2004, p.87).

Na concepção de Croatto (2004, p. 87), “o símbolo pode ser descrito como sendo ‘remissivo’, pois remete para outra realidade que é a que importa existencialmente”. Para Roccher (1971), símbolo é qualquer coisa que toma o lugar de outra coisa, ou ainda é qualquer coisa que substitui ou evoca outra coisa, tendo como características: ação humana é social porque é simbólica; o símbolo tem outras modalidades de influência sobre a vida social, torna visual uma realidade abstrata; função eminentemente social, dividindo o símbolo, símbolos de solidariedade, organização hierárquica das coletividades, ligam o presente ao passado, atualizam as forças e os seres sobrenaturais.

Segundo Steil (1996), os romeiros contam as histórias da romaria de forma inventiva, criando e recriando relatos bíblicos através da sua simbologia e da tradição, havendo uma interação entre os demais grupos existentes na romaria. Todo o patrimônio cultural e religioso da Lapa é ressignificado com todos os símbolos que fazem parte do Santuário da Lapa. Eles cumprem uma tradição milenar cristã, centenária brasileira, demonstrando valores de uma crença que segue mostrando a arte, os ritos, as músicas e todo um movimento social que não apenas encanta quem vem de fora, como também marca fatos e contextos e se armazena nas memórias. “A romaria do Bom Jesus da Lapa, coloca os romeiros em contato com uma teia de símbolos e de sentidos que sustenta a cultura em que estão imersos” (STEIL, 1996, p. 115). Na romaria, como vimos na figura 7, sobre a visita à pedra do sino, o mito une-se ao símbolo, sendo um componente muito variável e rico de tradição religiosa.

Os símbolos na Romaria do Bom Jesus da Lapa têm a função de manter a continuidade do evento, de promover o deslocamento do sagrado e ainda fortalecer a fé. Veja-se a figura abaixo:



FIGURA Nº 8: Velas, fitinhas e terço - Fonte: Acervo do Santuário de Bom Jesus da Lapa

A figura acima exemplifica alguns dos símbolos. A água, a vela, a fitinha, o chapéu de palha, o terço, o crucifixo, os fogos, dentre outros, formam o conjunto da simbologia no contexto da Romaria do Bom Jesus da Lapa. No entanto “os mesmos símbolos podem ter significados diferenciados a partir da inserção que as pessoas têm na romaria e das experiências pregressas que trazem, de forma que são sempre suscetíveis a reinterpretações e manipulações variadas” (STEIL, 1996, p. 112), assim como acontece na cultura popular, em que o povo tem uma grande capacidade de se expressar com uma criatividade muito flexível.

Durkheim (1976) afirma que uma sociedade só cria ao criar e recriar um ideal coletivo, ou seja, um sistema de símbolos. O ato de criação, o ato e o poder da simbolização são atos pelos quais a sociedade se refaz periodicamente. O autor chama a atenção para o fato de que o ideal coletivo expresso pela religião se deve ao poder inato do indivíduo. Para o autor, foi na vida coletiva que o indivíduo aprendeu a idealizar, simbolizar e fazer uso dos símbolos para se comunicar. Isso acontece com a romaria, em que as pessoas são chamadas a expressar sua fé na coletividade, fazendo-se valer dos mitos, ritos e símbolos.

Araújo (2009, p. 47) considera que a romaria “tem um significado simbólico que adquire força, posto que a chegada ao lugar sagrado é sempre marcada por um gesto público de fé”, exteriorizado por práticas envolvendo “ritual, banho, tocar uma

reliquia, jejum, procissão solene”, bem como a oração que se traduz na “convicção de se ter conseguido um enriquecimento espiritual, uma cura moral, ou até mesmo física”. A chegada do romeiro ao lugar sagrado faz acompanhar-se por um gesto público de fé, que envolve diversos rituais. Um dos grandes rituais apresentados no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, conforme veremos a seguir, é a festa.

### 1.2.3 Da reza à festa: é tempo de romaria

No catolicismo popular, as festas e os eventos religiosos relacionados a santuários possuem dois elementos importantes, ligados à cultura: o tempo e o espaço. Ambos são construídos de acordo com os grupos sociais que os compõem, preenchidos de significados, servindo como determinantes da cultura. O calendário é um instrumento que serve para nos incorporar à cultura, remetendo-nos ao imaginário religioso, no qual fazemos parte, e contribui para organizarmos nossas atividades diárias. O tempo, ao qual nos referimos, vem carregado de significados. Associado à memória, remete-nos ao passado, dando uma continuidade às nossas gerações, bem como nos remetendo às anteriores. “No Brasil , no entanto, esses lugares se concretizam principalmente em santuários em que são depositadas imagens de santos, beatos e divindades” (STEIL, 2001, p. 12).

Na cidade de Bom Jesus da Lapa, a festa do ‘Bom Jesus’, assim como qualquer outra festa religiosa, é alternada por momentos que envolvem o sagrado e o profano. Por ser uma das mais expressivas manifestações de religiosidade popular, ela possui toda uma especificidade que permeia todos os espaços da cidade de Bom Jesus, indo desde a praça principal da cidade, onde se concentram os eventos culturais, que envolvem shows e exposições de artistas locais, até o entorno da Esplanada, onde se encontra o Santuário e a gruta do Bom Jesus.

Nesses espaços, em alguns momentos, o que é sagrado é separado do que é profano; em outros eles se misturam. Segundo Rosendhal (1996, p. 81), o espaço sagrado é definido como “um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, que o transporta para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência”. O espaço profano pode ser visto como algo contrário ao sagrado, ou seja, aquele que fica ao seu redor. Pode-se dizer que o espaço sagrado existe em detrimento do profano e vice-versa, não existindo, contudo, fronteiras definidas entre eles, podendo por vezes se misturar.

Em nosso país, existem locais sagrados (santuários) e diversos santos que atraem multidões de fiéis e seguidores. As festas religiosas são importantes características de expressão cultural, que demarcam todo um espaço e o calendário que estrutura e organiza nossa vida social. Steil afirma que não existe “região ou Estado no Brasil que não tenha incorporado em suas paisagens locais de peregrinações com diferentes gradações de importância”. Existem igualmente “santuários e eventos religiosos que possuem abrangência nacional, rompendo fronteiras dos Estados e regiões” (STEIL, 2001, p. 11).

Conforme Del Priore (2000), a origem das festas está no uso, que se encontra em todos os grupos humanos, de dividir o tempo em fases distintas, havendo ritos especiais para marcar o dia que assinala a passagem de um período para outro. Não fica fora a festa do Bom Jesus da Lapa. Todas as religiões estabelecem datas para comemorar os fatos litúrgicos, aparecendo através das épocas e dos povos. Entretanto, a Igreja determinou dias específicos para que fossem dedicados ao culto de um determinado santo, considerando-os dias de festa. A partir das observações feitas durante a pesquisa de campo, pudemos perceber que a festa do Bom Jesus traz toda uma característica originária da cultura local. Em meio a shows, cantos e orações, é chegado o dia da festa, o ‘grande dia para os romeiros’.



FIGURA Nº 9: A festa de encerramento da Romaria do Bom Jesus. Fonte: Acervo do Santuário.

A ilustração acima mostra a festa de encerramento da Romaria de Bom da Lapa, após a chegada da procissão na Esplanada, na frente da Gruta. Esse

momento tem um significado especial para as pessoas que participam dele, conforme o relato de uma romeira de São Paulo:

Aí nós viemos passear, a gente gostou, né, da cidade, do povo baiano, tudo, aí a gente vem todos os anos, nós vimos passear aqui, e a gente vai à festa, né, da romaria aqui, né, é isso aí a gente tá aqui todo ano, é uma lindeza que Deus mandou para nós (RSP2).

Destacamos que a festa de Bom Jesus da Lapa, que conta com 323 anos de realização, é uma das cinco maiores festas populares do país, atraindo romeiros e peregrinos de toda parte. No dia da festa do Bom Jesus, lá estão os devotos, com toda a sua expressão de fé e devoção. As pessoas das cidades circunvizinhas vão logo cedo, para passar o dia com o Bom Jesus. Já as pessoas oriundas de outros estados e cidades baianas mais distantes sempre chegam na noite anterior, para poder participar de toda a programação do dia seguinte. Essas pessoas não vão em romaria. Vão em carros próprios, com parentes e amigos. Outras pessoas vão apenas para conhecer a festa. Muitas delas passam por Bom Jesus da Lapa e acabam assumindo o compromisso de todos os anos repetirem a visita e participarem da festa.

Del Priore (2000) argúi que a festa vem significar o poder sempre articulado com a igreja e a política. No passado, o poder do monarca, do representante católico, resultava na mediação entre a vida real e o cotidiano do povo, com alternância de momentos em que as pessoas fogem dessa realidade. A autora traz o conceito de festa do dicionário do séc. XVIII, em seu vocabulário português e latino, escrito pelo jesuíta Raphael Bluteau:

O termo *festus*, de origem latina, aplicava-se à celebração e ao culto dos “falsos deuses”. Para ilustrar o que está falando cita festas maometanas e dos judeus sublinhando, porém, que as festas dos cristãos nas Igrejas católicas são sabidas de todo o fiel cristão: as dos patronos, as dos mártires como São Policarpo e outros, a da Epifânia. Ressalva, contudo a existência de festas profanas (DEL PRIORE, 2000, p. 18).

A autora nos diz que as festas surgiram com caráter devocional e também com caráter moralizante e normatizador. Ressalte-se que não funciona a ideia em separar as festas profanas das religiosas, pois elas andam juntas. Dentro de uma aparecem aspectos da outra e vice-versa, pois, além de misturar músicas, ritos e sons, misturam-se também os corpos. Na festa vinha embutida a ideia do exagero, incentivando a quebra de regras e de padrões estabelecidos e normatizados pelas



autoridades, surgindo uma nova regra aceita por toda a classe. "Sem dúvida, uma modesta descrição para transgressões, pois à medida que a festa avançava ficavam mais e mais radicais" (DEL PRIORE, 2000, p. 20). Como exemplo disso, na época do Brasil colônia, as entradas e procissões consistiam num desfile de fiéis que acompanhavam a imagem do santo, junto com o sacerdote. Na idade moderna, as festas têm uma função celebrativa e piedosa, servindo para tranquilizar as pessoas. Nos dias atuais elas ainda mantêm a mesma tradição.

Houve época em que a cultura popular se entrelaçava com o culto oficial. O barulho dos fogos e a iluminação expressavam essa maneira de agir das classes dominantes. As festas traziam todo um ritual expresso e partilhado através de diversas simbologias (máscaras, luzes, fogos, decoração), "ora status, ora poder, ora resistência, a cultura popular ou da elite davam funções diversas a esses vários símbolos" (DEL PRIORE, 2000, p. 41). O que se pode perceber é que há festa dentro da festa:

Se a festa apresenta um aparato introdutório marcado por funções que sublinham sua relação com o poder do rei ou da Igreja, a linearidade ambiciosa e constituída por imagens dos seus patronos é, em um dado momento, substituída por outro ritmo. No momento em que ela ganha a rua e ela o faz com o início das danças e desfiles que acompanham o cortejo ou a procissão, os eventos dentro da alegre reunião começam a ganhar independência. Danças e fantasias, figuras do desfile e dos carros alegóricos, rituais e harmonias profanas invadem a tela bem – comportada da comemoração original e, embora sejam articulados com o todo oficial, cada uma dessas manifestações tem vida própria e significado peculiar (DEL PRIORE, 2000, p. 43).

Havia uma circularidade entre culturas diferentes no espaço da festa. Tanto as novenas como as procissões permitiam a todo o povo momentos de fantasia e lazer. "Na festa-dentro-da-festa que é a procissão percebe-se um canal eficiente de circulação de idéias entre colonizados e colonizadores, vencidos e vencedores, tristes e alegres" (DEL PRIORE, 2000, p. 49). Para prender a atenção do povo, não só usavam o luxo como outros complementos, como já comentado, e, sim, também faziam uso de elementos que formavam a sua cultura, havendo um equilíbrio entre sedução e temor. No entanto, o povo era chamado, 'convocado', para a festa e ao mesmo tempo se inteirava da mensagem oficial. Registra-se a presença desse imaginário na sua função na cultura popular, em que as danças eram um exemplo dessa questão, como também um meio de afirmar a presença profana na festa.

Como resposta à cultura dominante, instigavam uma situação de conflito determinada pela escravidão negra e o trabalho compulsório indígena.

As festas religiosas têm como objetivo reverenciar um santo, como também celebrar um milagre, deixando expressos o fenômeno sagrado e o profano, formando uma simbiose nas pessoas que delas participam. Diante disso, destacamos alguns elementos que emolduram essa simbiose: o milagre, o comer, o beber (retratava um misto sacroprofano, trazendo boas ou más intenções, no caso a embriaguez como algo permissivo naquele momento), enfatizando que os excessos se faziam como traços característicos dessa questão. Assim como a esmola, as doações eram uma forma de arrecadar dinheiro do povo, para ajudar as confrarias e irmandades. Não só naquela época, como atualmente, as festas são um importante meio de fazer propaganda e afirmar o poder político. Conclui-se que “o banquete, a comilança coletiva, tinha forte expressão social e o ato de comer juntos era remetido à aliança ou à força de integração social que se gestava durante a festa” (DEL PRIORE, 2000, p. 70). Essa característica é bem marcante na Romaria do Bom Jesus da Lapa.

Um aspecto que Del Priore (2000, p. 74) destaca é a presença das crianças na festa, sendo não só espectadoras como também protagonistas nas procissões, “fazendo vistosa folia, dançando com muita graça e cantando em louvores aos santos”. Outro é a presença dos negros (africanos), que aproveitavam a festa católica dos brancos e indígenas para inserir suas tradições e culturas. O que se pode perceber é que esse espaço é formado por uma integração racial. Em alguns momentos essa questão aparece de forma harmoniosa e noutros existe um conflito latente. Diante dessa afirmação se deu o aparecimento das irmandades negras ou mulatas na festa, as quais serviam para socializar, alegrar e romper com as normas e integrar sua cultura.

Na concepção de Del Priore (2000), por conta desse novo panorama assumido, o controle sobre as festas se torna necessário. Inicialmente esse momento era usado pelas instituições de poder para expressar seus desejos (políticos e religiosos), mas, com a presença e mistura das três raças (índios, negros e brancos), as festas se tornaram momentos de cada qual apresentar sua cultura específica, como também sua mistura, gerando nas pessoas comportamentos religiosos pacíficos, como também violentos. Segundo a autora, aparecem dois tipos de festas: as de ordem religiosa e as originárias do povo, havendo as normatizações

dentro dos aspectos culturais de cada uma delas. O que se pode concluir é que as festas eram momentos de inversão, em que até a expressão corporal tomava novas formas. A população a todo momento reagia à normatização exercida pela Igreja, buscando a união da religiosidade popular com as celebrações do calendário cristão, fazendo uso dos festejos católicos para realizarem expressões de crenças de todo tipo. Diante disso,

As práticas mágico-religiosas encontravam assim seu lugar no interior das festas católicas e indivíduos de todos os segmentos sociais entrelaçavam a devoção mágica com a devoção piedosa. Era mais uma das maneiras de apropriar-se da festa (DEL PRIORE, 2000, p. 136).

No século XVIII o que se verifica é a interferência da Igreja católica nos rituais e nas celebrações festivas e populares. Atualmente isso é percebido, principalmente no que concerne às festas de cunho religioso a fim de se combaterem os exageros e desordens ocorridas nesse período.

Brandão (1989, p. 08) também dá sua contribuição ao afirmar que as festas são elementos característicos da própria cultura, variando conforme cada sociedade em que ela se insere. Na nossa própria vida, olhamos com frequência para algumas situações de alternâncias, entre momentos de rotina da vida cotidiana (aspectos comuns) e momentos em que essa rotina é rompida, passando por um ritual de transgressão, o qual podemos chamar de festas, que são marcadas por aspectos determinantes, tais como: situações únicas, raras ou repetidas, através dos tempos opostos, quando a sociedade volta ao normal. Podemos citar como exemplo dessa alternância o carnaval (momento de transgressão/festa) e logo após vem a quaresma (período de acomodação), voltando-se, posteriormente, à rotina. Ressaltamos que após a quaresma se realiza em maio a festa de Maria; no mês de junho de: Santo Antônio; São João e São Pedro, santos que fazem parte do imaginário da cultura local.

Nesse contexto, segundo o referido autor, é que há especificidades de festas no que concerne ao rural e ao urbano, pois na cidade os ritos de passagem são multiplicados através da família. "É como se no mundo da cidade a festa oscilasse entre um máximo de sentido universal [...] Enquanto no campo, valem mais as cerimônias de um nós local, como nas festas de santos e padroeiros" (BRANDÃO, 1989, p. 08). Vista dessa maneira, a festa traduz uma fala, uma memória, uma mensagem, exercendo um poder simbólico que de tempos em tempos tem que ser

celebrado, lembrado, festejado. "Aqui e ali, por causa dos mais diversos motivos, eis que a cultura de que somos ator-parte interrompe a sequência do correr dos dias da vida cotidiana e demarca os momentos de festejar" (BRANDÃO, 1989, p. 08). No momento em que festejamos, somos símbolo, pois a cultura serve para restabelecer e reafirmar laços. Portanto, a "ênfase daquilo que a sociedade festeja em nós prefere recair sobre as situações em que ela atesta que alguém transitou de uma posição a outra e, assim migrou, de algum de seus espaços da vida e trabalho a outro" (BRANDÃO, 1989, p. 08).

Brandão (1989, p. 11) chama a atenção para a existência de alguns elementos de trocas que formam a essência da festa popular no Brasil, ou seja:

Porque, cheia de falas e gestos de devoção, ruptura e alegria, ela afinal, não é mais do que uma sequência cerimonialmente obrigatória de atos codificados de dar, receber, retribuir, obedecer e cumprir. Troca-se o trabalho por honrarias, bens de consumo por bênçãos, danças por olhares cativos, o investimento do esforço pelo recolhimento do poder, a fidelidade da devoção pela esperança da bênção celestial. Obedece-se ao mestre, ao festeiro, ao padre, ao chefe de torcida, ao maestro da banda. Cumprem-se promessas, votos feitos (BRANDÃO, 1989, p. 11).

Outro aspecto que Brandão (1989, p. 13) destaca nas festas é o encontro do sagrado composto por missas, novenas e procissões realizadas em espaços sagrados. Já nas ruas e praças se realiza o profano da festa, que algumas culturas denominam como parte folclórica, sendo esta tão importante como a outra. Naquela romaria, esta questão é bem explícita, pois, paralelamente à realização da festa do Bom Jesus, há toda uma programação festiva que inclui shows com artistas locais e de renome nacional e internacional. No que constitui uma espetacularização da fé, atualmente estão incluindo shows religiosos, com padres e leigos cantores, como uma forma de atrair os romeiros, patrocinados pelo poder público local e por casas de eventos particulares. Esse encontro entre sagrado e profano, em alguns momentos, é tencionado pelos desejos e interesses dos seus participantes, bem como de seus dirigentes. Para ilustrar essa questão, podemos citar as autoridades da Igreja. Em contrapartida, os festeiros e participantes.

O que se deduz disso "é que a festa é justamente essa bricolagem de ritos, folguedos e festejos de devoção e de pura e simples diversão". A festa popular tem como característica "a mistura, ao mesmo tempo espontânea e ordenada, de momentos de rezar, cantar, dançar, desfilar, ver, torcer. 'Festar', palavra brasileira

que deliciosa e sabidamente resume tudo o que se deve fazer” (BRANDÃO, 1989, p. 13).

A festa do Bom Jesus é celebrada no dia 06 de agosto. Todos os romeiros se vestem de roupas brancas, muitas delas feitas pelas próprias romeiras, como sinal de paz e de pureza diante do ‘pai’, e colocam chapéu branco na cabeça, com fita verde (esperança), para se diferenciarem das demais pessoas. Participam de toda a programação oferecida pelo Santuário, que vai desde a reza do ofício no início do dia, perpassando pela missa, bênção dos fiéis e dos objetos, pela procissão e culminando com a bênção final e de despedida, na Esplanada, no início da noite.

Brandão (1989, p. 13) se refere à festa através de várias comparações e a principal delas é que a festa é como uma viagem, na qual o indivíduo se veste de modo apropriado e vai lá, transita por vários espaços, vivencia esse mundo mágico e volta à normalidade. “Por isso, o desfile, o cortejo, a procissão, a folia e tudo mais que possibilite o sujeito a deslocar, entre as pessoas e pelos lugares que a própria festa simbolicamente reescreve e redefine: sujeitos, cerimônias e símbolos”. Em sua análise, o autor cita uma observação interessante dos viajantes franceses, no período em que visitavam o Brasil. Primeiro é que o Brasil é um país festivo, em todas as partes e lugares e por todos os motivos. Segundo, até mesmo as cerimônias religiosas se transformam em festas, quando tudo se mistura. O que se percebe é que

O catolicismo brasileiro recriou seus ritos dos festejos de rua, uma espantosa variedade que se presta aos mais variados fins conjugados e quer cobrir justamente a polissemia de atores sociais que conhecem pertencentes a eles e multiplicam-se até hoje festas públicas para atestar isso (BRANDÃO, 1989, p.15).

No Brasil, a secularização causou uma transferência de valores puramente religiosos para outras esferas sociais de linguagem. No espaço da rua, há uma multiplicidade de festejos, desde os de cunho religioso-nacionais aos locais, bem como os profanos, pois a festa é um elemento determinante da nossa cultura. “Já que não sabemos viver a não ser dividindo o tempo dado ao trabalho produtivo em outros tempos divididos por sua vez entre o rito e o jogo, eis que a todo momento e por toda parte misturamos uma coisa com a outra” (BRANDÃO, 1989, p.16). Diante disso, a festa se faz presente na memória dos sujeitos que a vivenciam, como elemento importante de suas vidas, dando sentido e ressignificando sentimentos. ”E

a festa é justamente jogo generoso e não raro tenso da passagem, de todos ou de alguns atores, de um espaço ao outro” (BRANDÃO, 1989, p.19).

Embora a Festa do Bom Jesus da Lapa seja realizada no dia 6 de agosto, o movimento dos romeiros já começa logo após a festa de São João, que acontece nos dias 23 e 24 de junho. No santuário e na cidade de Bom Jesus da Lapa, intensifica-se o fluxo de romeiros a partir de 28 de julho, quando se inicia a novena na Esplanada, culminando a festa no dia 6 de agosto com a procissão e a celebração solene. Ultimamente está se prolongando por todo o ano, devido à recuperação das estradas. Durante esse período, realizam-se diariamente celebrações de missas, casamentos, batizados, procissões, confissões, reza do terço, do ofício e das ladainhas, testemunhos de graças recebidas e outras atividades. No ano de 2012, o santuário foi visitado por aproximadamente mais de 1.500.000 romeiros e, em 2013, a Polícia Militar calcula que, no dia da festa, a cidade recebeu quase 300.000 romeiros, na sua maioria mulheres. Mineiras, paulistas, cariocas, capixabas, goianas, baianas e outras se encontram aos pés do Bom Jesus da Lapa, alternando-se entre a reza e a festa. A romeira de Minas Gerais justifica por que gosta da festa:

Eu me sinto bem, eu sinto muita paz quando eu participo. Eu gosto, me sinto bem [...]. Aí já vai chegando pra uma e já vai... É aí, onde eu organizo a outra, já vou organizando como é que eu vou fazer, como é que eu não vou, né? Mais participo de tudo no Bom Jesus, da reza à festa (RMG1).

Por ser a festa um traço característico da Romaria do Bom Jesus da Lapa, a fala da Romeira de Minas Gerais, nos leva a perceber que as mulheres romeiras participam de tudo quando estão em Bom Jesus da Lapa: da reza à festa. O tempo da romaria não termina com a festa, continua até o fim do ano, fazendo com que a peregrinação se torne visível naquele espaço. Logo que termina uma, num ciclo contínuo, que passa de geração a geração, mal termina uma festa, já se começa a organização da outra. E assim, se perpetua o encontro entre o sagrado e o profano, em Bom Jesus da Lapa, com suas inovações a cada ano.

### 1.3 A PEREGRINAÇÃO COMO UM FATO OBSERVÁVEL

O termo peregrinação, em âmbito linguístico, somente surgiu na primeira metade do séc. XIII, introduzido pelos cristãos. Em relação ao uso destes termos,

nota-se, nas línguas francesa e inglesa, que não se fala “romaria” e “romeiro”, mas, apenas, “peregrinação” e “peregrino”. Já nas línguas portuguesa e espanhola, usam-se no mesmo sentido as duas palavras, sendo mais comum o emprego dos termos “romeiros” e “romarias” (ARAÚJO, 2009, p. 48). Nesta tese optamos por usar os termos ‘romarias’ e ‘romeiros’.

Araújo (2009, p. 48) pontua que, tanto no passado quanto no presente, as peregrinações aos lugares sagrados possuem enorme expressão social, favorecendo o encontro, a criação e recriação das culturas. Desde o início da humanidade, constatamos deslocamentos, viagens de grupos ou indivíduos para um determinado lugar sagrado, em reverência a um místico, a um santo. Alguns lugares de peregrinação no mundo tornaram-se famosos, como: Meca, Terra Santa, Lourdes, Santiago de Compostela, dentre outros. A peregrinação a Meca, por exemplo, atrai milhares de fiéis à cidade santa dos muçulmanos, em homenagem à terra natal do profeta Maomé. Jerusalém também se inclui no cenário das grandes peregrinações, pelo fato de ser considerada cidade sagrada pelas três religiões monoteístas: judaísmo, cristianismo e o islamismo.

Conforme já mencionado, ao longo da história a romaria revelou-se uma realidade entranhada no coração de todas as religiões, principalmente a católica. Portanto, tal prática não se restringe ao mundo cristão, mas, no sentido de uma peregrinação, faz parte também de outras religiões, diferindo apenas nas crenças e motivos. Terrin (2003) diz que alguns antigos grupos primitivos já faziam experiências de peregrinações, a exemplo dos celtas, que partiam em peregrinações às novas terras, tendo como justificativa a religião.

A arte de peregrinar tornou-se uma prática institucionalizada, dentro das cinco principais religiões mundiais, tais como: Hinduísmo, budismo, judaísmo, cristianismo e islamismo. Exemplificando, Araújo (2009, p. 43) reporta que, “no caso cristão, inclusive, algumas sepulturas de mártires serviram de base para a construção de templos que se tornaram mais tarde verdadeiros centros de peregrinações”. Segundo Santana (2009, p. 61), as romarias são consideradas como práticas religiosas exóticas. Historicamente, as romarias remontam ao catolicismo medieval, pois tiveram início no século XVI. Logo após, tais práticas passaram a ser compreendidas “como expressão de resistência, de protesto, uma forma de reivindicar suas crenças religiosas”.

No contexto atual, as romarias ainda perduram, atentando-se a construção e reconstrução de novos paradigmas, inclusive no que refere às concepções da identidade de gênero feminina. No âmbito do estudo dos fenômenos religiosos, destacamos a romaria como uma das expressões do catolicismo popular, que permanece e resiste dentro da cultura brasileira. Atualmente, no Brasil, existem aproximadamente 280 Santuários reconhecidos e por reconhecer, dentre eles o Santuário de Bom Jesus da Lapa, que, no seu tricentenário de existência, traz como característica uma das mais importantes e maiores romarias do alto sertão da Bahia e do Brasil, que é a Romaria do Bom Jesus da Lapa. Partindo desse pressuposto analisaremos a Romaria do Bom Jesus da Lapa como espaço de encontro com o sagrado, local onde se estabelecem relações interpessoais .

### 1.3.1 A romaria como espaço de encontro com o sagrado

Na história das religiões existe uma variedade e multiplicidade de peregrinações. Essas peregrinações, como é o caso da Romaria do Bom Jesus da Lapa, são formas de renovar a fé, entrar em contato com o sagrado e buscar o divino que, embora não se encontre na imanência deste mundo, se faz presente em um ‘ lugar sagrado’, tornando-se, porém, no caso do catolicismo popular, ao alcance de todos, corporificado na imagem que o represente. De acordo com Terrin (2003, p. 266-267), na romaria há várias maneiras de se encontrar com o sagrado:

Em primeiro lugar, há o contato com o objeto sagrado, tocar com a mão ou beijar a rocha da aparição, colocar os lábios sobre as relíquias, dar uma volta ao redor da imagem’ [...]. Essa prática plurimilenária ficou praticamente inalterada ao longo dos séculos e á qual naturalmente se atribuiu também caráter terapêutico. Assumiu formas diferentes em lugares diversos, mas o contato permaneceu como o momento decisivo: entrar em ‘contato com’ significa adquirir de certo modo a energia da divindade ou do santo e ter a possibilidade a mais de sentir a influência benéfica do sagrado na própria vida. A segunda forma de participação e de envolvimento é ainda mais importante e baseia-se sobre a partilha e a comunhão de algo. Na condução da peregrinação pelo próprio fato de existir esse envolvimento totalizador, porque não se pode permanecer alheio como quando se participa de uma cerimônia, mas vive-se a peregrinação e o seu momento de encontro com o sagrado como um acontecimento personalizado, envolvente, arrasador, como se assistíssemos a um milagre realizado do propósito para cada um. Um terceiro motivo recorrente de participação na romaria é especificado pelo *do ut des*, por uma espécie de contrato ‘implícito’ que se estabelece entre o romeiro e o lugar de encontro do sagrado, que pode ser uma pessoa, um objeto ou apenas genericamente um lugar especial. Em última instância o romeiro tem necessidade de saber que sua participação no sagrado é duradoura; não morre no tempo: é o problema de continuar presente no lugar sagrado apesar de ter que deixá-lo. Os inúmeros ex-votos



que cobrem as paredes dos nossos santuários, e em geral de todos os santuários do mundo, exprimem esse desejo de presença contínua e perpétua (TERRIN, 2003, p. 266, 267 e 268).

A partir dessas reflexões de Terrin (2003) sobre as formas como os romeiros se comportam em seu encontro com o sagrado, percebemos que no Santuário de Bom Jesus da Lapa essa questão se faz presente. A Romaria do Bom Jesus da Lapa é um espaço de encontro com o sagrado (com o Senhor Bom Jesus da Lapa). Mas não só isso. Ali se torna um lugar de encontro com amigos e parentes dos romeiros, um lugar onde se criam sociabilidades. Para aqueles que moram mais longe fica difícil de ir à cidade do outro. Quando vão ao Bom Jesus, para rezar e agradecer as graças alcançadas, isso constitui uma oportunidade de rever parentes e amigos.

O encontro com o sagrado proporciona momentos de intensa fé, em que os romeiros testemunham milagres em suas vidas, envolvendo promessas. Eis algumas promessas e graças alcançadas relatadas pelas romeiras e coordenadoras de romaria do Bom Jesus da Lapa:

Eu acho que milagre, a gente recebeu muitos milagres, sobre a minha filha mesmo que era tão doente, meu menino sabe, ela desmaiava direto, ela passava duas semanas bem e na outra ela desmaiava e eu pedia o senhor Bom Jesus direto pra curar minha filha. Minha filha e graças a Deus, está com dois anos que ela não sentiu mais nada, daí todo ano ela vem agradecer (CRMG2).

Já alcancei várias graças a Deus, para meu filho e uma minha né?, eu estava com problema sério no peito que era caso de desistir, mas eu entreguei nas mãos de Deus e do Bom Jesus, eu achava que eu ia morrer, mas estou viva e forte, pois enquanto vida e saúde tiver, eu venho todo ano (CRB1).

Já, alcancei várias graças, uma graça que me marcou muito foi pro meu filho, porque ele teve um problema de coluna, e eu pedi, pedi pro Bom Jesus, pedi pra Nossa Senhora, e fui lá no Bom Jesus e paguei, fui lá em Aparecida e paguei. Eu já tive uma graça de São Geraldo, o meu filho vindo do serviço, o carro pegou ele no corredor, o carro amassou todinho. E o carro não era dele, o carro era da firma, ele trabalhava no carro, mas ele não teve um arranhão, quando eu recebi foi a notícia, o carro bateu, amassou, e meu filho não teve nada, a promessa que eu fiz pra São Geraldo, caminha com ele, e pro Bom Jesus, ficou 90 dias de atestado, por causa da coluna sem poder trabalhar, voltou a trabalhar. Então são coisas que você pede e você vai alcançando (RMG1).

Como se vê, são várias as graças alcançadas, tanto pelas mulheres romeiras para si e para sua família, quanto pelas coordenadoras de romaria, todas elas relacionadas a problemas de saúde. Um aspecto que não poderiam deixar de

mencionar é que muitas mulheres romeiras relatam para a coordenadora de romaria o motivo da sua viagem, bem como a graça alcançada:

Bom, já tive muitos depoimentos, só que é tanta coisa que ouve, que você acaba não gravando. Tanto depoimento que você ouve. Você chega naquela sala que tem lá, você não dá conta de ler tanta coisa que tem escrito, principalmente quando você já está em uma idade avançada você não consegue guardar muita coisa. Mas o pouco que você vê naquelas salas nos lugares, são todas as graças alcançadas. Se você chega na Lapa, você vê; se você chega em Aparecida você ver, se você chega em São Geraldo, você ver (RMG1).

As graças alcançadas por essas mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa retratam a vida cotidiana delas. Conforme afirma Steil (1996, p. 136), elas relatam não só o drama da vida material de cada indivíduo em particular, “mas da vida do grande corpo popular, para o qual nascimento e morte, dor e prazer não são nem o começo, nem o fim absolutos, mas apenas fases de um crescimento ininterrupto (STEIL, 1996, p.136). Após alcançar as graças e pagar suas promessas, ao retornar à sua vida cotidiana, depois de participar da romaria, as mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa levam dentro do coração a sensação de quem, depois de passar por um sacrifício, recebeu as bênçãos do santo, ou seja, alcançou a sua graça. Além disso, tiveram a oportunidade de encontrar parentes e amigos, o que faz daquela romaria, ao mesmo tempo, um espaço de encontro com o sagrado, e também um lugar onde se estabelecem relações interpessoais.

### 1.3.2 A romaria como espaço inter-relacional

O crescimento espiritual proporcionado pela romaria, bem como o convívio com outras pessoas que conjugam o mesmo sentimento, em torno da mesma fé, faz com que a romeira volte para o seio de sua família, com uma proposta nova de vida, cuja prática se reflete por todos os espaços que frequenta, fortalecendo os seus laços interpessoais. De acordo com Araújo (2009, p. 62):

O caminhar dos devotos se traduz em convite aberto à construção de relações interpessoais mais humanas para todos que não temem a arte do encontro e da desconstrução de paradigmas sociais que não estejam mais a serviço da vida, da liberdade e da realização da pessoa humana na contemporaneidade (ARAÚJO, 2009, p. 62).

Segundo Araújo (2009), a mulher romeira, como “*agente socializador*”, facilita e melhora a vivência e convivência entre as pessoas, nos seus diversos ambientes, a começar pelo conhecimento e pela troca de experiências mútuas, favorecidas durante a caminhada e no contexto da romaria, levadas depois para o dia a dia. Aquilo que aprende com a fé, na romaria, é posto na prática cotidiana, onde a fé é sempre lembrada. A experiência que adquire, frente ao sagrado, bem como aquilo que aprende com os demais, é capaz de produzir no indivíduo uma transformação de vida, fazendo com que esse indivíduo seja capaz de, pelo exemplo, levar as pessoas também a desejarem passar pela experiência por ele vivida. É impossível a quem participa de uma romaria voltar a ser a mesma pessoa de antes, pois a intensidade com que vive a fé, na companhia de outras pessoas, leva o indivíduo a uma transformação interior de tal forma que muda sua maneira de ser.

Parafrazeando Oliveira (1985), em Bom Jesus da Lapa se mesclam beleza com miséria, dor com cura, tristeza com alegria, devoção com festa, doença com saúde, pobreza com riqueza. É uma junção de sentimentos e condições sociais que vêm à tona por meio das promessas e dos milagres. Questões que enaltecem o social, que mostram a condição da mulher romeira que vem de outros lugares. Questões guardadas nos morros que de muito distante se veem; que, através do estudo da sua história, se pode resgatar. Tudo isso é construído, reconstruído e mediatizado por uma cultura, bem como por tensões e complementaridades. Deslocando-se de lugares diferentes com destino a Bom Jesus da Lapa, os romeiros fazem com que aquele espaço se transforme num lugar de encontro em que as pessoas vão estabelecendo laços afetivos e partilhando suas experiências de vida. Assim, a amizade e o companheirismo tornam-se um símbolo presente na Romaria do Bom Jesus da Lapa. As romarias, de fato, tornam-se espaços de encontro com o sagrado, consigo mesmo e com os amigos e parentes.

Na Lapa do Bom Jesus, as mulheres vivenciam vários momentos alegres, que são sempre lembrados pelo grupo, conforme as falas das romeiras registradas abaixo, que enaltecem a romaria como lugar de união dos amigos, de muita oração, de alegria e de construção e manutenção das relações interpessoais. Dizem as Coordenadoras de Romaria de Minas Gerais: “o que me dá alegria é ver o povo feliz aqui no Bom Jesus” (CRMG2), e da Bahia: “um comportamento bom do romeiro, que a gente tem que reunir todos eles e ir para a igreja, ouvir a missa, receber a

bênção: Bagunça, eu acho que aí não pode existir bagunça” (CRB2). Enfim uma Romeira de Minas Gerais diz:

Aí vem os entendimentos dos romeiros com o chefe da romaria, aí é que está a união, aí é que está o entendimento. Então é nesse entendimento que a gente tem que viver, pra poder sair uma romaria boa, pra poder sair uma romaria alegre, uma romaria em paz, pra você se sentir melhor ainda (RMG1).

Assim como as entrevistadas enaltecem as coisas alegres da Romaria do Bom Jesus da Lapa, elas também registram algumas coisas tristes, tais como: a morte das companheiras de viagem, conforme relata, com certa amargura, a romeira de Minas Gerais: “Quando eu me lembro das companheiras que Deus já levou, isso aí me deixa triste. Porque você já está acostumada a viajar com um grupo de pessoas, então quando você entra dentro do ônibus, você lembra daquela pessoa” (RMG1); a decepção pelo comportamento de algumas pessoas que não vão para a romaria rezar, mas para beber no bar, se divertir: “o que não gosto é daqueles que não vêm para rezar” (CRMG2); a romeira da Bahia mostra também sua decepção ao afirmar que acha ruim no romeiro: “cada qual é dono de si, mas eu vou falar. É vim pra romaria e ir para o bar beber, a gente não pode falar nada, a gente fica quieto, porque ninguém é de ninguém e a gente vem pra casa de Deus, né (RB1). Essa mesma romeira afirma que “as pessoas que vêm no grupo, umas são mais, outras menos, só vêm para divertir, eu acho isso errado” (RB1). Já outra romeira lamenta não poder prestar solidariedade às pessoas necessitadas: “quando tem alguma coisa que eu não posso fazer, estou doente, não poder ajudar uma pessoa que está sofrendo, essas coisas entristece” (CRB1).

No espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, a amizade vivenciada pelas mulheres romeiras vai muito além do espaço da romaria. Nesse sentido, retrata a romeira de Minas Gerais: “Nós somos amigos lá na nossa cidade e somos amigos aqui. A gente se encontra lá. E se encontra na romaria, encontra na igreja, encontra na rua, nós somos amigos por toda vida (RMG1)”. A romeira da Bahia demonstra a importância do encontro dos amigos da sua cidade, na Romaria do Bom Jesus da Lapa:

Tem o grupão da terceira idade, todos nós somos amigos e muito unido, aqui é um pelo outro, isso é muito importante, mas hoje já está fraco porque muitos morreram, outros estão doentes e não aguentam viajar, mais eu peço ao Bom Jesus que me dê saúde para eu vou voltar aqui mais vezes (RB1).

Nota-se, pela fala dessa romeira, certo saudosismo pelas pessoas que já faleceram e um sinal de que na romaria existem agrupamentos por faixa etária, embora todos se relacionem e formem um todo. Pelo que pudemos perceber, pelas afirmações tanto das mulheres entrevistadas, quanto dos autores que subsidiaram esta análise, um dos elementos centrais da romaria é a manutenção das relações interpessoais, como uma das formas de continuidade da Romaria. A seguir, veremos que a Romaria do Bom Jesus da Lapa é também um lugar de encontro com a diversidade religiosa.

### 1.3.3 A romaria do Bom Jesus da Lapa como um espaço do encontro com a diversidade religiosa

O campo religioso brasileiro é marcado pela pluralidade e diversidade religiosa, confirmada pelo censo de 2010 (IBGE), trazendo uma reconfiguração do campo religioso e confirmando uma era marcada pela queda dos monopólios, em que se observa um declínio do catolicismo, ainda majoritário, em detrimento do crescimento de outras expressões religiosas. Como exemplo temos o protestantismo, sobretudo de linha neopentecostal, que cresce cada vez mais. Outro aspecto a ser ressaltado é o crescimento do número de pessoas que se declararam sem religião. Entretanto a análise dessa diversidade religiosa, a partir do Censo de 2010, marca uma nova configuração no campo religioso brasileiro, afirmando o aumento do número de mulheres em detrimento do de homens, nas opções e mobilidades religiosas.

Partindo desse pressuposto, temos uma gama de teóricos que analisam esse contexto, ressaltando a especificidade teórica de cada um deles, como é o caso de Faustino Teixeira (2005, p. 16), que reconhece que hoje, no Brasil, há uma diversidade religiosa, não de forma muito ampla, mas real. Já é um sinal de que “começa a apontar para uma situação nova, marcada pela ‘destraditionalização’ e pela pluralização do campo religioso”. No que se refere ao catolicismo brasileiro, tem-se que “revela uma grande complexidade. Trata-se de um campo religioso caracterizado por grande diversidade. A pluralidade é um traço constitutivo de sua configuração no Brasil” (TEIXEIRA, 2005, p. 16). E no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, essa questão também emerge.

Segundo Parker (1996), a religião é um componente primordial do campo simbólico-cultural de um grupo ou sociedade que, do ponto de vista de suas significações, remete, de uma forma explícita, a uma realidade extraordinária: o sagrado, o transcendente, o numinoso. O autor defende a ideia de que “a religião muitas vezes acompanha as formas de resistência cultural dos povos não ocidentais ao processo de modernização que os desenraíza de suas tradições” (PARKER, 1996, p. 118). No contexto cultural atual específico de Bom Jesus da Lapa, podemos perceber a presença de um acentuado pluralismo religioso. Esse fator se torna visível por ser uma das formas de expressão do catolicismo popular, em que há uma diversidade cultural latente, naquele espaço.

Destacamos aqui as falas das coordenadoras ou chefes de romarias, no que se refere à crença das pessoas que elas conduzem, ressaltando que pessoas de outras religiões também participam desse evento religioso, comportando-se como as demais: alguns pagam promessas e fazem pedidos. Interessante é que o grupo de romeiros as acolhe muito bem. Não há nenhuma discriminação, percebendo-se, inclusive, que há um respeito pela diversidade religiosa naquele espaço. Assim ilustra a fala de uma Coordenadora de Romaria da Bahia:

Eu vejo as outras religiões. Eu acho que cada qual tem que escolher aquilo que quer, eu nem sou contra, nem a favor, eu escolhi a minha, ela pode escolher a dela, você pode escolher a sua, eu respeito a religião deles e já trouxe muitos evangélicos (CRB2).

Complementando a fala da Coordenadora de Romaria da Bahia, uma coordenadora de romaria do Estado de Minas Gerais relata :

Já teve uma dona de outra religião que foi conosco para Lapa. Era uma pessoa maravilhosa, era do candomblé. E agora pra Lapa foi outra, uma evangélica. Ela não interviu na nossa religião, e nem nós interferimos na dela. Cada um tem sua liberdade. E ela ia em todas as atividades lá. E como era só ela sozinha, ela ficou no quarto com outras mulheres. Mas ela foi lá na igreja, lá na gruta do Bom Jesus. Ela foi e ficou encantada com aquilo, ela gostou, ela disse que aquilo ali é mão de Deus mesmo, uma coisa daquelas, porque um humano não pode fazer uma coisa daquelas. Cada um respeitou, né? (CRMG2).

Como se vê, percebe-se que a presença da Diversidade Religiosa no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa configura o pluralismo religioso da atualidade. Parker (1996, p. 117) afirma que a globalização desencadeou um processo de mudanças afetando “a religião e as Igrejas e a sua missão evangelizadora neste fim

de século”, entendendo que o mesmo ocorre de forma dialética e conflitiva, ao mesmo tempo em que provoca um diálogo inter-religioso dentro das diferentes culturas. Por outro lado, leva à fragmentação de culturas e à supremacia de umas sobre as outras, aparecendo daí uma tensão no campo religioso, devido à multiplicidade e concepções de práticas religiosas dentro de uma mesma religião e dentro da diversidade religiosa. Pelo que se vê nas falas das romeiras, contudo, cada um pratica sua fé espontaneamente, sem conflitos, num clima de respeito mútuo. Isso é bastante positivo, quando a própria Igreja Católica, através de seus documentos conciliares e pós-conciliares, recomenda a seus fiéis o diálogo ecumênico e inter-religioso, para o estabelecimento da unidade desejada por Jesus, em sua oração sacerdotal ao Pai, “para que todos sejam um” (Jo 17,21).

Neste primeiro capítulo nos ocupamos a apresentar o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa como prática de devoção do catolicismo popular, analisando a cultura como um elemento determinante da identidade de gênero feminina. A fim de embasarmos a análise do terceiro capítulo, no próximo capítulo discutiremos a atuação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa, retratando a identidade de gênero feminina, tendo como parâmetro para isso a sociedade patriarcal, ressaltando que a categoria gênero será visualizada na concepção socioantropológica, que se ressignifica ao longo do tempo.

## **2 A MULHER NO ESPAÇO DA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININA**

A relação que os homens e as mulheres tecem com a religião torna-se um desafio ao pesquisador da fenomenologia religiosa, pois há um enfrentamento das relações de poder, visto que as concepções de gênero são ainda muito latentes e desiguais na sociedade brasileira, fundada sobre o sistema patriarcal, uma marca da nossa cultura ocidental. Com base nos dados de nossa pesquisa empírica, subsidiados por aportes teóricos e registros documentais, foi-nos possível perceber que as mulheres participam mais das atividades religiosas do que os homens no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Isto é circunstancial para que façamos um recorte para discutirmos a questão de gênero ali presente, no que se refere à manutenção e/ou rupturas com o sistema patriarcal, no sentido ou de uma emancipação ou da permanência do estado de submissão da mulher ao homem.

No capítulo anterior, ocupamo-nos em situar a Romaria do Bom Jesus da Lapa no espaço histórico, geográfico e turístico da cidade onde acontecem as romarias, apresentando-a também como uma das principais manifestações do catolicismo popular. Neste capítulo, nosso objetivo é evidenciar a identidade de gênero feminina no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, trazendo como reflexão o lugar das mulheres naquele evento religioso.

As relações da identidade de gênero, fundamentadas neste estudo, baseiam-se em aspectos concernentes à sociedade patriarcal, assim como contemplam aspectos que caracterizam a sociedade atual. O patriarcado, um complexo sistema de comportamentos sociais estabelecidos culturalmente e que afeta os relacionamentos entre homem e mulher, vem perdendo força dentro do contexto social atual, sobretudo com a emancipação da mulher. Para análise da identidade de gênero que se estenderá deste até o terceiro capítulo, subsidiando a conclusão desta tese, discutiremos o "patriarcalismo"<sup>21</sup>, situando as mulheres romeiras e as coordenadoras de romarias em duas subcategorias: primeiro, as que mais

---

<sup>21</sup> Segundo Del Priore (2013, p. 12), "a soma dessa tradição portuguesa com a colonização agrária e escravista resultou no chamado patriarcalismo brasileiro. Era ele quem garantia a união entre parentes, a obediência dos escravos e a influência política de um grupo familiar sobre os demais. Tratava-se de uma grande família reunida em torno de um chefe, pai e senhor forte e temido, que impunha sua lei e ordem nos domínios que lhe pertenciam, sobre essa lei, a mulher tinha que se curvar".



aproximam do patriarcalismo e segundo as que mais se distanciam do patriarcalismo.

As explicações que desenvolveremos neste capítulo se referem à participação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa, sob a perspectiva das relações de gênero, a partir dos seguintes aspectos: a mulher romeira do Bom Jesus da Lapa, o cotidiano da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa e a importância da mulher na perpetuação da tradição, na Romaria do Bom Jesus da Lapa.

## 2.1 A MULHER ROMEIRA DO BOM JESUS DA LAPA

Nada mais ilustrativo para iniciarmos a apresentação da mulher romeira do Bom Jesus da Lapa do que citar o refrão de uma música a ela dedicada (na epígrafe) pelo cantor e compositor Vilela, intitulada *Acorda Joana*, que, na simplicidade de sua mensagem, assim diz: “Acorda Joana já raiou o dia, vamos pegar a estrada vamos fazer romaria. Vou embora, pois tenho pressa para agradecer, minhas preces a Bom Jesus que fizeram chover” (Vilela). Esses versos poéticos mostram com simplicidade aquilo que motiva as mulheres romeiras a deixarem suas casas rumo à romaria, para agradecer as graças alcançadas em suas vidas, nas preces que no dia a dia elevam ao Bom Jesus. A mesma simplicidade desses versos aparece na figura abaixo, de uma típica romeira do Bom Jesus da Lapa.



FIGURA Nº 10: Romeira de Bom Jesus da Lapa - Fonte: A autora

Eis uma das ‘Joanas’ que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa! A expressão do seu rosto é marcada pelas dificuldades da vida da mulher sertaneja<sup>22</sup>, ela demonstra, através do seu comportamento, a intimidade que tem com o Bom Jesus e toda a motivação e o compromisso assumido de não faltar à Romaria. São fatores que determinam a continuidade, levando essas mulheres a frequentarem por tanto tempo aquela Romaria. Conforme diz uma Romeira de Minas Gerais: “É a fé, a devoção que nós temos no Bom Jesus que sempre nos protegem e nos defende de todos os perigos” (RMG4). Isso confirma o que dizem os versos de Vilela.

A maioria das mulheres entrevistadas participa da Romaria do Bom Jesus da Lapa entre dezoito e quarenta anos consecutivos. Todas expressaram o motivo que faz com que participem continuamente: a fé e devoção ao Bom Jesus. Vários relatos de graças alcançadas foram explicitados por essas mulheres, que, ao narrá-las, se emocionavam muito e interrompiam sua fala para dar lugar ao choro. Algumas chegavam até a soluçar ao trazer à memória os entes queridos que já morreram. Conforme relata uma Coordenadora de Romaria da Bahia:

Olha, meu marido ele tinha cinquenta e um ano de romaria eu vim vinte sete anos com ele. Faleceu e, antes dele falecer, ele me pediu: Se eu tinha condições de assumir, eu disse pra ele que era muito difícil de assumir, que eu achava muita responsabilidade, então ele disse que meu menino estava crescendo e tinha como eu e o menino assumir, então hoje faz três anos que eu assumo, o ano passado eu não tive condições de vim, pois um passageiro faleceu dentro do ônibus na hora da viagem, daí nós decidimos para deixar para depois, quando foi esse ano já estava programado do ano passado, e esse ano graças a Deus eu vim, foi uma maravilha, um amor de viagem. E a partir daí só vou parar se o Bom Jesus não quiser mais (CRB1).

Essa relação de respeito à vontade do marido, que de certo modo remete ao princípio de submissão da mulher à vontade do homem, típico do patriarcalismo<sup>23</sup>, levou essa romeira a assumir o trabalho desenvolvido por ele, dando assim continuidade à tradição da romaria que se perpetua, verticalmente, de pai para filho e também, lateralmente, de esposo para esposa, como é esse caso.

---

<sup>22</sup> “Por mais anos ou gerações que permaneça numa terra, o sertanejo é sempre um agregado transitório, sujeito a se deslocar a qualquer hora, sem explicações ou direitos. Por isso, sua casa é o rancho em que está apenas arranchado; sua lavoura é uma roça precária, só capaz de assegurar-lhe um mínimo vital para não morrer de fome, e sua atitude é a de reserva e desconfiança, que corresponde a quem vive num mundo alheio, pedindo desculpas por existir” (RIBEIRO, 2011, p. 362).

<sup>23</sup> De acordo com Del Priore (2013, p. 13), “a Igreja católica explorou as relações de dominação que presidiam o encontro de homem e mulher dentro da casa, incentivando a última a ser submissa. A relação de poder já implícita na escravidão se reproduzia nas relações mais íntimas entre marido e mulher, condenada esta a ser uma escrava doméstica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe de família com sexo dando-lhe filhos que assegurassem sua descendência e servindo como modelo para a sociedade com que sonhava a Igreja”.

Diante da imagem do Bom Jesus, ajoelham-se romeiras de todas as idades, vindos de diferentes lugares do Brasil. Conforme dados fornecidos pelo Santuário, através da Central de Atendimento ao Romeiro/a (anexos: C, D e E), na sua maioria são mulheres que trazem consigo um coração penitente, uma oração fervorosa de palavras simples, que brotam espontaneamente, junto ao altar do Bom Jesus. No Santuário, podemos ouvi-las balbuciando preces; umas, em voz alta, fazem seus pedidos e agradecimentos; misturam palavras com lágrimas; e outras pagam promessas, deixando ex-votos, como fotos, cartas, muletas, etc. É a Ele, o Bom Jesus, que a mulher romeira recomenda sua vida e a de seus familiares e amigos, entregando-se à sua proteção. Uma Romeira do Estado de Goiás exemplifica bem a maior participação da mulher na romaria, em relação aos homens:

Mais assim na parte religiosa ela estar buscando mais a Deus e porventura eu trabalho como ministra da Sagrada Eucaristia, tem sempre comentado com o nosso padre, que onde tem 100 mulheres tem 5 homens, então a mulher está buscando mais (RG1).

A fala dessa romeira é uma constatação de que, em termos de religião, a mulher é mais assídua do que o homem.<sup>24</sup> O universo de participação do homem na sociedade é muito maior do que o da mulher, confinada geralmente na casa. Portanto, para grande parte dos homens, a religião figura apenas como uma das múltiplas atividades a ser por ele desempenhadas, ao passo que, para a mulher, essa atividade é quase sempre obrigatória, por ser a responsável direta pela educação dos filhos, uma espécie de provedora espiritual (RIBEIRO, 2014), que deve levar a família toda para Deus, sobretudo, iniciando os filhos na religião.

A constatação dessa romeira nos leva a entender os traços da sociedade patriarcal, em que, por tanto tempo, a igreja era o único espaço público permitido para a mulher frequentar. Dentro dos parâmetros patriarcais, no que diz respeito às relações de gênero, nos espaços ocupados mediante determinações sexuais, por ter uma característica basicamente relacional, “a categoria gênero procura destacar que a construção do feminino e masculino definem-se um em função do outro, uma vez que se constituíram social, cultural e historicamente em um tempo, espaço e cultura

---

<sup>24</sup>“Os homens têm mais liberdade que as mulheres, o que lhes confere a possibilidade de andar livremente pela cidade, visitar o comércio local, entre outros. As mulheres, geralmente, ficam responsáveis por cuidar da família, preparando as refeições, atendendo as necessidades dos filhos. Nelas também é depositada a responsabilidade acerca dos rituais religiosos. É possível verificar diferenças de idade, posição social e até mesmo de religião” (FROZONI, 2012, p. 62).

determinados” (POTIGUARA, 2003, p.76). No caso da mulher, sua dedicação exclusiva ao marido e filhos inclui necessariamente o cuidado com a parte espiritual, que a leva a ter uma frequência mais constante à religião, fonte de onde tira forças espirituais para manter a harmonia no lar.

Souza (2009, p. 59) destaca a importância e a influência da religião, no que diz respeito à identidade de gênero:

Ela possui papel importante na conformação das identidades de gênero, conferindo sentido aos sexos construindo uma cosmovisão generificada orientadora de seus seguidores e seguidoras. As representações religiosas de gênero, na medida em que produzem e reproduzem lugares diferenciados de poder de acordo com o sexo biológico, sacralizam a desigualdade de gênero (SOUZA, 2009, p, 59).

Assim, no que se refere à religião, tradicionalmente a mulher está mais próxima das atividades religiosas do que os homens. Quanto mais assíduas na religião, mas facilmente podem ser controladas por seu poder normativo e repressor. Portanto, a maior participação das mulheres romeiras se dá em razão de estar impregnado nelas o sentido do sagrado, sendo a principal responsável pela parte espiritual no lar. Isso faz com que a mulher romeira seja uma pessoa que pede, promete, recebe e retribui. A promessa feita e cumprida torna-se uma oportunidade de agradecer a Deus por todo o bem que ela, pobre mulher, juntamente com sua família, recebe das mãos daquele que derramou seu sangue em prol da humanidade.

A lógica do pentecostalismo, em que as pessoas procuram a religião muitas vezes motivadas por necessidades pessoais, de ordem mais empírica que transcendente, parece se repetir na romaria, pois os pedidos das romeiras, como se vê na fala da Romeira da Bahia, estão centrados na materialidade das coisas deste mundo:

Venho, eu já trago a lista deste tamanho de nome, senhor Bom Jesus, eu quero isso, senhor Bom Jesus, eu quero aquilo pra mim ajudar, para fortalecer a minha fé, peço também pelos filhos graças ao Bom Jesus, agradeço pelas graças que recebo e por tudo que Deus fez e faz na minha vida, fico só na gruta rezando (RB1).

Percebemos, na fala dessa romeira que, devido a uma maior intimidade com o santo, a piedade popular é desinibida em pedir aquilo que mais necessita em suas vidas. São pessoas em sua maioria carentes e que passam por necessidades

materiais e, em razão disso, é natural que seus pedidos estejam centrados em suas vidas empíricas mais que na espiritual. Como afirma Pierucci (2003, p. 82), “antes de tudo, este mundo. No princípio, este mundo. De saída, este mundo”. Lembramos aqui também o princípio da ação religiosa defendido por Max Weber (2009, p. 279), realizada para “que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da Terra”. Assim, como no pentecostalismo, mesmo sem o perceber, a religiosidade popular faz com que a religião exerça um papel utilitarista.

O conteúdo da prece que brota do coração da mulher romeira é digno de ser ouvido e meditado. Não é literatura clássica: são simples vocábulos, típicos da cultura popular, às vezes repetitivos, mas carregados de todo um simbolismo, significado e beleza. O rosto já marcado pela idade dessas mulheres, que se destaca em meio à multidão de romeiros, conforme se vê na figura abaixo, denota um olhar de sofrimento e ao mesmo tempo de esperança de que seus problemas sejam resolvidos e que alcancem a graça aos pedidos feitos ao Bom Jesus.



FIGURA Nº 11: Romeira de Bom Jesus da Lapa – Fonte: A autora

As mãos, muitas delas calejadas pelo trabalho, assumem uma postura em forma de prece, pedindo uma bênção ou agradecendo uma graça recebida. Percebe-se uma grande alegria dessas mulheres ao chegar ao Bom Jesus: “Quando eu chego aqui na Lapa, eu fico muito feliz”, diz a Romeira da Bahia. Na porta da gruta elas olham e falam: ‘Cheguei, minha mãe, cheguei, meu pai’; e nota-se uma tristeza enorme, expressa nos olhos delas, na hora da despedida, principalmente quando tiram o chapéu e acenam. Valle (2006) afirma que todo bom romeiro vivencia, durante a romaria, as seguintes experiências: motivações, busca de alívio

para as aflições pessoais mais imediatas, realidade cristã cotidiana e principalmente a experiência de sair de casa, de sua realidade e, ao lado de outras pessoas, ir à busca do sagrado, ou seja, de um encontro maior.

De acordo com Micek (2006), as mulheres romeiras de Bom Jesus da Lapa, em sua grande maioria, apresentam um baixo poder aquisitivo. Essa gente simples, que repete orações, músicas e rituais dos antepassados, se identifica com o Santuário do Bom Jesus da Lapa, onde essas práticas são respeitadas pelos dirigentes locais. Costumes tradicionais, como as romarias de caminhão e as promessas que exigem grande esforço físico, são pouco frequentes nos grandes centros urbanos, nos quais se nota uma forte ingerência do catolicismo formal e uma ampliação crescente do Pentecostalismo e Neopentecostalismo, sobretudo em áreas de baixa renda.

Conforme Castro (2004), alguns dirigentes do Santuário chamam a Romaria do Bom Jesus de “romaria dos pobres” e isso se confirma inclusive pela modalidade de transporte utilizada, para se chegar à cidade de Bom Jesus da Lapa, pela forma de se alojarem, de se vestirem, enfim, de se comportarem. Percebe-se que as mulheres romeiras do Bom Jesus têm todo um perfil específico, conforme mencionado anteriormente.

Partindo da observação de campo e dos registros de romarias, fornecidos pela central de atendimento ao Romeiro, constatamos que as mulheres romeiras de Bom Jesus da Lapa, em sua grande maioria, são pessoas simples, que possuem um baixo poder aquisitivo. Através de suas práticas devocionais envolvendo orações, ladainhas e os benditos, elas pedem e agradecem ao Bom Jesus da Lapa. Essa forma de manifestação religiosa praticada pelas mulheres romeiras no Santuário do Bom Jesus da Lapa, é respeitada pelos dirigentes locais. Há uma manutenção da tradição<sup>25</sup> naquele espaço. Conforme se vê na figura abaixo, com seus rostos desconhecidos, sofridos, as romeiras se relacionam de forma íntima com o sagrado, que na figura abaixo é ilustrada pela imagem do Bom Jesus, que tem um diferencial em relação à maioria das imagens do Cristo Crucificado: é que o rosto que aparece nessa imagem é virado para cima, numa atitude de prece ao Pai, quando se entrega Ele próprio pelos pecados da humanidade, conforme a teologia cristã.

---

<sup>25</sup> Segundo Giddens, (2002, p. 46), a palavra tradição é “originária do latim, do verbo “tradere” (*traditio, traditionis*) que significa trazer, entregar, transmitir e ensinar”, ou “dar qualquer coisa a guardar a outra pessoa”.



FIGURA Nº12: Expressão de fé / Romeira beijando a imagem do Bom Jesus da Lapa  
Fonte: Acervo do Santuário de Bom Jesus da Lapa

As mulheres romeiras, além de serem agentes modeladoras principais das cidades-santuários, são também agentes difusores da hierofania que cultuam. Ou seja, difundem as festividades religiosas da Lapa para pessoas que não tinham conhecimento do citado evento, projetando Bom Jesus da Lapa para o cenário nacional. O Santuário irradia sua força mística para várias regiões e principalmente para o sertão, sendo as mulheres as principais responsáveis por essa difusão. Entender a figura da mulher romeira a partir da identidade de gênero, requer uma noção sobre o sistema em que está fundada nossa sociedade, que leva a uma evidente diferenciação nas relações humanas, nessa mesma sociedade que, em tudo, parece privilegiar o homem, em detrimento da mulher.

## 2.2 A ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA A PARTIR DA QUESTÃO DE GÊNERO

Observamos em nossa pesquisa que a participação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa lhe dá certo empoderamento<sup>26</sup>, como mulher, no contexto de emancipação feminina por que passa a sociedade atual. Isso leva necessariamente à questão de gênero. O debate da categoria gênero, muito comum no contexto da sociedade patriarcal, faz-se aqui necessário pelo fato de mostrar sobre que olhar

<sup>26</sup> Conforme Narayan (2002), o termo empoderamento tem sido utilizado em diferentes áreas de conhecimento científico, tais como: educação, sociologia, ciência política, saúde pública, psicologia comunitária, serviço social, administração - constituindo-se em ferramenta de análise, nas seguintes áreas: governamentais, organizações da sociedade civil e agências de desenvolvimento em agendas direcionadas para a melhoria da qualidade de vida e dignidade humana de setores pobres, maior efetividade na prestação de serviços, responsabilização social dentre outras.

estamos abordando o fenômeno da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Segundo Lima (2014, p. 43),

Na ótica de muitas feministas, o estudo do patriarcado é sinônimo de denúncia e crítica à violência, opressão e imposição contra a mulher. Estudar o patriarcado implica, para elas, afirmar a existência de uma conexão sistemática ou lógica entre essas diversas maneiras de violências e de dominação e também buscar entender a opressão e exploração da mulher como um problema social que atinge tanto a homens como a mulheres, e não como um assunto privativo da mulher (LIMA, 2014, p.43)

Nossa perspectiva de análise rompe as fronteiras do biológico, ou seja, do contexto sexual do homem e da mulher, visando enfatizar o social. Assumimos a linha de análise da categoria gênero que a considera como um construto sociocultural, que vem se ressignificando ao longo dos anos e de contextos diversos, nos quais as sociedades da cultura ocidental encontram-se inseridas. De acordo com Matos (2000, p. 25),

[...] as abordagens que incorporam a análise de gênero têm revelado um universo de tensões e movimentos com uma potencialidade de confrontos, deixando entrever um mundo no qual se multiplicam formas peculiares de integração-diferenciação, permanência-transformação, em que a mudança não está excluída, mas sim vivenciada de diferentes formas (MATOS, 2000, p. 25)

Com o despontar dos movimentos feministas, sobretudo nos Estados Unidos e na Europa, aguça-se a curiosidade em torno da questão de gênero. No período da década de 1970, experimenta-se “uma crescente feminilização da academia”, com o consequente surgimento “de núcleos de estudos coordenados por mulheres, gerando daí uma gradual transformação da pauta científica, que já não pode ficar alheia às problematizações e temáticas das mulheres” (SOUZA, 2012, p. 324). Consta que nesse período houve uma ampliação do campo de investigação sobre as mulheres, em que elas mesmas discutiam assuntos pertinentes à vida privada, temas antes invisíveis para o campo do saber. No entanto, o movimento feminista ressurgido no mundo, nos anos 60, tinha como bandeira explicar a condição de subordinação da mulher para com os homens. De acordo com Machado (2006), já havia vários estudos que confirmavam a dominação dos homens sobre as mulheres, o que ressalta essa desigualdade.

Para Souza (2012), o maior desafio no estudo sobre as mulheres foi o da visibilidade aos temas antes pouco discutidos na academia, tais como: a vida



privada, o trabalho doméstico, o aborto, a família, a mãe, a esposa, dentre outros. No entanto, foi dentro desse parâmetro que as ciências sociais começaram a desenvolver os estudos sobre a mulher. Sendo assim, o cotidiano das mulheres no meio privado passa a se tornar público, através do objeto de investigação científica.

Contudo, como mostra Souza (2012, p. 325-326), a história da mulher bem como os estudos sobre ela aos poucos “foram cedendo lugar ou, melhor, compartilhando-o, com os chamados estudos de gênero”. Segundo o autor, toda produção acadêmica ligada à mulher “estava ainda fortemente marcada por um discurso que variava entre a vitimização das mulheres e a sua heroicização, mostrando-se insuficiente para tratar da complexidade das relações sociais de sexo” (SOUZA, 2012, p. 325-326). Com isso, tornou-se consenso no meio acadêmico estudar as relações entre o masculino e o feminino como relações de gênero. Contudo, antes de vermos o conceito de gênero, veremos a seguir o sistema que o influencia e sobre o qual nossa sociedade está alicerçada.

### 2.2.1 O sistema patriarcal: fundamento das sociedades ocidentais

Em nossa cultura ocidental, no decorrer da história, as sociedades, juntamente com suas instituições, sofreram profundas influências do sistema patriarcal, responsável pela divisão desigual de papéis<sup>27</sup> desempenhados pelo homem e pela mulher, na vida social, com uma acentuada presença do homem no espaço público, em que se apresenta como provedor financeiro e representante moral da família, e o confinamento da mulher, no privado (a casa), onde desempenha seu papel de esposa, mãe e boa dona de casa. Ao referir-se ao patriarcalismo, Max Weber (2009, p. 151) disse que a dominação dele proveniente, no âmbito de uma associação (doméstica), em geral, primordialmente econômica e familiar, “é exercida por indivíduos determinados (normalmente) segundo regras fixas de sucessão”. A dominação patriarcal, segundo o autor, “atua de modo obrigatório apenas dentro de casa”. Nessa mesma linha de pensamento, Giddens

---

<sup>27</sup> A construção do papel do homem e da mulher na sociedade, com base nessa desigualdade chama-se patriarcal e tem três características: é sexista, separatista e dualista. Privilegia os homens e menospreza as mulheres devido a seu sexo – daí o sexismo. Atribui à mulher uma importância regional na família, mas nega-lhe um papel mais amplo na sociedade. Delimita suas atividades e é assim o separatismo. Finalmente trabalha como ideal a oposição de corpo e espírito. As mulheres são para o corporal, os homens para a intelectualidade e o espírito, portanto é dualismo” (KLINGER, 2010, p. 62).

(2010, p. 699) define o patriarcalismo como “um sistema no qual prevalece o “domínio das mulheres pelos homens”. O autor considera que “todas as sociedades conhecidas são patriarcais, embora haja variações no grau e na natureza do poder exercido pelos homens, em comparação com as mulheres”. Manuel Castells (2010) concorda com Giddens, afirmando que todas as sociedades contemporâneas estão assentadas sobre a estrutura do patriarcalismo. Na concepção de Manuel Castells (2010, p. 169), esse sistema caracteriza-se “pela autoridade, imposta institucionalmente, do homem sobre a mulher e filhos no âmbito familiar”.

No Brasil, prevalece o mesmo sistema patriarcal trazido pelos portugueses. Conceituado por Gilberto Freire (2006, p. 35) como um sistema de plástica contemporização,

O sistema patriarcal de colonização portuguesa do Brasil, representado pela casa-grande, foi um sistema de plástica contemporização entre as duas tendências. Ao mesmo tempo que exprimiu uma imposição imperialista da raça adiantada à atrasada, uma imposição de formas europeias (já modificadas pela experiência asiática e africana do colonizador) ao meio tropical, representou uma contemporização com as novas condições de vida e de ambiente (FREIRE, 2006, p. 35).

De acordo com Castells (2010, p. 169), os relacionamentos interpessoais, bem como a personalidade, têm como característica comum a dominação e a violência que se originam na cultura e nas instituições patriarcais. Humberto Maturana (2004, p. 49) caracteriza a cultura patriarcal como “centrada na apropriação, hierarquia, inimizade, guerra, luta, obediência, dominação e controle”. Para esse autor, a cultura patriarcal nega a convivência plena e igualitária entre seres humanos. São características próprias dessa cultura:

Coordenações de ações e emoções que fazem de nossa vida cotidiana um modo de coexistência que valoriza a guerra, a competição, a luta, as hierarquias, a autoridade, o poder, a procriação, o crescimento, a apropriação de recursos e a justificação racional do controle e da dominação dos outros por meio da apropriação da verdade (MATURANA, 2004, p. 36).

Como nos mostra Maturana (2004, p. 38), reconhecer que vivemos numa sociedade que se assenta sobre a cultura patriarcal, é afirmar que “vivemos como se todos os nossos atos requeressem o uso da força, e como se cada ocasião para agir fosse um desafio”. Ou seja, que vivemos “na hierarquia, que exige obediência [...] uma coexistência ordenada [que] requer autoridade e subordinação, superioridade e

inferioridade, poder<sup>28</sup> e debilidade ou submissão”. É nesses termos que as relações humanas podem ser tratadas ou não. É deste modo que a competição se justifica: “o encontro na negação mútua como a maneira de estabelecer a hierarquia dos privilégios, sob a afirmação de que a competição promove o progresso social, ao permitir que o melhor apareça e prospere” (MATURANA, 2004, p. 38).

Em nossa cultura, a instituição em que mais se percebe a presença do patriarcalismo é, de fato, a família, a menor célula da sociedade, cujo núcleo é formado por um pai, uma mãe e filhos. A família é altamente influenciada por esse sistema, sobretudo no que diz respeito à divisão de papéis em seu seio, sendo determinante para a representação entre homem e mulher, no espaço público e privado. De acordo com Castells (2010, p. 169), no caso da família, o enraizamento do patriarcalismo se dá conforme o contexto cultural e histórico no qual está inserida. Para o autor, a família conjugal moderna, onde ainda prevalece a dominação do homem sobre a mulher, é, dentre outras instituições, responsável pela perpetuação do patriarcalismo. “Não fosse a família patriarcal, o patriarcalismo ficaria exposto como dominação pura e acabaria esmagado pela revolta da ‘outra metade do paraíso’, historicamente mantida em submissão” (CASTELLS, 2010, p. 169). Castells (2010, p. 170) sustenta que, se a família patriarcal (família conjugal moderna) deixar de existir, todo o sistema patriarcal irá se desmoronar. Esse aspecto ocorrerá em nossas vidas, no contexto social em que vivemos de maneira gradual.

Castells (2010, p. 171-172) defende que essa transformação já está ocorrendo em nosso tempo, envolvendo uma combinação de quatro elementos:

1. Transformação da economia e do mercado de trabalho associada à abertura de oportunidade para as mulheres no campo da educação;
2. Transformações tecnológicas ocorridas na biologia, farmacologia e medicina, proporcionando controle cada vez mais sobre a gravidez e a reprodução humana;

---

<sup>28</sup> As relações de poder na dominação patriarcal fundamentam-se na autoridade pessoal, contrastando-se com a sociedade capitalista, onde os funcionários se organizam de acordo com um sistema de normas abstratas e impessoais. No sistema patriarcal, a autoridade é garantida pela sujeição pessoal, cuja forma de dominação assemelha-se à escravidão (SOUZA, 2006, p. 19).

3. Tendo como pano de fundo a transformação econômica e tecnológica, o patriarcalismo foi atingido pelo desenvolvimento do movimento feminista, consequência dos movimentos sociais da década de 60;
4. O desafio ao patriarcalismo se dá por uma rápida difusão de ideias em uma cultura globalizada, em um mundo interligado em que pessoas e experiências passam e se misturam, tecendo rapidamente uma imensa colcha de retalhos formada por vozes femininas, estabelecendo-se sobre quase todo o planeta (CASTELLS, 2010, p. 171 -172).

De fato, segundo Castells (2010, p. 170), como base fundamental do patriarcalismo, a família patriarcal, formada por um pai, uma mãe e seus filhos, vem sendo contestada, desde fins do século passado, “pelos processos inseparáveis, de transformação do trabalho feminino e da conscientização da mulher”. Esses processos têm como forças propulsoras “o crescimento de uma economia informacional global, mudanças tecnológicas no processo de reprodução da espécie e o impulso poderoso promovido pelas lutas da mulher por um movimento feminista multifacetado”. Essas três tendências são observadas a partir da década de 1960. Com efeito, a maciça incorporação da mulher na força de trabalho remunerado aumentou seu poder de barganha vis-à-vis com o homem, abalando sobretudo sua legitimidade de dominação como provedor da família. Por outro lado, a entrada da mulher no mercado de trabalho colocou um peso insustentável sobre seus ombros “com suas quádruplas jornadas diárias de trabalho remunerado, organização do lar, criação dos filhos e a jornada noturna em benefício do marido”. (CASTELLS, 2010, p. 170).

Simone de Beauvoir (2009, p. 361) afirmou que “ninguém nasce mulher, torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade”; ela sinaliza a forte influência exercida pelo sistema patriarcalista sobre a mulher: “é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como o outro”. A autora sentencia que “a magia feminina foi profundamente domesticada dentro da família patriarcal”, sistema no qual a mulher “permite que a sociedade integre nela as forças cósmicas (BEAUVOIR, 2009, p. 244). Um dos grandes sinais de emancipação da mulher e princípio do enfraquecimento do sistema patriarcal foi sua conscientização de seu papel na sociedade, evadindo-se do âmbito ao qual

esteve tradicionalmente confinada, entrando definitivamente no mercado de trabalho, conforme Castells (2010, p. 170). Trazemos aqui, o comentário de Beauvoir (2009, p. 89) sobre esse aspecto:

A mulher só se emancipará quando puder participar em grande medida social na produção, e não for mais solicitada pelo trabalho doméstico senão numa medida insignificante. E isso só se tornou possível na grande indústria moderna, que não somente admite o trabalho da mulher em grande escala como ainda o exige formalmente (BEAUVOIR, 2009, p. 89).

Constata-se na sociedade atual que, no que se refere às identidades de gênero, há um padrão determinante que envolve subordinação e dominação das mulheres, seja no espaço público, seja no espaço privado. Com efeito, o padrão de cidadania brasileiro, por muito tempo, desvalorizou a participação das mulheres no espaço público, construído sob a hegemonia masculina, desqualificando o espaço privado, por ser considerado improdutivo. Contudo, essa desvalorização é camuflada por compensações que definem o espaço privado como um 'reino' hegemônico da mulher. Pergunta-se: "seria essa feminilização da esfera privada um limite ao movimento dos homens na direção desse espaço?" (POTIGUARA, 2003, p. 61). As ressignificações das relações de gênero, no que concerne à identidade feminina, se deram na medida em que as mulheres passaram a ocupar o espaço público. Um exemplo disso é a presença de uma mulher na Presidência da República.

Sobre essa presença feminina no espaço público e privado, no que se refere à religião, mais especificamente, no caso da Romaria do Bom Jesus da Lapa, que estamos a analisar, como reação à dominação masculina e à subordinação feminina, típicas do patriarcalismo, observa-se por parte das romeiras, um aproximar-se ou distanciar-se, sendo que este último confere à mulher um empoderamento, sobretudo por exercer funções de liderança antes cabíveis somente aos homens. Como veremos a seguir, o sistema patriarcal é decisivo para a definição da identidade de gênero no âmbito da Romaria do Bom Jesus da Lapa, em que se observa uma aproximação ou distanciamento desse sistema, dependendo do contexto sócio-histórico no qual a mulher romeira encontra-se inserida.

## 2.2.2 A questão de gênero e a identidade de gênero na sociedade patriarcal

No contexto das sociedades ocidentais, traços da cultura patriarcal se fazem presentes, conforme já mencionamos, por conta disso os papéis sociais são culturalmente construídos. Em um dado momento, através de relações simétricas e em outro, assimétricas. Analisando as relações entre homens e mulheres na sociedade patriarcal, Beauvoir (1970, p. 23) considera ainda que “o drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial”. A história da cultura ocidental está repleta de fatos ligados à desigualdade existente entre o homem e a mulher, sobretudo na Família. Porém, só mais recentemente, passou-se a utilizar o termo ‘gênero’, para descrever as relações sociais tecidas entre o homem e a mulher, que definem a divisão de papéis, no âmbito familiar. Segundo o dicionário da Língua Portuguesa de Silveira Bueno, a palavra Gênero é definida como um “conjunto de seres ou coisas que apresentam qualidades semelhantes, classe de assuntos literários ou artísticos da mesma natureza, propriedade que os substantivos possuem de indicar o sexo pela terminação ou pela significação, mercadoria” (BUENO, 2000, p. 322). Encontramos o conceito clássico de gênero em Scott (1995, p. 96), que considera gênero como um

Elemento constitutivo das diferenças percebidas entre o sexo. Introduce a dimensão histórica e a dimensão do poder relacional nas diferenças percebidas entre os sexos. Dimensão da diferença entre os diferentes. Ela não postula a igualdade, mas evidencia que as diferenças não necessitam ser construídas como hierarquias (SCOTT, 1996, p. 96).

Tendo por base esse pensamento de Scott, Lemos (2005) afirma que gênero é um elemento constituinte das relações sociais, em que as diferenças entre os sexos são percebidas como uma das primeiras formas de identificar as relações de poder. Ou seja, a categoria gênero é parte inerente das relações sociais, em que as diferenças entre os sexos são percebidas e estabelecidas, tendo as relações de poder como as primeiras formas de identificação. Bourdieu (1998) afirma que as relações de gênero estruturam os aspectos da vida social, sendo uma estrutura de dominação simbólica. Assim como outras relações, essas são relações de poder, em que o princípio masculino é tomado como parâmetro universal. Esse autor denomina

esse poder como “poder simbólico, o poder invisível, o qual só pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 1989, p. 07-08). Esses conceitos de Gênero são importantes para nossa análise, pela definição sobre o homem e a mulher, a partir dos comportamentos que assumem diante dos contextos socioculturais específicos e para a compreensão do conceito de identidade<sup>29</sup> de gênero, do qual faremos uso em nossa análise dos dados empíricos, referentes ao papel desempenhado pela mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa.

Nossa sociedade atual apresenta um contexto completamente diversificado, principalmente no que diz respeito às relações de gênero, no que tange a ser homem ou ser mulher. Entende-se como a percepção que a pessoa tem de si mesma, a identidade de gênero, aqui definida, o modo como “se sente masculina ou feminina, independentemente de seu sexo (biológico)” (MOURÃO et al, 2000, p. 33). Trata-se da autoafirmação do indivíduo como homem ou como mulher. Assim como gênero é um construto sociocultural, também as identidades de gênero “são construídas pelas culturas” (SILVA, 2008, p. 25). A construção da identidade de gênero que se pauta nas relações de poder depende da dinâmica sociocultural. Tais relações são instáveis no decorrer da vida do indivíduo, variando de pessoa a pessoa, dadas as características diversas, combinadas com o modo específico de vida de cada um. O sentir-se mulher é algo que não nasce pronto, se constrói ao longo da vida e esse ‘sentir-se’ indica a tomada de consciência de si mesma, de sentir-se como gente, e não um objeto de manipulação por parte de outros. Simone de Beauvoir (2009) considera que “não nascemos mulheres, transformamo-nos em mulheres”. No caso específico da mulher (estamos a falar sobre a mulher na romaria), segundo Touraine (2010, p. 27),

Ser mulher não é a pura constatação de um estado de fato, mas a afirmação da vontade de ser. A grande tarefa de todas elas é o dever de ser aquilo que elas entendem por mulher [...]. Definir-se como mulher significa colocar no centro da vida certo relacionamento para consigo mesma e construir uma imagem de si como mulher (TOURAINÉ, 2010, p. 27).

---

<sup>29</sup> Segundo Lima (2014, p. 32), “ a identidade tem sido compreendida como sentimento de pertença a um grupo. Essa pertença está diretamente ligada ao sentimento de diferença a outros indivíduos no momento em que compartilham de interesses distintos”.

Conforme o pensamento desse autor, se hoje afirmo que sou mulher, isso quer dizer que “eu tenho direito de ser uma mulher e de dar a este personagem o conteúdo que escolhi. Essa escolha é uma prova de minha liberdade, de minha capacidade de guiar-me e valorizar-me” (TOURAINÉ, 2010, p. 31).

Entendendo a identidade de gênero como a forma de alguém comportar-se perante a sociedade, considerando a herança cultural que compõe a Romaria do Bom Jesus da Lapa, constatamos que as relações envolvendo essa categoria, sobretudo concernentes ao feminino, bem como as relações de gênero, típicas do patriarcalismo, mesmo num contexto sociocultural de significativas mudanças, ainda se mantêm em curso naquele espaço. Os estudos de gênero têm contribuído muito para demonstrar as diferenças, assim como as hierarquias entre os sexos. No espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, estas relações entre o homem e a mulher estão imbricadas por aspectos da cultura patriarcal vigente, que passa por transformações importantes na era atual. A seguir, aprofundar-nos-emos em nossa análise, adentrando-nos pela discussão sobre a questão de gênero na Romaria do Bom Jesus da Lapa.

### 2.2.3 Contextualizando a Romaria do Bom Jesus da Lapa com a questão de gênero

No decorrer da história das religiões, as peregrinações a lugares santos constituem um campo de investimento masculino por excelência. Historicamente, são os homens que dominam a produção do que é 'sagrado' nas diversas sociedades, havendo uma ausência da participação das mulheres nesse aspecto. Segundo Lemos (2012, p. 21),

[...] a concepção do gênero feminino tal como temos hoje é fruto de um longo percurso de construção, no qual se fazem presentes muitos discursos e tradições de pensamento. Entre eles destacamos a tradição judaico-cristã, tal como construída no ocidente (LEMOS, 2012, p. 21)

No cristianismo, a presença do feminino, perante um Deus masculino, só é compensada pela figura de Maria, e ainda assim, surge como um problema para a mulher, porque uma (Maria, ou Nossa Senhora) foi divinizada, ao passo que a outra, a mulher, foi considerada filha de Eva, portanto, responsável pela entrada do pecado no mundo, sendo estigmatizada como símbolo de perdição para o homem, como causa de pecados da carne. Assim, tradicionalmente a religião contribuiu para a



manutenção da dominação masculina sobre o gênero feminino. Por tradição, na religião os papéis são assim distribuídos: aos homens cabe estruturar, normatizar, implantar os dogmas religiosos, cabendo às mulheres a transmissão, permanência e manutenção de tais práticas religiosas.

Como reflexo dessa concepção forjada pelo sistema patriarcal, espera-se da mulher que ela se dedique a uma espiritualidade (que geralmente implica negação de si própria, de seu corpo), no papel de provedora espiritual, conforme já mencionado, em que a romaria se apresenta como uma das diversas opções, no âmbito da Igreja católica, de abastecer-se espiritualmente, de fortalecer a sua fé. Assim, torna-se compreensível, como se vê na ilustração abaixo, uma maciça presença das mulheres na Romaria do Bom Jesus da Lapa, bastante desproporcional à participação dos homens, que, mesmo acompanhando suas esposas na romaria, não fazem dela uma prioridade em suas vidas. Na Romaria do Bom Jesus da Lapa, verifica-se uma participação maciça das mulheres, conforme a figura abaixo.



FIGURA Nº13: A participação da mulher na romaria - Fonte: Acervo do Santuário Bom Jesus da Lapa

De acordo com Nunes (2005), há um “investimento da população feminina nas religiões [que se dá] [...] no campo da prática religiosa, nos rituais, na transmissão como guardiãs da memória do grupo religioso” (NUNES, 2005), como acontece com as romeiras do Bom Jesus da Lapa. Com efeito, em nossa pesquisa de campo verificamos que há, no espaço da Romaria, uma transformação na forma de participação da mulher. Isso é reflexo da sociedade atual, o que já sinaliza um

distanciamento do patriarcalismo. Antigamente, o espaço que a mulher ocupava era apenas o privado (a casa ou a igreja). Conforme diz Aguiar (2007, p. 85):

A esfera pública de uma forma geral foi identificada como o *locus* do indivíduo, onde este indivíduo na busca do bem comum contribui para o bem geral. Enquanto a esfera privada foi identificada como o espaço do amor e da afeição. De certa forma, a esfera pública é o espaço da razão enquanto a esfera privada é o espaço por excelência da família. Ou seja, cabe confinar a mulher no espaço privado e é neste *locus* que se realiza a socialização dos filhos, atividade praticamente identificada ao papel da mulher. Nessa perspectiva, as mulheres passam a ser “naturalmente” confinadas à esfera de vida privada (AGUIAR, 2007, p. 85).

Essa questão se faz presente na Romaria do Bom Jesus da Lapa, onde há uma visibilidade dessa mudança do papel da mulher, pois, além dos afazeres domésticos, elas participam das atividades religiosas e outras trabalham nesse período em que estão na Romaria, como é o caso das mulheres que são coordenadoras de romaria. Isso nos leva necessariamente a discutir a questão de gênero que está intrinsecamente vinculada ao sistema patriarcal, sobre o qual, como vimos no item anterior, encontra-se organizada nossa sociedade.

Mudou, eu acho que mudou muito, mudou porque a mulher hoje tem mais liberdade, a mulher hoje é mais livre, tem suas atividades, né? Então todo mundo hoje quer trabalhar, então eu acho uma coisa muito boa, a mulher se dispor a trabalhar, ajudar o marido, os dois trabalhando junto, o progresso é melhor. A mulher na atualidade, hoje, tem um pensamento diferente da minha vida, que eu vivi até aqui, acho muito diferente. A mulher hoje é mais livre, é mais pra frente, tem mais liberdade, eu nunca fui uma pessoa liberta (CRMG1).

O que se observa na fala da coordenadora da Romaria de Minas Gerais, é que hoje elas percebem as mudanças de seu papel na sociedade, principalmente no que concerne à liberdade e ao trabalho, e naquele espaço realmente pode-se perceber que há uma alteração no papel das mulheres, em relação aos homens, havendo um distanciamento da sociedade patriarcal. Conforme Simone de Beauvoir (2009), as mulheres atualmente estão desmitificando a feminilidade como um atributo fundamental nas suas vidas, pois, a partir do momento em que elas começam a afirmar concretamente sua independência, elas vão perdendo sua feminilidade e buscando viver integralmente sua condição de igualdade perante os homens.

Como de fato acontece nos dias de hoje, motivada principalmente pelo movimento de emancipação feminina, a mulher saiu do espaço privado do lar,

passando a atuar no espaço público do mundo do trabalho. Segundo Giddens (2010, p. 392),

[...] até recentemente, nos países ocidentais o trabalho remunerado era uma característica predominantemente dos homens. Nas últimas décadas esta situação mudou radicalmente: há cada vez mais mulheres a entrar no mercado de trabalho (GIDDENS, 2010, p. 392).

No que diz respeito à renda, o que se pode perceber, a partir dos dados do Censo 2010 (IBGE), é que as mulheres complementam o orçamento doméstico e muitas delas são quem mantém a família. Mas a emancipação das mulheres não se dá no sentido de instaurar uma sociedade matriarcal, em substituição ao sistema atual, que é o patriarcalismo, mas, sim, como um reflexo da transformação desse sistema. Conforme defende Touraine (2010, p. 117),

As mulheres não querem construir uma sociedade de mulheres, reputada mais doce e afetiva do que a sociedade de homens, julgada mais conquistadora e voluntarista [...] Não, as mulheres querem criar, a partir delas mesmas, um novo modelo de cultura, mas que deve ser vivido por todos, homens e mulheres (TOURAINÉ, 2010, p. 117).

Portanto, o que as mulheres anseiam é por uma sociedade igualitária em que homens e mulheres possam ter acesso a tudo o que oferecem as esferas da sociedade, em igualdade de condições, sem qualquer discriminação ou anulação, em que sejam tratadas com a dignidade própria do ser humano, e não com a condição de submissão e violência física e simbólica a que tradicionalmente têm sido submetidas. Na concepção de Beauvoir (2009, p.89), “a igualdade só se poderá restabelecer quando os dois sexos tiverem direitos juridicamente iguais, mas essa libertação exige a entrada de todo o sexo feminino na vida pública “.

Conforme já mencionado, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, há uma grande presença de mulheres. Desde quando começou a participar naquela Romaria, muita coisa mudou na vida da mulher romeira. Percebe-se que essas mudanças foram positivas e trouxeram alguns benefícios, diríamos: Uma manutenção/alteração no seu comportamento, em alguns aspectos, não chegando a uma emancipação. Mas, para compreender como se dá isso na romaria, é necessário um melhor entendimento sobre a questão de gênero, vinculada a esse sistema patriarcal contra o qual as mulheres se organizam em luta para sua desconstrução. Lima (2014, p. 42), nos diz:

Estudando o patriarcado pelo prisma feminista, tem-se a oportunidade de analisar que a opressão feminina, em muitos contextos, precisa deixar de ser vista por um olhar que busca naturalizar tais relações justificando e legitimando o comportamento masculino como superior. Contudo, para que isso ocorra, é preciso se analisar o sentido da cultura patriarcal e como ela pensa o comportamento cabível aos homens e às mulheres (LIMA, 2014, p. 42).

Nos dias atuais, as questões de gênero se tornaram objeto de estudo na academia, principalmente a questão da mulher, pois, no decorrer das mudanças sociais ocorridas ao longo do tempo, as mulheres vêm alterando o seu comportamento e têm assumido papéis antes só atribuídos aos homens. Percebe-se que de submissas e do lar elas se tornaram emancipadas à medida que passaram a trabalhar fora de casa e a ocupar cargos de destaque na sociedade, como, por exemplo, a Presidência da República. De acordo com Lemos (2005, p106), a maneira como Scott (1996) analisa a categoria gênero, como um construto social, pressupõe que essa categoria exerce a função de legitimação, pois:

O gênero é um meio de decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana. Quando se procura encontrar as maneiras como o conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, começa-se a compreender a natureza recíproca do gênero e da sociedade e as formas particulares, situadas em contextos específicos (LEMOS, 2005, p.106).

No contexto atual, em que se verifica a emancipação da mulher da situação de escravidão que tradicionalmente lhe foi imposta pelo sistema patriarcalista, as mulheres que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa não ficaram alheias a essa questão. Em nossa pesquisa de campo, todas as mulheres entrevistadas foram unânimes em dizer que a mulher sofreu mudanças na atualidade e que elas têm mais liberdade, podendo trabalhar fora de casa, ganhar seu próprio dinheiro, ou seja, estão mais independentes, traços esses que demonstram um distanciamento da sociedade patriarcal. O que mais nos chamou a atenção foi a maneira com que elas se posicionaram em relação às mulheres, usando essas considerações: “a mulher está mais ativa”, “mais viva”, “mais atualizada”, “mais moderna”, “está pra frente”, “tem mais direitos”, “tem mais valor”, “mais liberal”, “uma guerreira”. Conforme diz a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais,

Da minha geração até agora mudou muito. Muita coisa mudou pra melhor, [...] Eu acho que foi pra melhor porque a mulher adquiriu coisas que no meu tempo não adquiria. A mulher, hoje, ela está mais respeitada, ela está mais entrosada. Porque antigamente mulher não podia trabalhar, não podia ir

para um escritório, mulher não podia fazer essas coisas que faz hoje. Então hoje nós vemos a mulher na sociedade, fazendo tudo que o homem faz, está aí, a nossa presidente é uma mulher. Então essa facilidade ajudou muito. As que correm atrás, as que buscam, estão buscando, e estão se encontrando. Agora tem aquelas também que não buscam, infelizmente. Mas as que estão buscando estão se realizando, e isso é uma coisa boa, a pessoa entrosar, a pessoa estudar, a pessoa ser alguém, a pessoa se entender, a pessoa conhecer as coisas, saber em que terreno ela está pisando, se está pisando em um terreno derrapante, então a mulher está com mais segurança, do que o que a gente tinha antigamente. Antigamente era só, lavar, cozinhar, passar, tomar conta de marido, de filho e de casa. Agora mudou. A mulher emancipou (CRMG).

A coordenadora de romaria de Minas Gerais nos relata as mudanças ocorridas no papel da mulher na atualidade, fazendo uma comparação com o seu tempo, no que diz respeito ao trabalho fora do lar e aos estudos. Percebe-se nesse relato que há um distanciamento da mulher em relação ao patriarcalismo. Sua fala mostra um despertar, uma conscientização de sua condição de subordinada, bem como a necessidade de se afirmar como uma mulher livre, crítica e consciente da importância de seu papel na sociedade, não estando condicionada a viver o resto da vida como dona de casa em tempo integral. A fala dessa romeira mostra uma dinamicidade da mulher na atualidade, incomparável àquela mulher antiga, passiva, subordinada ao marido. Agora não, a mulher reconhece seu poder no sentido de uma maior participação na vida social, e luta para isso, fazendo sua própria história, alçando voos e alcançando espaços que antes eram destinados somente aos homens, como é o cargo de Presidente da República. Mesmo que a mulher romeira não seja essa mulher emancipada, ela está consciente de que esse é o caminho certo a ser tomado para a total recuperação de sua dignidade e tal consciência mostra um distanciamento do sistema patriarcal.

É interessante percebermos que a maioria das romeiras entrevistadas visualizam e entendem, a seu modo, a mudança do papel da mulher, na atualidade, inclusive sugerindo certo domínio sobre o homem, como afirmam as Romeiras da Bahia e de Minas Gerais, o que lhes dá um empoderamento:

Acho que a mulher tá tendo liberdade, né, mais liberdade igual os homens, tá tendo né, elas tá tendo oportunidade de ser alguma coisa, né elas tá tendo oportunidade que antigamente era só os homem que toma frente de tudo, né, hoje, hoje a mulher tá substituindo o homem, às vezes tá virando capacho, que hoje a mulher, ela faz tudo que os homens faz, a mulher, e hoje elas fazem, a mulher pode, né (risos), tá na frente dos homens também (RB1). Eu acho a mulher hoje muito assim, muito viva, né, mais liberal. Porque as mulheres de antigamente era mais cativa, era mais sujeita ao marido do que a liberdade que era deveria ter. Hoje não, elas são mais

livres para fazer as coisas e mais assim, são inteligentes, sabe, para liderar as coisas (RMG3).

Essas romeiras afirmam que as mulheres alcançaram os mesmos direitos dos homens; esse aspecto caracteriza um distanciamento do patriarcalismo. Porém, apesar de todos esses avanços, ainda persiste a diferenciação de papéis no âmbito familiar, em que o trabalho doméstico de cuidar da casa, do marido e dos filhos ainda é atribuição da mulher. Lembrando a divisão de papéis com base no sistema patriarcal, Gebara (1989, p.17) observa:

A cultura patriarcal, como sabemos, permitiu a introjeção de uma divisão de comportamentos ligada à divisão social do trabalho. Há coisas e comportamentos próprios do homem outros próprios da mulher. Em certos aspectos, essa introjeção é a tal ponto profunda que se torna uma espécie de natureza (GEBARA, 1989, p. 17).

Uma das entrevistadas chama a mulher de guerreira<sup>30</sup>, pelo fato de dar conta do trabalho dentro de casa e, na maioria das vezes, criam as filhas sozinhas. São mães e pais ao mesmo tempo e ainda trabalham para manter o lar. A romeira de Minas Gerais enfatiza que a emancipação da mulher fez com que ela assumisse a liderança da família. Carvalho (2003, p. 42) explica:

O patriarcalismo como um contexto relacional, um processo tenso, de cuja construção as mulheres também participavam. A dinâmica deste feixe de tensões eventualmente também poderia voltar-se contra os homens, uma vez que a eles eram atribuídas pesadas regras de honra e o dever de prover o sustento das mulheres da família, uma obrigação que nem sempre eram capazes de cumprir. Ao jogar com essas contradições, algumas mulheres aprendiam a gerenciar melhor suas relações com os homens, aumentando sua esfera de atuação, pressionando os limites dos rígidos códigos patriarcais de conduta. Conquistavam assim espaços políticos e econômicos que normalmente lhes seriam vedados (CARVALHO, 2003, p. 42)

Esse aspecto retrata uma ruptura com o sistema patriarcal, caracterizando aspectos da sociedade moderna.<sup>31</sup> De fato, conforme dados do IBGE, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD 2012, o percentual de mulheres com filhos que se tornam chefes de família, sendo seu principal referencial, no lugar do homem, quadruplicou nos últimos dez anos, passando de

<sup>30</sup> Veja-se fala na página 217, deste estudo.

<sup>31</sup> Segundo Giddens (2010, p. 35), "as sociedades industriais (por vezes chamadas simplesmente sociedades modernas ou desenvolvidas) são absolutamente diferentes, sob muitos pontos de vista, de qualquer tipo de ordem social anterior e o seu desenvolvimento teve consequências que se estenderam muito para além das suas origens europeias".

4,6% em 2002, para 19,4% em 2012. A se considerar todas as famílias juntas, com ou sem filhos, a participação das mulheres passou de 28% em 2002, para 38%, em 2012. A explicação para esse fenômeno, conforme o IBGE, se deve a uma maior presença das mulheres no mercado de trabalho, bem como aos níveis de escolaridade maiores que os dos homens.

Assim como as mulheres romeiras pontuam a emancipação da mulher como uma coisa boa, algumas entrevistadas mencionaram alguns aspectos negativos que essas mudanças trouxeram para as mulheres, evidenciando uma aproximação ao patriarcalismo. De acordo com Ribeiro (2014), o patriarcalismo é um sistema de discriminação institucionalizada que se reflete em todos os aspectos sociais, indo além do espaço doméstico, sendo a submissão da mulher ao homem uma das suas principais características.

A Romeira de Minas Gerais, pela sua forma de interpretar as mudanças que vêm ocorrendo na atualidade, com relação à emancipação das mulheres, destaca alguns aspectos ruins, que ela julga de acordo com o contexto social em que ela vive, que retrata a cultura patriarcal<sup>32</sup>, mas não deixa de mencionar as coisas boas:

Muitas coisas ruins na mudança da mulher. Olha, para começar, para ser franca, essa coisa de porta de bar, o cigarro, a bebida, o modo de se vestir, porque, infelizmente, eu acho que, para uma pessoa ser elegante, ela não precisa andar nua. Então eu acho que isso aí mudou muito, porque tem tanta coisa boa, tanta coisa boa que você pode fazer, e essa coisa de porta de bar, eu acho que isso aí, até hoje eu não me acostumei, e eu acho que não vou acostumar (RMG1).

Igual posição tem a romeira de São Paulo, que, assumindo uma linha conservadora, que remete à ideologia patriarcalista, vê de forma negativa a emancipação da mulher, julgando que o comportamento libertino da bisneta se deve às mudanças relativas à mulher, na contemporaneidade: “Hoje nós estamos no século XXI, eu já tenho bisneta e tem hora que aí meu filho fala que não pode reclamar ninguém mais não, aí eu digo: vou ter que falar, pois ela não obedece ninguém, faz o que quer” (RSP). Essa romeira reconhece que “a mulher mudou em tudo, umas coisas boas e outras também que não agrada” (RSP). Por tudo o que vimos aqui, pode-se constatar, pelas falas das romeiras, que sua forma de pensar o

---

<sup>32</sup> Na concepção de Lemos (2012, p. 26), “O homem já se sente responsável pelo simples fato de nascer homem. Por analogia pode-se deduzir que a mulher pelo fato de nascer mulher não tem as mesmas incumbências. Ou seja, o homem produz a coesão social pelo poder e permite a identificação da parte como o todo e estabelece a diferença. Tal forma de conceber o masculino e feminino é típica das culturas patriarcais”.

papel da mulher na atualidade às vezes se distancia e às vezes se aproxima da ideologia patriarcal, sobretudo no que se refere às desigualdades de gênero, que ainda persistem em nossa sociedade atual.

Até aqui podemos perceber que as mulheres, na sua grande maioria, são participantes da romaria do Bom Jesus da Lapa, o que mostra uma afinidade muito grande com a religião, não como um dado natural, mas como um constructo sociocultural. Nesse sentido, podemos afirmar que a cultura patriarcal referenda a religião como um atributo da mulher. A seguir, explanaremos a prática da fé popular das mulheres romeiras, prática esta que deixa evidente haver uma relação entre fé e vida empírica.

#### 2.2.4 A Romaria do Bom Jesus da Lapa: Prática da fé popular das mulheres romeiras

A romaria do Bom Jesus da Lapa tem como característica a devoção popular. Segundo os relatos feitos pelas mulheres, durante a entrevista, muitas pessoas chegam a Bom Jesus da Lapa movidas pela fé e devoção. Fazem um pedido ou promessa, estabelecendo um vínculo mediado por um compromisso de retorno ao lugar, estabelecendo, assim, um fluxo periódico de visitas que se estende aos membros da família e à comunidade onde moram. Todas elas externam sua fé, e “o Concílio Vaticano II deixa clara a importância da fé como acolhida obediente a Deus” (MORO, 2010, p. 20). É o que ilustra a gravura e a fala abaixo:



FIGURA Nº14: Romeira pagando promessa - Fonte: Acervo do Santuário de Bom Jesus da Lapa



A Romeira do estado de Minas Gerais relata que o “grupo de romeiros que participo, elas vão, pela fé, tem os novos que nem tanto, mais essas pessoas mais velhas, sim. Eles todos participam com muita alegria e satisfação, pois têm devoção ao Bom Jesus” (RMG1). A promessa aparece como prática religiosa arraigada no imaginário coletivo dos romeiros de Bom Jesus da Lapa e se constitui na motivação principal que estimula o deslocamento dos peregrinos. No catolicismo popular, a promessa aparece como um acordo, um pacto firmado entre o fiel e o santo no sentido de se obter uma graça, um pedido, estando relacionada à fé. Parker (1999, p. 201) afirma:

[...] todos os estudos e informes a respeito da mentalidade religiosa em setores populares latino-americanos coincidem em mostrar que a fé acontece como algo evidente em si mesma, como um ditado inquestionável do sentido comum (PARKER, 1999, p. 2001).

O conceito bíblico de fé, segundo Moro (2010), é a fonte e o centro de toda a vida religiosa, tendo dois polos: “a confiança que se presta em uma pessoa fiel e engaja o homem todo inteiro, e de outro lado, um procedimento da inteligência à qual uma palavra ou sinais possibilitam realidades que não se veem” (MORO, 2010, p. 18). Conforme Parker (1996), a fé, em sua manifestação dialeticamente mediatizada pelo conjunto de práticas diárias e históricas, será uma expressão desta nova cultura que emerge. A modernização e as mutações que gera não ameaçam necessariamente a religião, inclusive ela se revitaliza. As classes subalternas e os setores menos favorecidos nesse processo se orientaram para as religiões, buscando renovar suas energias e motivações para desejar novas formas de convivência social. O autor observa que “a religião dos setores marginalizados está orientada para a satisfação imediata das necessidades mais sentidas pelas pessoas” (PARKER, 1996, p. 158).

Ao peregrinar, o povo traz consigo várias práticas que lhe são inerentes, como o ato de penitenciar, pedir e pagar promessas. Também eles deixam lá inúmeros ex-votos, como expressão das graças alcançadas, através da devoção aos santos. No que se pode perceber, os santuários nasceram da fé do povo. Alguns Santuários mantêm-se ativados com a participação popular, crescente a cada ano. Com a institucionalização da reforma religiosa da Igreja Católica, o domínio dos santuários passou para as autoridades eclesásticas, que assumiram o controle religioso, no centro de devoção do popular, ressaltando com isso uma inserção do

catolicismo oficial no meio do catolicismo popular. “Em geral a romaria está intimamente relacionada à promessa, expressão de fé no poder de um santo em particular. É esse santo que se quer homenagear mediante as romarias à sua ermida, ao santuário” (AZZI, 1978, p. 54). Através do depoimento da Romeira da Bahia, exemplificamos essa proposição:

Se eu contar minha vida, tu chora; assim: a gente mora na roça, pai era pobre de dinheiro, mas era rico de espírito, minha mãe era mais forte do que ele com as coisas de religião, ele não gostava muito não, mas ela nem me catequizou tanto, quem me catequizou mais, na vida, foi o marido de uma tia, eu casei e vim morar perto dela, ela botava o chapéu na cabeça e ia pra casa do povo ensinar como seguia a Deus, naquele tempo, a filha dela, está até aqui, era uma missionária, vou indo adiante, na carreira da vida perdi o marido com quarenta anos de idade, fiquei com os meus filhos, mas a gente não cria filho, a gente zela e Deus cria, só fé no Bom Jesus que me dá força (RB1).

O relato da Romeira da Bahia conta a vida dela e as dificuldades enfrentadas, pelo fato de morar na roça<sup>33</sup> e trazer traços bastante latentes da cultura patriarcal, principalmente no que concerne à religião. Ao mencionar seu processo de catequização, demonstra que a fé popular não só acompanha as fases do crescimento da vida, como também, em segmentos importantes, se faz presente nos momentos de crise da vida. Resolve a crise por meio de sua profunda confiança na intervenção de Deus e de seus mediadores. Na luta entre o bem e o mal, a fé dos indivíduos que vivem numa situação de miséria e de exploração é produto não de um simples costume introjetado nos processos de socialização precoce, exteriorizado como atitude habitual arraigada, mas de uma vivência da providência divina, por mais que as explicações verbais a respeito das crenças em Deus sejam de ordem argumentativa. Assim como diz a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais:

Sou católica, frequento mais a igreja por causa do meu trabalho, porque eu faço muitas coisa lá, eu era ministra da eucaristia, agora eu entreguei o cargo que eu já tinha, 33 anos de ministra, mas eu continuo com o catecismo, trabalho com grupos de jovens e adultos e primeira comunhão de adultos, ainda continuo. Trabalho também na parte de exéquias, encomendando os defuntos (RMG3).

---

<sup>33</sup> Conforme Freire (2006, p. 145), “a propósito de áreas e subáreas, ou regiões ou sub-regiões, de que a influência do patriarcado monocultor e escravocata que teve seus centros mais intensos e de vida mais constante e longa em Pernambuco, na Bahia e no Rio de Janeiro foi, no Norte, até subárea amazônica, no Sul, até o Rio Grande do Sul e, no Centro, até Mato Grosso”.

Pela fala dessa romeira, uma católica bastante ligada à religião, percebe-se ser uma pessoa dinâmica e versátil nos trabalhos da Igreja, uma dedicação de muitos anos e também mostra certo distanciamento do patriarcalismo, ao afirmar que faz celebração de exéquias, função esta tradicionalmente reservada a padres e quando muito a diáconos. Isso também é motivo de respeito, de um empoderamento que antes a mulher não tinha. Portanto, esse aspecto mostra um distanciamento das mulheres em relação ao patriarcalismo.

A maioria das pessoas que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa é católica praticante. Quando dizemos 'maioria', é porque já houve casos de pessoas de outras religiões (como a Evangélica e do Candomblé) irem até a Lapa pagar promessa, participando das atividades da romaria e voltarem no ano seguinte, tanto de um grupo como de outro. Num espírito bem ecumênico, houve respeito por parte do grupo. Essa afirmação é exemplificada através da fala de uma Romeira de São Paulo:

Ah! sim. Muitas coisas mudaram na minha vida. Eu sou meio barro meio tijolo. Deixa eu te explicar por que. Eu vou na igreja católica, eu vou na evangélica. Então pra mim eu acho que o Deus nosso é um Deus só. Se eu tô na católica, eu tô buscando a Deus, se eu tô na evangélica, eu também tô, porque eu fui criada na evangélica, então eu, aonde eu tô, na igreja na evangélica, na católica, pra mim é um Deus só, não tem diferença pra mim não tem, né, não que eu tô falando que eu sou evangélica, não sou, pra mim não tem diferença nenhuma, é um Deus só, mas eu tô, mais na católica que na evangélica porque eu acompanho meu marido (RSP2).

O relato dessa romeira de São Paulo nos remete a dois aspectos importantes a serem mencionados diante da análise que estamos propondo: primeiro, quando ela diz que vai à igreja evangélica e também à católica, retrata um traço da sociedade contemporânea que é o trânsito religioso. Segundo, no término da sua fala, ela menciona que "tá" mais na católica do que na evangélica porque acompanha o marido, isso reflete características do patriarcalismo, no que concerne ao respeito e submissão da mulher para com o homem. As Coordenadoras de Romaria ressaltaram a importância do diálogo inter-religioso e o respeito a outras religiões, pois isso é importante para a convivência das pessoas. O que levam em conta é a fé e a devoção ao Bom Jesus da Lapa. Os romeiros costumam relatar algumas graças alcançadas para as coordenadoras, conforme mencionado por elas:

Eu tenho uma passageira, que a filha dela quebrou a perna, ia amputar, levou ao médico, falou: tem que amputar a perna, e não tem jeito de coisar. Ela chegou em casa, entregou o Bom Jesus: a minha filha, a perna não é a

dela é sua, então eu peço a voís que tome conta da perna da minha filha; se ela ficar curada, eu vou comprar uma perna e por lá naquela sala.., aí a menina ficou de muleta, quando foi com 1 mês que foi voltar no médico, curou, ela tá ai, vai todo ano para lá.Tem uns 8 anos (CRMG).

Conforme relata a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais, as mulheres romeiras são mais fervorosas na fé do que os homens e todas elas, através dos seus gestos e ações, tanto na sua comunidade, como no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, externam sua fé e devoção.



FIGURA Nº 15: Fé e devoção da mulher romeira – Fonte: A autora

A figura acima demonstra a fé e devoção da mulher Romeira ao Bom Jesus, pois, na sua simplicidade de vida, elas buscam o conforto para suas dificuldades através da religião e, naquele espaço, elas desempenham várias atividades, sendo a mais importante de todas o ato de rezar, de externar sua fé e devoção. Esses aspectos fazem parte do cotidiano da mulher romeira, contribuindo para sua transformação. Inquirimos as mulheres romeiras em nossa pesquisa de campo, para saber se houve ou não alteração em seus comportamentos, no contexto atual de emancipação da mulher e muito nos surpreendeu o resultado. Constatamos que todas as mulheres romeiras entrevistadas, que participam da romaria, têm consciência de que o papel da mulher está se alterando, na atualidade, e a participação na romaria contribui para essa transformação, conforme veremos a seguir.

### 2.2.5 A Romaria do Bom Jesus da Lapa como fator de transformação da mulher.

Todas as mulheres entrevistadas afirmaram que sua participação na Romaria do Bom Jesus da Lapa mudou sua vida. Muitas delas afirmam terem presenciado momentos de conversão dos fiéis. Através dos seus relatos sobre as graças alcançadas, pudemos perceber o quanto isso está presente naquele espaço. A coordenadora de Romaria de Minas Gerais diz: “Já vi várias maneiras da pessoa se converter, porque já teve um rapaz que não ia muito em igreja e, depois que começou a viajar para a romaria do Bom Jesus da Lapa, passou a frequentar a igreja” (CRMG1). Já uma Romeira de Minas Gerais e outra da Bahia assim se expressam:

Eu já vi conversão religiosa, por parte daquelas pessoas que participam. Você escuta de tudo. Porque você passa, tem uma turma de religioso, da nossa religião. Você vê que aquilo está bom, está bonito, está todo mundo, tudo maravilhoso. Agora você passa ali na frente, já tem uma turma de outra religião que já discorda de algumas coisas. Porque ali tem de tudo, ali tem o crente, tem o evangélico, tem turma de toda raça de gente. Então às vezes você passando, você escuta alguma coisa. Quando chega lá no Bom Jesus, quando volta, alguém fala que começa a frequentar mais a igreja. Eu acho que sim. Dificilmente, quem vai, não quer mais deixar de ir, quem vai parece que aquilo é um compromisso que você assume (RMG1).  
Já viu várias conversão religiosa por parte de algumas pessoas que vem comigo, não era muito católico e depois que passou a vim na Lapa, passou a frequentar. Na minha comunidade, dos que veio sim, gostaram tanto que não falharam mais de vim (RB1).

A conversão religiosa é uma das características dos locais considerados sagrados, como é o caso de Bom Jesus da Lapa. Esse aspecto é um contribuinte para a origem e manutenção da Romaria do Bom Jesus da Lapa, assim como retrata um aspecto da sociedade contemporânea no que diz respeito à liberdade religiosa. Segundo Giddens (2010, p. 534) “ao longo da história subsequente a religião continuou a ser um elemento central de experiência humana, influenciando o modo como vemos e reagimos ao meio que nos rodeia”. Porém, com a queda dos monopólios religiosos, os estados democráticos passam a reivindicar, em suas constituições, a liberdade religiosa como um direito civil. Com isso, a própria Igreja católica passa a reconhecer esse direito de ir e vir, de uma religião para outra, por ser o princípio da liberdade do ser humano, fundado na sua própria natureza, como algo dado por Deus, no momento da criação, ou seja, seu livre arbítrio.

Os testemunhos de conversão religiosa dão legitimidade à Romaria. Levam outras pessoas a passarem pela mesma experiência. A conversão é aqui entendida assim: “não é uma mera adesão a uma divindade mais eficaz, mas envolve uma experiência de renovação integral do ser” (MATA, 2010, p. 103). Trata-se de uma transformação interior, uma verdadeira mudança de vida. A conversão pode se dar de forma repentina ou gradativa. Geralmente é precedida de momentos de angústia, de sofrimento, de dor. Geralmente, a conversão leva a pessoa a participar ativamente de uma determinada religião ou movimento religioso. Como se vê na fala da romeira a seguir, de fato a conversão provoca uma verdadeira transformação interior na pessoa:

Olha, a fé, perseverança e o amor em Deus mudou demais, porque antes, antes a gente não dedicava o que a gente dedica hoje, né, e antes da gente conhecer aqui a Lapa, a gente era muito desligado, era meio à toa, sabe, aí hoje, não, hoje a gente dedica, é, dedica bem à Bíblia, a gente lê a Bíblia, a gente tem o momento muito dedicado à bíblia, pregando a palavra, então a partir disso tudo vem a fé e a perseverança, mudou, sim, minha vida e essas mudanças foram boas, tanto é que eu venho todo ano (RB1).

Outro aspecto também mencionado nas falas dessas mulheres foi que hoje elas estão mais fervorosas na fé, frequentam mais a Igreja, têm mais respeito e amor ao próximo. O Bom Jesus da Lapa, para elas, é visto como um guardião e protetor de sua vida e da sua família, pois os ensinamentos que elas recebem, elas levam consigo para seu ambiente familiar e para o trabalho. Vê-se que essas mudanças transformaram as vidas das mulheres romeiras, na medida em que passaram a perceber a importância da mulher na sociedade, bem como na sua forma de agir e de se comportar diante do ambiente familiar. Tanto as mulheres romeiras, como as coordenadoras de romarias, foram unânimes em dizer que a sua participação na romaria mudou sua vida como mulher, principalmente no que diz respeito à sua independência e liberdade, pois elas adquiriram mais respeito e tratamento iguais aos dos homens. Nesse aspecto aqui mencionado houve um distanciamento do patriarcalismo. De acordo com Beauvoir (2009, p. 354), “as mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade, começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano”.

Conforme a romeira de Minas Gerais, “mudou sim, porque você começou a conviver com pessoas que você ainda não convivia. Às vezes pessoas que eu não

conhecia, eu só passava: ‘bom dia’, ‘boa tarde’”. Então, com esse agrupamento da romaria, “a gente vai se filiando mais uns aos outros. Então isso trouxe pra mim mais satisfação pra minha vida, mais satisfação pro meu viver, mais satisfação pra mim andar junto com eles, e pra alegria pra eu andar junto com eles” (RMG). Já a romeira da Bahia diz que “mudou muito, porque tinha muita coisa que eu não sabia, aí eu aprendi como se segue a Deus, como se faz pra viver e, se a gente tem Deus, tudo resolve, sem Deus não somos nada” (RB).

As mulheres coordenadoras de romaria, de Minas Gerais e da Bahia, afirmaram que seu papel na família mudou ao assumir a coordenação da romaria. No caso da CRMG, outras pessoas da família assumiram as funções por ela exercidas, inclusive o cuidado com o marido, para que ela participasse da romaria:

O meu papel na família mudou, porque eu faço isso né, elas acha que eu me sinto bem, né, e faço isso porque me apoia e fala: ó, mãe, tá bom, a senhora vai, pode deixar que a gente toma conta da casa, mais são duas filhas foi uma minha e a dele também, tudo me ajudando na viagem, agora sempre os outros anos quem ia era minha nora, mais não deu mais certo, aí eu fui com o rapaz para ele me ajudar no meu vizinho, aí depois ficou indo a filha dele comigo e uma filha minha, agora trabalha, a outra filha dele que foi para Lapa, porque a que foi para lá faleceu, aí o meu marido deixei com a sogra do neto dele, cuida muito, muito caprichosa, deixei ela tomando conta, cuidou direitinho dele (CRMG).

Conforme menciona a coordenadora de romaria da Bahia, sobre essas mudanças, ela sobressaiu bem como mulher nessa atividade, mostrando certo empoderamento,<sup>34</sup> uma mudança de status, em que passa a ser reconhecida pelas pessoas de outra maneira, como alguém que tem certo conhecimento e com quem pode tirar dúvidas, trocar ideias, uma espécie de mestre:

Eu acho que mudou minha vida muito, sou mais procurada, mais querida, mais amada, a mulher hoje é melhor do que antes, porque hoje as coisas estão mais desenvolvidas e a mulher tem um papel muito importante de trabalho procurando mais coisas pra fazer. Eu percebo que a gente anda e vê diferente. Era unido todo mundo, mais hoje eu acho mais porque todo mundo acompanha. Sinto mais respeitada, determinada, resolvo tudo, sou o homem e a mulher da casa, isso dentro e fora da família. É tudo bem também, as pessoas me respeitam muito, todo lugar que eu chego, aqui parece que estou em casa, é a dona do hotel vai na minha casa, eu me sinto muito bem. Sim, as pessoas sabem que eu sou comerciante e

---

<sup>34</sup> Segundo Mesquita (2005, p. 19), “o processo de construção da cidadania, nas sociedades ocidentais, proporcionou significativos avanços e conquistas para os seres humanos.” Mas a cidadania das mulheres no Brasil foi construída de maneira desigual, com diferenciações baseadas nas questões de gênero, recebendo influências das particularidades históricas que envolvem a trajetória feminina até os tempos atuais, o que nos leva a perceber é que há um certo empoderamento da mulher.

organizo romaria, sempre me procuram para resolver alguma coisa, pra conversar, para fazer alguma campanha (CRB1).

O que foi possível observar, tanto no campo, como nas entrevistas, é que essas transformações na vida das mulheres que participam da romaria, na condição de romeiras ou de coordenadora de romaria, ocorreram com cada uma delas, de maneira semelhante, pois todas trazem os mesmos traços culturais da sociedade patriarcal que as caracterizam, ou seja, uma religiosidade popular que as levam a abraçar fervorosamente aquilo que fazem, motivadas pela fé, pela esperança, pelas graças alcançadas junto ao Bom Jesus, com destaque para a atividade de coordenadora de Romaria, que é um dos fatores de transformação ou até mesmo de emancipação da mulher naquele contexto.

Diante dos relatos da coordenadora de romaria de Minas Gerais e da Bahia, sobre a mudança da mulher ao participar da romaria e ao assumir o cargo de coordenadora, percebemos visivelmente um distanciamento da sociedade patriarcal e traços da sua transformação, principalmente quando a coordenadora de romaria da Bahia menciona: “sinto mais respeitada, determinada, resolvo tudo, sou o homem e a mulher da casa, isso dentro e fora da família”. São aspectos que referendam o papel da mulher na sociedade contemporânea. Na concepção de Giddens (2010, p. 393), “apesar de possuírem igualdade formal em relação aos homens, as mulheres são ainda alvo de uma série de desigualdades no mercado de trabalho”.

Reafirma-se nesse contexto o distanciamento em relação à sociedade patriarcal. Logo a seguir, dispomo-nos a apresentar o perfil das mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa.

## 2. 2.6 O perfil das mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa

Consoante Kocik (2000), o perfil dos romeiros é muito evidenciado pela sua simplicidade. Eles peregrinam em busca do conforto da fé para superar os obstáculos colocados pela razão. Essa fé os impulsiona, a ponto de superarem qualquer dificuldade para chegar até ao Bom Jesus da Lapa. Geralmente viajam em grupos formados por pessoas conhecidas e se hospedam em ranchos improvisados, carrocerias de caminhão, abrigos de lonas, hotéis e pousadas.



Dados fornecidos pela Central de Atendimento aos Romeiros do Santuário de Bom Jesus da Lapa e confirmados, através da observação de campo, nos levam a afirmar que a grande maioria das pessoas que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa são mulheres e, em grande parte, são idosas. Essas mulheres se enquadram aqui em duas categorias, que são a de coordenadoras de romaria e romeiras comuns. No que se refere ao perfil das mulheres coordenadoras de romarias, todas são casadas na Igreja Católica. Quanto ao nível de escolaridade, constatamos que todas têm o primeiro grau completo. Identificam-se como católicas fervorosas, exercem atividades religiosas na sua comunidade e algumas trabalham ou trabalharam fora do lar. Reiteramos que as coordenadoras que participaram da nossa pesquisa são aposentadas e apenas uma é comerciante.

O perfil<sup>35</sup> da mulher romeira varia conforme a região. Todas as entrevistadas se encontram na faixa etária entre 50 e 70 anos e têm o seguinte nível de escolaridade: três possuem o Ensino fundamental, quatro o primeiro grau, uma o segundo grau (magistério), e apenas uma tem o curso superior. Uma é analfabeta. A maioria delas tem como profissão do lar, as outras se enquadram como empregada doméstica, lavadeira, costureira, trabalhadora rural ou professora. Giddens (2010, p. 392) nos diz que “as mulheres vieram a ser associadas aos valores domésticos, sendo responsáveis por tarefas como o cuidado das crianças, a manutenção da casa e a preparação da comida para a família”.

Uma Romeira do Estado de Minas Gerais, apesar de residir naquele estado, nasceu na Bahia e foi morar lá, com uma tia que tinha ficado viúva, para fazer-lhe companhia. Trabalhou fora, numa fábrica de tecido, como costureira, por muitos anos. Essa profissão, ela a aprendeu da tia. Só saiu do trabalho porque a fábrica fechou. Depois que se casou com um rapaz também da Bahia, não trabalhou mais fora. Foi cuidar da sua família. Enfatiza que seu esposo ainda é vivo e que os dois juntos gostam muito de viajar e principalmente de participar das Romarias, ou seja, das coisas ligadas à Igreja. Têm seis filhos, todos vivos, já criados e independentes, e netos e bisnetos. Tem o hábito de rezar o terço toda sexta-feira, na casa das pessoas, junto com um grupo de seis mulheres. Afirma que, sempre que assume um

---

<sup>35</sup> Segundo Frozoni (2012), o canto e o chapéu fazem parte do perfil do romeiro, pois na concepção das mulheres romeiras, são elementos de enaltecimentos ao Bom Jesus, componentes primordiais da romaria; por conta disso muitos benditos são feitos retratando o cotidiano do romeiro, por exemplo:” Pra visitar o Bom Jesus, eu já forrei o meu chapéu, eu sou cantor e sou romeiro e viva Jesus Cristo, lá no céu..”

compromisso, procura cumprir. Já a Romeira da Bahia traz uma característica típica do sertão e da sociedade patriarcal, de sofrimento do trabalho rural, de muitos filhos e principalmente de, quando solteira, ter feito o que os pais mandavam e, depois de casada, ter cumprido as ordens do marido. Hoje, ela é viúva, frequenta a Igreja e o grupo de Idosos. Tanto o relato da romeira de Minas Gerais, como o da romeira da Bahia exemplificam a aproximação dos aspectos do patriarcalismo, no que concerne à submissão da mulher ao homem. Conforme Klinger (2010, p. 62),

As mulheres não são exemplares para o ser-pessoa nem para a humanidade do ser humano. São uma parte separada dele. Quem realiza o ser-homem torna-se pessoa. Quem realiza o ser-mulher não se torna mais pessoa, mas um outro homem. Ela é por si só um segundo e deficitário sexo (KLINGER, 2010, p. 62).

As coordenadoras de romaria entrevistadas falam sobre o perfil dos passageiros que elas conduzem, bastante parecido tanto na romaria de Minas Gerais, como na da Bahia, pois a maioria são mulheres idosas, algumas delas aposentadas, algumas famílias, poucos jovens e crianças. Sempre o mesmo grupo, o que varia são pessoas daquelas famílias. Outro aspecto a ser destacado é que a maioria desse grupo faz romaria para a Lapa e Aparecida. Em agosto elas vêm para a Lapa e em outubro vão a Aparecida. As coordenadoras dizem que a atividade é a mesma, porém o que muda é o local, enfatizando que a Romaria é muito boa, pois é o momento do encontro com o sagrado (Bom Jesus da Lapa), como também do encontro com as pessoas conhecidas. Na concepção de Oliveira (2001, p. 155),

[...] tais práticas não devem ser interpretadas simplesmente como penitência ou retribuição, mas, refletidas no sentido de amizade e memória, liberdade, relacionamento afetivo que traduz a relação firmada diretamente entre o devoto e o santo. É uma maneira própria de se comunicarem entre si (OLIVEIRA, 2001, p. 155).

Assim diz uma Romeira de Minas Gerais: “É um prazer que a gente tem de encontrar com os amigos e fazer amigos aqui na Romaria, é uma oportunidade muito boa de a gente encontrar e fazer amizades; enquanto eu for viva, eu venho” (RMG). Todas dizem que, enquanto vida e saúde tiverem vão à romaria. Pedem sempre ao Bom Jesus para voltarem no ano seguinte. A participação dessas mulheres nesse Evento religioso traz características comuns, conforme evidenciaremos no continuar do estudo.

Faz parte do perfil da mulher romeira toda uma maneira de se comportar frente à sociedade, seguindo normas, dogmas e costumes do catolicismo, a que denominamos de *ethos*<sup>36</sup> religioso. De acordo com Geertz (2008, p. 93), “o *ethos* de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético e sua disposição, é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete”. O povo elabora sua visão de mundo a partir do sentido dado às coisas, ou seja, de “como elas são na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade”. Como elemento que faz parte de uma cultura, segundo Geertz (2008, p. 67), a atuação da religião se dá no sentido de “estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem de existência geral e vestindo essas concepções com tal aura de fatorialidade”. Assim, a religião cria um *ethos* próprio, um cosmo, situando o indivíduo ou grupo numa realidade convincente, onde os padrões morais e éticos são elaborados, legitimados e impregnados de tal forma que se tornam a única realidade capaz de acomodar todas as suas inquietações, sejam elas imanentes ou transcendentais. Por estar sustentado no catolicismo, esse *ethos* sofre influências também do sistema patriarcal, assim como diz Freire (2006, p. 34):

A formação patriarcal do Brasil explica-se tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de “raça” e de “religião” do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora. Economia e organização social que às vezes contrariaram não só a moral sexual católica como as tendências semitas do português aventureiro para mercancia e o tráfico (FREIRE, 2006, p. 34)

O próprio cristianismo, por ser a religião predominante de nossa cultura ocidental, por sua vez também recebeu influências do sistema patriarcalista ao longo de sua história, sendo circunstancial, inclusive, sua influência em tudo aquilo que se refere no comportamento da mulher, no âmbito religioso. Geertz (2008) retrata de que forma o *ethos* religioso atua sobre o grupo ou indivíduo, produzindo um *nomos* que satisfaz as suas necessidades de sentido para a vida e para a transcendência:

Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de

---

<sup>36</sup> O *ethos* é o ponto de partida para a compreensão do que funda o ‘humanum’, ou seja, ele é como que o alicerce que sustenta o humano como fonte borbulhante e dinâmica, não estática, o *ethos* está na origem das normas e da própria diversidade das culturas e religiões (AGOSTINI, 1993, p. 21).

coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida (GEERTZ, 2008, p. 67).

Isso nos ajuda a compreender o sentido de carregar a cruz, conforme explicita a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais, que assim se expressa:

Peço a Deus todos os dias que me dê forças e coragem para mim carregar minha cruz, porque todos nós temos uma cruz, ora ela tá mais leve, ora tá mais pesada, mais a gente confia em Deus, que a gente carrega ela até o fim, agora o fim só Jesus sabe quando e nós temos de ter muita confiança em Deus, porque só ele que nos dá essa força, essa fé e essa coragem da gente manter firme e confiante para carregar ela, que tem muitos problemas (CRMG1).

O *ethos* religioso que se manifesta nas crenças e práticas, nos ritos e na percepção dos símbolos, bem como nos significados a eles estabelecidos, no âmbito da romaria, leva a mulher romeira a ter esse comportamento, em que se vê o ato de carregar a cruz no sentido de assumir, num sentido um tanto fatalista, a vontade de Deus para suas vidas, que, em muitos casos, é assumida como uma missão a ser desempenhada pela mulher romeira. Assim como Cristo carregou sua cruz sem reclamar, sem contestar, também se deve carregar a cruz do dia a dia sem murmurar, assumindo o próprio destino, muitas vezes imposto à mulher, de forma inconsciente e socioculturalmente para ela idealizado. Isso é decisivo para a construção da própria identidade de gênero da mulher romeira, que, embora possa emancipar-se em relação ao marido, aos filhos, à família, conserva um *ethos* religioso que a mantém presa à doutrina e aos dogmas da religião, que pode funcionar como um entrave na sua forma de ver, compreender e reagir no mundo que caracteriza o espaço da romaria. Dando prosseguimento à análise, pontuaremos a preparação das mulheres para a viagem até Bom Jesus da Lapa..

### 2.3 A ROMARIA: DA PREPARAÇÃO À VIAGEM

O estudo sobre a romaria do Bom Jesus da Lapa como espaço de devoção do catolicismo popular leva a entender que o elemento motivador do deslocamento periódico de mulheres romeiras para as cidades-santuário é o fato de esses lugares serem considerados especiais, ou seja, sagrados. Segundo Araújo (2009), qualquer pessoa seguidora de uma crença ou não, que viaja em romaria, em direção ao local sagrado, o faz por diversos motivos, principalmente os de ordem espiritual. No

decorrer das observações de campo e nas entrevistas com as mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa, foi-nos possível notar que uma das motivações que levam essas pessoas a participarem, continuamente, desse fenômeno religioso, já há muitos anos, é o fato de elas alcançarem várias graças, o que as leva a assumirem um compromisso em participar, enquanto estiverem vivas e aguentarem a viagem.

O ato de participar da romaria envolve todo um processo que começa com a organização da própria romaria. Assim, vive-se a romaria, desde os encontros preparatórios que acontecem tão logo termina uma romaria. A seguir aprofundaremos a análise sobre como as mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa se organizam para participar da romaria, retratando o tempo de participação, bem como sua motivação.

### 2.3.1 Motivação das mulheres romeiras para visitar o Bom Jesus

Um dos principais fatores que levam alguém a participar de uma romaria é o desejo de realizar alguma coisa, ou seja, a motivação. A motivação varia muito de pessoa a pessoa, mas, geralmente, faz-se algo porque aquilo dá prazer. Todas as romeiras entrevistadas destacam que se sentem bem e gostam de participar da romaria, porque rezam muito, encontram amigos e isso para elas é uma diversão. As pessoas que participam da romaria formam uma grande família, pois há anos estão todas juntas. São todas muito bem entrosadas, uma entende a outra e são todos como irmãos e tudo vira uma grande festa. Quando se lembram dos companheiros de viagem que já morreram, é muito triste pois eles deveriam estar ali, com eles. De acordo com Steil (1996, p.97), as estórias “narradas sobre outras romarias, ou sobre os poderes e milagres operados pelo Bom Jesus da Lapa” dão concretude “às crenças e aos valores que configuram a tradição em torno do santuário”.

As romeiras entrevistadas enfatizam que a Romaria é muito boa, pois é o momento do encontro com o sagrado (Bom Jesus da Lapa), como também do encontro com as pessoas conhecidas. O relato da Romeira do Espírito Santo ilustra bem esse aspecto:

Eu venho cum as companheiras, as amiga, todo mundo é amigo lá. As atividades que faço junto com elas são muitas. Ah, nós brinca, nós caçoa e... Dorme quatro, cinco num quarto só. Nós reza muito, participa de tudo na igreja. Tudo religiosa, todo, todo, todo... tem gente que vem à festa

assim e fica por lá que nem na igreja vai, né? Nossa Romaria não, enquanto num chega e num vai lá, num sai na rua não (RES1).

A solidariedade é uma característica das mulheres romeiras do Bom Jesus. E isso constitui uma das motivações<sup>37</sup> para querer participar da romaria. O tempo de permanência dessas mulheres romeiras na cidade de Bom Jesus da Lapa é variável. As das cidades circunvizinhas permanecem apenas um dia. As que moram mais distante e até em outros estados, permanecem até três dias na cidade e algumas ficam em torno de cinco dias, quando estão acompanhadas pela família. Todas visitam a gruta, o morro e outras igrejas católicas. Assistir à missa, participar da novena, acompanhar a procissão, eucaristia, confissão, fazer promessas, são as principais práticas religiosas dos romeiros. Todas elas se declaram Romeiras fervorosas e a fé, que as motiva sempre a participar, as torna diferentes de outras pessoas, pelo fato de irem em Romaria, apenas para participar, para dedicar-se às coisas da Igreja. Eis um depoimento de uma dessas mulheres:

Sou fiel ao Bom Jesus, pois também com a cura que eu tive da coluna, fiquei na cama 40 dias sem andar de jeito nenhum atacada da coluna e eu me entreguei nas mãos do Bom Jesus, eu vi ele assim ao vivo na minha frente, me curou e libertou da coluna, que eu tou aqui hoje graças a Deus, eu, até os médicos insistindo que eu ia ficar na cadeira de roda mais foi a graça do Bom Jesus que eu tou aqui, não fui pra cadeira de roda, não fiz as fisioterapia que eles pediro pra eu fazer, eu não fiz porque eu entreguei nas mão do Bom Jesus, fui curada e libertada, eu estou aqui, nunca fiz nada que os médico mandou eu, tou aqui, só os pedido do Bom Jesus, então só tenho que louvar e agradecer o Bom Jesus (RB1).

Outro ponto em que também foram unânimes as respostas das mulheres entrevistadas, sobre o que as motivou à participação na romaria: todas disseram que foi a família; umas pelos pais e avós; outras pelas mães, tios e primos e uma delas ressaltou que quem a motivou a participar foi sua comadre. Em muitos casos, a motivação se vincula às promessas feitas, em torno de uma necessidade de saúde, num momento de dificuldade, ficando na obrigação da visita ao santuário. Steil (1996, p. 104) menciona que “os votos que levam os romeiros a iniciar suas peregrinações geralmente estão associados à graça e a um milagre alcançados no espaço doméstico”.

---

<sup>37</sup> De acordo com Steil (1996, p. 290), uma das motivações é a visita à casa do Pai, “a força de atração do santuário está justamente nesta capacidade de incorporar a diversidade do campo católico brasileiro e responder às demandas religiosas que são trazidas para este lugar sagrado”.

Todas as romeiras expressaram alegria e afirmaram sentir-se bem em participar da romaria. Veem isso como um compromisso assumido com o Bom Jesus, que tem que ser cumprido todos os anos. Muitas ressaltaram o compromisso que assumiram com entes queridos (mãe/esposo) que vieram a falecer, de que elas dariam continuidade à romaria. Mediante as proposições de Barbieri (1992, p. 70), “as análises dos sistemas de parentesco, da vida familiar e doméstica do matrimônio são bastante privilegiadas nas pesquisas que analisam as sociedades na perspectiva de gênero”. Segundo o autor, as razões para isso residem no fato de que na família estão presentes “aspectos visíveis da subordinação feminina” (BARBIERI, 1992, p. 7).

Assim como diz a Romeira de Minas Gerais, “é a fé ao Bom Jesus da Lapa, meus avós e aí vieram meus pais, inclusive, fui batizada aqui na Lapa com onze dias de nascida” (RMG1). Veremos, a seguir, como os romeiros se organizam em seu deslocamento até o Santuário de Bom Jesus da Lapa.

### 2.3.2 Organização da Romaria: momento de fé e alegria

Tão logo termina uma romaria, já se pensa na romaria do ano que vem. Algumas romeiras entrevistadas ressaltam que já ficam contando os dias, para chegar o momento de ir para a Lapa do Bom Jesus, e outras mencionam que chegam de uma Romaria e já começam a se organizar para outra. Para alguém participar da Romaria, é necessária uma organização prévia. Todos começam a juntar o dinheiro desde o mês de janeiro. Vão tirando e pagando um pouquinho, pois todos são aposentados. Daí eles vão se organizando. Os filhos ajudam como podem, dando um dinheirinho para elas comprarem lembrancinhas. Conforme explica a Romeira de Minas Gerais:

Eu me organizo assim, porque é eu e meu esposo, nós vamos, nós vamos, são duas passagens cada vez que nós vamos. Então é assim, eu começo a me organizar no mês de janeiro. Eu começo a me organizar, e começo a separar, aquela despesa, porque, se for pra mim tirar mais ele de uma vez só, aí não dá pra ir. Porque são duas passagens, e o ordenado dele, ele é aposentado pela empresa, aposentou tem muitos anos, o salário não dá. Se for pegar o salário dele, para nós dois viajarmos juntos, nós não viajamos. Então, quando chega janeiro, eu já começo a me organizar (RMG1).

Com efeito, as entrevistadas afirmam que organizam a romaria já de um ano para o outro; quando termina a Romaria, os romeiros não perdem tempo, já marcam o compromisso para retornar no próximo ano. A Coordenadora de Romaria de Minas Gerais ilustra isso:

Quando chega, todo mundo fala assim: “meu lugar para o ano que vem” né? Então meus romeiros são aqueles romeiros de muitos anos, às vezes aparece um assim mais novo, assim... mas sempre aqueles romeiros mais velhos, já tenho tudo certo, direitinho, quando chega perto: “olha o meu lugar, olha o meu lugar”, tanto para aqui, como para Aparecida, para Aparecida já estou com o ônibus lotado (CRMG).

De acordo com essa Coordenadora de Romaria, a maioria das pessoas que participam são mulheres da terceira idade que frequentam grupos religiosos. Elas dizem que o grupo é sempre o mesmo. Mesmo que mude alguém, é sempre gente conhecida. A participação das Coordenadoras de Romaria nas outras Romarias (como exemplo: Aparecida) é a mesma. O que muda é o local, mas sempre a fé está acima de qualquer coisa.

O itinerário seguido por muitas romeiras que se programam com bastante antecedência, participando de todos os momentos preparatórios, é o seguinte: em agosto, elas vão ao Bom Jesus e em outubro, a Aparecida. O itinerário inclui também outros lugares, como se vê na fala dessa Romeira de Minas Gerais:

Participo de tudo [...]. Nós vamos em busca do Cristo que nós vamos buscar, então é esse Cristo que nós encontramos lá. Nós vamos na Lapa, nós encontramos Ele, se nós vamos em Aparecida, nós encontramos a Mãe, se nós vamos em Trindade, nós encontramos, se nós vamos em Curvelo, nós encontramos. Então pra mim é a mesma fé, só muda as cidades, só muda o formato das igrejas, da catedral, mas as pessoas que vão, é aquele conjunto de fé que leva. (RMG1).

O tempo de participação dessas mulheres na Romaria do Bom Jesus da Lapa merece ser destacado. Algumas relatam que há mais de 20 anos frequentam a Romaria. Uma Romeira do Estado de Goiás (RGO) diz que só deixou de participar um ano, por conta de problemas de saúde. Já uma Romeira da Bahia (RB) participa há cinquenta e três anos e foi, pela primeira vez, estimulada pelo marido. Daí nunca mais parou. As duas participam de outras romarias, mas encaram a Romaria do Bom Jesus da Lapa como algo diferente, devido à fé, à simplicidade do povo. Também encontramos uma romeira do Estado de Minas Gerais (RMG) que hoje reside em Goiás, com 94 anos de idade e setenta e quatro de romaria.



Mencionamos que a tradição é um aspecto muito presente na forma de organizar a romaria e essa manutenção e a própria participação da mulher na romaria servem de parâmetro para a nossa análise em dois contextos: da proximidade do patriarcalismo no que concerne à submissão da mulher ao homem e sua relação com a família na hora de organizar a questão financeira, e ao distanciamento do patriarcalismo, no diz respeito à autonomia da mulher em decidir, em participar e muitas vezes ir sozinha. Na concepção de Klinger (2010, p. 65),

O patriarcado contém uma construção dos papéis do sexo. Aborda de maneira estrutural a relação do homem e mulher. Determina o status que eles possuem na sociedade. Faz uma classificação dos papéis sexuais e a fixa por meio de regras, convenções e argumentações (KLINGER, 2010, p. 65).

Pelo teor dos relatos apresentados, essa afirmação de Klinger (2010) é confirmada, pois a cultura patriarcal sob a qual se assenta a sociedade ocidental, ainda referenda o papel biológico do sexo como um determinante e essa questão se faz presente no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, tanto no que concerne à organização, como na preparação para a viagem, aspecto esse a ser aprofundado a seguir.

### 2.3.3 A viagem para Bom Jesus da Lapa: espaço de partilha e sociabilidade

A viagem para Bom Jesus da Lapa<sup>38</sup> constitui um rico momento para os romeiros, uma oportunidade de partilha de alimentos, de experiência de vida, de fé, um momento de confraternização, de solidariedade e de oração. Todas as entrevistadas vivenciaram o período em que a viagem era longa e cansativa, por conta dos meios de transporte e de não haver estrada. Iam à romaria, geralmente, no caminhão pau de arara e era muito difícil chegar à Lapa, pernoitando debaixo de pau, ao longo da estrada. Hoje, a Romeira de Minas Gérias (RMG) vem de ônibus. Conforme relata a Romeira da Bahia, ela ainda permanece indo à romaria, de pau de arara:

---

<sup>38</sup> Steil (1996, p. 95), analisa a viagem / peregrinação para Bom Jesus da Lapa, com esta observação uma “terapia começava ali, no ato de partir, como se buscassem romper com seu contexto imediato para se colocarem em intimidade com o seu mundo interior. Abria-se, com a partida, um campo de experiência que este acontecimento iria configurar e organizar, permitindo aos romeiros tomar contato com sua própria subjetividade e familiarizar-se com ela”.

Eu morava ainda em Rafael Jambeiro, a gente vinha de pau de arara, vinha até Vitória da Conquista, não tinha ônibus, não, era uma semana de viagem, a gente saía de casa no domingo e chegava no sábado, aí nesse tempo a gente dormia na estrada, não tinha pousada pra ficar, não, encostava o caminhão e os homens deitavam no chão e a gente dormia em cima dos sacos de farinha, era assim, depois começaram a vim de ônibus, depois de bastante tempo eu tinha costume de vim com eles, quando vinha a lotação a gente era romeiro certo, ele dizia: já marquei o dia da viagem. Daí eu vou juntando o meu dinheiro todo mês. Não, eu vou guardando o dinheiro da minha aposentadoria, chego de uma romaria, já vou juntando pra outra, compro umas coisinhas para comer e é isso. Agora mesmo encontrei uma da minha terra lá que ela tinha vontade de vim, ela veio, né, aí eu dei um trocadinho pra ela comprar uma lembrança, então a gente faz assim (RB1).

Para milhares de fiéis que se intitulam como romeiros e romeiras do Bom Jesus, a viagem até o Santuário é marcada pela emoção e encantos, uns remetendo à tradição, outros à modernidade. As romeiras utilizam várias formas de deslocamentos. Assim, uns vão a pé. Outros vão de caminhão pau de arara. A maioria dos romeiros vão de ônibus, mas mantendo toda uma tradição e penitência, como é o caso das rezas e dos cânticos. Para aqueles que vão à pé ou de pau de arara, é quase como se a romeira soubesse que só seria digna de se aproximar do santo de devoção oferecendo a sua própria cota de sacrifício.



FIGURA Nº 16: Caminhão pau de arara – Fonte: Acervo do Santuário de Bom Jesus da Lapa

A figura acima exemplifica uma das formas de viagem, que se mantém até hoje, que é o caminhão pau de arara. O que ficou evidenciado por todas as mulheres entrevistadas é que acham a viagem para a Lapa do Bom Jesus animada e que essa viagem é uma forma de manter a tradição. Sem dúvida, o grande

momento da viagem é a chegada. Conforme relato da Romeira de Minas Gerais, “quando você chega lá, que você fica na porta da igreja, você olha assim, você diz: cheguei, minha mãe, cheguei, meu pai, parece que você se liberta de tudo” (RMG1). A fala da Romeira corrobora a assertiva de Araújo (2009, p. 48) quando diz que “há sempre um momento em que o devoto peregrino presta uma homenagem ao santo, como quando se chega à casa de um parente, uma pessoa querida, importante”.

Esses aspectos são apresentados por alguns relatos das mulheres e das coordenadoras de romaria do Estado de Minas Gerais e da Bahia. Assim se expressa uma Romeira da Bahia: “No ônibus, rezando, cantando os cânticos que a gente leva, o motorista, quando é a noite, ele coloca aqueles. CDs que a gente leva daqui, reza o terço e a oração que todo mundo sabe que é a oração que Jesus nos ensinou” (RB1). Para essa coordenadora, a viagem é muito boa porque “a gente vem rezando, louvando ao senhor, agradece; antes da gente sair, a gente se reúne na Igreja de Santa Cruz, reza, pede proteção e, quando a gente chega de volta, é a mesma coisa” (CRB2). Os relatos abaixo são ilustrativos de como a viagem é realizada:

E durante a viagem, rezamos, a gente reza, a gente conversa, a gente troca ideia, a gente reza o terço, a gente canta pra sair, a gente canta quando chega, e aí uma coisa vai divertindo a outra. Tem aquelas pessoas que gosta de contar casos, daí a gente ri, eu acho uma coisa boa (RMG1).  
A viagem é muito animada, no ônibus vão cantando, dançando. Eu coordeno e sou líder espiritual, puxo as rezas. Rezo, canto, não gosto não, outras pessoas, os casais. No dia, na hora que vai viajar todo mundo tá no ônibus, é que depois que sai, eu falo: agora vamos rezar, vamos cantar, agradecer a Deus, aí antes eu falo assim: oh!, aqui estamos no ônibus, aqui é um lar, aqui só tem um pai, uma mãe, e Deus e Nossa Senhora e nós todos somos irmãos, aqui não tem bonito nem feio, nem preto, nem branco, nem rico e nem pobre, todo mundo igual, não vamos olhar o defeito de ninguém, aí segue a viagem, olha eles são maravilhoso, já tem umas que já estão velhas também, já me compreende, as novas que vão entrar, também procura me compreender. A gente sempre tem as brincadeiras, tem os momentos de oração, reza no ônibus, a gente canta, chega nos lugar a gente descem, tenho a plena responsabilidade de vir no restaurante, ver se todo mundo lanchou, ou procuro pro restaurante: tem lanche para tantas pessoas?, aí tem, eles pedem, aí pergunto: todo mundo lanchou? Lanchou? Então borá, na hora do almoço a gente sai daqui de Pirapora e vamos no restaurante em Mato Verde: ó, tal hora estou aí para almoçar com tantas pessoas, aí eu vou lá almoço e o almoço está pronto, a gente almoça e seguimos viagem até chegar na Lapa, aí de Mato Verde até na Lapa a gente não para mais, só na Lapa (CRMG1).

Após análise dos relatos das romeiras sobre a viagem para a Lapa do Bom Jesus, constatamos que todas agem da mesma maneira e possuem muitas

características comuns, tais como: as orações, os cantos, a brincadeira, a amizade e principalmente a partilha dos alimentos. Na concepção de Frozoni (2012), é possível dizer que o canto é um elemento essencial tanto na viagem, como na romaria do Bom Jesus da Lapa, ele é um componente imprescindível da romaria, que cria identidade, produz sentido e cria um vínculo entre os romeiros.

Concluimos que, assim como existem muitas coisas boas nas viagens para Bom Jesus da Lapa, podemos destacar algumas dificuldades, vivenciadas por elas durante o trajeto. Conforme explicita a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais:

Quando às vezes acontece um problema no ônibus, quando às vezes acontece uma necessidade de um companheiro que vai que adoce, que às vezes a pessoa não entende que tem que ajudar aquela pessoa que é o chefe da romaria, então muitas pessoas se revoltam, como aconteceu o ano passado, lá em Aparecida. Nós fomos lá, morreu uma companheira lá em Aparecida, muitas pessoas ficaram nervosas, queria vir embora, mas nós temos uma pessoa que nos acompanha, a pessoa responsável. Se você adoce, nós temos que chegar juntos, se morreu, tem que chegar junto. Ela falou para as pessoas: quem quiser pegar um ônibus e ir embora, pode ir, agora eu só saio daqui quando o irmão dessa criatura chegar, e eu entregar o corpo na mão dele, agora vocês estão liberados para fazerem o que quiserem. Então é desse companheirismo que a gente precisa, esse entendimento que a gente tem, de concordar com as coisas, se o ônibus quebrou, não é culpa de quem vai levar a romaria, é um carro que quebra, qualquer carro dá problema, e atrasa no lugar, às vezes você marcou pra chegar no lugar, não chegou, porque nós vamos em um veículo, então todos têm essa consequência. Então é consequência do que acontece na viagem (CRMG1).

Todas as mulheres Romeiras entrevistadas relataram que, quando aparecem as dificuldades, rezam para o Bom Jesus as ajudar, daí logo as coisas se ajeitam. A dinâmica da romaria já experimentada durante a viagem é marcada pelo movimento entre fiéis e devotos consistindo no ir e vir, cujas relações vivenciadas nas romarias estreitam os laços sociais e familiares, mantendo uma identidade de gênero feminina.

Um aspecto de suma importância no relato da coordenadora de romaria de Minas Gerais, a ser mencionado, concernente à relação da identidade de gênero feminina e poder, é quando ela afirma que às vezes acontece um problema no ônibus, uma necessidade de um companheiro que vai e adoce; às vezes a pessoa não entende que quem tem que ajudar aquela pessoa é o chefe da romaria, como foi o caso da morte de uma romeira em Aparecida. Ela falou para as pessoas: “Quem quiser pegar um ônibus e ir embora, pode ir, agora eu só saio daqui quando o irmão dessa criatura chegar, e eu entregar o corpo na mão dele, agora vocês

estão liberados para fazerem o que quiserem”. Isso demonstra o poder e autoridade a ela delegados, por força do cargo que ocupa. Segundo Maturana e Verden-Zöller (2004, p. 21),

[...] não podemos imaginar a separação das atividades do homem e da mulher como algo diferente daquilo que evoca a noção de divisão do trabalho como ideia patriarcal. Em geral, se usa essa noção para justificar a subordinação de um ser humano a outro e, em particular, para justificar a subordinação da mulher ao homem, sob o argumento dos papéis masculino e feminino (MATURANA E VERDEN – ZOLLER, 2004, p. 21).

Isso se comprova, na fala da romeira: que no exercício de um cargo antes cabível ao homem, ela mostra grande responsabilidade ao não abandonar aqueles que a ela são confiados, mostrando que a mulher não é inferior ao homem, um ser fragilizado, que numa situação dessas não teria qualquer iniciativa que viesse a fazer jus ao cargo que ocupa. No entanto, age com a responsabilidade própria de quem é líder. A viagem, para as mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa, é permeada de significados importantes, que retratam várias formas de participação delas na romaria, tanto na condição de romeiras, como de coordenadoras de romaria, conforme se verá na explanação abaixo.

#### 2.4 A DIVISÃO DE PAPÉIS NO COTIDIANO DA MULHER NA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA

O catolicismo popular, como uma expressão religiosa própria da cultura popular, tanto impacta como recebe os efeitos das mudanças que acontecem no tocante às mulheres na atualidade, conforme descrito neste capítulo. Nesse contexto de mudanças, o catolicismo popular do alto sertão baiano, e as romarias como parte dele, apresentam-se como espaços marcados pela presença majoritária das mulheres, como vimos frisando ao longo desta tese. Diante das transformações sofridas no que se refere ao papel da mulher na sociedade, verifica-se manutenção e mudanças, sendo que um dos papéis principais, que é o de cuidadora do lar e da família para a maioria das mulheres, não se alterou.

Segundo Sarti (2011, p. 63-64), sobre a divisão de papéis típicos de uma sociedade fundada sobre o patriarcalismo, o homem corporifica a ideia de autoridade, tornando-se um mediador da família com o mundo externo. A ele cabe a autoridade moral, sendo ele responsável pela respeitabilidade familiar dentro e fora.

Sua presença no lar “faz da família uma entidade moral positiva, na medida em que ele garante respeito. Ele, portanto, responde pela família”. Quanto à mulher, a ela cabe a outra dimensão importante de autoridade, que é “manter a unidade do grupo. Ela é quem cuida de todos e zela para que tudo esteja em seu lugar. É a patroa, designação que revela o mesmo padrão de relações hierárquicas na família e no trabalho”. Com efeito, naquele espaço, os papéis sociais são bastante determinados e correspondem aos traços característicos de uma família<sup>39</sup> patriarcal, com uma divisão de papéis que se dá de forma diferenciada entre o homem e a mulher, cabendo ao homem representar a família no espaço externo e à mulher, cuidar dos afazeres como dona de casa.

Um ponto que merece destaque é que o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa é marcado por estigmas e tradições, onde a mulher mantém o papel de submissão, referendado pelo patriarcalismo, devendo estar sempre ‘olhada, vigiada, cuidada’, motivo esse de nunca estar só. Contudo, as romeiras acham isso bom, pois faz parte da sua vida. Mencionam que antes, devido às condições financeiras, todos da família participavam. Esse ano, por conta da seca, tudo ficou difícil. Daí a mulher foi sozinha, só para rezar pela família. Algumas disseram que o marido as entregou à coordenadora de romaria, pedindo que ela as olhasse. Ali naquele espaço, existem mulheres cujos comportamentos se aproximam ou se distanciam do patriarcalismo. A romaria pode tanto afirmar o patriarcalismo, levando a mulher a uma emancipação passiva, quanto pode negá-lo, ao proporcionar uma transformação na mulher, de forma crítica e consciente, por força da liderança, que a lança a outros relacionamentos que lhe dão empoderamento, pelo respeito recebido pela seriedade de seu trabalho. Portanto, a romaria pode concorrer para a transformação ou manutenção da identidade de gênero. Lembra-se aqui que não se deve confundir sexo com gênero. Só para fazer memória, de acordo com Giddens (2010, p. 109),

De um modo geral, os sociólogos utilizam o termo sexo para referirem as diferenças anatômicas e fisiológicas que definem o corpo masculino e o corpo feminino. Em contrapartida, por gênero entendem-se as diferenças psicológicas, sociais e culturais entre indivíduos do sexo masculino e do

---

<sup>39</sup> Um exemplo disso é “a questão de originalidade: a família patriarcal brasileira é um produto típico da colonização portuguesa nos trópicos, ou foi importada de Portugal? Em linhas gerais, este é o retrato que temos da família brasileira através do tempo. Este é o modelo tradicionalmente utilizado como parâmetro, é a história da família brasileira, todos os outros modos de organização familiar aparecendo como subsidiários dela ou de tal forma inexpressivos que não merecem atenção” (CÔRREA, 1981, p. 6).

sexo feminino. O gênero está associado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessariamente um produto direto do sexo biológico de um indivíduo. A distinção entre sexo e gênero é fundamental, pois muitas diferenças entre homens e mulheres não são de origem biológica (GIDDENS, 2010, p. 109).

Os estudos a respeito das relações de gênero têm crescido muito na academia, nos últimos anos, principalmente no que se refere à questão da mulher. Dando continuidade à nossa análise, apresentaremos a seguir a vida cotidiana da mulher romeira em Bom Jesus da Lapa.

#### 2.4.1 O cotidiano da mulher romeira no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa.

Com essa definição de papéis entre o masculino e o feminino, Faria (2003, p. 53) menciona que dentro do patriarcalismo a hierarquia dos sexos (masculino e feminino é bastante visível).

O padrão patriarcal de consciência cria também, no mundo relacional, um distanciamento entre o eu e o outro, relações assimétricas de relacionamento em que não há possibilidade de uma vivência, a não ser da dominação e a da sujeição, assim como uma descrição rígida do que é masculino e feminino, uma separação do que compete ao homem e à mulher (FARIA, 2003, p. 52).

Essa afirmação do autor se coaduna com as observações realizadas durante a pesquisa de campo no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa. O homem se ocupa mais do lazer do que da reza, participando com amigos de rodadas de bebidas nos bares, de pescaria e banhos no rio, não se colocando em dúvida que visitem até mesmo os prostíbulos. O cotidiano da mulher romeira é bastante movimentado, elas realizam diversas atividades no período em que estão na cidade, sendo as principais delas: os trabalhos domésticos, o cuidado com a família (marido/filhos), o pagamento das promessas e participação nas atividades litúrgicas do santuário. A Coordenadora de Romaria de Minas Gerais nos diz: “É muito difícil, é bem puxado. A gente pôr cada qual em um lugar, ou eu faço isso aqui e outra coisa aqui e eu vou dividindo. Eu cuido da responsabilidade de casa, dos filhos, a responsabilidade da viagem e dos romeiros” (CRMG1). Com efeito, as mulheres romeiras realizam as mais diversas atividades, como: mães, esposas, donas de casa, vendedoras, chefes de romarias, missionárias, ministras de eucaristia, dentre outros, ocupando os mais diversos espaços, tais como: o da casa e o do santuário.

Esse relato retrata permeabilidade entre a proximidade (mães , esposas, donas de casa) e o distanciamento do sistema patriarcal (atividade fora do lar, vendedora e de chefe de romaria), o que nos leva a este entendimento:

Esse modo de a consciência patriarcal vê-los confunde gênero como princípio; assim, a mulher é identificada com o princípio feminino e o homem, com o princípio masculino. Mas se partirmos do pressuposto de que esses princípios são universais, sendo, portanto, possibilidades a serem vividas por todos, que homens e mulheres possuem o feminino e o masculino dentro de si, cada pessoa tenderá a se estruturar sua identidade de gênero de acordo com a combinação dessas possibilidades (FARIA, 2003, p. 52)

Mediante os relatos de Faria (2003), a identidade gênero da Romeira do Espírito Santo aproxima-se da concepção patriarcal, no tocante ao resumo que faz do seu cotidiano na Romaria:

Vou às missas, vou à gruta, ajudo a cuidar aqui da casa, são muitas coisas que faço. Ah!, eu chegando, primeira coisa eu faço é ir lá na igreja, na gruta, vou lá, assisto à missa, volto, tomo banho, mudo roupa, aí vou lá na rua com meu marido, dou umas voltas lá, depois mais tarde nós vai, agora mermo nós já vai pra lá outra veis, não acho nada difícil, não, acho é bom, é, eu gosto (RES1).

Todas as mulheres entrevistadas relatam o seu cotidiano, na romaria<sup>40</sup> do Bom Jesus da Lapa, que envolve os afazeres domésticos, a fé e a devoção. Participam de todas as atividades religiosas (missas, novenas, bênçãos, dentre outras), passam a maior parte do seu tempo na Gruta, vão ao cruzeiro, depois fazem umas compras, levam umas lembrancinhas para os familiares, lembrancinhas essas ligadas à devoção, que são terços, fitinhas, chapéus, santos, medalhinhas e tantas outras coisas. A Romeira da Bahia nos diz:

Algumas coisas que faço em casa eu faço aqui na romaria, outras não, aqui eu só faço trazer as coisas e ajudar a limpar a casa, eu não faço comida, só faço tomar um banho de manhã, tomar um cafezinho, à tarde também, faço umas comprinhas e, quando volto, lavo umas coisinhas (RB1).

Muitas mulheres se ocupam, além das visitas ao templo, das práticas rituais que envolvem o pagamento de promessas e ainda com os afazeres domésticos, como se verifica na figura abaixo.

<sup>40</sup> Steil (1996,p.97) nos diz: “a decisão de fazer a romaria é sempre pessoal. Havia um caráter voluntário na decisão daqueles que se colocavam a caminho para a Lapa do Bom Jesus. A romaria surgia como algo opcional que quebrava a sua rotina quotidiana e os colocava como peregrinos no caminho da Via- Crucis, permitindo representar simbólica e sacramentalmente o sacrifício do Bom Jesus”





FIGURA Nº 17: Mulher preparando a comida – Fonte: A autora

Todas as entrevistadas confirmaram isso, ao afirmar que cuidam da casa e fazem a comida, com muito prazer e muita alegria, pois todo o trabalho é dividido entre elas. Cada uma faz uma coisa e ressalta participar de uma grande família, tudo num clima de muita união. Na sociedade patriarcal, conforme pontuado acima, "a casa é, ainda, um espaço de liberdade, no sentido de que nela, em contraposição ao mundo da rua, são donos de si: aqui eu mando" (SARTI, 2011, p. 63). Quanto às mulheres que se hospedam em hotéis, essas têm um cotidiano na Lapa bem diferente do mencionado acima, pois elas cuidam da família, de maneira a supervisionar o que o marido ou filhos estão fazendo, e dizem que nesse período que passam na Romaria, elas descansam das atividades domésticas; esses aspectos se distanciam do patriarcalismo, sendo oriundos da sociedade contemporânea. Na concepção de Giddens (2010, p. 63),

[...] essas alterações exigiram importantes ajustes no seio das famílias, na natureza da divisão do trabalho doméstico, no papel dos homens perante a educação das crianças, levando igualmente à emergência de políticas laborais mais familiares, de modo a responder às necessidades dos casais de duplo assalariamento (GIDDENS, 2010, p. 63).

Portanto, as romeiras que se hospedam em hotéis, dedicam-se apenas ao Bom Jesus, em se purificar e buscar força e proteção para sua família. Vejamos o caso da Romeira de Goiás: "Eu fico no hotel, vou à Gruta, dou passeio aí pelas feiras. Ah! isso aí, eu rezo, pra agradecer a Deus por minha família e entrego eles ao Bom Jesus" (RGO). Já o cotidiano das mulheres coordenadoras de Romaria é bem específico. Assim como diz a coordenadora de Romaria da Bahia:

Eu faço um bocado de coisa, a responsabilidade é muito grande e aí eu tenho que correr atrás dos romeiros, batalhar com eles, levar para Gruta, passo horas de dormir, hora de me alimentar pra sair tudo direitinho, tudo em dia. E muito embora eu tenha já uma romaria já de muitos anos, desde o tempo de caminhão, mas mesmo assim ainda tenho que correr atrás porque para acertar dia de pagamento e que tudo sou eu, só fechar ônibus, de participar de reunião na empresa, então eu corro muito, viu? batalho (CRB3).

O relato da coordenadora de Romaria demonstra o papel na sociedade contemporânea, que se distancia do sistema patriarcal, pois, além de desenvolver as atividades específicas atribuídas à mulher, as coordenadoras ainda exercem, naquele espaço, uma infinidade de coisas, como CRB3 diz, referentes à função que ela ocupa de coordenar a romaria.

Segundo Steil e Herrera (2010), os estudos sobre o lugar que a mulher ocupa em diferentes contextos religiosos apontam para a superação do próprio machismo, sendo a religião uma forma de superação dessa questão. Esses autores afirmam que “ao focar a posição das mulheres na estrutura institucional das igrejas e grupos religiosos, [esses estudos] terminam por mostrar que o exercício da democracia e as relações de igualdade entre os sexos nem sempre acompanham as ideologias e os valores agregados” (STEIL; HERRERA, 2010, p. 385).

Esses traços típicos do sistema patriarcalista, que está em transformação, marcam a concepção da família nuclear (conjugal moderna), com sua divisão de papéis conforme o gênero. Não é diferente no espaço da romaria. De acordo com Giddens (2010, p. 63), “as mulheres entraram no mundo do trabalho em grande número, fato que afetou a vida das pessoas de ambos os sexos”. Como veremos a seguir, percebe-se visivelmente que as mulheres romeiras fazem uma transferência do espaço do lar para a Romaria, onde realizam primeiro todas as atividades domésticas, como o ato de cuidar do marido e filhos, o preparo dos alimentos e a arrumação dos alojamentos, para depois participarem das atividades religiosas. Por outro lado, no que se refere aos papéis desempenhados pelas Coordenadoras de Romaria, observa-se um empoderamento que lhes confere uma identidade, um status. Essa proposição referenda a alternância entre o distanciamento e proximidade da sociedade patriarcal, que está imbricada através da cultura, espaço em que ainda se encontra a submissão da mulher ao homem, sendo a religião um contribuinte para essa questão.

No cotidiano da romaria, as mulheres procuram manter contato com os agentes religiosos responsáveis pela romaria, seja em busca de orientação e aprendizado, seja para a confissão. As atividades das Coordenadoras de Romaria, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, incluem, na sua programação, diariamente, reuniões entre elas. Essas reuniões acontecem sob a liderança das Irmãs (freiras), que têm como objetivo orientá-las na sua atividade, buscando dar melhores condições para seus romeiros, no período em que estão na romaria, ouvindo-as e auxiliando-as nas suas dificuldades. De acordo com Steil (1996), desde algum tempo, os dirigentes do Santuário vêm buscando manter uma relação com as Coordenadoras de Romaria, através dos registros de suas romarias, na Central de Atendimento aos Romeiros. Eles vêm buscando manter um controle sobre essas mulheres. “Todos os anos, enviam-lhes cartas com os programas da festa e orientações de ordem prática e espiritual” (STEIL, 1996, p. 67). A figura abaixo mostra a atenção das irmãs (responsáveis pela Central de Atendimento aos /as do Santuário de Bom Jesus da Lapa) dispensada às coordenadoras de Romaria.



FIGURA Nº 18: Reunião com as coordenadoras de romaria de Bom Jesus da Lapa – Fonte: A autora

A reunião dos/as Coordenadores/as de Romaria constitui um momento de interação e troca de experiência, que avaliamos ser essencialmente importante tanto para as Coordenadoras de romaria, como para os dirigentes do Santuário. Também as mulheres romeiras procuram os agentes religiosos (padres) para se confessarem ou pedir aconselhamento para suas dificuldades do dia a dia, conforme ilustra a figura abaixo.



FIGURA Nº 19: Mulher romeira confessando-se - Fonte: Acervo do Santuário de Bom Jesus da Lapa

No espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, a confissão é uma prática presente na vida das mulheres romeiras. Portanto a religião é sociologicamente interessante, não na visão positivista, conforme a qual ela serve para manter a ordem e modelar a sociedade. O antropólogo Clifford Geertz (1989) ressalta que a importância da religião está na sua capacidade de servir, tanto para um grupo, como para o outro, como fonte de concepções gerais.

Tanto as atividades realizadas pelas mulheres como os espaços por elas ocupados, no acontecer da romaria, evidenciam uma identidade de gênero feminina típica do patriarcalismo, em que às mulheres cabe um lugar subordinado no que tange às tomadas de decisões e na ocupação de espaços cujo *status* é melhor reconhecido nas hierarquias de gênero. Emerge, a partir daí, uma relação de poder, visivelmente instituída num campo dominado pelo masculino. O simples fato de as mulheres saírem de casa, realizarem atividades significativas, no acontecer da romaria, e ocuparem espaços de reconhecimento social (ainda que subordinadas aos homens), pode trazer para elas um diferencial em relação a outras mulheres, situadas em um mesmo ambiente sociocultural e que não participam da romaria.

Conforme Gebara (1989, p. 10), “a sociedade patriarcal, cujas primeiras raízes dificilmente se conseguirá detectar, produziu sua antropologia, seu modelo de homem e mulher a partir de maneiras de organizar a sociedade”. A tomada de consciência desse diferencial pode refletir-se na manutenção da identidade de

gênero dessas mulheres, com reflexo nas relações de gênero,<sup>41</sup> tanto no interior da romaria, quanto nas relações cotidianas, para além dela.

As relações de gênero são construídas e reconstituídas no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Os papéis desempenhados pela mulher romeira do Bom Jesus da Lapa, pontuados neste estudo, de mãe, esposa e devota, dão a ela enorme satisfação, pois ela se vê como mulher através da sua família. A partir dessas concepções culturais, fluem as suas funções sociais. Beauvoir (2009, p. 697), ressalta:

As relações conjugais, a vida caseira, a maternidade, formam assim um conjunto em que todos os momentos se determinam; ternamente unida ao marido, a mulher pode assumir com alegria os encargos do lar, feliz com os filhos, será indulgente com o marido. Mas essa harmonia não é facilmente realizável porque as diferentes funções se conjugam mal entre si (BEAUVOIR, 2009, p. 697).

Daí a importância em definir a romaria do Bom Jesus da Lapa como um espaço onde as mulheres desempenham e mantêm diversas funções e ocupam um lugar determinado por um construto sociocultural de gênero, reafirmando a identidade de gênero feminina, que em alguns momentos reflete o patriarcalismo e em outros com ele contrasta. A seguir, veremos o empoderamento da mulher na romaria, no exercício da atividade de coordenadora de romaria.

#### 2.4.2 Coordenadora de Romaria: o empoderamento da mulher

As atividades desenvolvidas pelas Coordenadoras de Romaria têm um diferencial com relação às das outras romeiras, pois tais atividades lhes conferem um status. De fato, podemos citar a atividade desenvolvida por elas como um exemplo de transformação e em alguns casos chegando até mesmo à emancipação, naquele espaço, no que concerne ao distanciamento da sociedade patriarcal. A atividade de Coordenadora de Romaria pode ser vista como uma das condições de empoderamento<sup>42</sup> das mulheres através da atividade que elas exercem, mesmo elas

---

<sup>41</sup> “Como o gênero é relacional, quer como categoria analítica, quer como processo social, o conceito de relações de gênero deve ser capaz de captar a trama de relações sociais, bem como as transformações historicamente por ela sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama esta na qual as relações de gênero têm um lugar” (SAFFIOTI, 1992, p. 187).

<sup>42</sup> [...] o empoderamento deve ser induzido primeiro pela criação de uma consciência de discriminação de gênero. Isto exige que a mulher mude a autopercepção negativa, assim como as suas crenças relativas a direitos e capacidades. Facilitar as condições para encorajar essas mudanças é o papel de agente externo (DEÈRE E LEON, 2002, p. 55).

não aceitando que tal atividade seja um trabalho. Na contemporaneidade, temos condição de denominá-lo como tal, com base em Picanço (2005, p.149), que diz:

O trabalho foi um dos primeiros temas em pauta no processo de legitimação nos estudos sobre as mulheres, impulsionadas pela perspectiva de que grande parte da subordinação feminina tanto no trabalho, quanto na vida familiar, era explicada pela exclusão da mulher no mercado de trabalho (PICANÇO, 2005, p. 149).

Dentro do contexto da sociedade contemporânea, foi através do trabalho que a mulher se empoderou. Embora a palavra empoderamento seja nova, ela serve para indicar algo já conhecido. Segundo Carla Lyra (2005, p. 117), o conceito de empoderamento (*empowerment*) se relaciona à construção da cidadania e à autonomia das pessoas. Conforme pontua, “há uma ênfase no fortalecimento do indivíduo [...] um resgate da individualidade”. Estendendo-se um pouco mais no conceito, o empoderamento implica o questionamento de estruturas de poder, como o patriarcalismo, por exemplo. O empoderamento leva a mulher à construção de uma autoimagem positiva, a uma autoconfiança, a um processo de conscientização de sua situação como mulher, ao desenvolvimento de uma capacidade crítica de pensar. Embora isso se dê em nível individual, o empoderamento necessita do esforço coletivo. Nesse sentido, as mulheres precisam organizar-se para poder se empoderar. O empoderamento das mulheres implica perda de poder dos homens e isso sinaliza para a desconstrução do patriarcalismo, que não se dá sem conflito. No conceito de empoderamento está implícita a “ideia de que, à medida que as mulheres vão conseguindo mais poder, os homens por sua vez vão perdendo” (MACHADO, 1999, p. 34).

Na Romaria do Bom Jesus da Lapa, a questão do empoderamento está presente. Isso se dá com as mulheres Coordenadoras de Romaria. Elas iniciaram suas atividades como romeiras comuns e só depois chegaram ao cargo de coordenadoras, por motivos diversos, um dos quais é o de dar continuidade à tradição da Romaria. O empoderamento da mulher Coordenadora de Romaria desafia as relações familiares dentro da sociedade patriarcal, alterando a ordem pré-estabelecida, principalmente no que tange à submissão, ao controle de suas opções de vida e de sua sexualidade. Klinger (2010, p. 62), afirma:

A crítica ao patriarcado visa a essas características. O feminismo gerado por essas críticas não conseguirá nenhuma inversão da desigualdade e nem substituir a desvantagem das mulheres dando-lhe a primazia. Não se

trata de um patriarcado ao inverso. É bem mais característico do feminismo e luta pela igualdade dos sexos, total amplitude dos papéis que desempenham na sociedade, bem como a corporalidade do espírito, sua unidade do ser humano vivo (KLINGER, 2010, p. 62).

Na divisão de papéis, ela passa da condição de passiva para a condição de ativa. Quando questionadas se elas consideram a atividade de Coordenação da Romaria um trabalho, afirmaram que não. Ao contrário, posicionaram-se de uma forma bastante interessante, como se vê nas falas a seguir:

Eu considero uma atividade de responsabilidade, uma missão, muito bom, porque uma romaria para quem faz com amor é a responsabilidade que nos domina, desde a hora que nós reúne todo mundo naquele ônibus, eu, Deus e eu responsável pelas pessoas. Eu acho que isso não é um trabalho, isso é um, como é que fala, tipo assim, é coisa de Deus ,né, a gente faz isso aí por gostar do Bom Jesus, que ajuda a gente, entendeu? É uma missão (CRMG2). Eu considero uma maravilha, uma terapia, uma coisa assim maravilhosa, por amor, é um chamado do Bom Jesus (CRB1). Eu acho que não, eu gosto, distrai, ocupa a mente. Eu acho que é uma missão e, enquanto eu puder, eu tô aqui (CRB2).

Os relatos apresentados pelas mulheres coordenadoras de romaria, quando questionadas se a atividade que exercem é um trabalho, e elas responderam que não, nos remetem a perceber a visibilidade da cultura patriarcal; suas falas denunciam que elas, segundo Beauvoir (2009, p. 354), são:

Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, seu destino normal é o casamento que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado; assenta-se ainda em sólidas bases econômicas e sociais. É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher. Como a mulher faz o aprendizado de sua condição, como a sente, em que universo se acha encerrada, que evasões lhe são permitidas, eis o que procurarei descrever. Só então podemos compreender que problemas se apresentam às mulheres que, herdeiras de um pesado passado se esforçam por forjar um futuro novo (BEAUVOIR, 2009, p. 354).

A afirmação de Beauvoir (2009) condiz com o que acontece com as mulheres coordenadoras de romaria, pois elas são herdeiras de um pesado passado oriundo da cultura patriarcal. Elas estão se esforçando para se distanciarem desse passado. Observamos que, diante das denominações dadas às atividades exercidas por elas, o que não podemos deixar de falar é sobre a devoção que essas mulheres têm para com o 'Bom Jesus da Lapa'. Essa atividade se resume à fé, ao chamado, a uma missão pela qual devem responder com fé. Gostam muito do que fazem, pois estabelecem laços de afeto, de fraternidade, de solidariedade e amizade. O

ambiente é bem descontraído e de muito respeito. Ninguém dá trabalho, não reclamam de nada, dando muita alegria à Coordenadora.

Destacamos uma alteração substancial no que diz respeito à atividade de coordenadora de romaria, de como elas chegaram ao cargo. A maioria das entrevistadas disseram que atenderam a um pedido da pessoa que coordenava, para que ocupasse o seu lugar. Já a coordenadora da Bahia atendeu ao pedido do marido, quando estava prestes a morrer. As coordenadoras de romarias dos Estados de Minas Gerais e Bahia foram unânimes em afirmar que chegaram ao cargo de coordenadora por conta de um pedido das pessoas que coordenavam, e que todas elas já participavam anteriormente da romaria, na condição de romeiras. Conforme afirma Steil (1996), ao lado de uma decisão pessoal, também existe uma interferência externa para que elas assumam essa função. A Coordenadora de Romaria do Estado de Minas Gerais atendeu ao pedido de sua comadre que, por conta da idade e de problemas de saúde, estava pedindo que desse continuidade à romaria. Já a Coordenadora da Bahia atendeu ao pedido do seu esposo, que estava no leito para morrer. Chamou a ela e o filho e pediu que eles continuassem cumprindo o compromisso que ele tinha com o Bom Jesus. Ambas ressaltaram que não é tarefa fácil coordenar romaria. É coisa de muita responsabilidade. Tem que ter muita paciência e dedicação, pois lidar com gente, principalmente idoso, é difícil.

Esse aspecto mencionado, sobre a chegada da mulher romeira ao cargo de coordenadora de romaria, referenda um distanciamento do patriarcalismo. Matos (2005, p. 94) relata:

A meu ver, são especialmente as mulheres as mais diretamente implicadas, e por que não dizer interessadas mesmo, nesse processo de mudanças nos padrões e valoração de gênero, já que são elas que acabam fazendo toda sorte de “acrobacias” existenciais para dar conta das duplas ou triplas jornadas de trabalho advindas justamente desse processo ainda incompleto (MATOS, 2005, p. 94).

Conforme referenda Matos (2005, p. 94), ao exercerem a atividade de coordenadora de romaria, essas mulheres adquirem uma maior respeitabilidade, principalmente diante do próprio grupo, como de outras pessoas com quem lida, ou seja: são reconhecidas publicamente.

Como vimos neste capítulo, cabe à Coordenadora de Romaria organizar a romaria com bastante antecedência. Essa organização envolve não só as atividades práticas, como também a parte espiritual, em que ela dirige orações ao Bom Jesus,



em prol da romaria, como afirma a CRMG: “No início do ano, eu rezo e peço o Bom Jesus se de vontade dele eu ir esse ano que me mande os passageiros, daí eles começam a aparecer.” Elas fazem o levantamento das despesas (hospedagem e viagem), dividem o valor da passagem e as pessoas vão procurando e pagando as prestações. Quando é um passageiro novo, eles dizem quem indicou. Nunca trazem ou levam gente desconhecida. Outro aspecto a ressaltar é sobre as orientações. Todas as coordenadoras dizem que falam na saída. Fazem uma pequena reunião, dando informações da viagem e sobre como se comportar na Romaria. Depois disso, rezam e cantam. São bastante positivas em suas colocações:

Estamos no ônibus, aqui é um lar, aqui só tem um pai, uma mãe, e Deus e Nossa Senhora e nós todos somos irmãos, aqui não tem bonito nem feio, nem preto, nem branco, nem rico e nem pobre, todo mundo igual, não vamos olhar o defeito de ninguém, aí segue a viagem (CRMG).

Todas as coordenadoras desenvolvem a mesma atividade, no que concerne à organização. É como se fosse a mãe cuidando da família, remetendo-nos a pontuar traços da sociedade patriarcal em que a mulher é a dona da casa, o que referenda a inferioridade e a submissão da mulher em relação ao homem. Segundo Beauvoir (2009, p. 696),

Vimos que a inferioridade da mulher provinha originalmente de ela ter se limitado a repetir a vida, enquanto o homem inventava razões de viver, a seus olhos mais essenciais do que a pura facticidade da existência, encerrar a mulher na maternidade seria perpetuar essa situação (BEAUVOIR, 2009, p. 696).

Mas, o que percebemos na proposição de Beauvoir, é que essa questão está se transformando no contexto da sociedade contemporânea, onde as mulheres estão lutando por igualdade de direitos, na medida em que saíram para o mercado de trabalho. O que foi observado é que há uma diferença entre as coordenadoras que se hospedam nas casas e aquelas que se hospedam no hotel. As coordenadoras de romaria que se alojam nas casas fazem da Romaria uma extensão do lar, onde as atividades domésticas (cozinhar, arrumar casa) são compartilhadas por todas as mulheres, o que podemos exemplificar como uma característica da sociedade patriarcal. Já as que ficam hospedadas nos hotéis, não têm essa responsabilidade. Essa categoria se enquadra no contexto da sociedade contemporânea, em que os traços patriarcais estão em processo de transformação. No mais, as atividades de coordenadora são todas iguais. Têm mais alegria do que

tristeza, dizem. De acordo com Faria (2003, p. 28), “vivemos hoje um momento de questionamento desse modo de ver patriarcal, dessa forma de consciência que se constituiu durante os últimos milênios e que se encontra num ponto de saturação”.

A responsabilidade da coordenadora de romaria é condição para seu empoderamento. Ou seja, as atividades por ela desenvolvidas lhe dão poder frente às outras pessoas, sobretudo aos homens. De acordo com Souza (2006, p.23), “as relações entre homens e as mulheres, ou as relações de gênero são relações desiguais, assimétricas e mantêm a mulher subjugada ao homem e ao domínio patriarcal”. Diferentemente do que foi afirmado por Souza (2006), no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, mediante as nossas investigações de campo, percebemos que, no caso das coordenadoras de romaria, seu empoderamento se dá por meio de sua emancipação, da liberdade de ir e vir, sem estarem subjugadas a alguém. Todos respeitam e ninguém ousa desafiar a coordenadora. A consideração e o respeito das pessoas pelas coordenadoras de romaria se devem ao seu esforço na organização da romaria e também pela solidariedade prestada, pois, muitas vezes, ajudam alguém na viagem, dando passagem e hospedagem. São pessoas que elas sabem que são devotas do Bom Jesus, que fizeram promessas e que não têm condições de pagar, daí elas levam. Segundo elas, é uma caridade.

Em nossa pesquisa empírica observamos que o exercício da função de coordenadoras de romaria do Bom Jesus da Lapa serviu para contribuir para sua emancipação dentro e fora da família, com seus filhos e maridos, bem como essa atividade trouxe independência e liderança para essas mulheres, assim como diz a coordenadora de Romaria de Minas Gerais:

Olha, eu fiquei independente, porque a minha convivência com meu esposo era assim: Nós nunca fizemos nada dizendo “eu vou fazer”, não, toda vida nós fizemos todas as coisas em comum. E lá em casa inverteu, porque ele deixou a casa toda em mim, pra resolver as coisas, quem resolve tudo sou eu. Eu é que vou resolver, ele fala assim: “você vai e faz, do jeito que você quiser, do jeito que você achar que está bom”. Passei a liderar. Ele jogou tudo assim, jogou não, ele me deu tudo assim nas mãos, e falou assim: “vai lá e faz”, eu disse “vai você”, ele disse: “não, vai você, do jeito que você fizer está bom”. Olha, eu não vejo diferença nenhuma, porque nós nunca fizemos disputa nenhuma por causa disso. Toda vida vivemos, igual, já tenho mais de 60 anos de casada, então não foi bom e nem ruim, foi moderado. Que a gente se entende. Porque o que é ruim, é quando não há entendimento, se não haver entendimento, não vai conseguir nada. Então você tem que ter o entendimento, pra você chegar onde você quer. Eu às vezes penso em fazer uma coisa, eu falo com ele: “eu estou querendo fazer isso, o que que você acha?”, vamos pensar e depois a gente vê. Então a

gente faz tudo combinado, e você sabe que, quando a coisa é combinada, a coisa fica mais bem feita, né, a coisa, dá melhores resultados (CRMG1).

O relato da coordenadora de romaria mostra um distanciamento da sociedade patriarcal e retrata uma característica da sociedade contemporânea, em que "as mudanças que são percebidas como expressão do nascimento de uma 'nova mulher', são vivenciadas no Brasil, antes de tudo, pelas mulheres de uma classe social específica – as mulheres de classe média, atingindo as mulheres de classe baixa só de forma residual" (SOUZA, 2006, p. 158). Neste caso, a romeira já não vivia uma relação patriarcal.

Embora o autor tenha afirmado o surgimento de uma 'nova mulher', esta percepção nos leva a concluir, através da observação de campo e pelas entrevistas, que o exercício da atividade de Coordenadora de Romaria serviu para sua emancipação, não só no espaço privado (família), como também no espaço público (romaria). Santos, (2004, p. 116) confirma isso ao afirmar que:

[...] a antítese entre a esfera pública e a esfera privada voltará a se exacerbar na sociedade capitalista, com o advento dos processos de urbanização e industrialização. Espaços e funções sociais serão, então redefinidos, provocando novamente uma cisão entre público e privado e uma reelaboração dos papéis de gênero (SANTOS, 2004, p. 116).

As relações de gênero estão permeadas pelas relações de poder, e dentro do contexto cultural da sociedade brasileira, ainda não se conseguiu extinguir traços da sociedade patriarcal, sendo um deles, bastante latente, a discriminação da mulher. Souza (2006, p. 158),

Além do mais, creio que o processo de declínio de valores tradicionais ou patriarcais constitua muito mais uma mudança aparente do que uma mudança real, capaz de ser a expressão do questionamento dos pilares da dominação, estando portanto ligada à constituição autônoma do feminino (SOUZA, 2006, p. 158).

Portanto, mesmo afirmando que, ao exercerem a atividade de coordenadora de romaria, essas mulheres se emanciparam, distanciando-se, assim, das concepções patriarcais, o que pudemos observar é que essa emancipação vai além das fronteiras da romaria. Concordamos com Souza (2006): essa mudança nos valores culturais oriundos do patriarcalismo é muito mais aparente do que real, no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, por esse motivo nossa análise, oscila entre distanciamento e proximidade em relação a ele. Isso não deixa de apresentar

a dominação masculina, oriunda do patriarcalismo, que tratou de convencer as mulheres de sua inferioridade, por séculos. De acordo com Faria (2003, p. 52), “o homem, na consciência patriarcal, é muitas vezes visto como aquele que tem que ser forte, racional e decidido, enquanto a mulher é, em geral, encarada como frágil, sensível e indecisa”.

Contudo, o que se vê na fala da coordenadora de romaria a seguir é que sua emancipação não é algo impossível, numa sociedade em transformação, no que se refere à desigualdade de gênero. Nesse contexto social contemporâneo em que está surgindo uma ‘nova mulher’, mais independente e autônoma, a atividade de coordenadora é um grande contributo, por conferir autoestima e um sentido de dignidade pelo que se faz, conforme relata a coordenadora de romaria de Minas Gerais, para quem o exercício dessa atividade lhe deu mais poder, força e liderança. Ressaltamos que esse relato nos mostra que as relações entre homens e mulheres são imbricadas pela cultura patriarcal, onde, mesmo a mulher empoderando-se, ela se acha inferior ao homem. Vejamos o que diz a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais a esse respeito:

Serviu muito, serviu muito porque a gente, quando passa a fazer romaria... ser Coordenadora, a gente passa a ter outra atitude, a gente tem que ter mais paciência, tem que ter mais amor à pessoa, às pessoas, tem que ter mais compreensão e procurar entender cada pessoa, cada um tem uma atitude, né, e a gente tem que respeitar a atitude de cada um. Isso me deu mais poder, mais liderança, deu mais vida pra mim, deu mais vida deu mais força, porque eu mim sinto assim, como é que eu falo, sinto mais corajosa em enfrentar as coisas, porque, se eu não sair, eu não tiver contato com as pessoas, eu era mais reservada, tinha aquele ambiente mais fechado, né, e fazendo a romaria, eu sou mais aberta com as pessoas, tenho mais amizades, todo mundo me considera, onde eu passo, as pessoas me conhecem, eu me senti assim mais livre, mais forte. Eu acho que essa atividade me dá poder e liderança, mais eu faço isso com humildade. Fui aprendendo, porque aprende muito. A gente, quando tem que fazer a romaria, ah! fulano falou isso, já hoje na romaria não, ser amigo é, aqui o que vale, é a amizade, não é comentários. (CRMG1).

De fato, o ser líder de romaria confere empoderamento à mulher, à medida que ela vai se conscientizando de seu importante papel e de sua visibilidade no espaço público. De acordo com Déere e Léon (2002, p. 11-12), “o empoderamento da mulher implica mudanças não apenas em suas próprias experiências, mas também nas dos seus companheiros e familiares”. Essa afirmação condiz com os relatos das mulheres coordenadoras de romaria, que, embora sejam empoderadas, procuraram manter a humildade diante das outras pessoas da família, para que tal

empoderamento não ofusque, sobretudo, a moral do marido perante seus filhos e parentes, já que ele é o provedor da família no espaço público e seu representante moral.

A coordenadora de romaria da Bahia dá sua contribuição para ilustrar isso.

Minha vida mudou muito, sou muito procurada, me sinto importante, pois a mulher hoje é melhor do que antigamente, porque hoje é tudo desenvolvido. Eu percebo que as coisas tá diferente. Sinto mais respeitada, resolvo tudo, sou o homem e a mulher da casa, tanto dentro da família, como na rua. Como as pessoas sabem que eu coordeno romaria, sempre meus romeiros vão atrás de mim para resolver alguma coisa, pra conversar (CRB2).

O que foi observado, na pesquisa de campo e constatado nas entrevistas, é que essas mudanças e alterações na vida dessas mulheres, na condição de Coordenadoras de Romaria, conforme mencionado por elas, se não são algo decisivo, pelo menos já constituem um princípio da superação das diferenças de gênero<sup>43</sup> e definição de uma identidade de gênero da mulher romeira, distanciando-se das concepções da sociedade patriarcal. Pereira (2003, p. 84) ilustra essa proposição:

Cabe questionar a sustentação da identidade masculina patriarcal, pautada historicamente no ideal de virilidade, colocada num lugar privilegiado e dotada de algo mais em relação à mulher. Resta saber se a definição dos papéis feminino e masculino, irá ou não alterar o lugar estruturante que o homem, segundo a ideologia patriarcal, ocupa na organização familiar (PEREIRA, 2003,p. 84)

Contudo, ainda existe uma manutenção dos traços culturais que as caracterizam como mulheres, mesmo que elas acreditem que haja mudanças. A partir daí não poderíamos deixar de pontuar a importância da mulher, na perpetuação da tradição, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa.

---

<sup>43</sup>As mulheres passam a ser vistas como sujeito coletivo, atuando no setor público através dos movimentos de mulheres, passando também a, cada vez mais, olhar para sua condição na sociedade, lutando pelos seus direitos, objetivando uma modificação visível para a sua situação na sociedade, tentando amenizar as desigualdades de gênero. “Sob impacto desses movimentos, na década de 80, foram implantadas as primeiras políticas públicas com recorte de gênero” (FARAH, 2004, p. 51).

## 2.5 A IMPORTÂNCIA DA MULHER NA PERPETUAÇÃO DA TRADIÇÃO DA ROMARIA DE BOM JESUS DA LAPA

A religião foi associada à tradição pelos racionalistas, em contraposição à modernidade. Ou seja, a tradição só existe em vista à modernidade. A partir do momento em que surge a modernidade, a tradição passa a ser vista como tudo aquilo que não corresponde aos ideais modernos. Entendem-se, aqui, tradição e modernidade como delimitadoras, sem, contudo, haver uma fronteira entre ambas, pois a tradição sobrevive em plena modernidade. Giddens (1991) conceitua a tradição como o modo de integrar a monitoração da ação com a organização espaço/temporal da comunidade, que não é estática e que passa a ser reinventada a cada nova geração, conforme esta assumia a herança cultural dos seus precedentes. Para ele, “a tradição não só resiste a mudanças como pertence a um contexto no qual há, separados, poucos marcadores temporais e espaciais, em cujos termos as mudanças podem ter alguma forma significativa” (GIDDENS, 1991, p. 44).

No caso da Romaria do Bom Jesus da Lapa, como veremos a seguir, constatamos o quanto as mulheres se tornam responsáveis pela manutenção dessa tradição, sobretudo porque, pela divisão de papéis, cabe a elas o cuidado com a educação religiosa, com a formação da espiritualidade, não só de si, mas também dos filhos e até mesmo do marido.

### 2.5.1 Aspectos geracionais da perpetuação da tradição na Romaria do Bom Jesus da Lapa

A romaria do Bom Jesus da Lapa está associada ao Catolicismo, uma religião tradicionalmente avessa às principais transformações socioculturais da contemporaneidade e que milenarmente procurou controlar o comportamento da mulher, apontando a religião como um freio de seus instintos femininos. Isso tem sua razão de ser. De acordo com Klinger (2010, p. 63), “o cristianismo em geral e os evangelhos em particular são patriarcais. Eles privilegiam os homens, menosprezam as mulheres e legitimam religiosamente o menosprezo”.

Isso faz com que a prática daquela romaria, sem ser refratária às principais transformações na atualidade, no que se refere a seus agentes, contudo o seja na

manutenção dos elementos que fazem parte de uma tradição que já se perpetua por mais de três centenários. Por serem originárias da época da colonização, perdurando até os dias atuais, as romarias mantêm uma tradição. Os principais santuários de peregrinação religiosa em nosso país datam de longos períodos, como é o caso do Santuário de Bom Jesus da Lapa, que tem 323 anos de existência, como vimos no primeiro capítulo. O que mantém a tradição é sua transmissão de geração a geração e o que a torna viva é o mito fundante, que, nesse caso, é o Bom Jesus. As próprias mulheres romeiras entrevistadas expressam que participar da romaria para elas é um costume, ou seja, um hábito que faz sobreviver uma tradição que vem de seus antepassados, como pode se verificar na fala da Romeira do Espírito Santo:

Isso vem dos meus avós, porque, quando meu pai se casou, meu avô já era romeiro do Bom Jesus que ia em Congonhas do Campo, e lá eles faziam parte no tratamento de ajudar tratar dos pobres, no albergue, dos pobres. E ele gostou daquilo quando ele era noivo de minha mãe, aí nunca mais deixou de ser romeiro. Ele acompanhou, no caso, meu avô, que era o sogro dele (RES2).

Assim como as mulheres mantêm um costume herdado por seus pais, de participar da Romaria do Bom Jesus da Lapa, as coordenadoras de romarias veem essa atividade como um compromisso que deve ser mantido:

Eu vinha sempre, tô com cinco anos que eu vinha com a vizinha, agora está com dois anos que venho com minha própria romaria Quando minha mãe era viva, ela veio uma vez, aí gostou e pediu que a gente viesse, aí a gente vem todo ano: Mantenho sempre, ainda mais que ela pediu, todo ano que pudesse que viesse alguma das filhas, daí eu faço isso, só vou parar quando morrer (CRB2).

Vimos neste capítulo que o *ethos* religioso é um dos componentes do perfil das mulheres romeiras. Esse *ethos* se efetiva concretamente por meio do costume,<sup>44</sup> como exposto pelas Coordenadoras de Romaria acima, entendido por Lima Vaz (2006, p. 41) como “a forma com que a vida humana é vivida dentro de determinada tradição”. Para esse autor, a permanência social do *ethos* se dá sob a forma do costume, implicando sua interiorização e permanência no indivíduo na forma do hábito. No caso da romaria do Bom Jesus da Lapa, o *ethos* religioso (ou costume)

<sup>44</sup> Segundo Hobsbawn (2002, p. 10), a tradição gera resistência, é algo consolidado, tem como característica a permanência. O costume é visto como opositor da tradição, pois é aberto, flexível e tem como característica a mudança, “sua função é dar a qualquer mudança desejada (ou resistência a inovação) a sanção do precedente.” (HOBSEBAWN, 2002, p. 10).

tem sua duração temporal assegurada pela tradição. Com isso, o costume que pela prática se constitui num hábito de ir à romaria, faz com que a romaria se perpetue. Nesse processo, as mulheres têm uma participação ativa e asseguram a sobrevivência dessa tradição, passando-a de pai para filho. Esse aspecto se aproxima das concepções da sociedade patriarcal, cujo padrão de consciência se estrutura a partir das concepções do sexo, como um dado biológico. Conforme Klinger (2010, p. 60-61):

O sexo é um dado biológico, pois as pessoas têm um corpo: são homem ou mulher. Isto é fato indiscutível. Pertence aos dados fundamentais de vida de cada um. Mas as pessoas não são apenas corpo, também possuem espírito. São seres históricos. Devem não só aceitar passivamente a situação em que se encontram, mas precisam atuar dentro dela e podem mudá-la. Por isso devem comportar dentro da sua própria sexualidade. Desenvolvem uma cultura de relacionamento com o outro sexo (KLINGER, 2010, p. 60-61).

Corroborando a proposição apresentada por Klinger (2010, p. 60-61), a sociedade patriarcal tem o sexo (biológico) como um aspecto determinante no contexto social. Diante disso, naturalmente na divisão de papéis cabe à mulher o encargo de prover a espiritualidade da família, ela já educa seus filhos de forma que estes desde pequenos interiorizem os valores religiosos que fazem parte de sua crença e no caso que estamos a analisar, o costume de ir à romaria, que se transforma num hábito que acompanha a pessoa a vida toda. Com isso, as mulheres romeiras asseguram a sobrevivência dessa tradição religiosa, fruto da piedade popular, no âmbito da família e também além dela, quando, por seu testemunho, levam outras pessoas a participarem da romaria. No continuar da análise pontuaremos os sonhos e perspectivas de futuro da mulher na romaria de Bom Jesus da Lapa.

#### 2.5.2 Sonhos e perspectivas do futuro da mulher na Romaria de Bom Jesus da Lapa

As mulheres romeira trazem, na sua experiência de vida, traços marcantes de sentimentos que são externados pela sua devoção e fé ao Bom Jesus. Isso as leva a sonhar sobre o seu futuro na Romaria, visto que assumiram um compromisso, com elas mesmas e com o referido Santo, de irem à Lapa do Bom Jesus, enquanto vida tiverem. Algumas Romeiras e Coordenadoras de Romaria do Bom Jesus da Lapa partilharam conosco seus sonhos, tais como: “O meu sonho era que todo mundo



fosse igual, compreendesse um ao outro, para não haver rivalidade na humanidade, esse é meu sonho, que eu peço a meu Deus” (CRMG1), “Tenho um sonho: vir todo ano enquanto eu estiver viva” CRB2), “O sonho daqui adiante é que estou me preparando para Deus” (RB1).

Vimos que a ideologia do sistema patriarcalista fomenta comportamentos de rivalidade, concorrência, desigualdade de gênero, enfim, práticas egoístas que minam a tranquilidade, a paz. O sonho da romeira de Minas Gerais, que traduz seus anseios por um mundo em que haja igualdade, compreensão, sem rivalidade, na verdade mostra a expectativa de uma sociedade já não mais fundada sob o sistema patriarcalista e sim num outro sistema capaz de promover uma sociedade igualitária, em que todos tenham os mesmos direitos. Potiguara (2003, p. 77) menciona que “os estudos de gênero vão de encontro a certas tendências que questionam a concepção de evolução linear e progressista e a do tempo vinculado a leis de mudanças e prognóstico de futuro”.

As expectativas para o futuro, que implicam a obrigatoriedade de ir à romaria todos os anos, bem como considerar esse hábito (ou costume) como uma preparação para uma vida com Deus, mostram uma atitude de convicção nas graças que se alcançam junto ao Bom Jesus e isso é positivo no sentido de fazer com que a tradição daquela romaria mantenha-se viva. Vê-se claramente que as expectativas das romeiras estão relacionados à sua fé e à continuidade na Romaria, assim como às questões familiares, como relata a Romeira de Minas Gerais,

Eu tenho um sonho: Que a minha família nunca se separe. Sempre seja assim unida. Que meus filhos nunca se separe um dos outros, nem de mim, nem do pai. Que sempre continuamos com essa família unida, como nós vivemos até hoje (RMG).

Essa Coordenadora de Romaria coloca suas expectativas na religião, cuja função principal é dar sentido à vida das pessoas, por meio de expressões como a romaria, que alimenta a esperança e a fé das pessoas por uma vida melhor, fazendo com que haja paz, amor e união no âmbito familiar. Assim, a exemplo da Coordenadora de Romaria da Bahia, as demais colocam todas as expectativas no Bom Jesus da Lapa, fonte de vida e esperança de um futuro melhor para os membros da família, principalmente os filhos, para que não se percam neste mundo, marcado cada vez mais marcado, pela violência e desunião entre os homens.

Eu tenho o sonho que Deus me dê a bênção do meu filho ser uma pessoa muito boa e maravilhosa, então eu oro a Deus e Bom Jesus da Lapa que ele siga só aquele caminho que ele está, ele sendo assim, eu acho que as outras coisas que eu queira eu vou conseguir tudo (CRB1).

Entre sonhos e realidades, as mulheres romeiras vivenciam a romaria de forma intensa, de tal maneira que “a romaria do Bom Jesus da Lapa se inscreveria como parte das relações de aliança onde o santo garante a proteção para o fiel em troca da lealdade” (STEIL, 1996, p. 101). Dentro dessa lealdade, essas mulheres externam, através de suas falas, as suas perspectivas sobre o seu futuro.

No decorrer deste capítulo procuramos mostrar como se dá a participação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa. Numa abordagem que envolve as relações de gênero, pelos aspectos observados, em alguns momentos aproximando-se e em outros distanciando-se do patriarcalismo, pode-se concluir que, mesmo que ainda se apresente como um simples esboço, ainda que haja mais continuidades do que mudança, já é um sinal de que a participação da mulher na romaria, principalmente no que se refere à Coordenadora de Romaria, lhe dá um empoderamento em relação ao homem. Essas mulheres, embora estejam num universo eivado pela simplicidade, têm consciência de seu valor como mulheres e da importância que tem a sua contribuição para uma sociedade mais justa e igualitária. Aos poucos vão se definindo em novos papéis, a exemplo de tantas outras mulheres em outras esferas não religiosas da sociedade, e também afirmando sua identidade de gênero.

Numa discussão que segue no próximo capítulo, constatamos que não só as mulheres romeiras e coordenadoras de romaria contribuem pela manutenção de uma tradição tão importante quanto é aquela expressão da piedade popular, mas também que, naquele espaço, elas vão afirmando sua identidade através da família, na permanência ou na superação da condição de subordinação que tradicionalmente vem sendo-lhes imposta pela sociedade patriarcal.

### 3 A FAMÍLIA NA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA

O refrão da música *Oração da Família*, do Pe Zezinho, “abençoa, Senhor, as famílias, amém! Abençoa, Senhor, a minha também!”, é bastante sugestiva à reflexão sobre a presença da família na Romaria do Bom Jesus da Lapa, considerando essa Romaria como um fenômeno religioso que reúne grande contingente de fiéis, de todo o território brasileiro. No capítulo anterior, procuramos apresentar a Romaria do Bom Jesus da Lapa, contextualizando-a no espaço geográfico e também como expressão do catolicismo popular, destacando as formas de participação na romaria, com recorte para a participação das mulheres. No segundo capítulo, procuramos situar as mulheres na categoria gênero, sob a influência do sistema patriarcal concernente ao distanciamento e proximidade dele e enfatizar que a participação da mulher nesse evento religioso implica uma desigualdade dos papéis desempenhados por homens e mulheres, naquele contexto em que esses papéis são atribuídos, levando em consideração a questão biológica, estigmatizada pela sociedade patriarcal. Neste capítulo, pretendemos enfatizar a presença da família na Romaria do Bom Jesus da Lapa, a partir da perspectiva das relações de gênero, no tocante à proximidade e distanciamento do patriarcalismo. Procuraremos evidenciar que o papel da mulher (mãe, esposa e romeira) é entendido aqui como um *constructo* sociocultural que se ressignifica ao longo do tempo, na medida em que as relações sociais vão se estabelecendo.

O espaço da romaria é bastante diversificado. Os papéis sociais vivenciados por pessoas que dela participam são delimitados por sexo: a mulher, além de ir à gruta para rezar, tem o compromisso de cuidar da família e dos afazeres domésticos nos alojamentos. Conforme nos foi possível perceber, durante a realização da observação de campo, há uma extensão do lar (da família), no espaço da romaria. O homem tem a liberdade de andar pelo comércio, fazer compras, encontrar-se com os amigos nos bares, enfim, de se divertir. Os filhos (jovens) têm interesses e programação diferentes dos de seus pais. Vão à gruta apenas no dia em que chegam, para saudar e agradecer ao Bom Jesus, e quando vão embora, para se despedir. Além disso, frequentam a praça, em busca da diversão, fazem os passeios pelo morro e tomam banho de rio, sempre acompanhados pelos pais, parentes da sua idade (primos) ou pelos companheiros da Romaria, que eles intitulam de irmãos

de fé e de caminhada. Quando falamos desses jovens, referimo-nos aos meninos, pois as meninas acompanham as mães, na atividade religiosa e doméstica.

Não poderíamos deixar de enfatizar um aspecto que destacamos na observação de campo, no ano de 2013, que foi a presença marcante dos jovens no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Esse fator avaliamos como reflexo da Jornada Mundial da Juventude e da convocação do Papa Francisco para que os jovens sejam missionários de Deus. Em atendimento a essa questão, o Santuário de Bom Jesus da Lapa incluiu, na programação da Romaria, todos os dias pela manhã, encontro com os jovens, a exemplo do que há anos vem fazendo, diariamente, no período da tarde, que é o encontro com as famílias. Quanto à identidade de gênero, nesse aspecto, há uma maior participação de meninos nessa reunião do que de meninas, pois geralmente elas acompanham as mães, na reunião com as famílias.

Neste momento, faremos uma análise da participação da família naquele espaço. Segundo Machado (2006, p.104), “a família tem sido vista por igrejas de diferentes tradições como um espaço privilegiado de transmissão e/ou socialização de princípios religiosos bem como de controle dos seus seguidores”. A romaria é um momento, uma experiência fundamental na vida daquelas famílias que se intitulam como romeiras do Bom Jesus da Lapa, que, diante de tantas dificuldades, sobretudo de ordem financeira, fazem da Romaria um espaço onde formam uma grande família. Através da fé e devoção rezam para pedir ao Bom Jesus: saúde, emprego, chuva para o sertão, força para enfrentar a seca, melhores condições de vida para seus filhos e tantas outras coisas.

A análise aqui proposta tem como objetivo entender como essas mulheres se relacionam com suas famílias, para participar da Romaria do Bom Jesus da Lapa no sentido de uma aproximação ou distanciamento do patriarcalismo) e responder aos seguintes questionamentos: que tipo de família participa da romaria do Bom Jesus da Lapa? Quais são as suas características e perfil? Como se dá a relação da mulher romeira com sua família (marido e filhos), quando vem para a romaria? A mulher participa da romaria sozinha ou com sua família? Quando estão na romaria, o que a mulher romeira e sua família fazem? Seu esposo e filhos, quando estão na romaria, participam das atividades religiosas a ela pertencentes? Se não, o que eles fazem? Para responder a essas perguntas, desenvolvemos esta reflexão partindo dos seguintes pressupostos: primeiro compreender a partir de que conceito de família estamos falando, devido à multiplicidade desse conceito. Dando

continuidade, apresentamos a Romaria do Bom Jesus da Lapa como exemplo de uma grande família e, por fim, apontaremos os espaços ocupados pela mulher na família no contexto da Romaria do Bom Jesus da Lapa.

### 3.1 A FAMÍLIA NA ROMARIA: PONTOS E CONTRAPONTO

Não faremos, nos limites deste estudo, um tratamento exaustivo de todo o debate sobre a família<sup>45</sup>, uma vez que entrariamos em um campo em que há muitos pontos de vista, às vezes contraditórios, na denominação e caracterização de um mesmo aspecto. Além disso, esse debate já vem sendo sintetizado por muitos outros pesquisadores sobre o tema. Ater-nos-emos apenas aos aspectos que mais diretamente iluminam nossa análise, de uma maneira mais específica, sem nos exaurirmos a aprofundar sobre o tema, dada a sua dimensão, e contribuindo para a análise da identidade de gênero feminina, proposta para esta tese. Neste capítulo, iremos concentrar nossa análise a partir da família. Para desenvolvermos esta proposição, apresentaremos o conceito de família, na perspectiva de diversos estudiosos da área; a multiplicidade dos tipos de família; as características da família patriarcal e da família não patriarcal<sup>46</sup>, para compreendermos a família que participa da romaria do Bom Jesus da Lapa, e finalizamos detendo-nos nos pontos e contrapontos desta família.

Diante da dimensão desse tema, apontaremos apenas alguns desses conceitos. Para Ivan Capelatto (2007, p. 15), a família é “um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estar juntas, por uma dinâmica chamada afetividade”. Adriana Wagner (2002, p. 24) afirma que a família é o “núcleo responsável pela promoção do desenvolvimento e bem-estar dos seus membros”. Baptista et al (2012, p. 17) mencionam que a família “é a primeira instituição com a qual a maioria dos indivíduos mantém contato e pela qual são aprendidas as primeiras convenções sociais e desenvolvidos os principais padrões de comportamento”. Na concepção de Simone de Beauvoir (2009, p. 699), a família

---

<sup>45</sup> Ao examinar a história do Brasil, vemos que, longe da ideia de uma família ideal, sempre convivemos com a pluralidade: vivemos em famílias. Isso porque, em nossa terra, diferentes tipos de família se constituíram entre os séculos XVI e meados do século XIX. Apesar das variadas condições que modelaram nossos antepassados, conservamos deles permanências que hoje consideraríamos extremamente modernas. A mais curiosa delas é o fato de que as pessoas viviam em grupos estáveis – porém, em grupos nos quais se admitia, também, a chegada de um novo companheiro ou companheira. E, com eles, em muitos casos, de filhos de outras uniões (DEL PRIORE, 2013, p.10).

<sup>46</sup> Neste estudo denominaremos de família contemporânea.

Não é uma comunidade fechada em si mesma: [...] ela estabelece comunicações com outras células sociais; o lar não é apenas 'um interior' em que se confina o casal; é também a expressão de seu padrão de vida, de sua fortuna, de seu gosto: deve ser exibido aos olhos de outrem (BEAUVOIR, 2009, p. 699).

Os pontos a serem desenvolvidos nesta análise são a multiplicidade e a amplitude do conceito de família, com seus tipos e características, e como contraponto o perfil da família brasileira, fazendo uma leitura a partir do Censo (IBGE 2010), e como a religião se faz presente nas famílias que frequentam a Romaria do Bom Jesus da Lapa. Teceremos toda uma discussão a partir da análise da aproximação ou distanciamento da família, no contexto da sociedade patriarcal.

A identidade de gênero feminina, apontada por nós nesta tese, parte da análise da sociedade patriarcal, mencionada através das falas das mulheres (romeiras e coordenadoras de romaria) entrevistadas. Essa identidade se reflete na mulher por meio da família. Agrupamos seus relatos a partir dos seguintes parâmetros: aproximação e distanciamento do patriarcado.

Trazemos aqui alguns apontamentos realizados na observação de campo, para serem refletidos e discutidos neste estudo. O que nos chamou mais a atenção foi como se dá a convivência da família, naquele espaço, com outras famílias; os papéis hierarquizados dentro do ambiente familiar, como reflexo dessa questão; a submissão da mulher dentro de todo um contexto social regido pelos homens e o empoderamento da mulher coordenadora de romaria na família.

Assim como são inúmeros os conceitos de família, existem também vários tipos, de acordo com cada contexto em que se inserem, sendo mais conveniente hoje se falar em famílias no plural e não no singular. Isso nos leva a compreender que não existe um único conceito que atenda à complexidade da definição de família na atualidade. Segundo Poster (1979, p.168), "as famílias variam imensamente em diferentes sociedades e podem ser abordadas de inúmeras maneiras, dependendo das finalidades do investigador". Dentre os conceitos podemos citar: O de família nuclear, aqui entendida como "composta pelo marido, sua mulher e filhos" (GOODE, 1970, p. 79), ou, segundo Giddens (2010, p. 175), constituída por "dois adultos vivendo juntos num mesmo agregado com seus filhos biológicos ou adotados". Esse conceito de família nuclear é adotado dentro dos estudos socioantropológicos e elucidado por nós nesta análise. A modalidade de família extensa, conforme Goode

(1970, p. 79), “aplica-se, de modo amplo, a um sistema no qual o ideal social é que várias gerações vivam sob o mesmo teto”. Segundo esse autor, esse tipo de família pode também ser constituído “pelas unidades familiares que um homem forma com suas várias esposas, acrescidas das famílias fundadas por seus filhos, tal como ocorre em muitas sociedades africanas, árabes e brasileiras” (GOODE, 1970, p. 79).

Temos, na concepção de Machado (2006, p. 102), as famílias individualizadas, cujo surgimento foi favorecido pela modernidade, considerando a centralidade do indivíduo. Porém, ressalta a autora, “esses processos foram e continuam [sendo] marcados por contínuas tensões entre a autonomia das pessoas e as identidades coletivas ou a presença familiar”. Para ela, há uma tendência de que os cientistas sociais venham “a analisar a crescente valorização do indivíduo com domínio sobre si mesmo e senhor de suas próprias decisões como uma decorrência da propagação e da institucionalização do individualismo”, ou mesmo como uma expressão da dissolução do modelo de família patriarcal tradicional (MACHADO, 2006, p. 102), descrito por Sarti (1985, p. 39) nestes termos: a família patriarcal “baseada nos princípios da autoridade do homem sobre a mulher, dos mais velhos sobre os mais novos é parte integrante das representações sobre a família” (SARTI, 1985, p. 39). Temos também a Família Homoparental, que, pela primeira vez, constou de uma pesquisa censitária (IBGE, 2010), expressão que “designa uma família constituída por duas mães ou dois pais homossexuais, com filhos” (STRAY; PALMA, 2011, p. 130).

A multiplicidade de tipos de famílias apresentadas teve como parâmetro e fundamentação para análise os resultados do Censo (IBGE / 2010). Detr-nos-emos a aprofundar a investigação sobre a família patriarcal e não-patriarcal (aqui vamos denominar de família contemporânea), devido a serem parâmetros para a discussão proposta para este estudo sobre a identidade de gênero feminina. Matos (2005, p. 95) menciona:

As inúmeras mudanças sociais ocorridas, especialmente nos últimos 30 anos no Brasil, nos confrontaram sem dúvida, com uma acelerada modernização dos costumes e a emergência de novos códigos interpretativos, simbólicos da dimensão identitária e cultural presente nos gêneros em sua dinâmica urbana específica (MATOS, 2005, p. 95).

Essas alterações sofridas no contexto social atual, pontuadas por Matos (2005, p.95), apontam um distanciamento do patriarcalismo. No espaço da Romaria,

essas alterações são percebidas. A família, nos moldes próximos ao patriarcalismo, é um elemento principal de motivação da participação das mulheres, naquele evento religioso. Segundo Klinger (2010, p. 61), no patriarcado,

O homem e a mulher não são sempre eles mesmos, mas são transformados neles mesmos por situações culturais. O patriarcado é uma situação cultural no comportamento dos sexos. Ele fixa os papéis que possuem na sociedade da respectiva época. Indica também quem são os homens e as mulheres, quem eles não são, o que devem fazer e o que não devem fazer, o que lhes é recomendado e o que lhes é proibido. É um determinação da construção dos papéis sexuais em nossa sociedade (KLINGER, 2010, p. 61).

Embasada nessa proposição de Klinger (2010), de que o patriarcalismo seja uma situação cultural, pontuaremos algumas características da família patriarcal, fundamento também em Maturana (2004): Apropriação do homem (chefe da família), para com a família; dominação e submissão da mulher e dos filhos pelo homem; sexualidade das mulheres associada à procriação, ficando sob controle do patriarca; o homem é um representante da família no espaço público; a atuação da mulher está restrita ao espaço privado (casa), ao trabalho doméstico (o cuidar dos filhos e marido), sendo atributo da mulher a convivência com valores e virtudes, determinados pelo homem, gerando tensões e competições entre o homem e a mulher dentro da família; o homem é o único provedor financeiro e sentimental da família; a religião é determinada pelo homem; a mulher e os filhos só frequentam o espaço público com o marido; pensamento vivido linearmente determinado pelo homem através da autoridade na negação do diferente; as relações interpessoais dentro da família fundadas primariamente na autoridade, obediência e controle do Marido para com a mulher e os filhos.

Maturana (2004) enfatiza que a forma de vida patriarcal é encarada como um processo natural, vivido por homens, mulheres e crianças, no decorrer de toda a vida, onde não há nenhuma oposição intrínseca entre o marido e a mulher, porém a subordinação da mulher ao homem.

Contextualizando esse sistema patriarcal no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, as mulheres romeiras convivem com a submissão e a dominação dos maridos dentro da família. Essa é a realidade de algumas delas. Achar isso bom, pois faz parte da sua vida. Em entrevista, algumas disseram que seus maridos não deixam que elas saiam de casa sozinhas nem tampouco que participem da romaria sozinhas. Quando ocorre ele não poder ir, ele as entrega à coordenadora de romaria



e às famílias conhecidas, para que as olhem, durante o período em que estão na Lapa do Bom Jesus. Segundo a Coordenadora de Romaria da Bahia: “Eu vejo os meus romeiros como se fosse mãe, irmã deles, é minha família. É isso aí, como se fosse a mãe cuidando dos filhos” (CRB2). A fala dessa coordenadora de romaria da Bahia exemplifica a proximidade dela com a sociedade patriarcal, pois nesse contexto cabe à mulher/mãe o ato de cuidar dos filhos.

Aos poucos, à família patriarcal vai se transformando. Ao longo dos anos, vêm ocorrendo alterações e mudanças, no cenário mundial, no que concerne à família, nos seus mais diversificados aspectos, tais como: sociais, culturais, econômicos e políticos, e a Romaria do Bom Jesus da Lapa se encontra nesse contexto. Segundo Sarti (1995, p.43):

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família relacionam-se com a perda do sentido da tradição. Vivemos numa sociedade onde a tradição vem sendo abandonada como em nenhuma outra época da História. Assim, o amor, o casamento, a família, a sexualidade e o trabalho, antes vividos a partir de papéis preestabelecidos, passam a ser concebidos como parte de um projeto em que a individualidade conta decisivamente e adquire cada vez maior importância social (SARTI, 1995, p. 43).

A proposição apresentada por Sarti (1995) demonstra um distanciamento da família patriarcal, apontando algumas características apresentadas pela família contemporânea, tais como: uma maior igualdade entre os sexos; ocupação da mulher do espaço público, através do trabalho; o casamento passou a ser algo opcional; percebe-se um aumento muito grande de pessoas que vivem em uniões não formais; a maternidade passou a ser uma opção, os trabalhos domésticos e o cuidado com a família (filhos), concernentes à educação, passaram a ser de responsabilidade do homem e da mulher; aumento em número da mobilidade religiosa por parte das famílias e da diversidade de opções religiosas dentro da própria família, dentre outras.

Panorama esse alterado e reconstituído através do advento da globalização, que atingiu e ressignificou as instituições sociais, dentre as quais podemos citar a família, que sofreu alterações profundas no seu processo de reconfiguração. Estamos saindo do modelo patriarcal monogâmico e passando a vivenciar um contexto social permeado pelas famílias recompostas, oriundas da contemporaneidade. Como afirma Giddens (2010, p. 174),

[...] o mundo familiar é hoje muito diferente do que o era há cinqüenta anos. Apesar das instituições do casamento e da família ainda existirem e serem importantes em nossas vidas, o seu caráter mudou radicalmente (GIDDENS, 2010, p. 174).

A nova família brasileira, apresentada através dos dados do Censo (IBGE/2010), traz as famílias recompostas como uma das principais características da família contemporânea. Giddens (1993, p. 72) pontua que

há uma tendência na época atual de os ideais do amor romântico fragmentarem-se “sob a pressão da emancipação e da autonomia sexual feminina”. Com isso, surge o *amor confluyente*, que de alguma maneira, é “o oposto da identificação projetiva, ainda que tal identificação, por vezes, estabeleça um caminho até ele (GIDDENS, 1993, p. 72).

O “amor confluyente”, para Giddens (1993), é uma característica da sociedade contemporânea e um elemento determinante das famílias recompostas. No amor confluyente, as relações de gênero são equilibradas, devido a serem livres os papéis sociais entre homem e mulher. Portanto, ‘o amor confluyente’, afirma o autor, “é um amor ativo, contingente, e por isso entra em choque com as categorias ‘para sempre’ e ‘único’ da ideia do amor romântico” (GIDDENS, 1993, p. 72).

Assim como no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa existem traços que a aproximam da família patriarcal, conforme mencionado acima, também encontramos aspectos que a distanciam da família patriarcal e a coadunam com a família contemporânea. Como exemplo, podemos citar a família da coordenadora de romaria do Espírito Santo, conforme a qual, antes, devido às condições financeiras, todos os da família participavam. Neste ano, por conta da seca, tudo ficou difícil, daí, ela veio sozinha só para rezar pela família. Esse comportamento dessaromeira é interpretado, dentro do contexto da contemporaneidade, como uma liberdade e autonomia que a mulher tem dentro da família de ocupar o espaço público, principalmente um evento religioso, pois elas se percebem no seu cotidiano, por meio da família e de sua relação com marido e filhos.

No contexto apresentado acima, as romarias apresentam-se como um espaço de encontro da família nuclear ou estendida, com traços do patriarcalismo, em que o homem se apresenta como o chefe da família, representando-a no mundo externo, ao passo que a mulher toma conta da casa, dos alimentos, dos cuidados com os filhos, da higienização e também de cumprir com seu papel de esposa, no relacionamento sexual com o marido. Lima (2014, p. 24) nos diz:

Ao se pensar os valores condizentes com ‘o ser homem’ e o ‘ser mulher’ presente neste regime político, poder-se-á ter uma compreensão de como a cultura ocidental pauta os seus discursos em uma constante valorização do homem como um ser dotado de razão e pertencente à esfera pública; e como a figura da mulher, nesta estrutura social, é vista como sexo frágil, personificação do pecado e limitada à esfera privada (LIMA, 2014, p. 24).

O sentido de família,<sup>47</sup> para as romeiras, ultrapassa o núcleo familiar, estendendo-se a todos aqueles que participam, como se vê no relato da romeira da Bahia: “participa sim, todos juntos da família tá empenhado, andamos sempre junto” (RB3). Na romaria ainda se faz presente a tradicional ideia do povo de Israel como povo escolhido por Deus, pois os romeiros todos juntos constituem uma grande família, que muitos denominam a ‘família do povo de Deus’. Essa afirmação se ilustra através da gravura abaixo, onde se verifica a presença da família nuclear, na qual se enquadram as famílias romeiras e a família espiritual.



FIGURA Nº 20: Família nuclear/família espiritual - Fonte: A autora

Na concepção de Ariès (1981, p.143), “a família conjugal moderna seria, portanto, a consequência de uma evolução que, no final da Idade Média, teria enfraquecido a linhagem e as tendências à indivisão”. O tipo de família nuclear fundada no sistema patriarcal, que permeia todo o universo religioso, a exemplo da romaria do Bom Jesus da Lapa, assim como algumas características levantadas

<sup>47</sup> Conforme Del Priore (2013, p.13), “A singularidade da família patriarcal é que ela não se restringia ao trio mencionado. Pai, mãe e filhos constituíam apenas o núcleo central. A família incluía também os parentes, os filhos ilegítimos ou de criação, afilhados, empregados e amigos com que se nutria uma relação de compadrio – isto é, padrinhos ou madrinhas -, além de agregados e escravos. Laços de dependência e solidariedade uniam seus membros”.

pelo CENSO realizado pelo IBGE em 2010, encontra-se em fase de transformação, podendo até mesmo vir a desaparecer.

Um dos pontos principais desta análise é a alternância no que se refere a comportamentos oriundos da cultura patriarcal. No espaço da Romaria as famílias ora se aproximam, ora se distanciam dessa cultura. Dentro do universo de mulheres romeiras que participaram da pesquisa, um aspecto que se apresenta latente é o da família patriarcal, devido a esse tipo de família ser base da família atual. Há a possibilidade de que as famílias romeiras também se enquadrem na modalidade de família extensa. As romeiras entendem que a instituição família é de suma importância para elas e a definem como “o lugar do convívio entre mãe, pai e filhos abençoado por Deus” (RB1). As mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa veem a família como um lugar de encontro com Deus, pois elas se percebem no seu cotidiano, por meio da família e de sua relação com marido e filhos. Na sequência de nossa análise aprofundaremos a abordagem sobre o papel da religião e da família na atualidade.

### 3.1.1 Religião e família na atualidade

A contemporaneidade se apresenta de forma diversificada, mediatizada pelo progresso e o acelerado crescimento técnico-científico, e isso tem provocado alterações no comportamento do homem e da mulher, principalmente nas questões de ordem cultural/religiosa concernentes à família. Com efeito, a religião e a família são duas categorias que passam por profundas transformações na atualidade. Pelo fato de que a religião seja um elemento determinante dentro da família e a família seja um elemento da religião é que fizemos esse recorte, buscando apresentar essa relação expressa na atualidade. Sobre a religião, relacionaremos os dados apresentados no Censo do IBGE (2010) ao campo religioso brasileiro, pelo fato de ser esse campo um dos nossos parâmetros de análise. Fica demonstrada uma reconfiguração do campo religioso, marcada pela pluralidade e diversidade religiosa, no qual foi constatado o declínio do catolicismo, em detrimento do crescimento de outras expressões religiosas como o protestantismo, por exemplo. Outro aspecto ressaltado é o crescimento do número de pessoas que se declararam sem religião. Entretanto, a análise dessa diversidade religiosa, a partir do Censo de 2010, marca uma nova configuração no campo religioso brasileiro, afirmando o aumento do

número de mulheres, em detrimento do número de homens, nas opções e mobilidade religiosas. Isso ajuda a compreender um maior número de romeiras participando da Romaria do Bom Jesus da Lapa.

Partindo desse pressuposto, no Brasil há uma diversidade religiosa muito latente, que se enraizou desde o início da colonização, instituída por europeus, índios e africanos. Levando-se em conta esse aspecto, temos uma gama de teóricos que analisam esse contexto, ressaltando a especificidade desse campo religioso. Giddens (2010, p. 535) menciona: “temos de reconhecer a diversidade das crenças religiosas e dos modos de conduta, mas devemos igualmente analisar a natureza da religião como fenômeno de caráter geral”.

Assim como o Brasil é marcado por uma grande diversidade/pluralidade religiosa, fator esse oriundo das estruturas sociais existentes que se refletem no primeiro grupo social a que o indivíduo pertence, que é a família, esse aspecto também foi confirmado através do Censo IBGE (2010).

O último Censo do IBGE (2010), que traz aspectos do que chamamos de ‘nova família’, marcada pela diversidade e pluralidade de tipos e características, deixa claro que hoje não podemos mais afirmar que temos um tipo característico de família e sim tipos de famílias diferenciadas que retratam a sociedade brasileira, pois há uma interligação das mudanças no aspecto socioeconômico, oriundas do século XX, com as esferas estruturais da sociedade, como é o caso da família. Segundo Losacco (2008), na atualidade, a família perde a sua essência, deixando de ser aquela instituída através do casamento formal (civil e religioso), passando a ser uma instituição formada pelas uniões não formais, havendo uma diversidade de uniões de pessoas do mesmo sexo ou de sexos diferentes vivendo juntas, que se denominam família, sem firmar nenhum compromisso legal, apenas afetivo, como é o caso dos homossexuais, das mães solteiras, dentre outros, sem nenhuma discriminação e de igualdade de direitos. Essa nova configuração de família foi constatada através do censo de 2010, realizado pelo IBGE, justificando o que disse Losacco (2008, p. 64), conforme o qual, “seja qual for sua configuração, as estruturas familiares reproduzem as dinâmicas sócio-históricas existentes”.

Conforme resultado do Censo IBGE (2010), há, de fato, uma alteração do perfil das famílias brasileiras, pois, ao lado do tradicional modelo da família nuclear monogâmica, ainda existente, com expressividade, aparecem outros tipos de uniões. Dentre as principais transformações elencamos algumas: o casamento (na igreja ou

no civil) está perdendo espaço para as uniões informais e uniões com pessoas do mesmo sexo; famílias vivem com filhos que são frutos de outros relacionamentos; aumentou o número de pessoas que moram sozinhas; as mulheres brasileiras estão tendo menos filhos e deixando a maternidade para mais tarde, diminuindo, assim, a taxa de fecundidade; aumenta o número de famílias chefiadas por mulheres; diminui a taxa de crescimento populacional; aumenta a população idosa; há uma maior escolarização das mulheres, como consequência melhoria da renda da família; o orçamento doméstico passa a ser partilhado pelos membros da família, dentre outros.

Houve um aumento das famílias compostas por duas pessoas, assim como o surgimento de novos arranjos familiares, a exemplo da união de pessoas divorciadas. Em contrapartida, aumentou o número de famílias sob responsabilidade exclusiva da mulher, devido a um maior nível de formação intelectual feminina e uma grande maioria se constituir de viúvas ou divorciadas. Sarti (2008, p. 30) diz:

A sobrevivência dos grupos domésticos das mulheres 'chefes de família' é possibilitada pela mobilização cotidiana de uma rede familiar que ultrapassa os limites da casa. Tal como acontece o deslocamento dos papéis masculinos, os papéis femininos, na impossibilidade de serem exercidos pela mãe-esposa-dona de casa, são igualmente transferidos para outras mulheres, de fora ou de dentro da unidade doméstica (SARTI, 2008, p. 30).

A afirmação de Sarti (2008) ajuda-nos a perceber que há um distanciamento da família patriarcal na romaria, na medida em que a mulher passa a ocupar o espaço público, como coordenadora de romaria, tornando-se mais autônoma e independente em relação ao marido, havendo uma transformação no contexto familiar. Esse último aspecto pode ser visualizado na Romaria de Bom Jesus da Lapa, através da fala da romeira da Bahia:

É minha fé que me segura, porque a gente fica sozinha no mundo com um bando de menino, tem que pedir a Deus para vencer a batalha, hoje meus meninos, todo mundo, tem seu barraco, tem seu marido e sua mulher, é uma graça de Deus, é o Bom Jesus que cuida da minha família (RB1).

Nas sociedades ocidentais, em sua grande maioria, a inserção da família nuclear compreende uma longa rede de parentesco, como é o caso das famílias brasileiras e das famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Alves (2005) diz:

Na literatura antropológica e sociológica são apresentados dois modelos de família que servem à interpretação das sociedades moderno-contemporâneas. De um lado, figuram as clássicas narrativas sobre a 'família patriarcal' nas quais se destaca a obra de Gilberto Freyre, principalmente *Casa grande e senzala* (1933); de outro, ressalta-se o paradigma da 'família conjugal moderna', com sua afirmação do individualismo e do princípio da igualdade (ALVES, 2005, p. 19).

Essa autora referenda a análise de identidade de gênero feminina, proposta neste estudo e coaduna suas ideias com a discussão do capítulo, onde, através da observação no espaço da romaria, percebemos tanto a presença da família patriarcal, como da família contemporânea. Entre permanências e transformações, as famílias tendem a incorporar as características da modernidade sem abrir mão dos seus valores e dos aspectos que asseguram sua função e mantêm sua identidade, distanciando-se do patriarcalismo. Assim, percebe-se uma alteração no perfil das famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa, principalmente das mulheres entrevistadas. Mas, ainda está muito presente a manutenção dessa família nuclear monogâmica e patriarcal<sup>48</sup>. Daí muitos dizerem que o Bom Jesus da Lapa é o protetor das famílias. Mesmo com todas essas alterações e perfis diferenciados de família, um fato interessante permanece inalterado, frente à função e ao sentido dessa instituição. Segundo Wagner (2011, p.16), "a família segue tendo que dar conta da educação, do cuidado e da proteção dos filhos, por exemplo." Mesmo que haja uma modificação no ato de cuidar, atrelada às mudanças socioculturais vigentes, a família continua a exercer uma função sociabilizadora importante para a sociedade.

### 3.1.2 Bom Jesus da Lapa, o protetor das famílias: a religião na família

Na concepção sociológica, a família moderna se originou e se consolidou mediante o sistema patriarcalista, existindo uma alteração nas relações entre os seus membros, principalmente no que concerne às questões de gênero. Na concepção de Alves (2005, p. 19), "atribui-se ao modelo patriarcal a ênfase nas relações de reciprocidade e de complementariedades entre as gerações e aos sexos

---

<sup>48</sup> Atentamo-nos a pontuar que no Brasil a expressão família patriarcal foi utilizada, difundida e estudada primeiramente por Gilberto Freyre, na sua obra ' Casa Grande & Senzala. "O conceito de 'família patriarcal', como tem sido utilizado até agora, achata as diferenças, comprimindo-as até caberem todas num mesmo molde que é então utilizado como ponto central de referência quando se fala de família no Brasil" (CÔRREA, 1981, p.10).

e, ao modelo conjugal moderno”. Embora a família continue sendo objeto de inúmeras análises e seja o reflexo da sociedade e se encontre em profunda mudança e transformação, não existindo mais um modelo único, adequado e determinado e sim uma diversidade de novos arranjos familiares, como mencionado acima, para aquelas mulheres que se intitulam romeiras do Bom Jesus da Lapa, a família é e continua sendo elemento central e primordial da sua vida cotidiana, pois aos pés do Bom Jesus elas se percebem, se realizam e se afirmam como mulheres, mães e esposas através da referência que fazem dos filhos, como mostra a figura abaixo, representada pelas quatro gerações de uma família e composta só pelas mulheres:



FIGURA Nº 21: Quatro gerações da família nuclear - Fonte: A autora

Diante das alterações sofridas pela família, a figura acima retrata um dos aspectos da família nuclear<sup>49</sup>, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, onde apenas as mulheres participam desse evento religioso e mantêm uma tradição mediante a presença das quatro gerações (avó, mãe, filha e neta); apresenta o que podemos observar: que a religião é um elemento presente nesse grupo social, ficando a responsabilidade espiritual de manutenção do lar para a mulher, pois “é a religião que dá os parâmetros morais para as relações familiares” (LUNA, 2006, p. 120). As falas das mulheres entrevistadas sobre a presença da religião na família nos levam a refletir que todas essas pessoas têm na sua casa um espaço para suas orações e têm o Bom Jesus como referência. Outra questão na Romaria do Bom Jesus da Lapa é que elas participam, com toda a sua família, das programações

<sup>49</sup> O conceito de família nuclear encontra-se na página 151 deste estudo.



religiosas do Santuário, desde a visita à gruta e ao cruzeiro até as novenas, a procissão e a missa de encerramento; como diz a romeira da Bahia:

Na minha família, todos nós oramos juntos na minha casa e aqui, assim como participamos de tudo junto, e eu oro por todos nós, eu oro por eles lá, eles ora por mim aqui, eu oro pela comunidade inteira, pelos velhos, pelos doentes, pelos idosos, eu faço com carinho, com amor, com aquele amor que eles têm por a gente, quando a gente tá visitando eles, aquilo a gente fica emocionado, pois todos são uma grande família (RB4).

Ressaltamos que as famílias das mulheres entrevistadas buscam, no período em que participam da Romaria do Bom Jesus, um momento de agradecimento e de proteção. Quando a romeira da Bahia menciona que eles oram juntos na sua casa e “aqui”, isso nos remete a classificar sua família como uma família patriarcal, onde, na hierarquia dos sexos e na divisão dos papéis entre o marido e a mulher, cabe a ela o de protetora espiritual do lar. Segundo Machado (1996, p.120), “as mulheres são moralmente superiores e espiritualmente mais fortes do que os homens sendo, portanto semidivinas”.

Nós vem junto, a gente vem primeiro agradecer ao Bom Jesus as graças alcançadas, e também pedir perdão pelas faltas que a gente vai pra gente voltar livre pra casa, pra ter um ano de paz, de força, de saúde, de progresso, para nossa família, pra Deus dar as condições necessárias pra gente tá sempre vindo na romaria (RES2).

O relato da romeira do Espírito Santo, no que diz respeito ao ‘nós vem junto’, nos leva a perceber traços que se aproximam do patriarcalismo, pois a família sempre está junta, sob o domínio do chefe. Diante disso, referenda-se a proposição de Natividade (2005, p. 254): “a aproximação do ambiente religioso é motivada por razões advindas de registros distintos, geralmente associada a uma situação-limite que leva à busca da religião como possibilidade de superação do sofrimento e de encontro de felicidade”. Assim como as mulheres vão para a romaria em busca de proteção para a família, ao retornarem às suas casas, existe um lugar reservado para que elas continuem realizando suas orações e pedindo ao Bom Jesus proteção para sua família, que é o oratório familiar, conforme ilustra a figura abaixo.



FIGURA Nº 22: Oratório familiar - Fonte: A autora

Segundo Lemos (2008), o catolicismo popular expressa alguns elementos peculiares, dentre os quais podemos mencionar: o santo, o oratório familiar, que é um pequeno altar que ocupa lugar de destaque e anima as devoções dos membros da família, exemplificado através da figura acima, pois para aquelas mulheres devotas do Bom Jesus da Lapa, no espaço da família tem que existir um local sagrado de oração. O que se percebe é que aquelas famílias que participam da romaria, têm toda a sua vida pautada no modelo de família determinado pelos princípios cristãos e todas elas seguem o mesmo parâmetro, pois “o modelo religioso da família parece funcionar como reforço simbólico e ritualização transcendente da identidade familiar terrena” (DUARTE, 2006, p. 75). Essa questão está expressa através da fala da romeira de Minas Gerais:

Porque a gente sempre invoca o Bom Jesus durante qualquer necessidade, qualquer dificuldade até mesmo nas alegrias, nas conquistas da nossa vida, nós atribuímos sempre ao Bom Jesus porque um acidente, por exemplo, que aconteceu com meus filhos, até minha filha na hora do desespero pediu a proteção do Bom Jesus e foi socorrida porque assim não aconteceu nada de mau com eles, o carro acabou e eles foram salvos graças ao Bom Jesus, então nós tentamos transmitir isso pra nossos filhos e nossos netos (RMG4).

Nessa fala podemos perceber que a religião é uma forma de moldar as pessoas e conseqüentemente os grupos sociais, como é o caso da família. Esse aspecto é visualizado no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, quando todas as mulheres entrevistadas foram unânimes ao dizer que em sua família todos participam juntos das atividades desse evento religioso, o que nos leva a entender que a função da religião na família é

Produzir indivíduos autônomos que, por sua vez reproduzem os valores preeminentes do núcleo familiar. O eixo central da família é, assim, fundado sobre uma tensão estruturante: para que os indivíduos se tornem autônomos é preciso um afastamento do núcleo de origem (HEILBORN, 2005, p. 10).

O que se observa até o momento é que não se pode afirmar que haja um enfraquecimento ou até mesmo o desaparecimento da instituição familiar e, sim, que, diante do que vem sendo exposto e constatado pelo Censo (IBGE/2010), há uma transformação e uma alteração no formato de família e nas relações de gênero, oriundas deste novo contexto social, permanecendo e fortalecendo-se cada vez mais como competência e responsabilidade da mulher de transmitir os valores religiosos para os filhos, pois ela possui uma autoridade espiritual dentro da família, aspecto esse herdado da cultura patriarcal. É ela quem reza, quem faz a promessa, para seus filhos e marido, enfim frequenta grupos religiosos, para resolver e evitar problemas familiares. Esse aspecto exemplifica uma característica da família, no contexto da sociedade patriarcal, onde cabe à mulher<sup>50</sup> o desempenho do papel de protetora espiritual da família. Daí o uso constante do provérbio bíblico: “A mulher sábia edifica sua casa, mas a tola a derruba com as próprias mãos” (PROVÉRBIOS, 14:1).

Ao retornar à sua vida cotidiana nas cidades de origem, após participar da romaria, a mulher romeira e sua família trazem dentro do coração a sensação de quem, após passar por um sacrifício, recebeu as bênçãos do Bom Jesus da Lapa, fortaleceu a sua fé e confirmou a sua promessa para retornar no próximo ano. O ato de participar da romaria e conviver com outras famílias proporciona um crescimento espiritual e o fortalecimento da fé, fazendo com que os romeiros, ao retornarem para suas casas, assim como no ambiente de trabalho, passem a ter uma proposta nova de vida cuja prática faça refletir e reafirmar a importância da religião na família. De acordo com Araújo (2009), o caminhar dos romeiros em direção ao sagrado é um momento de construção de relações interpessoais e sociabilidades, remetendo ao coletivo. Esses fatores tornam as pessoas mais humanas e próximas umas das

---

<sup>50</sup> Conforme Del Priore (2013, p. 12), “Pobre ou rica, a mulher possuía, porém um papel: fazer o trabalho de base para todo o edifício familiar – educar os filhos segundo os preceitos cristãos, ensinar-lhes as primeiras letras e atividades, cuidar do sustento e da saúde física e espiritual deles, obedecer e ajudar o marido. Ser, enfim, a ‘santa mãezinha. Se não o fizesse, seria confundida com um ‘diabo doméstico’. Afinal, sermões difundiam a ideia de que a mulher podia ser perigosa, mentirosa e falsa como a serpente. Pois ela não havia conversado com uma no paraíso? O modelo ideal era o de Nossa Senhora. Modelo de pudor, severidade e castidade”.

outras, contribuindo para a desconstrução de paradigmas sociais contemporâneos que priorizam a individualidade, deixando de lado a afetividade e as relações humanas.

No espaço da Romaria do Bom Jesus são construídos laços afetivos, que eles denominam de família espiritual. São irmãos/ãs, companheiros/as de caminhada que convivem com a família nuclear, monogâmica e patriarcal, característica das famílias que participam desse evento religioso. As mulheres entrevistadas, na faixa etária entre 50 e 70 anos, pertencem a esse tipo de família e compreendem a Romaria do Bom Jesus da Lapa como uma grande família. Esse aspecto será analisado, logo abaixo, dando continuidade a este estudo.

### 3.2. A ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: EXEMPLO DE UMA GRANDE FAMÍLIA

Faremos aqui um recorte para apresentar o nosso cenário de estudo, que é a Romaria do Bom Jesus da Lapa como exemplo de uma grande família, pontuando a identidade de gênero feminina, no contexto das famílias oriundas da sociedade patriarcal, agrupando as mulheres romeiras e as coordenadoras de romaria entre as que mais se aproximam ou se distanciam do patriarcado. Na concepção de Reis (2001, p. 9),

Diferente da ideia de patriarcado, que propõe uma rigidez, um modelo onipresente, e mulheres e homens com identidades fixas, as fronteiras de gênero propõem movimento e construção. Isso não quer dizer que as denominações “patriarcado” ou “patriarcal” serão abandonadas, mas resignificadas (REIS, 2001, p. 9).

De acordo com Araújo (2009, p. 58), “partir em romaria é experimentar a dinâmica de sair da própria casa para visitar a casa do santo, e rezar junto com todos os que lá se encontram”. A autora ressalta que, desde o momento do planejamento, sua realização e retorno, a romaria proporciona às mulheres romeiras e sua família momentos de partilha e convivência harmônica. Por isso eles compreendem a Romaria do Bom Jesus da Lapa como exemplo de uma grande família. No decorrer de cada ano existe um processo de fortalecimento das relações interpessoais entre as famílias que participam da romaria, construindo e reconstruindo laços afetivos, de união e de amizade, estabelecendo a permanência

naquele espaço. O resultado da análise das falas das mulheres entrevistadas evidencia que elas visualizam a Romaria do Bom Jesus da Lapa como exemplo de uma grande família. Essa afirmação se ilustra através da gravura abaixo, que demonstra a organização das famílias para participar da Romaria do Bom Jesus. Um traço bastante característico dessas Romarias é o ato de confeccionarem camisetas com o nome da Romaria e o local de origem. Essa prática não só demonstra união e igualdade, devido a todos se vestirem da mesma maneira, como também servem como forma de identificação das pessoas.



FIGURA Nº 23: Participação da Família na Romaria do Bom Jesus da Lapa - Fonte: A autora

Sustentando a afirmação e a figura mostrada acima, a Romeira da Bahia diz que “às vezes a gente pensa que família que a gente tem é só a que tem em casa, mas não é. A gente se reúne com os amigos, eu mesmo assim, não sei os outros, mas eu considero como uma família. É uma família, muito unida e forte na fé” (RB1). A Romeira de Minas Gerais dá também sua opinião:

A romaria do Bom Jesus da Lapa nos faz sentir uma grande família. Considero uma família, por causa do entrosamento que nós temos. Porque um procura entender o outro, então a gente se considera uma família. Porque, se nós não nos considerarmos uma família, não tem como aquilo florir, pra ser uma viagem alegre, ser uma viagem que você vai em busca de uma alegria, aí se torna uma viagem sem sentido, eu acho que a gente fica sem sentido, quando você vai fazer uma coisa que não entende aquilo você fica assim ... então eu acho que esse entendimento entre os romeiros traz muita facilidade no entrosamento da gente, enfim isto aqui é minha família. (RMG1)

Os relatos da romeira da Bahia e da romeira de Minas Gerais se distanciam da família patriarcal<sup>51</sup> e apresentam traços da família contemporânea (poderíamos mencionar como não patriarcal), referida na introdução deste capítulo e apresentado através do aporte teórico de Giddens (1993), onde ele cita o 'amor confluyente', no qual as relações de gênero são equilibradas, havendo uma igualdade no amor e recebimento emocional. Retomanos o pensamento de Giddens (1993, p. 763), quando ele pontua o amor confluyente como um traço presente na família contemporânea.

Presume igualdade na doação e no recebimento emocional, e quanto mais for assim, qualquer laço amoroso aproxima-se muito mais do protótipo do relacionamento puro. O amor só se desenvolve até o ponto em que cada parceiro está preparado para manifestar preocupações e necessidades em relação ao outro e está vulnerável a esse outro (GIDDENS, 1993, p. 73).

As falas apresentadas por elas sintetizam o que todas as mulheres entrevistadas disseram sobre a Romaria do Bom Jesus da Lapa, como exemplo de uma grande família, relacionando a sua família terrena com a família espiritual, o que nos remete à igualdade na doação e no recebimento emocional, citado por Giddens (1993, p. 73). Segundo Duarte (2006, p. 72),

Há, ainda, como se verifica, valendo-se das observações empíricas precedentes, uma reverberação organizacional, prática, dessa correlação cosmológica entre família terrena e espiritual que inspira uma cobrança de correspondência entre a vida familiar real dos fiéis e a vida de sua família espiritual, representada pelas congregações concretas ou pelo pertencimento genérico à Igreja. Nesse caso, essa cobrança se exerce, inevitavelmente, sobre a dimensão 'neofamília', na qual se assentam os sujeitos que devem se desincumbir ativamente de sua atualização moral (DUARTE, 2006, p. 72).

Assim como Duarte (2006), Machado (2006) ressalta a importância da família no campo espiritual, uma tendência que o indivíduo tem de ampliar e fortalecer seus laços, através de uma escolha religiosa; são aspectos que se distanciam do patriarcalismo, pelo fato de os sujeitos terem liberdade de escolha e pertença religiosa. Tal observação se referenda através das falas das romeiras, representadas pelas mulheres dos Estados de Minas Gerais e da Bahia, pelo fato de

---

<sup>51</sup> Corrêa (1981, p.06) nos diz: "A história das formas de organização familiar no Brasil tem se contentado em ser a história de um determinado tipo de organização familiar e doméstica – a 'família patriarcal', um tipo fixo onde os personagens, uma vez definidos, apenas se substituem no decorrer das gerações, nada ameaçando sua hegemonia, e um tronco de onde brotam todas as outras relações sociais".

serem os dois Estados que mais têm participação de pessoas na Romaria, conforme dados fornecidos pela Central de Atendimento ao Romeiro do Santuário de Bom Jesus da Lapa (em anexo C, D e E).

Diante do exposto, nós nos ateremos, neste momento, a analisar três pontos-chave: primeiro, o perfil das famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa, entre as que mais se aproximam ou se distanciam do patriarcado; segundo, a família como elemento de motivação da participação da mulher na Romaria do Bom Jesus da Lapa; e, por último, a Romaria do Bom Jesus da Lapa como espaço educativo da família.

### 3.2.1 Perfil das famílias que participam da romaria do Bom Jesus da Lapa

Quando estudamos família, nosso objetivo é analisá-la como um todo, ou seja, como um sistema único e igualitário. Não nos reportamos a entender as características específicas de cada um dos seus membros. Sabemos que isso hoje já não é possível, portanto, ao mencionar o perfil das famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa, estaremos apontando traços comuns dentro de uma amostra participante da pesquisa, ressaltando que a convivência familiar, nos espaços da Romaria do Bom Jesus da Lapa, é determinada e ressignificada através da cultura, como já mencionado anteriormente. A gravura abaixo exemplifica o perfil das famílias entrevistadas.



FIGURA Nº 24: Família nuclear extensa - Fonte: A autora

A ilustração acima nos mostra três gerações que participam, há mais de 30 anos, desse evento religioso, exemplificando a família nuclear extensa brasileira e, por que não dizer, mineira, formada por pai, mãe, filhas e netos, e todos estão juntos não só no espaço da Romaria, mas além dele, pois “a família nuclear torna-se um abrigo para os sentimentos intensos em um mundo onde a competição rege as demais relações” (LASCH, 1991, p. 157). Há o predomínio da complementariedade na hierarquia entre os sexos e as gerações e na centralidade dos filhos, na família conjugal moderna. Como espaço de convivência, a família “constitui uma arquitetura complexa, e é nesse equipamento cultural e conjunto de práticas linguísticas que se criam aprendizados efetivos e incorporados” (SANCHES, 2012, p. 46). Portanto, percebemos que, no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, permeiam perfis de família que se aproximam e que se distanciam do patriarcado.

A família nesse contexto tem múltiplas funções, desde o subsídio moral, afetivo, religioso até o financeiro, a fim de que torne os seus membros sujeitos autônomos. Portanto, “numa sociedade onde o valor de referência é derivado do eu, a família é importante na medida em que possibilita a cada membro constituir-se como sujeito autônomo” (FÉRES-CARNEIRO, 2002, p. 13). Essa afirmação, por exemplo, que referenda o distanciamento do patriarcalismo naquele evento religioso, não se coaduna com o conceito de patriarcado. Essas questões se tornam bem visíveis ao se analisar os dados da pesquisa de campo, onde aparece bem nítido o perfil das famílias que participam da romaria. Os dois aspectos, aproximação e distanciamento, se apresentam, através das falas da Romeira e da coordenadora de Romaria do Estado de Minas Gerais:

Eu me casei com um rapaz também baiano, filho de gente amigo, que morava aqui perto da gente, e desse casamento eu tive 6 filhos, 5 homens e 1 mulher. Estão todos criados, todos casados, tive um casal de gêmeos, já sou bisavó, e até hoje eu moro com meu esposo, estou com 62 anos de casada. Meus filhos casaram todos, e eu moro com ele em casa, mas tenho dois filhos, a filha mora de um lado, e o outro filho mora do outro, tudo pertinho de mim. Mais dois que mora no outro bairro lá pra cima, e tenho um que mora em Brasília, os outros moram todos aqui comigo, todos são casados, já tenho um aposentado, e já tenho outra também querendo aposentar, e todo mundo já está chegando à idade de aposentar, e aqui foi onde eu construí minha família, e aqui eu fiquei, e aqui foi onde eu fiz meus amigos, e aqui eu estou vivendo, e aqui eu acho que por aqui eu vou ficar. (RMG1).

Quando a romeira de Minas Gerais relata que se casou, teve filhos, cuida do marido e dos filhos, acompanha a vida dos filhos e dos netos, nos aponta a



aproximação da família patriarcal, em que, pela divisão de papéis própria desse sistema, cabe à mulher o cuidado do marido e dos filhos, além dos afazeres domésticos. Já o relato da Coordenadora de Romaria de Minas, nos remete à percepção do distanciamento do patriarcalismo:

Me casei, tive 5 filhos do primeiro casamento e venho levando a vida aí, com filho, netos, bisneto e depois fiquei viúva, tornei-me a casar, mais não tive filhos do segundo casamento, me dei muito bem com a família dele, com os filhos dele, é mesma coisa que meus filhos e os netos é mesma coisa que meus netos, a família toda é unida, tanto a minha quanto a dele, graças a Deus, tudo unidas e eu continuo a vida como estou (CRMG1).

Essa coordenadora expressa que se casou duas vezes, que o primeiro marido morreu. Depois ela se casou novamente com um viúvo, igual a ela. Esse tipo de família em que ela se insere é denominado de famílias recompostas, oriundas da contemporaneidade.

Pontuamos algumas considerações sobre o perfil das famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa: todas são casadas na Igreja Católica, possuem uma média de 05 filhos, netos e bisnetos. Somente a Romeira da Bahia relata: “sou viúva, tenho doze filhos. Meus filhos moram espalhados pelo mundo, uns em São Paulo, outros em Salvador, todos trabalham e cuidam da sua vida, eu ajudo com uma coisinha. São seis casais, tenho três que moram perto de mim” (RB1). Pelos relatos dessas mulheres romeiras e coordenadoras de romaria, percebemos traços característicos próximos da família patriarcal, ficando bastante nítida toda a organização familiar, a valorização do casamento, da família extensa, baseada na hierarquia existente entre os seus membros, no que diz respeito à mulher para com o marido e dos filhos para com os pais. No caso do relato da romeira da Bahia, que é viúva, também se vêem traços do patriarcalismo, em que a mulher assume a função de chefe de família, após a morte do marido. Rocha (1989, p. 214), pontua traços da família nuclear antiga respaldada pelo patriarcalismo, em detrimento da contemporânea.

Na família antiga, hierarquizada e fortemente integrada, o indivíduo vivia mais em função do grupo familiar. A família nuclear contemporânea tem em vista promover o bem das pessoas e é em função destas que o grupo familiar se constitui e vive (ROCHA, 1989, p. 214).

A proposição de Rocha (1989), pontuada acima, elucida o perfil das famílias participantes desta pesquisa. As famílias que participam da Romaria do Bom Jesus

da Lapa estão incluídas na categoria de família nuclear. Porém, no espaço da romaria elas trazem elementos da contemporaneidade pelo fato de não estarem isoladas. Assim, tanto elas se distanciam como se aproximam da família patriarcal. De acordo com Machado (2006, p.104), são várias as características da família que participa da Romaria, pois:

Durante todo o século XX, o ideal de família cristã no Brasil foi a família católica e nuclear composta por pai, mãe e filhos. Na perspectiva da igreja hegemônica, esse pequeno grupo doméstico está associado basicamente à função reprodutiva tanto física quanto cultural, e por isso temas como contracepção, divórcio, aborto e homossexualismo foram, e ainda são parcialmente, extremamente ameaçadores à instituição católica (MACHADO, 2006, p. 104).

Machado (2006) confirma os aspectos da família patriarcal, presentes naquele evento religioso. Participar da romaria leva as famílias a uma experiência de vida com o sagrado e com o outro que a cada ano é fortalecida pela fé e devoção ao Bom Jesus da Lapa. Essas famílias se abrem a uma vivência de pessoal para a coletiva nesse espaço, havendo uma transferência do lar e de alguns pertences familiares para as rancharias<sup>52</sup>, conforme ilustração abaixo.



FIGURA Nº 25: Rancharia – alojamento dos romeiros - Fonte: A autora

Nas rancharias, as famílias que participam da Romaria vivem uma dinâmica de grupo que elas intitulam de grande família, conforme já mencionado anteriormente. Isso faz com que os devotos saiam de sua privacidade familiar e passem a ter relações com outras famílias dentro do mesmo local, em torno da

<sup>52</sup> Denominação dada aos locais onde os romeiros com suas famílias se alojam durante a Romaria.

mesma fé, estreitando e fortalecendo os laços, devoção e amizade, juntando-se aos outros e formando uma família espiritual. Cordeiro (2008) ressalta que o tipo de hospedagem em casas de famílias significa, para os romeiros, além da economia e privacidade, um maior entrosamento com as pessoas do lugar e uma maior segurança já que, geralmente, o dono da casa permanece na residência durante o período da romaria e pode controlar melhor o acesso de pessoas não hospedadas, fortalecendo os laços de confiança e amizade.

O que observamos, durante a pesquisa, é que essas famílias que se alojam nas rancharias, assim como as que se hospedam em casas de família, trazem traços característicos do sistema patriarcal, em que a hierarquia entre os sexos é visível, cabendo aos homens chefiar, fazer toda a função externa, no caso fazer as compras de alimentos, bem como resolver problemas internos existentes na casa, mesmo que a coordenação da romaria seja da mulher, cabendo à mulher cumprir as determinações do marido. Na concepção de Ribeiro (2014, p. 93), “embora ali a maioria das mulheres esteja inserida no mercado de trabalho, a família naquele universo não foge ao estilo tradicional de família nuclear moderna, com clara divisão de papéis, típica do sistema patriarcal vigente em nossa cultura”.

Para Steil (1996, p. 136), a romaria não é apenas uma sensação subjetiva e individual da continuidade da vida, mas um mergulho coletivo em um acontecimento social total. “Nesse sentido, a romaria se apresenta com dupla face: uma religiosa e outra sociológica, pois contribui para um encontro com o sagrado no qual o indivíduo reivindica uma resposta para seus anseios pessoais”, bem como “se apresenta ainda como um sistema de comunicação que possibilita” aos romeiros “entrar em contato com sua cultura e reinventá-la com os meios de que dispõem” (STEIL, 1996, p. 202). Esse autor cita as especificidades do grupo de romeiros que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa:

Aquelas pessoas que há mais de vinte anos faziam sua peregrinação para Lapa estavam inseridas dentro de uma rede de relações que atravessava a comunidade local e se sobrepunha a outras relações como a de compadrio, vizinhança e parentesco [...] A jornada especial para a Lapa criava um elo especial entre aqueles peregrinos que perdurava fora do contexto da romaria, estabelecendo uma rede de relações e de confiança da própria comunidade (STEIL, 1996, p. 95).

As relações de compadrio, de vizinhança e de parentesco, apresentadas pelo grupo mencionado por Steil (1996), são características oriundas do patriarcalismo,

Base agrária, latifundiária, escravista, poder pater – famílias. A ele estavam subjugados todos que dependiam de sua benevolência, desde esposa e filho até parentes, vizinhos e amigos. Formava-se uma rede de indivíduos ligados por interesse e dependência várias. Era o clã rural como célula essencial na organização social e política (GORENSTEIN , 2005, p. 235).

A romaria se torna um ponto de encontro homogêneo entre pessoas e famílias de diversos lugares, principalmente as da zona rural e das regiões mais próximas a Bom Jesus da Lapa, com costumes diferentes, que conjugam, porém, uma mesma fé. Na romaria, todos os anos a experiência com o sagrado acontece na coletividade, pois todos se organizam em torno de um grupo para peregrinar até um santuário, onde se encontra o santo protetor. É uma congregação de romeiros, o que por si só já remete ao coletivo, ao comunitário e ao familiar, conforme o relato da coordenadora de Romaria de Minas Gerais: “Estamos aqui de laços entre o pai e mãe, quem é o pai e quem é a mãe? O pai é Deus e a mãe Nossa Senhora e somos irmãos, se somos irmãos, vamos respeitar um ao outro, portanto somos uma grande família” (CRMG1). Podemos classificar esse relato como uma característica da família patriarcal, onde o respeito pelo pai, pela mãe e uns com os outros é referendado. Segundo Castells (2010, p. 169), “enquanto forma tradicional de dominação masculina, o patriarcalismo é caracterizado pela autoridade, institucionalmente imposta, do homem sobre mulher e filhos no âmbito familiar.

Diante disso, cada uma dessas famílias ocupa um ou mais de um espaço, naquele local, que é demarcado pela coordenadora de Romaria e mantido por todo o tempo em que participam da romaria, conforme ilustração abaixo e comentário já pontuado acima:



FIGURA Nº 26: Casas de famílias que hospedam romeiros - Fonte: A autora

Essas casas são de famílias da cidade de Bom Jesus da Lapa que as alugam no período da Romaria para os romeiros e eles convivem no mesmo espaço. Alguns mudam para o quintal da casa, outros já se alojam num quarto. O mais interessante é que estão sempre juntos e essa relação já é estabelecida há muitos anos. As famílias demarcam o seu espaço na Romaria do Bom Jesus da Lapa. Eles identificam esses espaços como uma forma de manter a identidade do grupo e reforçar o sentimento de pertencimento das pessoas que participam daquele evento religioso. Essa proposição é exemplificada pela figura acima e confirmada através da fala da coordenadora de Romaria da Bahia:

Faz tempo que alojamos aqui, aqui sou bem atendida, a casa é boa, me sinto à vontade, pra mim é tipo minha casa. É, tem muitos anos e todo ano só aumenta mais esse grupo, a família que vem todo ano, aí cresce mais um, mais outro. E aí nós somos uma grande família que tem na amizade a nossa maior riqueza, daí o nome da nossa romaria (CRB1).

A família presente no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa possui características peculiares e as relações assumidas, através dos papéis desempenhados entre a esposa e o marido, são de submissão e subordinação em alguns momentos e em outros de emancipação. Conforme observamos a partir dos dados da pesquisa de campo, existe mais submissão da mulher para com o marido, traço oriundo da sociedade patriarcal, contexto em que “as estruturas hierárquicas baseiam-se em compreensões generalizadas da relação pretensamente natural entre homem e mulher” (SCOTT, 1996, p.14).

Outro ponto a se destacar é que, por conta da devoção de todos os membros das famílias dessas mulheres entrevistadas, eles participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa ou já participaram, mas o que para essas mulheres romeiras é importante é que todas conhecem a Lapa do Bom Jesus. Segundo o depoimento da Romeira de Minas Gerais,

Bom, os meus filhos, até antes de casar, assim, no meu caso que tenho cinco filhos, foi assim muito satisfatório nossas conversas, nossos diálogos, eles também foram criados assim desde de pequeninhos participando dessas romarias, assim que nasciam com quinze, trinta dias já estávamos na estrada e então assim eu nunca tive tanta dificuldade em trazê-los, não, sabe, hoje eles também têm muita fé e devoção no Bom Jesus. Ultimamente o que tem assim dificultado mais é depois, assim, de casado, né, já tem esposo, esposa, já tem os compromissos, então hoje o trabalho já dificulta a vinda deles, dessa vez mesmo, foi a primeira vez que eu vim com dois filhos né, sempre eu venho com os cinco filhos, com os netos, com as noras e genros, então assim devido o trabalho deles, não foi possível, a gente vir juntos dessa vez (RMG4).

A fala da romeira de Minas Gerais nos direciona a aspectos da família patriarcal; “não obstante, o termo patriarcalismo remeta de imediato à dominação do homem sobre a mulher e os filhos, no núcleo familiar, não se prende somente a isto. O patriarcalismo engloba todo um universo de valores e de estrutura de poder que vai além do universo domiciliar” (BRÜGGER, 2007, p. 46). Em um dado momento, a fala da Romeira de Minas Gerais nos mostra que o papel da mulher é cuidar dos filhos, aproximando-se do patriarcalismo. Já em outro, ela nos indica um distanciamento do patriarcalismo e enfatiza traços da família contemporânea, onde as dificuldades de participação de toda a família, na romaria do Bom Jesus da Lapa, são concernentes a questões de trabalho. Esse sistema que tem como base fundamental a família, na visão de Castells (2010, p. 170), vem sendo duplamente contestado desde o final do século XX, por dois processos inseparáveis que são: a transformação do trabalho feminino e a conscientização da mulher.

Assim como a romeira e as coordenadoras de romaria dos Estados de Minas Gerais e da Bahia, muitas dessas pessoas participam da romaria com a família. Todos não só apoiam como ajudam, como já mencionado anteriormente. O que difere aqui é que a família (marido/filhos) vem para ajudar a coordenadora a cuidar dos romeiros e a orientá-los, no período em que estão na Romaria do Bom Jesus da Lapa, devido ao fato de que esses romeiros, na sua grande maioria, são idosos e mulheres. Em grande parte, eles vêm acompanhados da sua família e sempre estão juntos, participando de todas as coisas, principalmente das atividades religiosas. A coordenadora da Romaria do Estado de Minas Gerais diz:

É muito difícil, é bem puxado. A gente pôr cada qual em um lugar para se alojar, ou eu faço isso aqui e outra coisa ali e eu vou dividindo o tempo com eles. Eu cuido da responsabilidade de casa, dos filhos, a responsabilidade da viagem e dos romeiros que são meus amigos, na verdade eu sou o guia deles aqui na Lapa (CRMG1).

Outra Coordenadora de Romaria de Minas Gerais nº2 corrobora o que diz essa coordenadora acima::

Eu cuido das coisas de casa, depois que termino é que vou ajeitar a viagem, minha filha faz as anotações para mim, ela me ajuda. Vem toda a família, meu filho mesmo está com dois anos que ele não vem porque ele viaja, né, agora mesmo ele está pra São Paulo, está trabalhando, mas os outros eu trago, às vezes eu venho duas vezes no ano, eu trago tudo. Todo mundo, toda a minha casa (CRMG2).

Essa coordenadora de romaria de Minas demonstra a dificuldade que a mulher encontra em conciliar as atividades de trabalhos concernentes ao ato de cuidar de casa (privado) com o trabalho fora de casa (público). A fala da coordenadora de romaria da Bahia se inclui no contexto que se distancia da família patriarcal, num aspecto, e se aproxima em outro, em que retrata os atos de cuidar das coisas de casa, de competência da mulher.

A Coordenadora de Romaria da Bahia afirma:

Minha família aceita É uma maravilha. Eu criei seis filhos e tenho um filho que agora está com dezesseis anos, mas ele também me dá o maior apoio, mas ele não pode vim porque ele ia fazer uma prova, aí ele poderia perder de ano, mas o motorista na volta vai trazer ele. Ele ama isso aqui. Ele tem muita fé, ele fez um exame e deu que ele estava com problema de coração, aí eu entrei em desespero, mas eu me apeguei a Bom Jesus, aí o pai falou assim, que o exame era bom voltar pra fazer, eu fiz o pedido e obtive a graça (CRB1).

Tanto as coordenadoras de romaria do estado de Minas Gerais, como as da Bahia enaltecem o apoio e a ajuda da família, na atividade que exercem. Percebemos que elas estão respaldadas nas concepções próximas ao patriarcalismo, pois fica bem expresso o respeito e a obediência dos filhos para com os pais. O sistema patriarcal “corresponde a uma organização social que se rege por dois princípios básicos: as mulheres estão hierarquicamente subordinadas aos homens, assim como os mais jovens estão hierarquicamente subordinados aos homens mais velhos” (WERBA, 2004, p. 170)

Quanto aos afazeres domésticos, também são divididos e delimitados por sexo, continuando a referendar as características da sociedade patriarcal, cabendo à mulher cuidar dos filhos e fazer a comida, pois a maternidade é uma referência importante para a mulher romeira. “Ser mãe é uma só, podemos pensar que a ideia básica é a de que ela seja a pessoa mais habilitada a cuidar do seu filho e seja, então, a pessoa mais responsável pelo seu bem-estar físico e emocional” (FALCKE, 2002, p. 81). A figura abaixo ilustra essa afirmação:



FIGURA Nº 27: Romeiras cuidando dos afazeres domésticos - Fonte: A autora

A figura acima nos mostra o cotidiano da mulher/mãe e romeira no período em que estão na Romaria. Enfim, o lugar que a mulher ocupa na família e os papéis que desempenha são divididos de acordo com as concepções biológicas e construtos socioculturais de gênero. Nesta tese, em alguns momentos se aproximam e em outros elas se distanciam do patriarcalismo, pois às mulheres romeiras cabe fazer todo o trabalho do lar, cuidar dos filhos, manter as tradições e os hábitos religiosos, no espaço da romaria e para além dele: “Ah! Faço comida pros romeiros, faço café, gosto de servir eles, mas é muito bom, muito gostoso, o pessoal acha muito bom, a viagem muito boa, faço as mesmas coisas que faço na minha casa” (RMG2).

Através da fala da romeira de Minas Gerais, constatamos que o papel de cuidar da casa, preparar a comida, na Romaria do Bom Jesus da Lapa, é de competência da mulher. Já os homens são sempre servidos, têm a autoridade no lar como seu principal atributo, pois também é uma competência da mulher cuidar do marido; “a participação da vida do marido leva conseqüentemente à subordinação na obediência, conforme ordenada pela palavra de Deus” (STEIN, 1999, p. 58).

Essas proposições referendam a identidade de gênero feminino, típica da sociedade patriarcal. Além disso, demonstram a importância da família nos dias atuais; principalmente naquele espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Ela tem uma função peculiar, que é motivar a participação da mulher nesse fenômeno religioso. Mais adiante, nós nos adentraremos nessa discussão, partindo do seguinte questionamento: Como os membros da família motivam a mulher (mãe/esposa) a participar da Romaria?



### 3.2.2 A família como elemento de motivação da participação da mulher na romaria

No contexto social em que vivemos, faz-se necessária uma concepção diferenciada que seja coerente com o novo perfil da família na atualidade, principalmente no que concerne às questões de identidade de gênero feminina, pois precisamos nos adequar, no que concerne ao desempenho de ser mãe e pai neste momento. Mesmo que algumas mulheres entrevistadas tragam traços característicos da família patriarcal, já citado em diversos momentos desta análise, o que se entende é que há um novo contexto desse tipo de família, pois, afinal, a sociedade não é a mesma; ela passa por constante transformação. Segundo Fiorenza (1985, p. 12),

a separação patriarcal entre a esfera masculina pública e o domínio feminino privado produz um sistema separado de economia para as mulheres nas sociedades ocidentais. O sistema de economia da mulher baseia-se no pressuposto de que toda família fundamenta-se no pai ideal que ganha o sustento para a família. As consequências desse sistema separatista entre o homem e a mulher, faz com que ocorra “uma crescente feminização da pobreza e a miséria das famílias governadas por mulheres (FIORENZA 1985, p. 12).

Um dos determinantes dessa transformação social foi a entrada da mulher no mercado de trabalho e a divisão do orçamento doméstico. Algumas delas passaram a trabalhar fora do lar, outras trabalham dentro, dividindo o seu tempo entre os afazeres domésticos, cuidar dos filhos e trabalhar para fora. Como exemplo dessas atividades, temos as costureiras, as bordadeiras, as lavadeiras, dentre outras.

Em nossa pesquisa empírica, percebemos em alguns momentos, através das falas das romeiras e coordenadoras de romaria, a dominação que sofrem por parte do marido, as torna meras reprodutoras e submissas. Muitos desses maridos não deixam a mulher trabalhar fora, mas ela vê a necessidade de ajudar no orçamento doméstico. Por isso procuram exercer uma atividade que lhes dê uma renda, sem sair de casa. Em outros momentos nos deparamos com uma realidade de família mais ajustada à atualidade e distante do patriarcalismo, principalmente no tocante às questões do trabalho feminino e das atividades religiosas, pois, “quanto mais nos aproximamos da influência da religião no comportamento dos indivíduos, mais percebemos que há novos fenômenos em curso” (ROHDEN, 2005, p. 181). A fala da Coordenadora de Romaria da Bahia exemplifica essa questão:

Meu marido trabalhava muito e fazia tudo na romaria, eu simplesmente cuidava da casa e dos meus filhos e acompanhava, hoje ele faleceu e ficou pra mim sozinha, aí eu acho que o trabalho muito. Cuidar, tratar meus passageiros bem, Com certeza. Graças a Deus até hoje não tive dificuldade, quando a gente tem amor a gente não ver dificuldade com nada, eu me sinto bem (CRB1).

Constatamos que a fala da coordenadora da Bahia elucida a questão pontuada anteriormente, pois algumas mulheres romeiras vivem, ou melhor, ainda hoje vivem, dentro do sistema de família patriarcal, onde a obediência e a submissão são aspectos marcantes. No entanto, a família é o elemento primordial na vida daquelas mulheres entrevistadas. Elas externaram que ter uma família é algo muito importante. Para elas, é uma bênção de Deus, pois é uma dádiva de amor e de companheirismo. A Romeira da Bahia assim diz: “Eu vejo os romeiros como se fosse mãe, irmã deles, eles é minha família É isso aí, como se fosse o filho cuidando da mãe, existindo um grande companheirismo uns com os outros” (CRB2). Elas relatam que recebem todo o apoio do marido e dos filhos para participarem da Romaria; quando eles não vêm junto, pedem que rezem por eles e tragam uma lembrancinha. É o que pode ser visto através da fala da romeira da Bahia: “Ah! Meu marido me dá a maior força. Dá, graças a Deus! Oh! Ele não veio esse ano, porque vai fazer uma cirurgia, então ele pediu para rezar para ele. Esse ano você vai e ano que vem você fica em casa e eu vou, não pode deixar a casa fechada, né?” (RB2). Conforme Gorenstein (2005, p. 235),

O patriarcalismo da família brasileira não estava relacionado ao tamanho e tipo de família, esse patriarcalismo, herdeiro do ibérico, que por sua vez era herdeiro do judaico, bíblico, no qual o poder masculino já se expressava claramente, e herdeiro também do patriarcalismo clássico, onde o poder masculino utilizava inclusive a violência física. Poder masculino e pátrio poder: mulher e filhos submissos. (GORENSTEIN , 2005, p. 235)

Outro aspecto a ser analisado é a fé que motiva a participação das famílias, tendo como referência a proteção espiritual da mãe/mulher, o que impulsiona o restante dos seus membros a incentivar a participação dela. No entanto, a fé aqui é entendida como “a manifestação do divinamente eterno, princípio que rege o nosso sistema de crença” (PEREIRA, 2003, p.45). É importante ressaltar que, entre 2012/2013, a Igreja Católica dedicou um ano à fé. Por conta disso, o tema da Romaria foi: “Senhor Bom Jesus, aumenta a nossa fé” (Lc 17,5).

Tanto a fé como a manutenção da tradição<sup>53</sup> são elementos-chave na motivação das famílias cujas mulheres participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa. A Romeira de Minas Gerais confirma isso: “Comecei, foi através dos meus pais. Mas, quem começou mesmo, é... Meus avós e aí vieram meus pais, inclusive, fui batizada aqui na Lapa com 11 (onze) dias de nascida, hoje já tenho 73 anos, vindo todos os anos” (RMG1). Da mesma forma pensa a Romeira da Bahia: “Fui motivada a participar da romaria pela minha mãe, meus avós; meu pai quando faleceu eu tinha 12 (doze) anos, foi minha mãe que me ativou a caminhar sempre pra aqui pra Lapa e vou caminhar até morrer” (RB4). As falas mencionadas abaixo, das Romeiras de São Paulo e do Espírito Santo, confirmam a manutenção da tradição<sup>54</sup> e a importância em manter a continuidade da participação dessas famílias nesse evento religioso:

Desde pequena eu participava com meus pais. já é um costume da minha família, né, minha mãe, meus avós, né, e todos os anos ela vinha e a gente desde de pequeninos também, né, vem aqui no Bom Jesus e hoje meus pais já são falecidos e nós temos assim continuado, ela começou a visitar o Bom Jesus através dos meus avós e quando eu nasci, né, ela já tinha esse costume dando continuidade a essa devoção, todos nós aprendemos com eles (RSP).

O meu princípio já foi ensinado pelos meus pais porque já cresci fazendo romaria, comecei com nove anos de idade em Congonhas do Campo, também Porto Seguro e na Penha, Nossa Senhora da Penha, em Vitória, em Trindade, Góias, e aqui em Bom Jesus da Lapa mesmo é que venho todos os anos. Ele acompanhou, no caso, meu avô, que era o sogro dele. (RES2).

Conforme a fala dessas romeiras, pode-se observar que a família é um elemento motivador da sua participação e frequência na Romaria de Bom Jesus da Lapa. Tanto no relato da romeira de São Paulo, como a da romeira do Espírito Santo retratam traços da família patriarcal, em que a submissão e a dominação, mesmo a religiosa, advêm do poder do homem para com a mulher e do homem para com os filhos. Elas nasceram e cresceram vivenciando o deslocamento de sua família para a Lapa do Bom Jesus. Consoante Freitas (2008, p. 72), esse sistema ainda perdura em nossa sociedade nos dias atuais, bem como no espaço da romaria do Bom

---

<sup>53</sup> Conceito já mencionado na página 142, segundo capítulo deste estudo. A tradição, aqui é vista como uma forma de permanência da romaria como uma das manifestações do catolicismo popular, que passa de pai para filho e de uma geração a outra. Ressaltamos que existe uma diferença entre tradição e costume, esse aspecto encontra-se elucidado no segundo capítulo deste estudo.

<sup>54</sup> ; Para maior aprofundamento ver Hobsbawn (2002)

Jesus da Lapa, “tanto a mulher como os filhos e os seus bens são todos [considerados] ‘propriedade’ do homem”.

Goode (1970, p. 17) afirma que a família “é a base instrumental mais importante da estrutura social inclusiva, pois o desempenho de um papel que é aprendido na família se torna o modelo ou o protótipo do desempenho dos papéis exigidos nos outros segmentos da sociedade”. Com fundamento nessa proposição destacamos um último aspecto que nos chamou bastante a atenção, que é a motivação dos filhos, pois, se analisarmos no patamar da manutenção da tradição, eles estão transmitindo o que aprenderam com seus pais, o que implica que há uma perpetuação da presença daquelas famílias das mulheres entrevistadas no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, conforme relata a Romeira de Minas Gerais:

Então, para falar do Bom Jesus das romarias, tenho que falar na minha mãe também, porque o meu sofrimento era muito grande quando ela morreu, então mandaram que eu fizesse alguma coisa em homenagem a ela, por que ela me incentivava a vim todo o ano, como ela gostava de viajar para Lapa, eu passei a vim na romaria em homenagem a ela e em louvor ao Bom Jesus e outros Santos pro onde eu vou com meu pessoal (RG1).

O relato da romeira de Minas Gerais confirma uma característica da família patriarcal, em que o respeito e a obediência dos filhos para com os pais é um aspecto determinante. Conforme Ribeiro (2014), levando em conta que nossa sociedade se assenta nos moldes patriarcais e sendo a cultura um reflexo desse sistema, isso leva a influenciar os princípios e valores ligados à família. De fato, conforme se comprova nas falas dessas romeiras, a família é um elemento central de motivação. Todas as entrevistadas externaram que sua família dá total apoio para que participem da Romaria do Bom Jesus da Lapa e, ao chegarem à casa de volta, são recebidas com alegria.

Algumas romeiras dizem que o marido e os filhos fazem as atividades domésticas quando elas estão na Romaria. Nesse aspecto, verifica-se um distanciamento do patriarcalismo, aproximando-se mais da família contemporânea, em que a divisão do trabalho dentro de casa tende a ser igualitária. Assim, como diz a romeira da Bahia: “Sou muito bem recebida, chego lá tem bolo, tem boas comida me esperando. Hôch! Bem - vinda e é muito prazer pra mim e pra minha família, todos adora eu vim” (RB4). Outras já dizem que elas deixam tudo pronto e, quando chegam, têm que organizar tudo, mas se sentem realizadas por representarem suas famílias no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Esse tipo de comportamento

é um traço determinante da família patriarcal, em que é atributo da mulher cuidar dos afazeres domésticos. No que se refere à questão da identidade de gênero presente na romaria, quando há uma maior participação das mulheres do que dos homens, segundo Rohden (2005, p.193), observa o seguinte:

O pertencimento religioso, não afeta da mesma maneira homens e mulheres. Em função disso, é necessário que tenhamos clareza da necessidade de buscar as conexões ou, pelo menos, as diferenças relativas à dimensão das relações de gênero no exame das influências da religião no comportamento dos atores sociais (ROHDEN, 2005, p. 193).

Conforme explicitado nas falas das Romeiras, não podemos deixar de enfatizar o quanto as mulheres e suas famílias são motivadas pelos seus membros a participar desse evento religioso. Isso nos leva a compreender que a religião influencia o comportamento da sociedade, refletindo-se nas famílias que dela fazem parte. Diante do exposto, o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa pode ser analisado como local de educação e formação das famílias. A seguir, desenvolveremos esse aspecto.

### 3.2.3 A romaria como espaço educativo para a família

A família é o primeiro grupo social a que os seres humanos pertencem. Portanto, é por meio dela que os indivíduos recebem as primeiras orientações para viver em sociedade, tais como as normas, estilos de vida e todos os valores éticos, morais e religiosos. Enfim, os fatos básicos da vida, como nascimento, crescimento e morte, acontecem nessa esfera. A família “é o contexto natural para crescer e receber auxílio, pois ela cumpre o papel de garantir o pertencimento e promover a individualização do sujeito, que, por sua vez, elabora a própria identidade” (SANCHES, 2012, p. 43).

Nos dias atuais, a família vem alterando seus papéis e funções, conforme mencionado no início deste capítulo, pelo fato de a sociedade se modificar e estar em constante movimento, pois ela é o reflexo da família. São apresentadas alterações e manutenções, no que diz respeito aos papéis dos membros da família, oriundos da sociedade patriarcal, ou seja, na relação homem e mulher, havendo uma precedência do homem sobre a mulher e da família sobre a casa; ao homem é instituído culturalmente o status de ‘chefe de família’ e à mulher, de ‘chefe da casa’,

mantendo-se uma divisão na relação de autoridade dentro desse contexto. Outro aspecto encontrado atualmente nas famílias, mesmo que lentamente, é que, principalmente no que diz respeito à atividade dos pais, as mulheres mães partilham e participam da função de acompanhar e educar os filhos. Esse aspecto se distancia da sociedade patriarcal. Porém, isso não faz parte do universo das famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa, em que os papéis e as funções estão estabelecidos biologicamente dentro das famílias. Conforme Pitalugga (1971, p. 103),

A família de hoje não está mais isolada, fechada em um círculo restrito de seus próprios interesses privados: ela faz, obrigatoriamente, parte de um contexto geral e deve ser ligada a relações humanas mais vastas, que ajudem os filhos a inserirem-se positivamente na sociedade (PITALUGGA, 1971, p. 103).

Na Romaria do Bom Jesus da Lapa, a família e seus membros se desvinculam de todas as suas características individuais e se lançam a uma vivência comunitária em que se articulam/trocam valores morais, religiosos<sup>55</sup> e educativos que fazem parte da vida de outras famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa, que são tão esquecidos no mundo de hoje. Aprende-se a partilha desde o espaço para dormir até os alimentos, por exemplo. Aprende-se a ter espírito de solidariedade até a troca de conhecimento sobre a forma de conduzir a família, ou seja, educar os filhos. Ali, a vida individual ocorre de forma coletiva em que prevalecem não os próprios interesses, mas o interesse de uma coletividade que peregrina em torno de um mesmo ideal: a fé num determinado santo, no pagamento de uma determinada promessa ou até mesmo no agradecimento de uma cura, de um milagre, enfim, de uma graça alcançada de um modo extraordinário, pela força do Bom Jesus. A mulher romeira e sua família depositam sua fé, sua esperança, sua alegria, na certeza de pelo santo ou pela santa serem protegidas e ele ajudará a educar/conduzir sua família.

Durante a observação de campo e realização das entrevistas, pudemos constatar que ainda persiste, na maioria das famílias que ali frequentam e nas famílias das mulheres entrevistadas, uma característica latente, que se aproxima da

---

<sup>55</sup>Na concepção de Del Priore (2013, p. 11), “a igreja católica procurava assim universalizar suas normas para o casamento e a família. A mulher, nesse projeto era de fundamental importância. Cobia-lhe ensinar aos filhos a educação do espírito: rezar pronunciar o santo nome de Deus, confessar com regularidade, participar de missas e de festas religiosas”.

sociedade patriarcal: que a educação dos filhos ainda é atributo da mulher/mãe. Falcke (2002, p. 84) afirma que “o cuidado com os filhos e a responsabilidade pelo bem-estar emocional da família ainda aparecem como funções a serem desempenhadas pelas mulheres/mães”. Um aspecto a ser destacado é que as mulheres, nas suas entrevistas, mencionam a sua participação na Romaria como um elemento que ajuda na educação dos filhos, pois, na medida em que elas ouvem os ensinamentos dos padres e convivem com outras pessoas, trocam ideias com as colegas de romaria, vão aprendendo a lidar com a família e a entender os filhos. Segundo a Romeira do Espírito Santo:

A participação na romaria ajuda muito, porque os ensinamentos de união, de amor e de respeito que a gente recebe aqui no altar do Bom Jesus servem para a gente ser um bom exemplo pra passar pra família toda, pros filhos, pros netos. Como eu já tenho quatro netos, eu já incentivo eles naquilo que eu aprendo aqui, eu já passo para eles (RES2).

Outro traço preponderante naquele espaço é que uma grande quantidade de mulheres que participam da romaria são viúvas e chefes de família, o que referenda, em termos, uma das principais características da família brasileira, apresentada a partir do último Censo, e das características da transformação da família patriarcal. Mas as mulheres mantêm um traço próximo da família patriarcal: só assumem a chefia da família, após a ausência do marido, procurando manter e conduzir a família dentro dos preceitos estabelecidos por ele, o que nos leva a perceber que mesmo ausente, os seus ensinamentos são respeitados. Segundo Moura (1998), a família patriarcal tem todo o seu embasamento e fundamentação no sentido da hierarquia, no respeito ao pai e aos mais velhos, solidariedade de parentes, culto de família, de tradições, de nome, de honra. É o que acontece com as romeiras que muito cedo tiveram que cuidar dos filhos sozinhas, como afirma a romeira da Bahia:

Aqui na romaria, junto com o Bom Jesus, eu encontrei força para educar meus filhos e a minha família. Ajudou muito, porque menino homem, no meio da carreira da vida que fiquei sem marido, eu prometi a ele que ia cuidar deles, fazer deles homem, aí eu rezo e entrego ao Bom Jesus cada um, para que ele ajude a cuidar deles para mim. Ajuda, minha filha, porque a reza, a fé é o alicerce da família (RB1).

Diante das dificuldades financeiras (na sua grande maioria são trabalhadoras rurais e algumas das mulheres entrevistadas vivem da sua aposentadoria ou da pensão do marido), elas mencionam a dificuldade em educar os filhos: quando

pequenos, é mais fácil conduzi-los, pois eles obedecem; quando crescem, tudo se torna mais complicado. Só oração mesmo, daí tem que fazer muita reza e promessa para o Senhor Bom Jesus e pedir que ele cuide de todos. Essa proposição caracteriza uma questão que se aproxima do patriarcalismo, em que a mulher não trabalha e vive da aposentaria do marido. Segundo Machado (1996, p.134 ),

[...] esta mulher que se declara submissa ao marido, mais parece se sentir superior a ele em termos morais e espirituais, e até se mostra capaz de enfrentar sozinha um problema que a princípio deveria ser de toda a família, ou pelo menos do casal (MACHADO, 1996, P.134).

Algo que distancia as romeiras do patriarcalismo é o fato de a mulher ser trabalhadora rural e provedora financeira do lar. Picanço (2005, p. 150) menciona:

A entrada e permanência das mulheres no mercado de trabalho são processos inseridos em distintos contextos societários e que tem distintas motivações. Pode-se colocar em evidência dois conjuntos de motivações: o primeiro agrega motivações, com a realização individual, o desejo de autonomia e de independência, que estão ligados aos valores mais modernos resultantes tanto das lutas feministas por direitos iguais, quanto do processo de individualização da sociedade contemporânea apresentado sob forma de culto a si, o segundo agrega a necessidade econômica, o imperativo econômico, para a complementação da renda familiar, em especial em sociedades tão desiguais como a brasileira (PICANÇO, 2005, p. 150).

As mulheres romeiras do Bom Jesus ressaltam que a reza, a fé, a devoção e a oração são o alicerce da família. Segundo a romeira de Minas Gerais, sua participação na romaria

[...] ajuda e muito na educação de meus filhos, na condução da família, na vida, no lar, com o meu marido e tudo. Ajuda porque eles começam a entender como são as famílias, como é que as famílias se encontram, como é que as famílias se unem, como é que as pessoas começam a se agrupar, vai convivendo com mais pessoas, porque eles já estão acostumados a conviver somente com colegas do serviço, com os amigos, aqui, então, nessas romarias, faz com que aquele grupo comece a se encontrar, a se entender melhor, eu acho que isso aí é importante (RMG1).

Assim como as romeiras, as coordenadoras de romaria entrevistadas mencionaram que sua participação na Romaria do Bom Jesus da Lapa também contribuiu para a educação dos filhos e a condução da família. Mencionam que a participação dos filhos na romaria do Bom Jesus da Lapa, desde pequenos, contribui para que eles entendam o significado da família. Conforme afirma a Coordenadora de Romaria de Minas Gerais: “Meus filhos dizem: minha mãe é uma pessoa que vive



desse jeito, pois eles moram comigo, vê meu trabalho e eles não vão querer seguir o que eu faço, mais sabe que eu faço a coisa certa, daí eles seguem, pois eu sou o espelho deles”. Outro depoimento, da Coordenadora de Romaria da Bahia, quando entrevistada, nos chamou bastante a atenção:

A minha participação na romaria contribui para a educação dos meus filhos e na orientação da minha família, com certeza, porque a pessoa que não vai a uma igreja é muito à toa, daí pego os ensinamentos e falo com meus filhos, segue, vai atrás do bom Jesus (CRB2).

A coordenadora de romaria de Minas Gerais, através do seu relato, expressa uma aproximação da família patriarcal, em que cabe a educação dos filhos à mulher dentro da família. De acordo com Beauvoir (2009, p.386 -387), a religião na família reflete a supremacia do homem em relação à mulher,

Geralmente, em virtude do papel que a religião assume na vida das mulheres, a menina, mais dominada pela mãe do que o irmão sofre mais, igualmente as influências religiosas. Ora, nas religiões ocidentais, Deus Pai é um homem, um ancião dotado de um atributo especificamente viril: uma opulenta barba branca. Para os cristãos, Cristo é mais concretamente um homem de carne e osso e de longa barba loura. Os anjos segundo os teólogos, não têm sexo, mas têm nomes masculinos e manifestam-se sob a forma de belos jovens. Os emissários de Deus na Terra: o papa, os bispos de quem se beija o anel, o padre que diz a missa, o que prega aquele perante o qual ajoelham no segredo do confessionário são homens (BEAUVOIR, 2009, p. 386-387).

A discussão de Beauvoir (2009, p.386-387), concernente à influência que a mãe tem sobre a filha, no aspecto religioso pode ser exemplificada pela ilustração a seguir.



FIGURA Nº 28: Filha e mãe pagando promessa - Fonte: A autora

A figura acima mostra mãe e filha pagando promessa e fazendo suas orações. Constatamos que o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa é um espaço educativo e de aprendizagem, para essas mulheres e sua família, e que é transmitido de uma geração a outra. O que ainda perdura naquele contexto, oriundo da sociedade patriarcal, é que a educação dos filhos compete às mães, pois os filhos para elas são prioridade de vida, ou seja, “a maternidade é um processo único e surpreendente de geração de vida. Mas isso não precisa fazer com que sejam esquecidas todas as dificuldades também inerentes ao processo de ser mãe” (FALCKE, 2002, p. 82).

Esse aspecto legitima o papel da mulher, na família patriarcal, no que diz respeito a um dos seus papéis, que é a educação dos filhos, e no que nos faz perceber que, na Romaria do Bom Jesus da Lapa, essa questão é visível. Os espaços que a mulher ocupa e nos quais transita ainda são delimitados a partir das concepções biológicas do sexo, que a estigmatizam como ‘frágil e incapaz’. De acordo com Araújo (2009), a romaria é um espaço de sociabilidade, e a mulher romeira, como “*agente socializadora*”, desempenha um papel fundamental nos diversos espaços sociais que ela ocupa. Partir em romaria nos remete a um aprendizado coletivo de convivência e respeito para com os outros. Aquilo que se aprende com a fé e devoção, na romaria é colocado em prática, no seu dia a dia, não só no espaço da romaria, como para além dele. A experiência vivida, frente ao sagrado, bem como o aprendizado adquirido através da convivência com os demais companheiros de romaria, produzem na vida dessas pessoas uma transformação, servindo de exemplo para as demais. É impossível participar de uma romaria e continuar sendo a mesma pessoa, pois a intensidade com que a romeira vive a fé, na companhia de sua família e de outras pessoas, formando uma família espiritual, leva-a a uma transformação interior profunda que modifica a sua maneira de ser e de se comportar diante das pessoas e das coisas. Daí reafirmar-se que o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa é um espaço educativo para as famílias que dela participam.

Na sequência deste estudo nós nos ocuparemos em apresentar e analisar os espaços em que as mulheres romeiras transitam, indo do lar (privado) para o público, representado aqui pela Romaria do Bom Jesus da Lapa, o que caracteriza o distanciamento do patriarcalismo.

### 3.3 OS ESPAÇOS OCUPADOS PELA MULHER NA ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: DA FAMÍLIA (PRIVADO) À ROMARIA (PÚBLICO)

No mundo contemporâneo, as mudanças ocorridas na família, no que concerne aos aspectos sociais, culturais e econômicos, vêm ocasionando um distanciamento da sociedade patriarcal. Predomina na família uma nova inversão de valores, refletindo-se nos papéis sociais ocupados pelos homens e mulheres na família, ao assumirem a condição de pais e mães. “A reprodução da ideologia patriarcal e capitalista encontra sua expressão, não apenas na família, mas também nas organizações religiosas, nas escolas, nos clubes, no exército e em outras instituições” (CHANTER, 2011, p. 46). Essa transformação atinge todos os âmbitos sociais, da zona rural à urbana, conforme Prandi (1995, p. 16):

A instituição da família na sociedade brasileira vem sofrendo, ao longo do processo de industrialização, profundas, embora graduais, transformações em suas funções econômicas. Em linhas gerais, a família deixou de ser, nas áreas mais industrializadas, uma unidade de produção para vir a se constituir de modo crescente em unidade de consumo (PRANDI, 1995, p. 16).

Esse aspecto é visível na Romaria do Bom Jesus da Lapa, em que a grande parte das famílias que a frequentam é oriunda da zona rural, mantendo, porém, relação com a zona urbana, na busca por melhores condições de vida. Hoje em dia essa interação da zona rural com a zona urbana ocasionou mudanças no interior das famílias<sup>56</sup>. Uma dessas alterações foi a sua fixação na zona urbana, como forma de sobrevivência, quer seja na busca de melhoria nas condições econômicas (emprego), quer seja na busca do conhecimento (estudos para seus filhos). Outra mudança na família foi a divisão do orçamento doméstico com a mulher e até mesmo a chefia da família. Wagner e Staudt (2011, p. 99) destacam as seguintes mudanças no interior da família: “as desigualdades sociais, o crescimento da participação da mulher na esfera pública, a redefinição das fronteiras nas relações

---

<sup>56</sup>Sarti (2008, p. 67) ressalta uma das mudanças da mulher no interior da família: foi “cumprir o papel masculino de provedor não se configura, de fato, um problema para a mulher, acostumada a trabalhar, sobretudo quando em precisão; para ela o problema está em manter a dimensão do respeito, conferido pela presença masculina. Quando as mulheres sustentam economicamente suas unidades domésticas, podem continuar designando, em algum nível, um ‘chefe masculino’. Isto significa que, mesmo nos casos em que a mulher assume o papel de provedora, a identificação do homem com a autoridade moral, a que confere respeitabilidade à família, não necessariamente se altera”.

de gênero e o aumento da expectativa de vida”. A Romeira de Minas Gerais ilustra essa proposição:

A mulher hoje, ela tem sido assim uma guerreira , ela se emancipou, porque ela tem exercido a função de mãe, de pai,ela tem sido assim cabeça na família e trabalha fora, cuida das obrigações em casa, cuida de marido, filhos e então parece que a mulher tá assumindo assim a liderança da família.(RMG4)

O relato da romeira de Minas Gerais expressa bem o papel da mulher dentro da família contemporânea, em que ela explicita o cotidiano da mãe, mulher e dona de casa, e nos faz perceber, através de sua fala, que nesse momento ela se insere na subcategoria de classificação da identidade de gênero como distante do sistema patriarcal. Segundo Araújo e Scalon (2005), existem dois sentidos que levam a mulher ao mercado de trabalho: um é o desejo de estar inserida no contexto social e o outro é a obrigação e necessidade; este último caso sai do âmbito social e se agrega ao financeiro.

De acordo com a observação de campo, a citação de Wagner e Staudt (2011, p. 99), pontuada acima, se confirma no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Podemos destacar que o gênero como categoria de análise, nesse referido espaço, ainda não é visto como um construto social, mas, sim, no sentido biológico de “ser homem” e de “ser mulher”, como um elemento que contribui para determinar “a ocupação dos espaços e o desempenho dos papéis dentro da família, naquele evento religioso”. Muraro (2001, p. 185) destaca o papel da família nuclear na atualidade:

Em toda família tradicional em que o pai vive no domínio público e a mãe no do privado, a criança vê, desde que nasce, o pai mandando na mãe, em razão disso, na fase adulta, essa criança achará natural “uma sociedade em que uns mandam e outros obedecem, isto é, uma sociedade patriarcal e de classes” (MURARO, 2000, p. 185).

Sendo a família e a casa espaços de pertencimento exclusivo e privado das mulheres, segundo as concepções do patriarcalismo, o espaço religioso aqui exemplificado, através da Romaria do Bom Jesus da Lapa, não apresenta conflitos, permitindo a participação da mulher, pois configura para elas uma extensão da família, um local em que buscam o cuidado espiritual da família.

Porém, de acordo com a cultura preponderante, para aquelas pessoas que frequentam aquele espaço e pertencem à família nuclear, com traços estigmatizados

no patriarcalismo, não cabe à mulher estar sozinha mesmo que seja para rezar, ela deve estar sempre acompanhada por alguém da sua família consanguínea (filhos e marido) ou espiritual (irmãs de fé, companheiras de romaria), conforme relata a romeira de Minas Gerais: “Sempre vem uma pessoa da minha família. Agora mesmo veio uma filha do meu esposo, nunca venho só” (RMG3). Duarte (2006, p. 84-85) pontua que, “nessa perspectiva, a família e a congregação religiosa se apresentam como únicos lugares em que pode se dar uma combinação entre o pertencimento relacional direto e um sentimento de entranhamento, afetivo e físico-moral”. Ao homem cabe o papel de ser o mediador, fazendo a ligação da família com o mundo externo. Klinger (2010, p. 61) demonstra:

O homem e a mulher não são sempre eles mesmos, mas são transformados neles mesmos por situações culturais. O patriarcado é uma situação cultural no comportamento dos sexos. Ele fixa os papéis que possuem na sociedade da respectiva época. Indica também quem são os homens e as mulheres, quem eles não são, o que devem fazer e o que não devem fazer, o que lhes é recomendado e o que lhes é proibido. É uma determinação da construção dos papéis sexuais em nossa sociedade (KLINGER, 2010, p. 61).

Klinger (2010, p. 61) pontua que, na sua grande maioria, diante de tantos papéis que a mulher/mãe/esposa ocupa na sociedade, está o ato de cuidar da família. No que concerne à questão da concepção religiosa e doméstica, é atributo social, necessariamente dela, ser a protetora espiritual da família, o que a deixa livre para participar, por exemplo, da romaria. Mas existe uma minoria de mulheres que são privadas de exercerem esse papel de protetora espiritual da família, fora do espaço doméstico, ou seja são privadas de frequentarem alguns eventos religiosos, como, por exemplo, a Romaria do Bom Jesus da Lapa. Isso confirma a dominação masculina, exercida pelos esposos, de forma violenta e de maneira invisível. A este tipo de dominação Bourdieu (2010, p. 50-51) chama de ‘dominação simbólica’<sup>57</sup>, exercida pelo mundo masculino, através da força simbólica. “É uma forma de poder que se exerce sobre os corpos, diretamente, e como que por magia, sem qualquer coesão física”, diz o autor. Souza (2009, p. 35) opina sobre esse lugar cativo, que é o lar, ao afirmar:

---

<sup>57</sup> “O efeito da dominação simbólica (seja ela de etnia, de gênero, de cultura e de língua etc.) se exerce não na lógica pura das consciências cognoscentes, mas através de percepção, de avaliação e de ação que são constitutivos dos *habitus* e que fundamentam, aquém das decisões da consciência e dos controles da vontade, uma relação de conhecimento profundamente obscura a ela mesma” (BOURDIEU, 2010, p.50-51).

Esse lugar da mulher na sociedade não é um lugar natural, mas construído socioculturalmente num contexto cultural patriarcal. A mudança da situação de violência de gênero passa necessariamente pela superação desse imaginário da subordinação natural das mulheres, produzido e reproduzido pelos mais diversos mecanismos de produção de significados. (SOUZA, 2009, p. 35).

A afirmação de Souza (2009, p. 35) explicita e mostra o lugar da mulher na sociedade patriarcal, demonstrando um aspecto que contribui para a superação dessa condição da mulher, fazendo com que ela se distancie do patriarcalismo. Com efeito, é no espaço da família que as relações de poder se legitimam como relações de gênero. O gênero possui uma função legitimadora, funcionando de maneira diferenciada, "pois é um meio de decodificar o sentido e compreender as relações complexas entre as diversas formas de interação humana" (LEMOS, 2005, p. 97). As palavras da Romeira da Bahia aproximam-se das configurações do patriarcalismo e confirmam essa questão: "Primeiro eu cuido da comida, ajeito meus filhos e meu marido, daí eu vou com ele para a Gruta rezar. Aqui na Lapa é sempre assim, só saio com ele ou com meus filhos" (RB).

A cultura brasileira traz elementos da sociedade patriarcal ainda muito latente, e um desses elementos diz respeito aos espaços que o homem e a mulher ocupam na sociedade. A mesma cultura instituiu, no que se refere às questões dos espaços da mulher e do homem dentro da família, que as questões pertinentes à esfera doméstica são de competência da mulher. Tais questões pertencem ao mundo feminino e a mulher deve estar sempre 'vigilada', 'guardada', portanto, cabe a ela ocupar o que nós chamamos de espaço privado, o local da intimidade; já ao homem, compete-lhe tudo da casa para fora, tudo o que é de domínio público. Segundo Araújo e Scalon (2005), os homens ocupam posição privilegiada nas relações de gênero, devido à cultura patriarcal que rege a sociedade brasileira. Porém, o que se percebe é que não são somente eles os responsáveis pela manutenção e transformação desses formatos tradicionais nas relações de gênero. Por conta da passividade da mulher, elas se tornaram também coadjuvantes dessa causa.

O modelo de família patriarcal, que vimos apresentando e examinando até aqui, traz uma combinação e uma manutenção da forma hierárquica no que concerne às questões de gênero e lugares ocupados por mulheres/mães e homens/pais dentro da família, mantidos pela sociedade patriarcal. A mulher romeira

e seus filhos saem do seu espaço privado (família), quando são chamados pela Igreja para caminhar e aparecer (dar as caras) no palco da vida pública (da romaria).

Segundo Giddens (2010), ao longo dos tempos, no decorrer da história, homens e mulheres têm contribuído quotidianamente, por um longo período de tempo na produção e reprodução do mundo social em que estão inseridos, fazendo com que haja uma forma diferente de assumir os papéis sociais, bem como suas responsabilidades. No entanto, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, a mulher, juntamente com sua família, se torna independente. Ela age e se movimenta, canta, reza, fala, compra, vende, troca gentilezas e estreita laços sociais. Enfim, na maioria das vezes ela modifica sua maneira de se comportar, distanciando-se dos aspectos pautados pelo patriarcalismo.

A análise feita acima nos remete às seguintes indagações: Qual é o papel da mulher Romeira do Bom Jesus da Lapa na família? Como é a relação da família com a mulher romeira para participar da Romaria do Bom Jesus da Lapa? Por último, a Romaria do Bom Jesus da Lapa é vista por essas mulheres como um fator emancipatório dentro e fora da família?

### 3.3.1 O papel da mulher romeira do Bom Jesus da Lapa na família

O espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa é permeado por relações familiares de distintas características e especificidades, conforme apresentado nesta análise. As mulheres romeiras exercem vários papéis dentro da família, na maioria dos casos mantendo e consolidando papéis sociais estabelecidos dentro de uma sociedade patriarcal, e em outros casos distanciando-se deles. Essa afirmação foi constatada em nossa pesquisa empírica, em que todas as mulheres entrevistadas disseram que a função da mulher é cuidar da família, dos filhos e do marido e que elas fazem isso em sua casa e também quando estão na Romaria do Bom Jesus da Lapa, além de se ocuparem das atividades religiosas.

Refletindo desde a fala dessas mulheres e do seu perfil, constatamos que isso condiz com o contexto social patriarcal em que elas se inserem, pois o universo de nossa pesquisa compreende mulheres entre 50 e 70 anos de idade. Portanto, elas vivenciaram esse período histórico. Mas também se fazem presentes naquele espaço mulheres de faixa etária diferente da pesquisada, que caracterizam aspectos e papéis diferenciados, em relação aos daquelas outras mulheres citadas acima, em

que podemos perceber que elas se distanciam do patriarcalismo, pelo fato de estarem inseridas em outro período histórico. Trazemos essa proposição aqui para esclarecer ao leitor, o que já vimos fazendo, a partir de que olhar estamos pontuando a identidade de gênero e o papel da mulher na família e no espaço da Romaria de Bom Jesus da Lapa, e que a participação da mulher naquele evento religioso se dá de forma diversificada, apresentando alguns traços em sua personalidade que se aproximam e em outros se distanciam do patriarcalismo.

No decorrer da análise desta tese, vimos pontuando o papel da mulher romeira do Bom Jesus, fazendo um recorte à nossa categoria de análise, que é o patriarcalismo dentro das concepções de gênero, e, neste momento, abriremos um espaço para refletir sobre o papel da mulher romeira na família, iniciando por conceituar 'papel social'. Segundo Johnson (2007, p. 169), papel social "é o conjunto de ideias ligadas a um status social, devendo ser separado do que as pessoas efetivamente fazem como ocupantes do status, no que é conhecido como desempenho do papel". Isso nos leva a perceber que a família nuclear, na atualidade, mantém alguns traços pertencentes à família patriarcal no que concerne à divisão de papéis dentro dela.

Conforme Lasch (1991, p. 157), "a família nuclear torna-se um abrigo para os sentimentos intensos em um mundo onde a competição rege as demais relações". Essa visão se faz presente dentro das famílias, pois as relações entre o homem e a mulher nesse contexto são imbricadas pelos aspectos culturais determinantes de uma sociedade patriarcal, em que o papel da mulher ainda é inferior ao do homem. Ilustrando essa explanação, percebemos, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, esse aspecto bem evidente, pois todas as mulheres entrevistadas externaram, através das falas, essa questão, não julgando, nem reclamando, mas encarando como uma coisa normal, como se não existisse outro tipo de relação entre homem e mulher dentro da família, mesmo que elas percebam que o papel da mulher mudou na sociedade brasileira, como um dos pontos já discutidos, no segundo capítulo deste estudo. Segundo Ribeiro (2014, p. 98), "isto é decisivo para se fazer preservar ali o ideário de família proposto pela Igreja Católica e que, acreditamos, por serem idealizados com base no sistema patriarcal, contribuem para a perpetuação da dominação masculina e submissão feminina".

A divisão biológica dos papéis sociais dentro da família, no que concerne à identidade de gênero feminina, ainda mantém uma tradição oriunda do



patriarcalismo, que é a submissão, conforme argumenta Couto (2005, p. 239). Portanto, para aquelas mulheres,

Ser homem significa, em termos ideais, exercer com firmeza o papel de provedor material e moral, o que garante o respeito por parte do grupo e perante o universo social que o rodeia. Em contrapartida, à mulher está reservado o desempenho de tarefas como cuidar da casa, do marido e dos filhos (COUTO, 2005, p. 239).

Como exemplo da argumentação proposta por Couto (2005, p.239), podemos citar a figura abaixo.



FIGURA Nº 29: Homens descansando dentro da gruta do Bom Jesus da Lapa - Fonte: A autora

Conforme a ilustração acima, essa proposição deixa evidenciada a questão controversa, no universo familiar, entre os papéis dos homens e das mulheres, pois enquanto elas frequentam a Gruta do Bom Jesus, tendo como objetivo rezar, os homens usam o local para descanso, demonstrando aspectos da presença de elementos da sociedade patriarcal naquele espaço.

A família é uma instituição mediadora entre os indivíduos e a sociedade, havendo um determinante social e cultural no que diz respeito às mulheres, vez que elas desempenham um importante papel dentro da sociedade. Essas atividades são designadas pelas funções sexuais (biológicas), como é o caso da maternidade e atividades instituídas através do construto social biológico, tais como: cuidar da família e do lar. No universo religioso, a exemplo do que acontece na romaria do Bom Jesus da Lapa; “a família aparece então como um escudo protetor que preserva a moral e a honra da mulher” (ALVES, 2005, p. 228). Esse aspecto é esclarecido através da afirmação da Romeira do Espírito Santo::

Se Deus não puser a mão nas coisas dentro da família, ela está sendo muito destronada por muitos motivos que as mulheres também estão mais libertas, os homens são culpados, mas as mulheres também estão tendo muita falta, muita falha delas. Muitas coisas mudaram, umas para melhor, outras para pior, mais eu acho quem tem que cuidar da casa e dos filhos é a mulher, isso é o que é certo e o homem colocar as coisas dentro de casa (RES2).

Esse relato da romeira do Espírito Santo se aproxima do patriarcalismo, pois ela pontua a necessidade de se retomar o papel do homem como chefe, mantenedor da família, e o da mulher em manter-se submissa, conclamando a Deus que retome os moldes familiares em que ela viveu. Vimos afirmando nesta tese que os papéis sociais desenvolvidos pelo homem e pela mulher, na família, se dão de forma diferenciada, tendo como fundamento o sistema patriarcalista sobre o qual nossa sociedade ainda se encontra alicerçada. Na concepção de Goode (1970), as atividades e as funções de pai e mãe, dentro da família, estão ainda muito vinculadas às questões biológicas, cabendo à mãe alimentar a criança, no aspecto físico e psicológico. Já ao pai cabe exercer o domínio da proteção e da autoridade perante a mãe e os filhos. A ele também cabe o papel de estabelecer um vínculo de relação entre a família e a sociedade. Esta divisão de papéis sociais ainda perdura, na maioria das sociedades, como é o caso das famílias que frequentam o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa.

Na sociedade brasileira, conforme já mencionado, isso é uma característica bastante forte, o que se reflete, de uma maneira bem consolidada, em nosso universo de pesquisa, que é a Romaria do Bom Jesus da Lapa, em que os papéis de submissão da mulher ao homem e proteção dele para com a família são uma constante, traços esses que caracterizam o patriarcalismo. Deve a mulher estar sempre protegida e guardada dentro do seu espaço, que é a família, “a mulher-mãe ficou aprisionada ao papel biológico e social da criação dos filhos [e] sua posição ficou restrita à esfera doméstica, alienando-a da esfera pública, que fica delimitada como um terreno masculino” (FALCKE, 2002, p. 83). Portanto, a sua rotina de vida consiste em dividir o seu tempo entre os afazeres domésticos, cuidar da casa e dos filhos e ainda trabalhar na lavoura e principalmente conviver com as dificuldades do sertanejo, representadas pela seca; e na Lapa elas fazem basicamente as mesmas coisas, assim como nos diz a Romeira de Minas Gerais:

Aqui na Romaria eu cuido de tudo, faço as mesmas coisas da minha casa, cozinho, cuido das crianças e do marido, tem que ser muito rápido, pois

ainda tenho que participar das coisas da igreja e ficar um pouco com o Bom Jesus pra que ele me proteja e abençoe minha família (RMG).

O que percebemos, através da fala da romeira de Minas Gerais, é que, na verdade, há uma transferência da família para o espaço da Romaria do Bom Jesus, mantendo todo o seu cotidiano, quer seja na divisão, como também na execução dos papéis, dentro da família, aproximando-se das concepções patriarcais. De acordo com Matos (2005, p.94), “a esfera da divisão dos trabalhos domésticos e do cuidado dos filhos, pelo menos aqui no Brasil, parece-me ainda praticamente intocada”.

Mesmo ocupando uma condição inferior, na hierarquia dos papéis sociais dentro da família, o que se constata, através das falas das Romeiras participantes da pesquisa, é que elas são felizes: “tudo na paz de Deus, pois meu casamento e minha família é uma bênção” (RB). Expressão muito utilizada por todas e, no tocante à participação delas na Romaria do Bom Jesus da Lapa, o que foi observado, em nossa pesquisa empírica, é que elas se relacionam muito bem com a família, o marido e os filhos. Eles apoiam sua participação, na maioria indo junto ou, por motivos adversos, quando não podem estar presentes, elas participam, sempre com alguma pessoa.

### 3.3.2 A relação da mulher com a família, em sua participação na romaria de Bom Jesus da Lapa

Fazendo memória ao que vimos anteriormente, a contemporaneidade retrata um período de transição, no que concerne à família nuclear (pai, mãe e filhos), trazendo uma nova configuração no que diz respeito ao comportamento e papéis sociais desenvolvidos dentro dela. Tem-se que “a domesticidade, o amor romântico e o amor maternal, todos construídos em torno da privacidade e do isolamento, eram as pedras angulares da família nuclear” (POSTER, 1979, p. 13). Atualmente, isso tem se alterado, pois “toda cultura dispõe de demarcações que diferenciam domínios próprios a certas dimensões da vida social, mais ou menos nítidos, exigentes ou permanentes” (DUARTE, 2006, p. 55).

Trazendo isso para o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, o que não se sabe mais é o que é adequado ou não à família. O que de fato é uma constante é que sempre as mulheres participam da romaria, com toda sua família ou com um

membro da família. Uma minoria de mulheres participa sozinhas, por conta de algumas questões adversas tais como: doença do marido, a questão financeira, devido à seca e à própria impossibilidade de algum filho ir com ela. Assim, elas vão sozinhas, com a responsabilidade de fazer com que sua família esteja representada naquele espaço. Porém, nunca estão sós. Estão com sua família espiritual, assim como diz a Romeira da Bahia: “Na romaria somos como irmãos, graças a Deus. Então, assim vivemos todos unidos como uma grande família” (RB2). Isso nos remete a entender que por esse motivo são sempre cuidadas pelas amigas, ou pela coordenadora da romaria, conforme já mencionado anteriormente; esse aspecto nos remete ao distanciamento da sociedade patriarcal.

Quando inquiridas sobre a questão do apoio de sua família (marido/filhos) na sua participação na Romaria do Bom Jesus da Lapa, todas foram unânimes ao dizer que apoiam e muito: “Todo mundo ajuda, meus filhos, marido, tudo ajuda, apoia, apoia e muito” (RMG2).

Ah! Meu marido me dá a maior força. Dá, graças a Deus. Pede para mim rezar para ele, Oh! Ele não veio esse ano, porque vai fazer uma cirurgia, então ele pede sim: Esse ano você vai e ano que vem você fica em casa e eu vou, não pode deixar a casa fechada, né? (RB2).

Conforme mencionado tanto pela romeira de Minas Gerais, como pela romeira da Bahia, sobre a ajuda dos membros da família, para que elas participem da romaria, podemos perceber traços distantes do patriarcalismo, que referendam a sociedade contemporânea, em que os papéis dentro da família foram redimensionados. Oliveira (2009, p. 67) nos diz:

Nesse contexto encontramos a “nova família”, que se caracteriza pelas diferentes formas de organização, relação e em um cotidiano marcado pela busca do novo. Os arranjos diferenciados podem ser propostos de diversas formas, renovando conceitos preestabelecidos, redefinindo os papéis de cada membro do grupo familiar (OLIVEIRA, 2009, p. 67).

Coadunando com essa proposição, a Romeira da Bahia diz:

Bom! Marido, eu não tenho mais vivo, mas meu marido era muito religioso, ele me ajudava, quer dizer, ele não me ajudava assim pra batalhar, pra se envolver, mas ele me dava muita força, né?. Ah! filho, os filhos são tudo apaixonado também pela romaria, me dão força, me mandam vim (RB3).

A ilustração abaixo exemplifica as proposições mencionadas sobre a relação da mulher com a família, para participar da Romaria do Bom Jesus da Lapa, conforme relatado pelos filhos da romeira de Goiás.



FIGURA Nº 30: Mãe e filhos participando da romaria do Bom Jesus da Lapa - Fonte: A autora

Há mais de 70 anos essa Romeira vem à Lapa do Bom Jesus com seus filhos. Antes ela vinha acompanhada por todos os filhos, hoje, por conta das mudanças sociais sofridas pela família, oriundas do sistema capitalista, no tocante às questões de trabalho que impossibilitam na maioria das vezes a participação de todos os cinco, apenas dois filhos participam da romaria junto com ela.<sup>58</sup> As famílias das mulheres entrevistadas também não ficaram fora dessas transformações, mesmo que lentas, elas vêm distanciando-se das concepções patriarcais. Isso é perceptível quanto à forma e à motivação da mulher para participar da Romaria do Bom Jesus da Lapa, conforme se vê através da fala da Romeira de Goiás e do comportamento dela:

No meu caso, que tenho cinco filhos, todos casados, antes de casar todos vinham e gostava, pois desde pequeno eu e meu marido já trazia, era uma alegria só. Ficávamos todos juntos, era muito. De uns tempo para cá tem dificultado mais eles vim, depois de casado, né, já tem esposo, esposa, netos, por conta do trabalho já dificulta a vinda deles e da escola dos meninos, não dá para vim todos, dessa vez mesmo eu tô vindo com dois filhos e nenhum genro, nem nora e nem neto, né, antes eu vinha com toda a família junta (RG).

<sup>58</sup> Na concepção de Cynthia Sarti (2008, p. 25), “embora a família continue sendo objeto de profundas idealizações, a realidade das mudanças em curso abala de tal maneira o modelo idealizado que se torna difícil sustentar a ideia de um modelo ‘adequado’”.

A romeira de Goiás evidencia as transformações que a família vem sofrendo e isso se reflete na forma de participação na romaria. De acordo com Maturana (2004), a cultura patriarcal, que surge no âmbito das relações humanas, em que temos a família como um exemplo, não leva em conta apenas a questão econômica como determinante, mas sim aspectos que envolvem uma modalidade intrínseca do sujeito, que é a relação de mando e a de obediência. Mas o que se tem percebido é que, com as mudanças concernentes aos papéis sociais ocupados pelo homem e pela mulher além do espaço privado da família, no tocante à questão de trabalho e participação no orçamento doméstico, vem ruindo a estrutura patriarcal e apresentando-se uma nova modalidade de família. Observa-se que, no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, esse aspecto também se reflete.

Todas as mulheres entrevistadas têm uma boa relação com a sua família e esta apoia a sua participação na Romaria do Bom Jesus, conforme já mencionado por elas. As romeiras se veem através da sua família, que se torna motivo de realização pessoal e de vida delas. A Romeira do Espírito Santo menciona:

Ah, minha família é muito especial, os que ficam lá ficam em sintonia com a gente, nos horários de oração, que a gente tá aqui no horário de oração, principalmente na parte da manhã e à noite, na novena, eles também estão lá em sintonia, no nosso setor, na nossa comunidade, rezando unido (RES2).

O mesmo diz a Romeira de São Paulo:

Ave Maria! é uma bênção. Meus filhos, né, uns tá pro canto, minha filha tá pra lá, eles apenas ligam: “Mãe, bastante cuidado, viu”, eles me dizem, né, bastante cuidado, cuida da senhora só não, não está sendo cuidado, remédios está tudo no jeito, né, Mãe? a senhora vai com Deus, que Deus te proteja, que Deus te ilumina”, né, todos somos assim, até os vizinhos, né. E meu marido fala: “Olha, eu fico aqui em casa”. Ele imagina sair porque o lugar onde a gente moramos, então ele cuida bem e tem as criação, né, ele já veio aqui dois anos. Depois ele falou: “agora eu fico aqui, aqui eu fico rezando para que tudo corra bem”, então tá ótimo (RSP1).

Pode-se perceber três aspectos fundamentais nas falas dessas romeiras, concernentes à sua participação na Romaria do Bom Jesus da Lapa: os dois primeiros aspectos se aproximam e o terceiro se distancia do patriarcalismo; o primeiro é o apoio da família (marido/filhos); o segundo é a motivação dada pela família para que a mulher (mãe/esposa) participe em alguns casos até mesmo sozinha, apenas acompanhada da sua família espiritual (as companheiras de Romaria); e o terceiro é o aspecto emancipatório dessa mulher, dentro e fora da

família, para participar da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Na concepção de Oliveira (2009, p.65), “apesar de todas as transformações, a nova família conjugal conserva traços típicos da família anterior: o de controlar a sexualidade feminina e as relações de classe”. Ocupar-nos-emos a seguir da discussão sobre a romaria como fator de emancipação da mulher dentro e fora da família.

### 3.3.3 A romaria do Bom Jesus da Lapa como fator emancipatório da mulher dentro e fora da família

No Ocidente, as mudanças na família trazem reflexos de alguns aspectos tais como: econômicos, políticos, ideológicos, dentre outros. No Brasil, assim como no sertão da Bahia, esses aspectos são bastante proeminentes. Pensar e aprofundar a análise sobre a Romaria do Bom Jesus da Lapa como fator emancipatório da mulher dentro e fora da família, no entanto, é uma consequência, diante de tudo que já apontamos neste estudo. Essa reflexão emergiu das falas das mulheres, nos seus relatos sobre o seu papel dentro daquele universo de pesquisa, onde elas aparecem como elemento central da família, ocupando o domínio privado do lar, pois os seus papéis sociais e suas funções são historicamente afirmados e legitimados pela moral cristã fundada no patriarcalismo, através do casamento, do lar e da família (marido/filhos). Maturana (2004, p. 38) afirma que “vivemos na hierarquia, que exige obediência [...] uma coexistência ordenada [que] requer autoridade e subordinação, superioridade e inferioridade, poder e debilidade ou submissão”.

Recordando mais uma vez, na pós-modernidade, a família nuclear tradicional possui traços característicos da sociedade patriarcal, que vem sofrendo transformações e passando a conviver com uma “pluralidade de arranjos familiares que pode ser considerada como uma das características mais marcantes destes novos tempos: divórcios, recasamentos, uniões homoafetivas, adoção, pais e mães solteiros, poliamor, entre tantas outras” (WAGNER e STAUDT, 2011, p. 99-100). No espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, os papéis sociais assumidos por homens e mulheres demonstram uma identidade de gênero, mantida nos moldes da sociedade patriarcal e dentro da moralidade cristã e do discurso da Igreja, limitando a mulher à condição de subalterna. Porém, dentro do espaço da romaria, podemos perceber, mesmo que lentas, algumas alterações nos papéis assumidos por essas mulheres, que saem da condição de ‘rainha do lar’ (espaço privado da família) e

passam a ocupar o papel de coordenadora de Romaria (espaço público). Tudo isso acontece em nome do Bom Jesus, sendo-lhes permitido pelo marido exercer essa transferência do ato de cuidar dos filhos biológicos para cuidar dos filhos/família espiritual que são os/as romeiros/as que fazem parte das Romarias que elas organizam, pois é na permeação entre o espaço privado (a família) e o espaço público (igreja) que elas exercem essa atividade e é através dessa atividade que elas se sentem emancipadas, o que as leva a distanciarem-se e até mesmo, em certos casos, questionarem o patriarcalismo. Conforme Oliveira (2005, p. 126 -127),

O ponto que cabe discutir é o de dissociação ocorrida entre o papel de 'chefe de família' e a função de provedor. Essa mudança reflete, em última instância, o rearranjo da participação dos homens e, de modo particular, das mulheres na sociedade, em resposta aos processos mais amplos de transformação social. Antes, a função de provedor era exercida unicamente pelo homem, a quem é socialmente atribuído o papel de 'chefe de família'. Assim, o papel de chefe de família' e a função de provedor estavam intimamente associados, cabendo ao homem o seu exercício. Hoje, a provisão da família não é mais assegurada apenas pelo 'chefe de família'. Os outros membros da família passaram a contribuir para o orçamento doméstico, cabendo à mulher cônjuge trabalhadora remunerada um papel importante (OLIVEIRA, 2005, p. 126-127).

A proposição apresentada por Araújo e Scalon (2005) corrobora a fala da Coordenadora de Romaria da Bahia, quando ela relata a transformação do seu papel dentro da família, a partir do momento em que ela passou a ajudar no orçamento doméstico:

O meu papel na família mudou muito ao assumir a coordenação de romaria, lá em casa meu marido me respeita mais, eu ajudo ele na questão do dinheiro, pois a mulher não deve mais ficar só fazendo as coisas de casa, tem que trabalhar, eu trabalho na minha casa. Eu acho que eu me libertei, fiquei mais livre porque todos eles me respeitam, meu filho tem trinta anos e sempre fala: bênção, mainha! me pede conselho. E essa atividade me deu liderança dentro do grupo, eu resolvo, sou o homem e a mulher, passei a cuidar e representar aquele povo, É, sou uma líder, assim como Jesus: o pastor cuidando de suas ovelhas (CRB2).

Através da sua fala, a coordenadora de romaria elucida as transformações ocorridas dentro da sociedade contemporânea, levando a um distanciamento e até mesmo a uma transformação do patriarcalismo, principalmente quando ela diz que, na medida em que ela assumiu a coordenação de romaria e passou a ajudar financeiramente a família, ela passou a ser mais respeitada. Segundo Beauvoir (2009, p. 169),



A mulher burguesa faz questão de seus grilhões porque faz questão de seus privilégios de classe. Explicam – lhe sem cessar (e ela sabe) que a emancipação das mulheres seria um enfraquecimento da sociedade burguesa; libertada do homem, seria condenada ao trabalho; pode lamentar não ter sobre a propriedade privada senão direitos subordinados aos do marido, porém deploraria ainda mais que essa propriedade fosse abolida, não sente nenhuma solidariedade com as mulheres da classe proletária: está muito mais próxima do marido do que as operárias da indústria têxtil. Faz seus os interesses do marido (BEAUVOIR, 2009, p. 169).

Ao longo da história, a mulher foi redesenhando seu papel social dentro e fora da família, configurando as suas conquistas como fator de emancipação. E uma dessas conquistas, que não podemos deixar de destacar, foi a sua entrada no mercado de trabalho<sup>59</sup>. Isso contribuiu para extinguir um pouco mais as relações hierárquicas dentro da família, pois a emancipação da mulher “é uma premissa necessária para que a família supere a crise e se torne, em sua unidade, não mais hierárquica, mas paritária, o modelo daqueles valores universais que sempre tiveram, no processo histórico, formulação parcial e diversa” (PITALUGGA, 1971, p. 102). Essa forma de emancipação pode ser exemplificada pela fala da coordenadora de Romaria do Estado da Bahia, assim como configura um distanciamento do patriarcalismo. Conforme dito acima, assim como pela figura abaixo, retrata-se a participação das famílias aqui representadas pelas mulheres na condição de irmãs companheiras de romaria nesse espaço:



Figura Nº 31: Família espiritual / Mulheres participando sozinhas da romaria do Bom Jesus da Lapa -  
Fonte: A autora

<sup>59</sup> Sarti (2005, p. 99) destaca que: “quanto ao trabalho remunerado da mulher, por mais secundário que seja seu lugar na família, o fato é que ela freqüentemente trabalha, ainda que intermitentemente, dividindo com os filhos as entradas e saídas do mercado de trabalho, de acordo com as necessidades e possibilidades da família. Diante do fato histórico de que a mulher pobre sempre trabalhou remuneradamente, o trabalho feminino inscreve-se na lógica de obrigações familiares e é motivado por ela, não necessariamente rompendo seus preceitos e não obrigatoriamente configurando um meio de afirmação individual para a mulher”.

É perceptível que as mulheres estão se emancipando cada vez mais e se tornando independentes, no espaço da Romaria. Hoje elas já ocupam algumas funções antes só ocupadas pelos homens. Mediante essa transformação, o que ocasiona o distanciamento do patriarcalismo, conforme já mencionado pela romeira<sup>60</sup> do Estado de Minas Gerais, a mulher hoje é uma 'guerreira ela se emancipou'. Sobre essa questão, Alves (2005, p. 36) dá sua colaboração:

Antes de pensar em modelos de família e de posição da mulher na família como opostos e/ou excludentes – modelos tradicionais versus modelos modernos -, é preciso primeiro, entender como o processo de individuação das mulheres vem sendo praticado ao longo do ciclo de vida pelas gerações mais velhas, principalmente aquelas que atualmente têm entre sessenta e setenta anos (ALVES, 2005, p. 36).

A proposição apresentada por Alves (2005, p. 36) exemplifica a transformação que a família vem sofrendo ao longo dos tempos, saindo do enraizamento da cultura patriarcal e redesenhando o distanciamento em relação a essa cultura,, através dos traços característicos da família contemporânea, o amor confluyente de Giddens. No espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, interagem os modelos tradicionais e modernos de família, determinados por construtos sociais e pela faixa etária dessas mulheres e de suas famílias, em que se retrata a emancipação da mulher versus a opressão, havendo uma resignificação de papéis sociais, dentro da família. As mulheres participantes desta pesquisa pertencem a gerações mais antigas. Elas percebem as alterações do papel da mulher dentro da família e o distanciamento da sociedade patriarcal. Algumas avaliam essas mudanças como para melhor. Uma grande maioria das mulheres entrevistadas afirma que as mudanças não são boas, assim como diz Falcke (2002, p. 83):

Em nosso contexto social, as funções masculinas e femininas ficaram estabelecidas assim: ao homem cabia a autoridade, disciplina e o sustento familiar, enquanto à mulher cabia o exercício da maternidade, os cuidados com as atividades domésticas e o apoio afetivo. No entanto, cada vez mais, esta distribuição estereotipada de funções para homens e mulheres vem sendo alterada devido, principalmente, às transformações no papel feminino (FALCKE, 2002, p. 83).

Como visto no segundo capítulo e afirmado em alguns momentos, neste capítulo, em nossa cultura ainda se faz presente a família patriarcal. Porém, ela vem sofrendo alterações oriundas do advento da sociedade capitalista, sendo

---

<sup>60</sup> Veja-se fala da romeira de Minas Gerais, na página 188, deste estudo, quando discute os espaços ocupados pela mulher na romaria do Bom Jesus da Lapa: privado (família) e o público (a romaria).

ressignificada, principalmente no que diz respeito às divisões hierárquicas dos papéis dentro da família, na medida em que a mulher vem se inserindo aos poucos na esfera pública, ou seja, no mercado de trabalho. Segundo Oliveira (2005, p. 124),

Essas transformações refletem o processo de individuação da mulher, o que repercute de forma evidente na autoridade patriarcal, desmantelando a estruturação da família tradicional, na qual o 'chefe' detinha o poder de controle e decisão sobre todos os membros do grupo familiar (OLIVEIRA, 2005, p. 124).

Para as mulheres entrevistadas, o fato de participarem da Romaria e algumas delas exercerem o papel de 'líderes', 'coordenadoras de Romaria', serviu e vem servindo para que elas adquiram a sua emancipação perante o mundo masculino, transferindo, assim, a sua participação da esfera privada (doméstica) para a esfera pública (trabalho). Essa proposição é exemplificada através do relato da romeira da Bahia:

A minha participação na romaria serviu para mim emancipar, se não servisse, eu não estava vindo até hoje, fiquei mais firme, forte e segura, resolvo tudo junto com o Bom Jesus e com a minha família, pois eu sou o homem e a mulher da casa, tenho que correr atrás das minhas coisa, pra viver, pois tá tudo difícil. Lidero minha família, resolvo tudo (RB1).

Contextualizamos a fala da romeira da Bahia como um distanciamento da família patriarcal e um reflexo da família contemporânea, principalmente quando ela diz 'eu sou o homem e a mulher da casa', referendando a igualdade de papéis dentro da família. Segundo Oliveira (2005, p. 124),

O modelo de dona-de-casa em tempo integral, tão valorizado ao longo das décadas passadas e que implicava, inclusive, uma situação de *status*, experimentou um crescente esvaziamento. Em contrapartida, o espaço público do trabalho antes do domínio masculino, passou a ser compartilhado por mulheres casadas e mães, que vislumbraram no exercício do trabalho remunerado uma possibilidade de realização pessoal fora do espaço privado da família (OLIVEIRA, 2005, p. 124).

Conforme já mencionado, no decorrer desta análise, de acordo com o relato dessa romeira da Bahia, o espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa pode ser considerado, para algumas dessas mulheres que participam, como um local de emancipação, mesmo que todas as mulheres entrevistadas pertençam à família monogâmica, patriarcal, com grande número de filhos, em que na maioria das vezes o único provedor financeiro é o homem, na sua grande parte são trabalhadores rurais ou aposentados. Essa fala da romeira da Bahia se coaduna com a proposição

exposta por Oliveira (2005, p. 124). Quanto às ocupações das mulheres, são todas trabalhadoras do lar. Uma minoria divide a tarefa com os maridos na lavoura. A maioria não possui um nível de escolaridade elevado, mas uma grande formação política e cidadã, devido a participarem de grupos religiosos e sindicatos. São fatores que as distanciam do patriarcalismo. Resumidamente, esses são alguns traços característicos da família que participa da Romaria do Bom Jesus da Lapa.

Segundo Losacco (2008, p. 64), a família é entendida como:

A célula do organismo social que fundamenta uma sociedade. *Locus nascendi* das histórias pessoais, é a instância predominantemente responsável pela sobrevivência de seus componentes; lugar de pertencimento, de questionamentos; instituição responsável pela socialização, pela introjeção de valores e pela formação de identidade; espaço privado que se relaciona com o espaço público (LOSACCO, 2008, p. 64).

Há que se concordar com Losacco (2008), no que diz respeito à família como célula fundamental da sociedade. Sendo ela o primeiro grupo social a que pertencemos, ela é responsável pela formação de valores e identidade dos indivíduos. No entanto, a família conjugal moderna pode se aproximar ou se distanciar do modelo monogâmico patriarcal, sendo esse um traço característico das famílias que participam da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Porém, essas famílias vêm sendo resignificadas devido ao advento do sistema capitalista vigente na sociedade brasileira. Mesmo assim, aromeira posiciona-se diante da sociedade, a partir da família, tendo como referência o seu papel de mãe e esposa.

Tanto as atividades realizadas pelas mulheres como os espaços por elas ocupados, no acontecer da romaria, evidenciam uma identidade de gênero feminina típica do patriarcado, em que às mulheres cabe um lugar subordinado, no que tange às tomadas de decisões e na ocupação de espaços, cujo *status* é melhor reconhecido nas hierarquias de gênero, e na ideia da construção das identidades de gênero. Para Scott (1996, p. 10),

[...] precisamos substituir a noção de que o poder social é unificado, coerente e centralizado, por alguma coisa que esteja próxima do conceito foucaultiano de poder, entendido como constelações dispersas de relações desiguais discursivamente construídas em campos de forças (SCOTT, 1996, p. 10).

Emerge daí uma relação de poder visivelmente instituída, num campo dominado pelo masculino. Segundo Foucault (1988, p. 88), deve-se compreender:

as relações de poder, primeiro como uma multiplicidade de correlações de força dominantes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através das lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça e inverte (FOUCAULT, 1988, p. 88).

O simples fato de que essas mulheres saem de casa, realizam atividades significativas no acontecer da romaria e ocupam espaços de reconhecimento social (ainda que subordinadas aos homens), pode trazer para elas um diferencial em relação a outras mulheres situadas em um mesmo ambiente sociocultural e que não participam da romaria. A tomada de consciência desse diferencial pode refletir-se na identidade de gênero dessas mulheres, com reflexo nas relações de gênero tanto no interior da romaria quanto nas relações cotidianas para além dela. Sendo assim, com base no que discutimos no primeiro e segundo capítulos e pelas considerações tecidas neste, a romaria, em particular, o catolicismo popular, e a sociedade apresentam-se como espaços de expressão das relações de identidade de gênero feminina, que se aproximam ou se distanciam do patriarcalismo.

Essas proposições apresentadas, no decorrer do estudo, nos conduzem para as conclusões. Algumas considerações são provisórias, devido à profundidade da temática, assim como o amplo campo de pesquisa que foi apresentado nesta tese.

## CONCLUSÃO

Sendo uma das práticas do catolicismo popular, a romaria do Bom Jesus da Lapa, no seu tricentenário de existência, no alto sertão baiano, mantém viva a fé do sertanejo (por que não dizer, do povo brasileiro e até mesmo de outros países?), que por meio das suas práticas devocionais mantém toda uma tradição, através do ato de peregrinar para a Lapa do Bom Jesus anualmente, no período de julho a agosto, quando se comemora a festa do padroeiro. Sede de uma entre as cinco maiores romarias brasileiras, o Santuário de Bom Jesus traz toda uma mística, uma característica que lhe é peculiar, que atrai milhares de romeiros e romeiras anualmente, pois faz parte de um conjunto arquitetônico, encontrando-se dentro de uma gruta calcária, cercada por um morro em estilo gótico.

Este estudo perpassou três momentos distintos: discutimos primeiro o espaço da romaria como uma das manifestações do catolicismo popular, enfatizando a cultura como um determinante da identidade de gênero feminina, segundo a mulher na romaria. Depois, procuramos destacar dois tipos de mulheres que participam da romaria, que são a romeira comum e a coordenadora de romaria, analisando as relações de gênero através de uma abordagem que caracteriza a proximidade e o distanciamento do patriarcalismo, contextualizando a identidade de gênero feminina. Por fim, enfatizamos a família que participa da romaria do Bom Jesus da Lapa, a partir das relações de gênero, concernentes à proximidade e distanciamento do patriarcalismo.

Procuramos fazer um resgate cultural através da tríade: religião, gênero e família. Os relatos contidos nesta tese são específicos, pois demonstram o cotidiano e o papel da mulher no espaço da romaria e para além dela. Buscamos neste estudo apresentar um dos lugares que a mulher Romeira da Lapa do Bom Jesus ocupa, que é a família. No decorrer da nossa análise fizemos um recorte no que diz respeito às questões da identidade de gênero feminina e sua relação com o patriarcalismo. Isso nos leva a constatar a Romaria do Bom Jesus da Lapa como espaço de reprodução social da família e identidade de gênero feminina.

Percebemos que a romaria é uma das expressões do catolicismo popular que se mantém e se ressignifica ao longo do tempo. No caso de Bom Jesus da Lapa, observamos que há uma manutenção da tradição em detrimento dos aspectos

atuais, sendo as mulheres as principais responsáveis por essa perpetuação, pelo fato de serem a maioria naquele espaço. Também ficou constatado que há uma reprodução social, que tem como parâmetro a família, e os papéis desempenhados pelo homem e pela mulher nesse contexto baseiam-se em traços oriundos do sistema patriarcal, fundamento da sociedade atual. Portanto, a identidade de gênero feminina analisada teve como parâmetros os aspectos que se aproximam ou se distanciam desse contexto.

Os papéis sociais realizados naquele espaço ainda são divididos seguindo os atributos biológicos do sexo: homem e mulher e não um construto social de gênero, sendo a fé e a devoção elementos determinantes para superação dessas dificuldades, mediatizadas por esta questão. Nesse contexto, a Romaria é um espaço criador e consolidador de sociabilidades, onde se estabelece uma rede de relacionamentos socioafetivos, em torno de um mesmo ideal, que é a crença no Bom Jesus da Lapa, não existindo ali a ideia de oposição, mas de complementaridade, no crescimento da fé e da devoção, em que a mulher ocupa um lugar determinado pela sociedade patriarcal, confirmando a submissão ao homem em alguns momentos e em outros, uma maior autonomia, distanciando-se do patriarcalismo.

Assim como em todas as religiões, a preponderância da presença das mulheres e idosas é um traço marcante. Naquele espaço, essa proposição é constatada. Na condição de romeiras (neste estudo denominamos de romeiras comuns) e de coordenadoras de romarias, elas participam desse evento religioso, desempenhando funções específicas, condizentes com a forma em que participam. As mulheres romeiras do Bom Jesus estão sempre acompanhadas por sua família consanguínea ou por sua família espiritual, compreendida pelas companheiras de romaria. Portanto, elas nunca participam sozinhas. No período em que estão na Romaria do Bom Jesus da Lapa, seu cotidiano é alternado entre as atividades domésticas e a participação da programação religiosa, proposta pelo Santuário. O que percebemos é que há a transferência do lar e da família para aquele espaço.

A elaboração desta tese teve como foco central compreender a reprodução social da família e identidade de gênero feminina, a partir da Romaria do Bom Jesus da Lapa, tendo como objetivo analisar como se articulam, no espaço do catolicismo popular, e mais especificamente no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa, as mudanças socioculturais em curso na sociedade, as relações de gênero e a própria

dinâmica do catolicismo popular. Damos ênfase aos impactos de tal articulação nas concepções e relações de gênero, ao interno da própria romaria e para além dela, nas relações cotidianas das mulheres em questão. Os sujeitos da pesquisa foram mulheres na faixa etária de 50 a 70 anos, dos cinco Estados Brasileiros (Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo, São Paulo e Goiás) que mais frequentam aquela romaria.

Detectamos, em nossa pesquisa, a Romaria do Bom Jesus da Lapa como fator de transformação da mulher, em que a atividade de Coordenadora de Romaria é um fator de empoderamento e a participação da mulher na romaria do Bom Jesus da Lapa contribui para sua emancipação dentro e fora da família. Essa análise nos leva a concluir que as romeiras comuns estão mais próximas do patriarcalismo, ainda produzindo e reproduzindo naquele espaço comportamentos oriundos da sociedade patriarcal, no que concerne à submissão da mulher perante o homem. Já as mulheres coordenadoras de romaria, pelo fato de ocuparem uma posição e um papel diferenciado entre as demais, distanciam-se mais do patriarcalismo; a sua forma de comportar-se no espaço da romaria e para além dele, trazem traços da sociedade contemporânea e do processo de transformação e ruptura da sociedade patriarcal, na medida em que ocupam papéis diferenciados naquele espaço: além de cuidarem dos afazeres domésticos, participarem das atividades religiosas, elas exercem o papel de coordenadora de romaria, que lhes dá um empoderamento diante das demais.

A partir da fala das mulheres romeiras e das coordenadoras de romaria, foi-nos possível confirmar que, verdadeiramente, em alguns momentos e aspectos pontuais, a identidade de gênero feminina que se verifica no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, apresenta-se através da dualidade: aproxima-se do patriarcalismo e em outros momentos dele se distancia. As alterações dos papéis que as mulheres vêm passando dentro da sociedade, não ficaram alheias ao espaço da romaria. Mas o que nos apontou como um aspecto marcante e presente, mesmo diante das transformações sociais, foi a romaria como um espaço de reprodução social da família; temos que a família apresentada na pesquisa se classifica na categoria de família nuclear extensa, composta de pai, mãe e filhos. Enfim, constatamos, através da fundamentação teórica utilizada na nossa análise e reflexão, que naquele espaço as mulheres romeiras estão mais próximas do patriarcalismo, característica oriunda da cultura e do contexto social em que estão



inseridas, já as mulheres coordenadoras de romaria, devido à função que ocupam e do papel que desempenham no acontecer da romaria e para além dela, elas estão mais empoderadas, o que caracteriza um distanciamento da sociedade patriarcal.

Por ser a religião um determinante social e cultural, ela não só determina como legitima padrões de comportamentos oriundos da sociedade patriarcal, tanto do homem, como da mulher, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa. Devido a serem os sujeitos da pesquisa mulheres, elas se encaixam nesse perfil e referendam essa proposição.

A partir da observação sobre a forma como se dá a inserção das mulheres no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, levantamos alguns questionamentos que nortearam nosso trabalho e obtivemos respostas das mulheres romeiras e das coordenadoras entrevistadas. Quando perguntamos como as mulheres romeiras se situam e se posicionam em relação às mudanças socioculturais em curso, pelas respostas percebemos que todas as entrevistadas têm consciência da evolução do papel da mulher diante das mudanças sociais; classificamos essa análise como um distanciamento da sociedade patriarcal, pois elas têm consciência do seu empoderamento, na medida em que passaram a ocupar espaços antes determinados pelo mundo masculino. Mas dentro desse mesmo questionamento, também foi ponderada por algumas romeiras entrevistadas a dimensão dessas mudanças e elas a seu ver analisam que houve uma estigmatização de comportamentos não condizentes com a mulher, como ir para a Romaria e ficar passeando sozinha ou ir para o bar beber e fumar e não se dedicar à oração. Nesse aspecto, percebemos que as entrevistadas enaltecem as concepções patriarcais, pois cabe à mulher ser submissa às ordens do marido e estar dentro do seu espaço privado do lar, que é a família.

Quando perguntamos como as mulheres romeiras percebem o espaço da romaria, em relação ao seu cotidiano doméstico (mundo da casa, relação com os filhos e com os maridos), as entrevistadas responderam que se relacionam de forma harmônica com o marido e os filhos e toda a família, que a apoia e a ajuda na organização para participar da romaria; esse aspecto pode ser classificado como um distanciamento do patriarcalismo. Não há uma alteração do seu papel dentro da família. As mesmas coisas que fazem em casa, elas realizam no espaço da romaria, o que confirma a proximidade das questões patriarcais, referentes ao papel da

mulher dentro da família, cabendo a ela o ato de cuidar da casa, do marido e dos filhos.

O último questionamento feito foi se elas estabelecem alguma relação entre uma possível reconstrução ou manutenção de suas identidades de gênero e o fato de serem romeiras. As romeiras comuns responderam que elas procuram viver de acordo com os ensinamentos que receberam dos pais, o que nos leva a analisar que elas mantêm uma identidade de gênero condizente com a sociedade patriarcal. Já as coordenadoras de romaria, devido à atividade que elas exercem no acontecer da romaria e para além dela isso, faz com que elas se empoderem e percebam que os papéis desempenhados pelas mulheres dentro e fora da família devem ser valorizados, tanto quanto os dos homens. Essa análise nos leva a compreender o quanto elas distanciam a sua forma de pensar dos preceitos estabelecidos pela sociedade patriarcal.

Com base nessas considerações, constatamos que, mesmo diante das mudanças socioculturais oriundas da sociedade atual, as questões concernentes à identidade de gênero feminina, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, ainda estão imbricadas nos aspectos culturais determinantes da sociedade patriarcal, que referendam o papel de submissão e cerceamento da mulher em detrimento do homem. Mesmo que as mulheres romeiras entrevistadas percebam a mudança do papel da mulher na sociedade vigente, elas permanecem com comportamentos que em alguns momentos referendam e em outros alteram as características do patriarcalismo.

Assim, vemos confirmada nossa hipótese conforme a qual as relações entre o homem e a mulher nesse contexto são imbricadas pelos aspectos culturais próprios de uma sociedade patriarcal, em que o papel da mulher ainda é considerado inferior ao do homem. Entende-se que o papel da mulher tenha se alterado na sociedade brasileira, e que, no espaço da Romaria do Bom Jesus da Lapa, a participação da mulher se dá de forma diversificada, apresentando alguns traços que em alguns casos se aproximam e em outros se distanciam do patriarcalismo. Na permeação entre o espaço privado (a família) e o espaço público (igreja), elas exercem suas atividades através das quais elas se sentem emancipadas, o que as leva a distanciarem-se e até mesmo, em certos casos, a questionarem o patriarcalismo.

Ao concluir, vimos-nos na condição dessas mulheres romeiras do Bom Jesus, trilhando caminhos alternados entre a racionalidade proposta pela academia e a

espiritualidade emanada por aquele local, considerado sagrado. Foram em torno de oito anos de peregrinação, convivência e vivência naquele espaço, onde verbalizamos e sentimos as questões, como pesquisadora e como mulher. Mas, referendada pela simplicidade e humildade das mulheres romeiras do Bom Jesus da Lapa, sabemos que não somos capazes de dar conta de toda a temática proposta, devido a ser um campo vasto, denso e profundo. Tendo em vista que nosso objeto de estudo envolve várias vertentes de conhecimento, com o agravante de ainda haver poucas pesquisas sobre esta temática, certamente pode haver lacunas não preenchidas, devido sobretudo à análise subjetivamente conduzida, podendo existir outros pontos de vista que melhor explicitem o tema proposto. Ainda assim, esperamos, com este estudo, ter dado uma contribuição para a academia, suscitando inquietações, questionamentos e possíveis continuidades de pesquisa sobre a temática, referente à identidade de gênero feminina, no espaço da romaria do Bom Jesus da Lapa.

Por fim, externamos o desejo de pontuar e apontar aspectos que julgamos importantes de serem mencionados novamente e, quem sabe, dar continuidade ao estudo da temática proposta, por isso achamos o termo conclusão como algo pronto e acabado; e por entender a densidade da temática apresentada neste estudo, vimos que ela abre uma gama de vertentes e possibilidades. Por isso, optamos neste momento por denominar esta análise de considerações momentâneas, por suscitar a possibilidade da continuidade do estudo.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINI, Nilo. *Ética e evangelização: a dinâmica da alteridade na recriação da moral*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- AGUIAR, Márcio Mucedula. *A construção das hierarquias sociais: classe, raça, gênero e etnicidade*. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, ano 20, n. 36/37, p. 83-88, 2007.
- ALVES, Cláudia Maria Magri, SILVA, Rita de Cássia da Cruz. *Devocionário a Nossa senhora Aparecida*. Editora Canção Nova. São Paulo, SP. Brasil, 2006.
- ALVES, Andréia Moraes. Família, sexualidade e velhice feminina. IN: HEILBORN, Maria Luiza (org). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- ALVES, Maria Lúcia Bastos. Festas religiosas e políticas de turismo: Continuidades e mutações . In: MARTINS, Paulo Cezar Borges; OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G.S.S (org). *Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo*. Goiânia: Editora Kelps, 2013. p. 31 -58.
- AMADO, Janaína. Região, sertão, nação. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 15, 1995, p.145-151.
- AMEIGEIRAS, Aldo Rubén. *Para uma hermenêutica de la peregrinacion: cultura popular e identidade religiosa*. Los migrantes santiaguenos em la Argentina. Stromata, 2000, p. 128.
- ANDRADE, Carlos Drummond De. *Carlos Drummond de Andrade: poesia e prosa*. 8ª ed. Rio de Janeiro. Nova Aguilar, 1992.
- ANTONIAZZI, Padre Alberto. *Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?* 3ª Ed: São Paulo: Paulus, 2006.
- ARAÚJO, Maria das Graças Ferreira de. *Pequenas romarias para pequenos santos: um estudo sociográfico do dia de finados*. 2009. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós- graduação em Ciências da Religião, Belo Horizonte.
- ARAÚJO Clara e SCALON Celi (org). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de janeiro: FGV, 2005.
- ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- ASFORA, Maria de Fátima Yasbeck. *Romarias da terra e das águas: novas expressões das reivindicações dos trabalhadores rurais*. 1º Encontro da Rede de Estudos Rurais. Niterói (RJ), 2006.
- AZZI, Riolando. *Elementos para a história do catolicismo popular*. *REB*, v. 36, n. 141, p. 95-130, mar. 1976.

\_\_\_\_\_. *A religião do Povo*. São Paulo: Paulinas, 1978.

BACZKO, Bronislau. Imaginação social. In: ENCICLOPÉDIA Einaudi. Lisboa, 1985.

BADINTER, Elisabeth. *O conflito: a mulher e a mãe*, Tradução de: Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARBIERI, Teresita. Sobre La categoria gênero: Uma introducción teórica metodológica. In: RODRIGUES, Regina (Ed). *Fin de siglo: gênero y cambio civilizatorio*. Santiago: Isis Internacional, 1992, p. 111-128. (Ediciones de Las Mujeres, nº 17)

\_\_\_\_\_. *Sobre a categoria gênero - uma introdução teórico-metodológica*. S.O.S Corpo, 1992.

BARBOSA, Antônio. *Bom Jesus da Lapa antes do Monsenhor Turíbio, no tempo do Monsenhor Turíbio, depois do Monsenhor Turíbio*. Rio de Janeiro: Jotanesi Edições, 1996.

BARBOSA, Francisco Salatiel de Alencar. *O Joazeiro Celeste: Tempo e paisagem na devoção ao Pe Cícero*. Coleção de antropologia. Movimentos Religiosos no Mundo Contemporâneo. São Paulo: Attor, 2007.

BASTOS, Maria Lúcia Alves. *A conveniência na convivência*. Um estudo sobre a Romaria de Bom Jesus da Lapa – Ba. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, RN, 1993.

BAPTISTA, Makilim Nunes; CARDOSO, Hugo Ferrari; GOMES, Juliana Oliveira. Intergeneracionalidade familiar. In: BAPTISTA, Makilim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. São Paulo: Artmed, 2012. p. 16-26.

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Trad. de Plínio Dentzin. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e ambivalência*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.

\_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

\_\_\_\_\_. *A sociedade individualizada*. Tradução: Jorge Gardel. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

\_\_\_\_\_. *Em busca da política*. Tradução Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEAUVOIR, Simone. *O Segundo Sexo: fatos e mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Antony; LASH, Scott. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1997.

BELLO, Ângela Alves. Cultura e religiões. In: \_\_\_\_\_. *Culturas e religiões: uma leitura fenomenológica*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998, p-141-168.

BERGER, Peter. Religião e Construção do mundo. In: *O dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 15-113.

\_\_\_\_\_. *O dossel Sagrado: Elementos para uma teoria sociológica da religião*. Tradução. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 15-113

BERGER e L, LUCKMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. 9. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1985.

BINGEMER Maria Clara L (Org). *Violência e religião: Cristianismo, Islamismo.e Judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. Rio de janeiro. Ed . PUC – Rio; São Paulo: Loyola., 2001.

BOFF, Leonardo. *O Rosto Materno de Deus: ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

BOING, Mafalda Pereira. *Nossa Senhora Aparecida: A padroeira do Brasil*. São Paulo: Loyola, 2007.

BOTTOMORE; OUTHWAITE. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Rio e Janeiro: J. Zahar, 1996.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998, p. 45-57.

\_\_\_\_\_. Gênese e Estrutura do campo religioso. IN: BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 5ª ed. 1998 p.45,57; 69,78.

\_\_\_\_\_. *A dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro, 2005,4ªEd.

\_\_\_\_\_. *A Dominação Masculina*. Tradução de Maria Helena Kühner. 9. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.

BRANDÃO, C. Rodrigues. *Os Deuses do Povo: Um estudo sobre a religião popular*. São Pauto, Brasiliense, 1980.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues Brandão. A partilha do tempo. In: SANCHIS, Pierre (Org.) *Catolicismo: cotidiano e movimento*. Rio de Janeiro: ISER, 1992.

\_\_\_\_\_. *A educação como cultura*. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. *A Cultura na Rua*. Campinas: Papyrus, 1989.

\_\_\_\_\_. *Memória, sertão – cenário e cenas, pessoas e gestos nos sertões de João Guimarães Rosa e de Manuelzão*. São Paulo: Conesul, Ed.UNIUBE, 1998, p. 87

\_\_\_\_\_. *Os rostos do Deus do outro*. Mapas, fronteiras, identidades e olhares sobre a religião no Brasil. São Paulo: Loyola, 2005.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. Vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDÃO Maria Luiza ribeiro e BINGEMER Maria Clara L. *Mulher e relações de gênero*. Edições Loyola. São Paulo, 1994

BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Minas patriarcal: família e sociedade (São João Del Rei – Séculos XVIII e XIX)*. São Paulo: Anablume, 2007.

BUENO, Silveira. *Minidicionário da língua portuguesa*. São Paulo: FTD, 2000.

BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Editora Schwarcz Ltda, 1989.

BURMANN, Claudir. *Espaço e espaço sagrado: um olhar a partir de uma comunidade luterana*. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, RS, vol. 19. Maio-agosto. 2009.

CALVELLI, Haudrey Germiniani. *A santiago de Compostela Brasileira: Religião, turismo e consumo na peregrinação pelo caminho da fé*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2006.

CAMPBELL, Joseph. *Para viver os mitos*. Tradução de Anita Moraes. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAPELATTO, Ivan. *Diálogos sobre a afetividade*. 3. ed. São Paulo: Papyrus Editora, 2007.

CARVALHO, Marcus J. M. de. De portas adentro e de portas afora: trabalho doméstico e escravidão no Recife, 1822-1850. In: *Revista Afro-Ásia*, 29/30, Universidade Federal da Bahia (2003), p. 41-78 .

CARVALHO FILHO, Benedito José de. *Marcas de família, travessias no tempo*. São Paulo: Anablume; Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.

CARVALHO, Marcus Joaquim M. de. *Liberdade: rotinas e rupturas do escravismo. Recife, 1822-1850*. Recife: Editora da UFPE, 1998;

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Volume II. Tradução de Klauss Brandini Gerherdt. São Paulo: Editora Paz e Terra Ltda, 2010.

CASTRO, Jânio Roque de. *Natureza, significados e impactos das romarias do Bom Jesus da Lapa – Ba*, 2004. Dissertação (mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Bahia, Salvador – Ba.

\_\_\_\_\_. *A topografia do sagrado e a natureza mítica das cidades-santuários: uma leitura a partir de Bom Jesus da Lapa/Ba*. Revista Espaço e Cultura, UERJ –RJ, nº 24, p.33-43, Julho/ dezembro de 2008.

CHANTER, Tina. *Gênero: Conceitos-Chave em Filosofia*. São Paulo: Editora Artmed, 2011.

CHAUÍ, M. *O que é Ideologia?* São Paulo: Brasiliense, 1981

CHEUÍCHE, Antonio do Carmo. *Cultura e evangelização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

CIRIBELLI, Marilda Côrrea. *Como elaborar uma dissertação de mestrado através da pesquisa científica*. Rio de Janeiro. Editora: 7 letras, 2003.

COHEN, A.P. *The symbolic construction of community*. London: Tavistock, 1985.

CORDEIRO, Maria Paula Jacinto. *Quotidiano e religiosidade: ressignificação de práticas romeiras a partir estudo de caso no nordeste brasileiro*. UFC/URC: 2008.

CORRÊA, Mariza. *Repensando a família patriarcal brasileira*. Caderno de Pesquisa, São Paulo, (37): 5-16, Maio, 1981.

CÔRTEZ, Mariana. *O bandido que virou pregador*. São Paulo: ANPOCS, 2007.

COSTA, Simone Maria Santos. *Festa de Bom Jesus da Lapa: a celebração da fé no sertão*. Instituto de Educação Superior Unyahna, Salvador-IESUS, 2000.

COUTO, Márcia Thereza. *Gênero e comportamento reprodutivo no contexto de famílias em pluralismo religioso*. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 207-246.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

\_\_\_\_\_. *As Linguagens da Experiência Religiosa: Uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.



CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. São Paulo: Martin Claret, 1985.

DAMATTA, Roberto. *O que é o Brasil?* Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DEERE, Carmem; LÉON Magdalena. *O Empoderamento da mulher: direitos á terra e direitos de propriedade na América Latina*. Porto Alegre. UFRGS, 2002.

DEL PRIORE, Mary. *Festas e utopias no Brasil colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000.

\_\_\_\_\_. *Conversas e histórias de mulher*. 1ed. São Paulo: Planeta, 2013.

DEMO, Pedro. *Metodologia científica em ciências sociais*. 3.ed.rev. e ampl.- São Paulo: Atlas, 1995.

DEUS, Maria do Socorro. A ação redentorista e as mudanças no comportamento religioso em Goiás pela romaria de Trindade (1894-1930). *Fragmentos de cultura*. Goiânia, v. 11, n. 2, p.259-268, mar./abr. 2001.

DEUS, Maria do Socorro de; SILVA, Mônica Martins da. *História das festas religiosas em Goiás*. Goiânia: Editora Alternativa, 2003. 74 p. il. (Coleção Histórias de Goiás).

DUARTE, Luiz Fernando Dias et al. Família, reprodução e ethos religioso: subjetivismo e naturalismo como valores estruturantes. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias et al (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 7-14.

DUMONT, Louis. *O Individualismo: Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DURKHEIM, Émile. *As formas Elementares da vida religiosa*. Trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

\_\_\_\_\_. *As formas Elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1976

\_\_\_\_\_. *As Regras do método sociológico*. São Paulo: Nacional, 1978.

ELÍADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

FALCKE, Denise. Mães e madrastras: Quem são essas personagens? In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 77-92.

FARAH, Marta F. Santos. Gênero e políticas públicas. *Revista Estudos Feministas*, jan-abr, ano 2004, vol. 12, nº001. Rio de Janeiro: UFRJ, p. 47 – 71.

FARIA, Durval Luiz de. *O Pai possível: conflitos da paternidade contemporânea*. São Paulo, Editora: Educ, 2003

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Prefácio. In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 9-11.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. Turismo e Religião: Notas para um debate sobre cidades, peregrinos e a igreja católica diante de um fenômeno em expansão. *Fragmentos de Cultura*, Goiânia, v.17, n.11/12, p.1067 – 1081, nov/dez, 2007.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. *Repensando o sincretismo: Estudo sobre a Casa das Minas*. São Paulo: EDUSP; São Luis: FAPEMA, 1995.

FIORENZA, E. Schüssler Quebrando o silêncio: a mulher se torna visível. Tradução de Gentil Avelino Tilton. In: FIORENZA, E. Schüssler et al. (Orgs.). *A mulher invisível na teologia e na Igreja*. Concilium/202 – 1985/6: Teologia Feminista. Petrópolis: Vozes, 1985.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber (vol.1)*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

FREIRE, Gilberto. 1900-19807. *Casa Grande & Senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. 51ª. Ed.rev.. São Paulo: Global, 2006.

FREITAS, Fernanda. Sem medo, Maria!. Alfragide: Editora Caderno C, 2008.

FROZONI, Giuliana. “*Vamos todos para Lapa, visitar o Bom Jesus*”. O itinerário da romaria a partir dos benditos cantados pelos romeiros do Bom Jesus da Lapa – Ba, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo - SP.

FRÚGOLI Jr., Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. In: *Revista de Antropologia*, vol. 48 n. 1 São Paulo. Jan./Jun. 2005.

GALILEA, Segundo. *Religiosidade popular e pastoral*. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1978.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *As incômodas filhas de Eva na Igreja da América Latina*. São Paulo: Paulinas, 1989.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara. *Vida religiosa: da teologia patriarcal à teologia feminista: um desafio para o futuro*. São Paulo: Paulinas, 1992.

GEERTZ, Cliford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.

\_\_\_\_\_. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, Anthony. *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2003

GIDDENS, A. Risco, confiança e reflexividade. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Antony; LASH, Scott (Orgs.). *Modernização reflexiva*. São Paulo: EDUSP, 1997.

\_\_\_\_\_. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

\_\_\_\_\_. *As consequências da modernidade*. Tradução: Raul Filker. São Paulo: EDUSP, 1991.

\_\_\_\_\_. *A transformação da intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

\_\_\_\_\_. *Mundo em descontrole o que a globalização está fazendo em nós*. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

\_\_\_\_\_. *Sociologia*. Tradução de: Alexandra Figueredo, Ana Patrícia Duarte Baltazar, Catarina Lorga da Silva, Patrícia Matos e Vasco Gil. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.

\_\_\_\_\_; LICHT, René Henrique Götz; SANTOS, Brigitte Rieckman Martins dos. Por que fazer pesquisa qualitativa em saúde? *Caderno de Saúde*, São Caetano do Sul, v.1, n.2, p. 5-19, jul./dez. 2006.

GIRARD, René. O sacrifício: A gênese dos mitos e dos rituais: os deuses, os mortos, o sagrado, a substituição sacrificial. In: \_\_\_\_\_. *A violência e o sagrado*. Trad. Martha Conceição Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 1988 p.11- 57, 117-152, 313-341.

GOHN, Maria da Glória Marcondes. *Movimentos sociais e educação*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GOIS, João de Deus. *Religiosidade Popular: pesquisa*. São Paulo: Edições Loyola, 2004

GOMÁRIZ, Enrique. Los estudios de género y sus fuentes epistemológicas: peridización y perspectivas. In: RODRIGUES, Regina (Ed). *Fin de siglo: género y cambio civilizatorio*. Santiago: Isis Internacional, 1992, p.83 - 110. (Ediciones de Las Mujeres, nº 17)

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Ressonância, materialidade e subjetividades: as culturas como patrimônios. In: *Horizontes Antropológicos*. v. 23 Patrimônio Cultural. Porto Alegre: UFRGS, 2005

GOODE, William J. *A família*. Tradução de Antônio Augusto Arantes Neto. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1970.

\_\_\_\_\_. *Revolução mundial e padrões de família*. Tradução de Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Editora Nacional e Editora da SUPS, 1969.

GORENSTEIN, Lina. *A inquisição contra as mulheres*. Rio de Janeiro, séculos XVII e XVIII. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: FAPESP, 2005.

GRAMSCI, Antonio. *Concepção dialética da história*. Tradução Carlos Nelson Coutinho. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HABERMAS, J.. *O discurso filosófico da modernidade*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1990.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. *Metodologias qualitativas na sociologia*. Petrópolis: Vozes, 2003.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HEILBORN, Maria Luiza et al. Apresentação:. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 9-18.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Catolicismo: A configuração da Memória. *Revista de Estudos da Religião*. REVER nº 2, Ano 5, 2005.

\_\_\_\_\_. *O peregrino e o convertido*, Tradução: João Batista Kreuch, Petrópolis: Vozes, 2008.

HIGUET, Etienne. *Devoção e romaria à Santíssima Trindade: um olhar simpático na perspectiva de Paul Tillich*. Disponível em: <[http://www.metodista.br/ppc/correlatio05/devoção-e-romaria-a-santi....](http://www.metodista.br/ppc/correlatio05/devoção-e-romaria-a-santi...)> Acesso em: 23 set.2009.

HOBSBAWN, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002, p. 9-23.

HOORNAERT, Eduardo. O catolicismo popular numa perspectiva de libertação. Pressupostos. *REB*, v. 3, n. 141, 1976.

\_\_\_\_\_. A evangelização do Brasil durante a primeira época colonial. In: HOORNAERT, Eduardo et al. (Orgs.). *História geral da Igreja na América Latina*. Tomo II: História da Igreja no Brasil. Primeira época – Ensaio de interpretação a partir do povo, Petrópolis: Vozes, 1978.

HUFF JUNIOR, Arnaldo Érico. Campo religioso brasileiro e a história do tempo presente. *Cadernos CERU*, série 2, v. 19, n. 2, dez. de 2008.

IBGE. Censo Demográfico 2010. *Família e Domicílio*. Rio de Janeiro, p. 1-203m 2010. Disponível em: [ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\\_Demografico\\_2010/Familias\\_e\\_Domicilios/censo\\_fam\\_dom.pdf](ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Familias_e_Domicilios/censo_fam_dom.pdf). Acesso em: 10.07.2013.

JESUS, Elivaldo de Souza. *Gente de promessa, de reza e de romarias: experiências devocionais na ruralidade do recôncavo sul da Bahia (1940-1980)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal da Bahia, 2006.

JONHSON, Allan G. *Dicionário de sociologia: guia prático de linguagem sociológica*. Tradução: Ruy Jungmann; consultoria, Renato Lessa – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1997.

JOHNSON, Elizabeth. A. *Nossa verdadeira irmã: Teologia de Maria na comunhão dos santos*. Tradução de Bárbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2007.

JORGE, Simões. J. *Cultura religiosa: O Homem e o fenômeno religioso*. 2ª Ed. São Paulo: Loyola, 1994.

JORGE, J. Simões. *Cultura religiosa. O Homem e o Fenômeno Religioso*. 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1998.

KLINGER, Elmar. *Jesus e o diálogo das religiões: o projeto do pluralismo*. Tradução Edgar Orth. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

KOCIK, Lucas. *Santuário do Bom Jesus da Lapa*. 7 ed: Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2000.

\_\_\_\_\_. *Romaria de Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1991.

\_\_\_\_\_. *Maravilhas do santuário de Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 1988.

\_\_\_\_\_. *Bom Jesus da Lapa V. Maravilhas do Santuário do Bom Jesus da Lapa*. Poemas, Cânticos e benditos em Louvor ao Senhor Bom Jesus da Lapa . Bom Jesus da Lapa: Gráfica: Bom Jesus, 1987.

\_\_\_\_\_. *Resenha Histórica do Bom Jesus da Lapa*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica: Bom Jesus, 1987.

KUCK, Jaime. *Transformações no espaço sagrado e profano na história do cristianismo*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). Universidade Metodista de São Paulo. São Bernardo do Campo, 2001, p. 8 -13.

KUMAR, Krishan. *Da sociedade pós-industrial à pós-moderna: novas teorias sobre o mundo contemporâneo*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. 2. ed. ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997;

LASCH, Christopher. *Refúgio num mundo sem coração*. A família: santuário ou instituição sitiada? Tradução de João Tronca e Lúcia Szmrecsanyi. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

LASH, Scott; BECK, Ulrich; GIDDENS, Antony. *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna*. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: UNESP, 1997.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. Tradução A. J. Barros. São Paulo: Ática, 1991 (Coleção: Sociologia e Política, v. 24).

\_\_\_\_\_. *A revolução urbana* Tradução: S. Martins. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LEMOS, Carolina Teles. *Religião e saúde: (re)significando as dores na vida cotidiana*. Rio de Janeiro: Descubra, 2008.

\_\_\_\_\_. *Religião, gênero e sexualidade: o lugar da mulher na família camponesa*. Goiânia: Ed. da UCG, 2005.

\_\_\_\_\_. *A religião como espaço de conexão entre o rural e o urbano: os valores do indivíduo e comunidade em interação*. *Caminhos*, Goiânia, v.2, p.71-86 n.1 jan./jun. 2004.

\_\_\_\_\_. *Religião e gênero: a intimidade entre o peso da tradição e a autonomia do indivíduo*. In: \_\_\_\_\_. *Religião e (re)significação da Intimidade*. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2012.

LIMA, Danielle Ventura Bandeira de. *Devoção e Santidade : As irmãs de caridade de Pe Ibiapina sob o modelo mariano*. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2014.

LYRA, Carla. *Ação política e autonomia: a cooperação não-governamental para o desenvolvimento*. São Paulo: Annablume: 2005.

LOSACCO, Silvia. *O jovem e o contexto familiar*. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. *Família: Redes, laço e políticas públicas*. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 63-76.

LUNA, Naara. *Religiosidade no contexto das novas tecnologias reprodutivas*. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias et al (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 113-150.

MACHADO, Maria das Dores Campos. *Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar*. Campinas, SP: Autores Associados. São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

\_\_\_\_\_. *Religião, família e individualismo*. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 89-122.

\_\_\_\_\_. Religião, família e individualismo. In: DUARTE, Luiz Fernando Dias et al (Orgs.). *Família e religião*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006. p. 89-112.

MACHADO, Leda Maria Vieira. *A incorporação de gênero nas políticas públicas: perspectivas e desafios*. São Paulo: Annablume, 1999.

MALUF, Marina. *Ruídos de memória*. São Paulo: Siciliano, 1995.

MANZATTO, Antônio. *Teologia e literatura*. Reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado. São Paulo: Loyola, 1994.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MARIZ, Cecília Loreto. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, Faustino (Org.). *Sociologia da Religião: Enfoques teóricos*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 67-93.

MARX, Karl. *Manuscritos econômicos e filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MENDRAS, Henri. *Sociedades camponesas*. São Paulo: Zahar, 1978.

MATA, Sérgio da. *História e Religião*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história da mulher*. Bauru: Edusc, 2000.

MATOS, Marlise. A democracia não deveria parar na porta de casa: a criação dos índices de tradicionalismo e de destradicionalização de gênero no Brasil. In: ARAÚJO Clara e SCALON Celi (org). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

MATURANA, Humberto; VERDEN-ZOLLER, Gerda. *Amar e Brincar: Fundamentos esquecidos do humano do patriarcado à democracia*. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas, 2004.

MEGALE, Nilza Botelho. *O livro de ouro dos santos*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MESQUITA, Adriana de Andrade. *Com licença, eu vou à luta!* O desafio de inserção das mulheres da periferia carioca no mercado de trabalho. Rio de Janeiro. 2005.208f. Dissertação (Mestrado em Política Social) – Escola de Serviço Social – UFF, 2005.

MICEK, Pe. Francisco. *Bom Jesus da Lapa*. 2 ed. Bom Jesus da Lapa: Bom Jesus, 2006.

MICHELATO, Antonio Ricardo. *Realidade e perspectivas das tradições religiosas na pós-modernidade*. Interações – Cultura e Sociedade, v. 3, n. 3, p. 97-112, 2008.

MINAYO, Maria Cecília. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 11ª. ed. São Paulo: HUCITEC; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2007.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 2007.

MONTERO, Paula. *Magia, racionalidade e sujeitos políticos*. 1994. Disponível em <http://www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs0026/rbcs2606.htm>.

MOREIRA, Benedito. Das origens e da compreensão da romaria. *Fragments de cultura*. Goiânia, v11, p. 239-310 n.2 mar./abr. 2001.

MORO, Celito. *Fé e Cultura: Desafios de um diálogo em comunicação*. São Paulo: Paulinas, 2010.

MOTA, Ireni Soares da et al *A atuação do movimento carismático na Igreja Católica de Inhumas: (1980-2000)*. Cidade de Goiás, 2001 - Universidade Estadual de Goiás. Unidade: Cora Coralina.2009.

MOTA, Ireni Soares da et al *A atuação do movimento carismático na Igreja Católica de Inhumas: (1980-2000)*. Cidade de Goiás, 2001 - Universidade Estadual de Goiás. Unidade: Cora Coralina.

MOURA , Carlos Eugênio de (org). *Leopardo dos olhos de fogo*. São Paulo. Ateliê Editorial, 1998.

MOURÃO, Maria Silva; et al... *Gênero, Identidade e Vida Religiosa*. São Paulo: Loyola, 2000.

MURARO, Rose Marie, PUPPIN, Andréa Brandão (org), *Mulher, gênero e sociedade (2000)*. Rio de Janeiro: Relume & Dumará, 2001. p 13 - 37.

MURARO, Rose Marie. *Textos da fogueira*. Brasília, Letraviva, 2000.

NARAYAN, D. *Empowerment and poverty reduction: a sourcebook*. Washington (DC): World Bank.. 2002

NASCIMENTO, Silvana S. *Em busca da Trindade um estudo antropológico sobre uma romaria goiana*. Disponível em: <http://members.tripod.com/bmgil/ns.html>. Acesso em: 24 mar

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In:HEILBORN, Maria Luiza et al.(orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro:Gramond, 2005.

NUNES, Maria José Rosado. Gênero e religião. *Revista Estudos Feministas*, maio-agosto, ano/vol.13, número 002.Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro. 2005.



OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. Bom Jesus da Lapa: três romarias, um patrimônio e muita fé. *Revista Eletrônica de Turismo Cultural*, v. 2, n. 1, p. 1-23, set. de 2008.

OLIVEIRA, Pedro Ribeiro de. *Religião e dominação de classes*. Petrópolis: Vozes, 1985.

OLIVEIRA, Maria de Lourdes Souza. *Mulheres na liderança, relações de gênero e empoderamento em assentamento de reforma agrária: o caso do saco do Rio Preto em Minas Gerais*. Tese (Doutorado em Humanase Sociais). Universidade Rural do Rio de Janeiro, 2006.

OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G. S. S. de: *Romarias: um espaço de interação entre a tradição e a modernidade*,. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia – Go, 2011.

OLIVEIRA, M. J. S. de. *Os pés e o Sagrado*. A peregrinação em busca do Santo vivo em Canindé, Fortaleza, Realce, 2001.

OLIVEIRA, Zuleica Lopes Cavalcanti de. A provisão da família: redefinição ou manutenção dos papéis. In: ARAÚJO Clara e SCALON Celi (org). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de janeiro: FGV, 2005.

OLIVEIRA, Nayara Hakime Dutra. *Recomeçar: família, filhos e desafios*. São Paulo. Editora:UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

OLIVEN, R. G. *A antropologia de grupos urbanos*. Petrópolis, Vozes, 1985.

OTTO, Rudolf.. *O Sagrado*. Os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. Tradução Walter O. Schlupp. São Leopoldo:EST; Sinodal; Petrópolis:Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. Introdução, o tremendo, o mistério, a analogia. IN: OTTO, Rudolf. *O Sagrado*. São Bernardo Campo: Imprensa Metodista, 1985, p, 13 -57.

PARKER, Cristian. *Religião popular e modernização capitalista: outra lógica na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *Religião Popular e Modernização Capitalista: Outra Lógica na América Latina*. Tradução de Atílio Brunetta. Petrópolis: 1995.

\_\_\_\_\_. Globalização e religião: o caso chileno. In: ORO, Ari Pedro; STEIL, Carlos Alberto. (Orgs.). *Globalização e religião*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 117-146.

PEREIRA, Paula. A nova família. *Revista Época*, Edição nº 293, 23 de dezembro de 2003.

PEREIRA, Josias. *A fé como fenômeno psicológico*. São Paulo. Escrituras Editora, 2003.

PEREIRA, Rodrigo da Cunha. *Direito da família: uma abordagem psicanalítica*. 2 ed. Ver. Atual. Ampl. Belo Horizonte: DelRey, 2003.

PEREZ, Léia Freitas & SANTOS, André Tavares Silva. *Pierre Sanchis e o exercício escrupuloso do ofício: Nos rastros de suas nascentes, as romarias portuguesas*. Ciências sociais e religião, Porto Alegre, ano 7, n.7, p.211-221, setembro de 2005.

PICANÇO, Felícia Silva. Amélia e a mulher de verdade: representações dos papéis da mulher e do homem em relação ao trabalho e à vida familiar. .In: ARAÚJO Clara e SCALON Celi (org). *Gênero, família e trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

PIERUCCI, Antônio Flávio. *O desencantamento do mundo: todos os passos do conceito em Max Weber*. São Paulo: 2003.

PITALUGGA, Marisa. A análise científica contemporânea da relação pais-filhos-sociedade. In: CERRONI, Umberto et al (Orgs.). *A crise da família e o futuro das relações entre os sexos*. Tradução de Giseh Vianna Konder. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971. p. 83-106.

PIZZI, Laura Cristina Vieira e FUMES Neiza Frederico (orgs). *Identidade, diversidade, inclusão e juventude*. IN: *Uma agenda de pesquisa, formação humana e docente gênero e educação*. Maceió. EDUFAL, 2007.

POEL, Francisco van der (Frei Francisco). *Dicionário da religiosidade popular*. Cultura e Religião no Brasil. Curitiba: Nossa Cultura, 2013.

POSTER, Mark. *Teoria crítica da família*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

POTIGUARA, Eliane. *Gênero e teologia*. Edições Loyola : São Paulo, Brasil, 2003

PRANDI, Reginaldo. *Raça e Religião*. Novos Estudos CEBRAP, nº42, p.113-129,1995.

RAMPAZZO, Lino. *Metodologia científica para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação*. São Paulo:Loyola, 2005.

REEBER, Michel. *Religiões: Mais de 400 termos, conceitos e idéias*. Tradução de Luiz Cavalcanti M. Guerra. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

REIMER, Ivoni Ricther. *Trabalhos acadêmicos: modelos, normas e conteúdos*. São Leopoldo: Olkos, 2012.

REIS, Adriana Dantas. Gênero, patriarcado e a história da escravidão no Brasil. IN: XXVI SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA (ANPUH), São Paulo, julho 2001, *Anais* p. 01 -16.

RIBEIRO, Antônio Lopes. A Manutenção do ideário de família no cenáculo de Nossa Senhora. Tese (Doutorado em Ciências da Religião). Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC /GO), 2014.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro – a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIBEIRO, Carlos Antonio Costa. *Cor e criminalidade*. estudo e análise da justiça no Rio de Janeiro: 1900-1930. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

RICHTER REIMER, Ilvoni. *Como fazer trabalhos acadêmicos*. Goiânia: UCG, 2008.

ROCCHER, Guy. O simbolismo e a ação social. In: \_\_\_\_\_. *Sociologia Geral*. Trad. de Ana Navarra. Lisboa: Editorial Presença, 1971, p.155-182.

ROCHA, Frei Hylton Miranda Rocha. *Pelos caminhos de Santo Agostinho*. São Paulo: Loyola, 1989.

ROHDEN, Fabiola. Religião e iniciação sexual em jovens de camadas populares. In: HEILBORN, Maria Luiza et al (Orgs.). *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. p. 177-205.

ROSENDHAL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Introdução à geografia cultural*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 187-224.

\_\_\_\_\_. *Espaço e Religião: uma abordagem geográfica*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1996.

\_\_\_\_\_. *Hierópolis: o sagrado e o urbano*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 1999.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: COSTA Albertina; BRUSCHINI, Cristina (Org). *Uma questão de Gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992.p, 183 – 215.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In: ORO, Ari; STEIL, Alberto (Orgs.). *Globalização e religião*. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *A religião dos Brasileiros: Teoria e Sociedade*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

\_\_\_\_\_. Peregrinação e romaria: um lugar do turismo religioso. *Ciências Sociais e Religião*, ano 8, n. 8, p. 85-97, out. de 2006.

\_\_\_\_\_. *Catolicismo: Unidade religiosa e pluralismo cultural*. Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER. Loyola, V.3 São Paulo. 1992.

\_\_\_\_\_. Cultura brasileira e religião: Passado e atualidade. *Cadernos CERU*, série 2. V.19, n.2, dezembro de 2008.

SANCHES, Fátima Abad. A família na visão sistêmica. In: BAPTISTA, Maklim Nunes; TEODORO, Maycoln L. M. (Orgs.). *Psicologia de família: teoria, avaliação e intervenção*. São Paulo: Artmed, 2012. p. 38-47.

SANTANA, Manoel Henrique de Melo. *Padre Cícero do Juazeiro: Condenação e exclusão Eclesial à Reabilitação Histórica*. Maceió: EDUFAL, 2009.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. *Importância das peregrinações para o turismo mundial*. Turismo em Análise. São Paulo. V.11, nº 2, p. 38-44. Nov. 2000.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SANTOS, Milton. *Pensando o espaço do homem*. São Paulo :HUCITEC, 1993, p.40.

\_\_\_\_\_. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: EDUSP, 2004, p.63.

SANTOS, Glauber Eduardo de Oliveira. *Importância das peregrinações para o turismo mundial*: Turismo em Análise. São Paulo. V.11, nº2, p.38-44. Nov. 2000.

SANTOS, Maria Inês Detsi de Andrade. *Gênero e comunicação: O masculino e o feminino em programas populares de rádio*. São Paulo: Annablume, 2004.

SANTUÁRIO Bom Jesus da Lapa: *Guia de peregrinos e turistas*. Bom Jesus da Lapa: Gráfica Bom Jesus, 2003.

SARTI, Cynthia A. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, Maria do Carmos Brant de (Org.). *A família contemporânea em debate*. São Paulo: Editora da PUC-SP, 1995b. p. 39-49.

\_\_\_\_\_. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

\_\_\_\_\_. Famílias enredadas. In: ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amalia Faller. *Família: Redes, laço e políticas públicas*. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 21-38.

\_\_\_\_\_. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

\_\_\_\_\_. *É sina que a gente traz: Ser mulher na periferia urbana*. Dissertação (Mestrado. em Ciências Sociais). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1985.

SEGURA, Turíbio Vilanova. Bom Jesus da Lapa. *Resenha histórica*. Bom Jesus da lapa: Gráfica Bom Jesus, 1987.

SCARANO, Julita. *Fé e milagre: ex-votos, pintados em madeira: Séculos XVIII e XIX*. São Paulo: EDUSP, 2004.

SCHOTT, Robin. As idéias de Agostinho e de Tomás de Aquino sobre as mulheres e a sexualidade. In: SCHOTT, Robin. *Eros e os processos cognitivos: uma crítica da objetividade em filosofia*. Tradução. Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Record – Rosa dos Tempos, 1996.

SCHMIDT, Elizabeth Silveira. Cultura e Sociedade. In: OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva (Org.). *Sociologia: consensos e conflitos*. Ponta Grossa: UEPG, 2001. p. 27-48.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para a análise histórica*. Recife: SOS Corpo, 1996 (3ª.Ed).

SETTON, Maria da Graça Jacinto. As religiões como agentes da socialização. *Cadernos CERU*, série 2. v. 19, nº 2, dezembro de 2008.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.); HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos estudos culturais*. 8. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. *Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do currículo*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

SOUZA, José Crisóstomo de Souza. *Filosofia, racionalidade, democracia: os debates Rorty & Habermas*. São Paulo: UNESP, 2005.

SOUZA José (org). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo horizonte: Editora UFMG, 2006.

SOUZA, Edmundo. *Mulher em cena: a condição feminina no catolicismo de Juazeiro do Norte*. São Paulo: Fortune, 2009.

SOUZA, Sandra Duarte de e LEMOS, Carolina Teles. *A casa, as mulheres e a Igreja: relação de gênero e Religião no contexto familiar*. São Paulo: Fonte editorial, 2009.

\_\_\_\_\_.(org), *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*,. São Paulo. Editora da Metodista, 2006.

\_\_\_\_\_. (org), *Gênero e Religião no Brasil: Ensaio Feministas*,. São Bernardo do Campo. Editora da UEMESP, 2007

\_\_\_\_\_.AIDS e Religião: Apontamentos sobre representações católicas em tempos de AIDS. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo. v.52, n.2, p. 333-344, Jul/Dez: 2012.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. *Horizonte Antropológico*, v. 9, n. 20, Porto Alegre, out. de 2003.

\_\_\_\_\_ e HERRERA, Sônia Reyes. Catolicismo e Ciências Sociais no Brasil: Mudança de foco e perspectiva num objeto de estudo. *Interfaces/Sociologias*, Porto Alegre, ano 10, nº23, jan/abr.2010, p.354-393.

\_\_\_\_\_. Pluralismo, modernidade e tradição: Transformações do campo religioso. *Ciências Sociais e Religião*, Porto Alegre, ano. 3, n. 3, p. 115-129, outubro, 2001.

\_\_\_\_\_. Peregrinação e turismo religioso: sujeitos, objetos e perspectivas. In: *Turismo e antropologia - novas abordagens*. Campinas: Papirus, 2009.

\_\_\_\_\_. Peregrinação e turismo: o Natal Luz em Gramado e Canela. IN: XXII REUNIÃO DA ANPOCS, *Artigo*, Caxambu, 1998.

\_\_\_\_\_. Transformações contemporâneas na romaria ao Santuário de Bom Jesus da Lapa: entre a peregrinação e o turismo. In: MARTINS, Paulo Cezar Borges; OLIVEIRA, Sandra Célia Coelho G.S.S (org). *Diversidade religiosa no Brasil contemporâneo*. Goiânia: Editora Kelps, 2013. p. 31 -58.

STEIN, Edith. *A mulher: Sua missão segundo a natureza e a graça*. Tradução de Alfred J. Keller. São Paulo: EDUSC, 1999.

STRAY, Marlene Neves; PALMA, Yáskara Arrial. A família homomaterna: mulheres que amam mulheres e amam seus (suas) filhas. In: STREY, Marlene Neves; PIASON, Aline da Silva; SANTOS, Ana Luiza dos. *Vida de mulher: gênero, sexualidade e etnia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011. p. 129-150.

SÜSS, Günter Paulo. *Catolicismo popular no Brasil: tipologia e estratégia de uma religiosidade vivida*. Tradução de Antonio Steffen, S.J. São Paulo: Loyola, 1979.

TEDESCHI, Losandro Antônio.. *História das mulheres e as representações do feminino*. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.

TEIXEIRA Faustino, MENEZES, Renata. *Catolicismo Plural: dinâmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes, 2009.

\_\_\_\_\_. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *Revista USP*, São Paulo, n.67, p. 14-33, setembro/novembro 2005.

TERRIN, Aldo Natale. *Introdução ao estudo comparado das religiões*. Tradução: Giuseppe Bertazzo. São Paulo: Paulinas, 2003.

TÖNNIES, F. Comunidade e sociedade como entidades típico-ideais. In: FERNANDES, F. (org.). *Comunidade e sociedade: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação*. São Paulo: Nacional/ Edusp, 1973. p. 96-116.

TOURAINÉ, Alan. *O mundo das mulheres*. Tradução de Francisco Moraes. 2 ed. Revista. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

USARSKI, Frank. *Constituintes da Ciência da religião*. Cinco ensaios em prol de uma disciplina autônoma. São Paulo: Paulinas, 2006.

VALLA, Victor Vicent. *Religião e Cultura popular*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

VALLE, Edênio. Santuários, romarias e discipulado cristão. *Revista Horizonte*, v.4, n.8, p. 31-48, jun. 2006, Belo Horizonte.

VANUCCHI, Aldo. *Cultura Brasileira: O que é, como se faz?*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2006.

VAZ, Henrique C. de Lima. *Escritos de Filosofia IV: Introdução à Ética Filosófica 1*. 3. Ed. São Paulo: Loyola, 2006.

VELHO, Gilberto. *Projeto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

WAGNER, Adriana. Possibilidades e potencialidades da família: A construção de novos arranjos a partir do recasamento. In: WAGNER, Adriana (Coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 23-38.

\_\_\_\_\_. [et al.]. Família como Sistema. Coordenação da coleção de Adriana Wagner, João Alves da Silva Neto e Marlene Neves Strey. In: *Família e Internet*. São Leopoldo: Sinodal, 2010.

\_\_\_\_\_. Família & internet. São Leopoldo: Sinodal, 2010. WAGNER, Adriana e STAUDT, Ana Cristina Pontello. A vivência da paternidade em tempos de diversidade. In: WAGNER, Adriana (Org.). *Desafios psicossociais da família contemporânea: pesquisas e reflexões*. Porto Alegre: Artmed, 2011. p. 112-122.

WEBER, Max, 1864-1920. *Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva*. Tradução: Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; ver téc de Gabriel Cohn, 4ª Ed – Brasília: Editora Universidade de Brasília, vol I, 2000,2009 (reimpressão)

WERBA, Graziela C. Quero ficar no teu corpo feito tatuagem: reflexões sobre a violência contra o corpo da mulher. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa (Orgs.). *Corpos e subjetividades em exercício interdisciplinar*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 161-178.

WILLAIME, Jean-Paul. Max Weber. In: HERVIEU-LÉGER, Danièle; WILLAIME, Jean Paul. (Orgs.). *Sociologia e Religião: abordagens clássicas*. São Paulo: Idéias & Letras, 2009. p. 71-123.

## **ANEXOS**

### **ANEXO A - Parecer do Comitê de Ética**

Plataforma Brasil - Ministério da Saúde

Pontifícia Universidade Católica de Goiás - PUC/Goiás

#### **PROJETO DE PESQUISA**

**Título:** ROMARIA DO BOM JESUS DA LAPA: UM ESPAÇO DE (RE)CONSTRUÇÃO DA  
IDENTIDADE DE GÊNERO FEMININA

**Pesquisador:** Sandra Célia Coelho Gomes da Silva Serra de **Versão:** 1  
Oliveira **CAAE:** 02080212.7.0000.003  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás – PUC/Goiás  
:



## PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

**Número do Parecer:**19216

**Data da Relatoria:**02/05/2012

### **Apresentação do Projeto:**

Tese

Esta em conformidade com a exigência das normas metodológicas e éticas.

### **Objetivo da Pesquisa:**

Objetivo primário e secundário estão estabelecidos, muito embora os secundários precisem ser expressos com maior clareza.

### **Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Estão previstos os riscos e benefícios. Muito embora o pesquisador não indique em que Clínica de Bom Jesus da Lapa, os sujeitos, com riscos emocionais poderiam ser atendidos.

### **Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Como um todo a pesquisa está dentro dos procedimentos esperados.

### **Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Os termos obrigatórios foram apresentados.

### **Recomendações:**

Um pouco de atenção na metodologia, nem sempre está clara, quanto ao conteúdo (por exemplo falar em amostra representativa...10 sujeitos-romeiras não são representativas estatisticamente falando)

### **Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Não foi indicada qual clínica em Bom Jesus da Lapa, que poderia receber os sujeitos da pesquisa que emocionalmente poderiam sentir algum impacto.

Nenhuma pendência mais grave que tenha ferido a resolução 196/96.

### **Situação do Parecer:**

Aprovado

### **Necessita Apreciação da CONEP:**

Não.

GOIANIA, 08 de Maio de 2012

Assinado por:

Dwain Phillip Santee

## **ANEXO B - Roteiro de Entrevista**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC/ GO  
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E TEOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

### **ROTEIRO DE ENTREVISTAS**

1 Me fale um pouco sobre vc? ( nome, idade, data de nascimento, família, parentes distantes, meios de entrar em contato com eles, nível de escolaridade, profissão, o que faz nas horas vagas, gosta de assistir televisão, o programa de TV, que mais gosta, gosta de viajar, participar de algum grupo de idoso, de associação de Bairro ou religioso, como foi a sua infância ).

2 Há quanto tempo a senhora frequenta a romaria, como e quem estimulou a participar? A senhora se considera uma romeira ? É igual ou difere dos outros romeiros? Como a senhora vê os outros romeiros? Em que aspecto difere dos outros? Porquê? Como a senhora chegou ao cargo de coordenadora de romaria? Se diferencia das outras coordenadoras, por que?

3 Relate um pouco da sua atividade de coordenadora de romaria, o que faz, antes, durante e após a romaria? Como faz para formar e organizar o grupo? E como são essas pessoas( idade, ocupação, onde residem).Alguém lhe ajuda financeiramente na romaria e a senhora ajuda alguém? Vc realiza romaria apenas para Lapa ou para outros lugares? Há diferença entre uma e outra? E o grupo é o mesmo? Considera isso um trabalho?

4 A senhora gosta da atividade de coordenadora de romaria? O que considera comportamento bom e comportamento mal, em relação a essa atividade. O que a senhora considera em fazer o bem ou fazer o mal na condição de coordenadora. Sente algum tipo de vergonha? Culpa, alguma coisa que te entristece no exercício de sua atividade de coordenadora de romaria? E o que de dá mais alegria?

5 Como a senhora concilia sua vida, enquanto mulher, mãe e esposa e sua atividade de coordenadora de romaria? E a família ( marido, filhos) ela aceita, te apoia, te acompanha, como é sua relação com o marido e os filhos em relação a sua atividade? Eles te acompanham na romaria, quando te acompanha lhe ajuda? Participa, junto contigo das atividades? A sua

participação na romaria contribui para a educação dos filhos e a orientação da família?

6 Seu papel na família mudou ao assumir a coordenação da romaria? Em que sentido? Como a senhora vê a mulher na atualidade? Sua atividade serviu para sua emancipação dentro e fora da família? Como isso acontece? Esta atividade que vc faz trouxe algum poder de liderança? Como se dá?

7 A senhora se considera católica? Participa de alguma atividade na sua comunidade e na romaria da Lapa? Todas as pessoas que a senhora traz são católicas? Como a senhora vê as outras religiões e o próprio catolicismo?. Durante esse período já viu algum tipo de conversão religiosa, por parte dos participantes? Já alcançou alguma graça do Bom Jesus que gostaria de relatar? Algum participante da romaria, já relatou alguma graça que te marcou? Por fim, a senhora tem um sonho? E quais os seus planos para o futuro? Deixe uma mensagem final enquanto mulher, coordenadora de romaria e romeira.

## ANEXO C - Relatório dos trabalhos realizados no atendimento aos coordenadores de romaria 2010.



Santuário do Bom Jesus da Lapa/BA

Quantidades de pessoas por estados, que registraram as romarias na Central de Informações, nos seguintes anos:

2010

ESTADO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO
Bahia	88.955	35.014	53.647
Distrito Federal	444	125	319
Espírito Santo	4.596	2.083	2.920
Goiás	1.896	606	1.291
Mato Grosso	149	71	78
Minas Gerais	75.964	31.238	44.164
Pará	134	60	83
Paraná	412	138	274
Pernambuco	852	406	447
Piauí	608	237	371
Rio Grande do Norte	70	12	58
Rondônia	56	9	47
São Paulo	3.462	1.299	2.161
Sergipe	363	144	219
Tocantins	698	229	473
<b>Total</b>	<b>178.659</b>	<b>71.671</b>	<b>106.552</b>

2011

ESTADO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO
Alagoas	86	13	73
Bahia	103.057	39.511	63.546
Ceará	2	2	
Distrito Federal	460	114	346
Espírito Santo	44.87	1.727	2.760
Goiás	1.969	631	1.338
Mato Grosso	-	-	-
Minas Gerais	90.071	35.823	54.248
Pará	676	178	498
Paraná	573	209	364
Pernambuco	528	170	358

Piauí	889	325	564
Rio Grande do Norte	4	1	3
Rio Grande do Sul	2	1	1
Rondônia	46	29	17
São Paulo	3.390	1.125	2.265
Sergipe	411	147	264
Tocantins	555	238	317
<b>Total</b>	<b>207.206</b>	<b>80.244</b>	<b>126.962</b>

2012

ESTADO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO	Caravanas
Bahia	111.807	48.582	63.225	2.083
Ceará	46	6	40	1
Distrito Federal	244	89	155	6
Espírito Santo	4.316	1.871	2.445	91
Goiás	2.081	856	1.225	41
Mato Grosso	197	55	142	4
Minas Gerais	108.849	47.687	61.162	1.501
Pará	360	130	230	4
Paraná	249	96	153	12
Paraíba	46	20	26	1
Pernambuco	192	87	105	3
Piauí	1.037	389	648	10
Rio Grande do Norte	27	6	21	1
Rondônia	99	30	69	1
São Paulo	4.207	1.824	2.383	78
Sergipe	160	41	119	4
Tocantins	626	254	372	12
<b>Total</b>	<b>234.543</b>	<b>102.023</b>	<b>132.520</b>	<b>3.853</b>

## ANEXO D - Relatório dos trabalhos realizados no atendimento aos coordenadores de romaria 2011.



### RELATÓRIO DOS TRABALHOS REALIZADO NO ATENDIMENTO AOS COORDENADORES DE ROMARIAS.

Período de Janeiro a Dezembro de 2011.

Santuário Bom Jesus em Bom Jesus da Lapa - BA.

Atendente: Ir. Helena da Silva Rocha MAD

O setor de atendimento aos coordenadores de romarias tem como objetivo o acolhimento a todos: romeiros, visitantes e lapenses. Ali são feitos os registros das romarias, envio de correspondências e informações. Em sua maioria, os romeiros trazem algumas doações como: roupas, alimentos e outros, que espontaneamente oferecem para as pessoas menos favorecidas.

Todos os dias, no período forte da romaria, foram realizadas reuniões com os coordenadores a fim de que estes se informem e conscientizem os romeiros do cuidado que devem tomar durante sua estada no Santuário do Bom Jesus, bom como na cidade como: respeito ao templo sagrado, zelo com os pertence da Igreja e deles, andar em grupo, não tomar banho no Rio São Francisco e não se dirigir até ele sozinho, enfim o cuidado que cada coordenador deve tomar com as caravanas pelas quais são responsáveis. Durante a reunião, podem também emitir suas opiniões, sugestões e críticas.

#### Avaliação do desempenho do trabalho de atendimento ao romeiro

**Conceito ótimo** - rampa de acesso à gruta e aos banheiros, corrimão no salão de reuniões, bebedores, colocação de ventiladores nas grutas, organização na Central de Informações.

**Opiniões para melhorar** – diminuição da taxa de estacionamento “Lapa Auto Park Estacionamento”, pessoas capacitadas para o atendimento de primeiros socorros nas grutas, providenciar cursos de relações humanas para os seguranças, aumentar o reservatório de água nos banheiros, colocar banheiro no estacionamento da Esplanada para os idosos.

#### **Total geral**

De 27 de julho a 13 de Outubro foram realizadas 31 reuniões com os coordenadores de Romarias, 09 reuniões a menos do que em 2010 por motivo da reforma do salão.

De 29 de Janeiro a 26 de Dezembro fizeram registro **3.912** Coordenadores, totalizando **207.206** romeiros. Aumento de **15.77%** em relação ao ano de 2010.

ESTADO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO
Alagoas	86	13	73
Bahia	103.057	39.511	63.546
Ceará	2	2	

Distrito Federal	460	114	346
Espírito Santo	44.87	1.727	2.760
Goiás	1.969	631	1.338
Mato Grosso	-	-	-
Minas Gerais	90.071	35.823	54.248
Pará	676	178	498
Paraná	573	209	364
Pernambuco	528	170	358
Piauí	889	325	564
Rio Grande do Norte	4	1	3
Rio Grande do Sul	2	1	1
Rondônia	46	29	17
São Paulo	3.390	1.125	2.265
Sergipe	411	147	264
Tocantins	555	238	317
Total	207.206	80.244	126.962

-Doações em dinheiro: R\$ 3.363,00 de 54 pessoas.

-Doações de roupas e outro não conseguiram anotar.

O trabalho em si é exigente, mas gratificante, pois estamos em contato direto com o povo simples, cheio de fé, diversas crenças, superstições e histórias de vida, que nos enriquecem e nos ajudam a crescer nos interpelando para o trabalho de conscientização da fé.

Nesses cinco anos procurei acolhe-los o melhor possível, muitas vezes só em cumprimentá-los com um alegre bom dia já faz a diferença. Isso pode ser exemplificado com uma história real.

Um dos coordenadores que atendi no ano 2007, ao fazer o seu cadastro percebi que sua atuação na Igreja se dava somente uma vez no ano, em sua romaria ao Santuário do Bom Jesus, pois fora deste local ele não conseguia perceber que poderia atuar na comunidade paroquial. A minha intervenção foi no sentido de que ninguém é uma ilha para viver sozinho e que a vivência em comunidade - círculo bíblico fortalece-nos na fé e na vivência familiar. Coloquei nas mãos do Bom Jesus para que Ele realizasse em sua vida uma obra de restauração. O mesmo romeiro retornou em 2008, 2009, 2010. No dia 02 de Agosto de 2011, ao atualizar o cadastro, para minha surpresa, suas respostas apontaram para uma vida mais atuante na comunidade. Sua mudança de vida foi percebida até mesmo em sua família e na romaria; O que antes era percebido como uma revolta contra a Igreja e a vida na comunidade, agora pôde ser percebido como uma serenidade e não mais uma revolta. Hoje é líder de grupo de reflexão, participa do terço dos homens e aqui no Santuário faz momento de oração com todos de sua romaria.

Cabe ressaltar que o amor transforma e que faz parte da prática desse amor uma acolhida digna aos romeiros, fazendo então, uma programação anual que desse um respaldo a todos os setores de trabalho do Santuário, procurando inserir na vida dos funcionários uma espiritualidade que ajudasse na harmonia do trabalho durante o ano todo.

No setor em que atuo diretamente, a Central de Informações, já é percebido uma grande transformação, mas ainda são necessárias algumas melhorias como: divisor de fila para os dias de grande movimento da festa de Agosto e Setembro e uma pessoa para auxiliar no atendimento aos coordenadores, e colocar uma pia para lavar louça na dependência onde os funcionários realizam suas refeições. Outra sugestão para o melhor andamento do trabalho é ter uma equipe de ornamentação para o novenário e que o Reitor se faça presente nas reuniões, dando uma palavra de incentivo aos coordenadores de romaria.

São os testemunhos que nos dão força e coragem para continuar a missão a qual escolhemos. Louvemos e agradeçamos ao Deus da vida por todas as ações realizadas em nossos trabalhos em prol do bem estar dos romeiros, visitantes e lapenses e nesta soma de esforços caminharmos juntos para chegar a todas as pessoas proporcionando-lhes um bom atendimento.

Ir. Helena da Silva Rocha  
 Mensageira do Amor Divino

#### **Sugestão dos Romeiros – ROMARIA 2011.**

##### REDE DE HOSPEDAGEM E PODER PÚBLICO

- ✓ Os carrinhos ambulantes atrapalham passagem dos ônibus. Os guarda da rua, tem que implorar para os ônibus entrar.
- ✓ Os motoqueiros faltam com respeito.
- ✓ Hospedagem valor muito alto. Aumenta o preço, mais não melhora as condições das casas, de acolhida (todo ano a maioria das casas falta água, banheiro, estoura esgoto)
- ✓ A rede de hospedagem só visa lucro e os romeiros que vem a Bom Jesus da Lapa é de baixa renda.
- ✓ Além do aumento do preço, aconteceu também desacordo comercial.
- ✓ A rede precisa organizar uma associação (elaborar um contrato único para rede de hospedagem).
- ✓ Feira livre é uma verdadeira aberração.
- ✓ O Prefeito precisa comparecer nas reuniões. Porque que na festa de São Pedro gasta milhões de reais em investimento e não pode investir na romaria? Os romeiros fazem a sua parte, mas já passou da hora do poder público agir.
- ✓ Juntamente com o Prefeito, um representante de cada setor público como: Secretaria de saúde, turismo, obras, cultura, Serviço Social e da rede de hospedagem.
- ✓ Criar alguma coisa para os romeiros como teatro ou outras apresentações cultural.
- ✓ O poder público deve adotar uma lei para os motoqueiros no período da festa. Não tirá-los de circulação, mas limitar até o Banco do Brasil.



- ✓ Reforçar a segurança municipal. Na época de grande movimento, acontecem muitos furtos na esplanada.
- SANTUÁRIO DO BOM JESUS**
- ✓ Colocar um cabo de aço na subida do morro.
  - ✓ Bebedor próximo a fonte de São João, além da água ser quente, nos dias 3 e 4 de Agosto não estavam funcionando.
  - ✓ Estacionamento Lapa Auto Parque do Santuário – R\$ 20,00 a diária. Muito caro e sem estrutura.
  - ✓ Desencontro no socorro a romeiros no dia 04 de agosto. Um funcionário de serviços gerais é obrigado a socorrer uma senhora de Vitória da Conquista, sendo que o segurança Sebastião Guedes não prestou socorro e ainda deu orientação errada, pedindo que a senhora fosse à Central de Informações.
  - ✓ Dia 23 de setembro pela manhã, o Sr. Benivaldo Costa Rebouças de Castro Alves-BA Chegou na Central de Informações muito chateado pela grosseria dos seguranças do estacionamento da esplanada.
  - ✓ Pessoas capacitadas para o atendimento de primeiros socorros nas grutas
  - ✓ Providenciar cursos de relações humanas para os seguranças
  - ✓ Aumentar o reservatório de água nos banheiros
  - ✓ Colocar banheiro no estacionamento da Esplanada para os idosos.

2010

<b>ESTADO</b>	<b>TOTAL</b>	<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>
Bahia	88.955	35.014	53.647
Distrito Federal	444	125	319
Espírito Santo	4.596	2.083	2.920
Goiás	1.896	606	1.291
Mato Grosso	149	71	78
Minas Gerais	75.964	31.238	44.164
Pará	134	60	83
Paraná	412	138	274
Pernambuco	852	406	447
Piauí	608	237	371
Rio Grande do Norte	70	12	58
Rondônia	56	9	47
São Paulo	3.462	1.299	2.161
Sergipe	363	144	219
Tocantins	698	229	473
<b>Total</b>	<b>178.659</b>	<b>71.671</b>	<b>106.552</b>

2011

<b>ESTADO</b>	<b>TOTAL</b>	<b>MASCULINO</b>	<b>FEMININO</b>
Alagoas	86	13	73
Bahia	103.057	39.511	63.546
Ceará	2	2	
Distrito Federal	460	114	346
Espírito Santo	44.87	1.727	2.760
Goiás	1.969	631	1.338
Mato Grosso	-	-	-
Minas Gerais	90.071	35.823	54.248
Pará	676	178	498
Paraná	573	209	364
Pernambuco	528	170	358
Piauí	889	325	564
Rio Grande do Norte	4	1	3
Rio Grande do Sul	2	1	1
Rondônia	46	29	17
São Paulo	3.390	1.125	2.265
Sergipe	411	147	264
Tocantins	555	238	317
<b>Total</b>	<b>207.206</b>	<b>80.244</b>	<b>126.962</b>

## **ANEXO E – Relatório dos trabalhos realizados no atendimento aos coordenadores de romaria 2012**



Santuário do Bom Jesus da Lapa/BA 22/11/2012.

### **Central de Informações**

#### **RELATÓRIO DOS TRABALHOS REALIZADO NO ATENDIMENTO AOS COORDENADORES DE ROMARIAS.**

Romaria de 2012.

### **Bom Jesus: “O Espírito do Senhor está sobre Mim” (LC4, 18).**

Período de Janeiro a 20 de novembro de 2012.

Atendentes: Ir. Lucia Peixoto do Nascimento e Ir. Cristina Andrade Gomes a partir do mês de Março.

O setor de atendimento aos coordenadores de romarias tem como objetivo o acolhimento a todos: romeiros, visitantes e lapenses. Também são feitos os registros das romarias, envio de correspondências e informações.

Todos os dias, no período forte da romaria, foram realizadas reuniões com os coordenadores a fim de que estes se inteirassem e conscientizem os romeiros dos devidos cuidados que devem tomar durante sua estadia no Santuário do Bom Jesus, e na cidade, como: respeito ao Templo Sagrado, zelo com os pertences da Igreja, andar em grupo, não tomar banho no Rio São Francisco e não se dirigir até ele sozinho, foi feita uma conscientização sobre a questão das esmolas em dinheiro, roupas e alimentos aos pedintes; Também foram alertados para fazerem crachás de identificação para cada romeiro, principalmente as crianças e os idosos, pois quando esses se perdem não conseguem falar o nome da cidade e o nome do coordenador da romaria devido o estado emocional e estresse. Enfim, foi bem trabalhado sobre o cuidado que cada coordenador deve tomar com as caravanas pelas quais são responsáveis. Durante as reuniões foram abertos espaços para que os coordenadores expusessem suas opiniões, sugestões, e críticas. No final de cada reunião uma funcionária do Santuário do setor responsável pela divulgação da Campanha dos Romeiros expôs a importância da campanha dos romeiros e fazia o convite para participarem da campanha.

**Total geral**

De 14 de Julho a 03 de novembro foram realizadas 63 reuniões com participação de **977** coordenadores de Romarias, De 29 de Janeiro a 20 de Novembro fizeram registro **3.853** Coordenadores, totalizando **234.543** romeiros. Foram cadastrados **52** novos Coordenadores de romaria.

- Doação espontânea em dinheiro ao Santuário **5.830,80** (Cinco mil oitocentos e trinta reais e oitenta centavos) de **120** pessoas.
- Doações em roupas, Calçados e alimentos, trazidos por alguns romeiros, destinados às pessoas carentes, que foram repassadas para o Abrigo dos Idosos. **(a pedido dos mesmos)**

Sugestões e Reclamações feitas pelos os Coordenadores de romarias durante as reuniões realizadas do dia 14/07/2012 á 3/11/2012.

**Sugestões e reclamações para o santuário:**

- Santuário construir pousadas, para os romeiros, com rampas.
- Construir um campo de recepção dos romeiros, acampamento de evangelização, conscientização e formação.
- Construir mais banheiros.
- Retirar as barracas próximas do santuário.
- Ter um programa com os romeiros igual ao bem vindo ao romeiro.
- Fazer um mirante no morro.
- No momento da comunhão Eucarística, muito tumulto, e algumas pessoas e não conseguem comungar. (esplanada)
- Alguns fotografos incomodam muito, insistindo para tirar fotos.
- Colocar cadeiras na esplanada para as pessoas idosas
- Fazer faixas de pedestre, pois na hora das celebrações atrapalha muito as pessoas que ficam passando para lá e para cá.
- Construir um local para confissões, pois é ruim confessar com muitas pessoas próximas.
- Construir um veleiro e tirá-lo da entrada da gruta, pois a fumaça prejudica as pessoas alérgicas.
- Ter padres que tenham conhecimentos na linguagem dos surdos/mudos **(libras )**para confessar surdos e mudos.

## Elogios ao Santuário.

- Santuário está mais organizado.
- Prédio da campanha muito bonito, rampas (mas precisam de mais rampas).

## Reclamações rede de hospedagem

- Aluguel muito caro, e não tem conforto adequado.
- Algumas pousadas não têm água potável
- Algumas rancharias os colchões não são bons, são muitos finos.
- Há Proprietários de hotéis e rancharias que a casa já esta reservada e se aparece quem paga mais, deixa as pessoas na rua, muita irresponsabilidade.
- Não Tem rampas, e nem elevadores para as pessoas idosas.
- Banheiros entupidos, cozinha inadequada.
- Muitas pessoas para um banheiro só.

## Sugestões para os hotéis.

- Não colocar beliches nos quartos, pois vem muitas pessoas idosas.
- Colocar placa, proibindo som alto na porta de hotéis e rancharia, o barulho atrapalha as pessoas dormirem e rezarem.
- Colocarem bebedouros nos hotéis.
- Colocar chuveiro quente para pessoas idosas.
- Alguns Atendentes e donos de (pousadas, Casas, rancharias e hotéis) são mal educados, com os romeiros, principalmente com os coordenadores de romarias na hora de fazer o contrato.
- Rede hospedagem preço muito alto.
- Reservar quarto para os motoristas.

## Reclamação ao poder Publica da cidade de Bom Jesus da Lapa/BA

- Muitas barracas, no meio das ruas e nas calçadas.
- Comercio informal os camelôs invadem as ruas de madrugada
- Descongestionar a chegada até o santuário.

- O trânsito é sem organização, muitas motos, e nem todos respeitam os pedestres correndo o risco de atropelar idosos e crianças.
- Não há placas de indicação da entrada da Cidade, solicitar a prefeitura as placas de indicação.
- Árvores grandes impedem os ônibus de passar nas ruas.
- Esgoto ao céu aberto “com fezes ” e muito mau cheiro.
- Motoristas reclamam de policiais que cobram multa toda hora que passam com o ônibus e pegando dinheiro sem dar comprovante.

Relação das caravanas por estados da romaria de 2012 de 29 de Janeiro a 20 de Novembro.

ESTADO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO	Caravanas
Bahia	111.807	48.582	63.225	2.083
Ceará	46	6	40	1
Distrito Federal	244	89	155	6
Espírito Santo	4.316	1.871	2.445	91
Goiás	2.081	856	1.225	41
Mato Grosso	197	55	142	4
Minas Gerais	108.849	47.687	61.162	1.501
Pará	360	130	230	4
Paraná	249	96	153	12
Paraíba	46	20	26	1
Pernambuco	192	87	105	3
Piauí	1.037	389	648	10
Rio Grande do Norte	27	6	21	1
Rondônia	99	30	69	1
São Paulo	4.207	1.824	2.383	78
Sergipe	160	41	119	4
Tocantins	626	254	372	12
<b>Total</b>	<b>234.543</b>	<b>102.023</b>	<b>132.520</b>	<b>3.853</b>

Romaria de 2011.

ESTADO	TOTAL	MASCULINO	FEMININO
Alagoas	86	13	73
Bahia	103.057	39.511	63.546
Ceará	2	2	
Distrito Federal	460	114	346
Espírito Santo	4.487	1.727	2.760
Goiás	1.969	631	1.338
Mato Grosso	-	-	-
Minas Gerais	90.071	35.823	54.248
Pará	676	178	498
Paraná	573	209	364
Pernambuco	528	170	358
Piauí	889	325	564
Rio Grande do Norte	4	1	3
Rio Grande do Sul	2	1	1
Rondônia	46	29	17
São Paulo	3.390	1.125	2.265
Sergipe	411	147	264
Tocantins	555	238	317
<b>Total</b>	<b>207.206</b>	<b>80.244</b>	<b>126.962</b>

O atendimento aos coordenadores de romarias foi uma experiência nova para nós, mas gratificante ter o contato com diversos romeiros que veem de vários estados do Brasil com todo o fervor e muita fé para cumprir suas promessas, visitar o Bom Jesus e a Mãe da Soledade. Muitos chegam com alegria irradiante, outros até estressados e tristes, mas todos com os olhos voltados para o Bom Jesus

fazendo suas suplicas e agradecimentos.